

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FELIPE CARDOSO DOS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA NOS PROGRAMAS DO
JORNAL DO ALMOÇO DURANTE AS CELEBRAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DE
JOINVILLE/SC (2011-2020)

CURITIBA

2024

FELIPE CARDOSO DOS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA NOS PROGRAMAS DO
JORNAL DO ALMOÇO DURANTE AS CELEBRAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DE
JOINVILLE/SC (2011-2020)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, no Setor de Artes, Comunicação e Design, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Fernandes

CURITIBA

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA DE ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN - CABRAL

- S237 Santos, Felipe Cardoso dos
A representação da população negra nos programas do jornal do almoço durante as celebrações do aniversário de Joinville/SC (2011-2020). / Felipe Cardoso dos Santos. – 2024.
1 recurso online : PDF
- Orientador: Prof. Dr. José Carlos Fernandes
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Comunicação.
Inclui referências.
1. Telejornalismo. 2. Racismo. 3. Representação. 4. Invisibilidade. 5. Joinville. I. Fernandes, José Carlos. II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Artes Comunicação e Design. Programa de Pós-graduação em Comunicação. III. Título.
- CDD: 070.4

FOLHA DE APROVAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO -
40001016071P8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **FELIPE CARDOSO DOS SANTOS** intitulada: **A representação da população negra nos programas do Jornal do Almoço durante as celebrações do aniversário de Joinville, SC (2011-2020)**, sob orientação do Prof. Dr. JOSÉ CARLOS FERNANDES, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 09 de Setembro de 2024.

Assinatura Eletrônica

11/09/2024 08:13:45.0

JOSÉ CARLOS FERNANDES

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

11/09/2024 19:35:53.0

IGOR PINTO SACRAMENTO

Avaliador Externo (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ)

Assinatura Eletrônica

11/09/2024 11:10:06.0

VALQUIRIA MICHELA JOHN

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

Agradecer de forma genérica a todos é o mesmo que não agradecer a ninguém. No entanto, jamais me perdoaria se esquecesse de nomear alguma pessoa que esteve presente neste processo. Portanto, deixo aqui registrado meus mais sinceros agradecimentos às pessoas que passaram pela minha vida e marcaram positivamente.

Minha família, meus pais e meu irmão, todo o amor do mundo. Obrigado pela compreensão, paciência, advertências e incentivo. Os diálogos e debates me possibilitaram chegar até aqui. Sem o suporte de vocês em todas as esferas, nada disso seria possível. À minha avó, tios, tias, primos e primas, a gratidão é a mesma. Levo todos vocês sempre comigo. Meu amor incondicional por todos vocês.

Aos meus amigos e amigas. Aqueles com quem me distanciei, peço desculpas pela ausência física, mas saibam que sempre estiveram presentes nas minhas lembranças. Aos que conheci recentemente, saibam que foram excelentes surpresas em minha vida e espero conservá-los para sempre. A todos vocês, agradeço pelos conselhos, parcerias, escuta atenta, estímulos e aprendizados, desde uma ligação ou chamada virtual até os encontros em bares e festas. As risadas e piadas ajudaram a aliviar a mente, até mesmo nos momentos mais difíceis. Meu amor incondicional por vocês.

À militância do Movimento Negro Maria Laura, todo o suporte e formação recebidos, juntamente com a Escola Afro Popular Leonor de Barros, me permitiram sonhar e concretizar várias ações que possibilitaram a mais pessoas sonharem. Nosso quilombo cresce e o espírito revolucionário avança. Nossa rede se transforma em roda e nunca tem fim. Minhas mais sinceras reverências e respeito.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná, quantos aprendizados! Obrigado por cada ensinamento, desde o ônibus correto para chegar ao campus até como estruturar a pesquisa. Cada novo contato me permitiu confirmar a grandiosidade e a importância da universidade pública na vida das pessoas. Ao profissionalismo, mas, principalmente, à humildade e humanidade, meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço também a CAPES pela concessão da bolsa, sem esta, dificilmente este trabalho seria realizado.

RESUMO

Devido à invisibilidade historiográfica da população negra na cidade de Joinville (SC), busca-se, por meio desta pesquisa, analisar e compreender de que forma o programa *Jornal do Almoço*, da RBS e NSC TV, aborda a presença e participação da população negra na história do município nos programas do aniversário da cidade, durante a segunda década do século XXI. São analisados dez programas do *Jornal do Almoço* entre os anos de 2011 e 2020. Reflete-se aqui a influência ou contribuição da imprensa no processo de perpetuação da invisibilidade e de determinados imaginários, a responsabilidade social do jornalismo na propagação de estereótipos raciais e suas consequências perante a sociedade. Para a elaboração dessa pesquisa, discutiram-se temas como racismo e colonialismo, movimento negro e estratégias de resistência, a relação entre telejornalismo e racismo. Em seguida, chega-se ao tratamento e interpretação parcial dos materiais selecionados, via análise de conteúdo, proposto por Laurence Bardin. Realiza-se também dois grupos de discussão para interpretar como que pessoas negras recebem tais informações. O grupo de discussão conta com o total de oito pessoas negras de diferentes faixas etárias, de diferentes gêneros, a fim de exprimir opiniões a respeito dos materiais apresentados que possam complementar a análise de conteúdo. São divididos em dois grupos: primeiro, formado por pesquisadoras e militantes do movimento negro. O segundo, por pessoas sem vínculos com a pesquisa acadêmica sobre a temática negra e com a militância. A análise das entrevistas realizadas com os grupos é fundamentada pelo método da interpretação de sentidos proposto por Maria de Souza Cecília Minayo e consiste na junção da hermenêutica com a dialética, na intenção de chegar a uma síntese que relacione os sentidos mais amplos com os objetivos, a base teórica e os dados empíricos da pesquisa. Como resultado, é possível verificar a semelhança entre os dois grupos no reconhecimento da invisibilidade negra e a desigualdade existente no tratamento telejornalístico sobre a cultura germânica, principalmente a alemã, em detrimento das outras. Como diferença, nota-se maior tendência do segundo grupo em culpabilizar, com diferentes graus de intensidades, a população negra pelas condições em que se encontram. Como síntese do pesquisador, desconsidera-se o que se apresenta como telejornalismo e enquadra-o como propaganda por não apresentar o outro lado da história e pela tentativa constante de romantização e positivismo da história e da cidade. Também são expostas as relações de poder na cidade e as disputas possíveis de serem travadas para a mudança na dinâmica simbólica, política, social, cultural e econômica.

Palavras-chave: telejornalismo; racismo; representação; invisibilidade; Joinville.

ABSTRACT

Due to the historiographical invisibility of the black population in the city of Joinville (SC), this research seeks to analyze and understand how the *Jornal do Almoço* program, from RBS and NSC TV, addresses the presence and participation of the black population in the history of the city in the programs celebrating the city's anniversary, during the second decade of the 21st century. Ten *Jornal do Almoço* programs between 2011 and 2020 are analyzed. Here, we reflect on the influence or contribution of the press in the process of perpetuating invisibility and certain imaginaries, the social responsibility of journalism in the propagation of racial stereotypes and their consequences for society. To prepare this research, topics such as racism and colonialism, the black movement and resistance strategies, and the relationship between television journalism and racism were discussed. Then, we arrive at the treatment and partial interpretation of the selected materials, through content analysis, proposed by Laurence Bardin. Two focus groups are also held to interpret how black people receive such information. The focus group is made up of eight black people of different ages and genders, who are invited to express their opinions about the materials presented, which may complement the content analysis. They are divided into two groups: the first is made up of researchers and activists from the black movement. The second is made up of people with no ties to academic research on black issues or to activism. The analysis of the interviews conducted with the groups is based on the method of interpretation of meanings proposed by Maria de Souza Cecília Minayo and consists of combining hermeneutics with dialectics, with the intention of reaching a synthesis that relates the broader meanings to the objectives, theoretical basis and empirical data of the research. As a result, it is possible to verify the similarity between the two groups in recognizing black invisibility and the inequality that exists in the television news coverage of German culture, especially German culture, to the detriment of others. As a difference, there is a greater tendency in the second group to blame, with varying degrees of intensity, the black population for the conditions in which they find themselves. As the researcher summarizes, what is presented as television journalism is disregarded and classified as propaganda because it does not present the other side of the story and because of the constant attempt to romanticize and positivize history and the city. The power relations in the city and the possible disputes that can be fought for the change in the symbolic, political, social, cultural and economic dynamics are also exposed.

Keywords: television journalism; racism; representation; invisibility; Joinville.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Jornal do Almoço - Programa do ano de 2013	86
Figura 2 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2013.....	86
Figura 3 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2014.....	87
Figura 4 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2017.....	88
Figura 5 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2017.....	88
Figura 6 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2014.....	89
Figura 7 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2012.....	90
Figura 8 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2012.....	90
Figura 9 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2020.....	91
Figura 10 - Categorias da interpretação do primeiro grupo	98
Figura 11 - Categorias da interpretação do segundo grupo	125
Figura 12 - Jornalista Cristiano Gomes	145

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Divisão dos programas apresentados no grupo de discussão	80
Tabela 2 - Divisão da Análise.....	83

LISTA DE SIGLAS

ACE	Associação Catarinense de Ensino
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MNML	Movimento Negro Maria Laura
ND	Notícias do Dia
NSC	Nossa Santa Catarina
PR	Paraná
PT	Partido dos Trabalhadores
RBS	Rede Brasil Sul de Televisão
SINSEJ	Sindicato dos Servidores Públicos de Joinville
TV	Televisão
UFPR	Universidade Federal do Paraná
SC	Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNIVILLE	Universidade da Região de Joinville

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	RACISMO E COLONIALISMO EM SANTA CATARINA E JOINVILLE.....	20
2.1	O MOVIMENTO NEGRO EM SANTA CATARINA	23
2.1.1	O Kênia Clube - breve histórico	29
2.2	O MOVIMENTO NEGRO MARIA LAURA E O LIVRO <i>FRAGMENTOS NEGROS</i>	42
3.	TELEVISÃO E RACISMO NO BRASIL	55
3.1	JORNALISMO E QUESTÕES RACIAIS EM JOINVILLE E NO BRASIL.....	66
3.2	DA RBS TV A NSCTV – RECORTE HISTÓRICO DA TELEVISÃO EM SANTA CATARINA	69
4.	PERCURSO METODOLÓGICO.....	71
5.	A REPRESENTAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA NOS PROGRAMAS DO JORNAL DO ALMOÇO DURANTE AS CELEBRAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DE JOINVILLE (2011-2020).....	84
5.1	GRUPO DE DISCUSSÃO.....	91
5.1.1	Grupo de Discussão 1 – Militantes e pesquisadores das questões raciais	91
5.1.1.1	Análise dos programas – “Cadê os pretos?”	98
5.1.1.2	Uma análise do primeiro grupo – Olhar do pesquisador	123
5.1.2	Grupo de Discussão 2 – Pessoas negras desvinculadas da pesquisa e de movimentos sociais negros.....	123
5.1.2.1	Análise dos programas	125
5.1.2.2	Uma análise do segundo grupo – Olhar do pesquisador	150
5.1.3	Da cultura joinvilense até sua comunicação – Síntese do autor	151
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
	REFERÊNCIAS.....	162
	ANEXO I – Lista Checagem e Organização do Grupo de Discussão	171
	ANEXO II - Transcrição do Grupo de Discussão 1	176
	ANEXO III - Transcrição do Grupo de Discussão 2	222
	ANEXO IV - Transcrição do Grupo de Discussão 3.....	245

1. INTRODUÇÃO

A população de Joinville se orgulha da sua história de 173 anos, completados em 2024, na qual o trabalho árduo de seus fundadores é constantemente valorizado e enaltecido. Enfrentando todas as dificuldades do século XIX, os imigrantes europeus – mais precisamente alemães, suíços e noruegueses – conseguiram erguer a cidade “à base de muito esforço e perseverança”, como dispõe a obra de Ternes (1993). Essa história está presente e é reforçada com frequência nos símbolos da cidade, sejam físicos, como os patrimônios (Guerreiro, 2022), ou no imaginário popular. Por meio de objetos, imagens, monumentos ou na educação formal, a história dos imigrantes europeus (com ênfase nos alemães) é celebrada, destacada e reforçada como exemplo de superação por meio do trabalho, do compromisso e da seriedade.

Segundo Mathyas (2007), essa história não é única e exclusiva. Antes mesmo da chegada dos imigrantes europeus, já habitavam na região que hoje recebe o nome de Joinville, famílias luso-brasileiras, que possuíam pessoas negras na condição de escravizados, além dos indígenas que ali moravam. Alguns historiadores contestaram e ainda contestam a existência dessa história única (Adichie, 2019) e contrapõem a ideia do mito fundador, contextualizando e trazendo elementos que indicam outra compreensão da construção da cidade, buscando evidenciar que existem outros personagens nessa história, que também merecem assumir o protagonismo pela importância e responsabilidade para a formação de Joinville (Silva, 2004; Guedes, 2007; Cunha, 2008).

Diante disso, na busca de compreender a força e a capacidade do mito fundador ainda permanecer no imaginário dos cidadãos joinvilenses, pretende-se tensionar o papel da imprensa, por meio de um veículo de comunicação, utilizado como instrumento de formação e informação, que contribui para a perpetuação de tradições e histórias que nem sempre podem corresponder à realidade. O foco desse trabalho é pesquisar o lugar do negro nas narrativas sobre a construção e formação da cidade de Joinville no jornalismo televisivo, analisando um programa de uma emissora em específico.

A pergunta que nos mobiliza é como o telejornalismo, em sua composição discursiva, opera repetidamente para fomentar ou criar imaginários que mascaram a realidade e segregam grupos racializados em Joinville? Para responder a essa questão e alcançar o objetivo principal em analisar a representação da população negra no programa televisivo *Jornal do Almoço* e a sua participação na história de Joinville durante as celebrações de aniversário da cidade, será trilhado o caminho que envolve: a) identificar, na ação do telejornalismo, elementos que possam contribuir para a criação ou reprodução do imaginário popular da cidade de Joinville; b) discutir

sobre as relações raciais, racismo estrutural e a invisibilidade da população negra em Joinville; c) refletir sobre a recepção de algumas pessoas negras ao entrarem em contato com os programas analisados.

Pretende-se analisar os programas televisivos produzidos pelo *Jornal do Almoço*, na emissora RBS TV e, posteriormente, NSC TV, durante a semana do aniversário da cidade, datada e reconhecida oficialmente no dia 9 de março, dos respectivos anos da segunda década do século XXI, visando identificar nos discursos e imagens de cada matéria a história contada sobre a formação da cidade, almejando encontrar a representação da população negra na constituição e formação da cidade.

O programa *Jornal do Almoço*, produto pertencente, à época desta pesquisa, a NSC TV, costuma ser transmitido durante o horário do meio-dia, de segunda-feira a sábado, tendo em média, de cinquenta minutos a uma hora de duração, contando com patrocinadores que vão desde concessionárias de veículos e construtoras a imobiliárias e comércio local. O programa é dividido entre três a quatro blocos, contando com inserções publicitárias de empreendimentos regionais nos intervalos. Aos sábados, o programa costuma ser apresentado diretamente de Florianópolis, capital catarinense.

Notícias, política, economia, esporte, previsão do tempo, interação com o público por meio das mídias sociais, divulgações de eventos culturais, dentre outros assuntos fazem parte da composição do telejornal. Traz uma abordagem intimista, com linguagem formal, porém, recorrendo ao informal quando necessário, principalmente quando quer se aproximar do público, utilizando termos regionais.

No período analisado, a maioria dos programas assistidos pelo pesquisador, são apresentados pelo âncora do programa, Rafael Custódio, que também é coordenador regional do produto. Quando substituído, nos materiais analisados, Marcos Pereira assume a tarefa. Durante os primeiros contatos com os materiais é perceptível a presença de alguns repórteres, do gênero masculino e feminino. Porém, todos brancos.

A partir de 2014, é possível perceber uma grande ação promovida pela emissora, intitulada “Joinville faz bem” que busca, por meio de eventos e atividades gratuitas, promover artistas locais, a emissora e a valorização da cidade, ofertando momentos de lazer e confraternização para população, organizando, divulgando e cobrindo tais realizações. A partir deste cenário que se pretende analisar a representação da população negra.

Inicialmente, focaremos na representação historiográfica, buscando verificar nessa narrativa alguma imagem ou menção discursiva sobre a presença negra na trajetória de constituição da cidade. Caso não seja encontrada, ampliaremos a análise para encontrar

personagens negros que apareçam durante o programa para identificar quais são as representações, como e quando elas aparecem, sobre o que falam.

A escolha pela reflexão desse tema específico, deste material e deste veículo, justifica-se por entender a audiência do programa *Jornal do Almoço* (33%¹), por sua característica regional, abordando pautas de Joinville e região, atingindo um público de diferentes faixas etárias em um horário estratégico. O tempo delimitado entre os períodos de 2011 e 2020 ocorre pela dificuldade de encontrar materiais anteriores a essa data e pelo curto espaço de tempo para reunir, assistir e analisar uma quantidade expressiva de programas.

A escolha pela semana do dia 9 de março – data oficial do aniversário da cidade – se dá em função das matérias especiais veiculadas nesta data, geralmente mais voltadas para as questões históricas sobre a formação e possíveis transformações ocorridas em Joinville, além das mensagens e agradecimentos a personagens, de lideranças sociais e políticas a moradores, que marcaram suas trajetórias e impactaram, de certa forma, na vida dos cidadãos. Com isso, será possível verificar quem são considerados joinvilenses, quais as histórias contadas sobre a origem e desenvolvimento da cidade, dentre outros fatores que nos permitam analisar sobre a construção de identidade e pertencimento (Hall, 2016), além de verificar a existência do ufanismo ao *ethos* germânico nos programas.

Arelado a isso, percebe-se a invisibilidade historiográfica da presença negra na cidade. Por isso, busca-se analisar se há influência e quais são os limites de um veículo de comunicação na criação, propagação e reprodução de discursos, do imaginário popular e do senso comum. A partir disso, busca-se relacionar e compreender a comunicação, por meio do jornalismo, como ferramenta discursiva, além de produtora e reprodutora de ideias e ideologias.

Essa pesquisa surge de indagações a respeito do que é contado pela imprensa e como se cria sentidos a partir da trajetória narrativa de Joinville. Pretende-se analisar durante os programas os personagens apresentados, os destaques, os discursos proferidos e se há, nesses materiais, a presença da população negra e de que forma ela é representada.

Pelo breve recorte histórico apresentado e levando em consideração a vivência deste autor na cidade a ser pesquisada, este trabalho parte da premissa de que os programas do *Jornal do Almoço*, da RBS e NSC, não apresentam a população negra na história da cidade, nem como coadjuvantes e muito menos como protagonistas. A partir disso, supõe-se encontrar nesses materiais a exaltação da cultura europeia, com destaque para a cultura germânica, transmitindo a ideia de únicos fundadores e até mesmo como proprietários da cidade, dentre outros elementos

¹ “Por que anunciar na programação de jornalismo da NSC TV?”.

que demonstrem certa romantização e positivismo sobre a construção e desenvolvimento da cidade como a propagação do mito fundador.

Devido à construção e perpetuação dessa história única (Adichie, 2019), vale refletir a respeito das consequências dessa abordagem no contexto social, econômico, político e cultural da cidade e pensar na influência do telejornalismo, da construção discursiva, para a perpetuação e reprodução dessas relações. Além disso, será possível discutir sobre a teoria do acontecimento (Sodré, 2012), comunicação e imaginário (Meyer, 2001; Durand, 2012; Oliveira, 2016; Bucci, 2021;) e teoria da complexidade (Morin, 2015).

A contribuição social desta pesquisa é analisar a cultura de Joinville, a sua produção e reprodução, suas relações raciais e o impacto na vida dos moradores da cidade, a partir da análise sobre a imprensa nessa dinâmica. Apresenta relevância social por estudar como a comunicação, atrelada ao racismo estrutural (Almeida, 2020), pode contribuir para a perpetuação e manutenção do poder, bem como a organização e reprodução imagética de uma cidade.

Já para o campo científico, contribui na área da Comunicação, para os estudos de mídia, meios de comunicação e jornalismo na construção de imaginários sociais e mitos, produção de memórias e identidades e na relação com o racismo estrutural no Brasil. Aborda a temática racial na centralidade e a conceituação do trabalho tem como apoio os Estudos Culturais, pensando identidade e imaginário a partir desse instrumento.

Para o desenvolvimento desta pesquisa é utilizada a análise de conteúdo qualitativa, de maneira parcial e híbrida, dialogando com a técnica do grupo de discussão. A análise de conteúdo, segundo Fonseca Júnior (2008, p. 280), “se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa”. Resumidamente, o objetivo da análise de conteúdo é relacionar os dados coletados com alguns aspectos do seu contexto, estimulando, assim, a investigação do que está ou foi comunicado e descobrir o que existe para além dos conteúdos apresentados. Bardin define a análise de conteúdo como sendo

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

O conteúdo recebe uma revisão crítica que será pautada em teóricos dedicados ao estudo do tema abordado. Para isso, é preciso classificar e agrupar elementos considerados comuns e eleger categorias. Para Minayo (2008, p. 170)

[...] categorias são conceitos classificatório. Constituem-se como termos carregados de significação, por meio dos quais a realidade é pensada de forma hierarquizada. Todo ser humano classifica a sociedade e os fenômenos que vivencia. O cientista o faz de maneira diferenciada: cria sistemas de categorias buscando encontrar unidade na diversidade e produzir explicações e generalizações.

Ou seja, separar os elementos do todo e agrupá-los conforme as especificidades do tema. Esse processo envolve duas etapas: a primeira consiste em isolar os elementos e a segunda, em repartir e reunir em grupos similares. Segundo Bardin (2016, p. 147), “os critérios de categorização podem ser semântico (categorias temáticas), sintático (verbos, adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo seu sentido) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem)”.

Os programas são classificados em três categorias semânticas, de unidades temáticas sobre os enquadramentos do *Jornal do Almoço*: abordagem histórica; abordagem cultural e diversificada; abordagem próxima da realidade. Essa classificação foi feita na etapa da pré-análise, pertencente a análise de conteúdo e que, segundo Franco (2005, p.48), “consiste em estabelecer contatos com os documentos a serem analisados e conhecer os textos e as mensagens neles contidas, deixando-se invadir por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas”.

Criou-se, também, uma categoria que reunisse os programas que contêm a representatividade negra de alguma forma e que permitem formular reflexões a respeito da estereotipagem dessas representatividades que contribuem para além do debate sobre apagamento ou invisibilidade que esta pesquisa contém. Por esse motivo, elaborou-se uma espécie de quarta categoria para a pesquisa que pudesse reunir esses momentos a fim de gerar interpretações e inferências a respeito: abordagem com representatividade negra estereotipada ou compondo o cenário. É a partir dessas classificações que os programas são analisados, sendo assistidos na íntegra e interpretados de acordo com as categorias pertencentes.

Para atingir o objetivo específico de gerar a reflexão a respeito da recepção de algumas pessoas negras ao entrarem em contato com os programas apresentados, utiliza-se a técnica do grupo de discussão (Godoi, 2015). Opta-se por essa técnica complementar, por sugerir uma prática informal, aproximando-se mais da realidade cotidiana do telespectador em frente à

televisão e, principalmente, porque permite analisar como as pessoas negras se veem representadas nesse programa.

A técnica do grupo de discussão possibilita que as pessoas opinem e levantem outras ou novas linhas de discussões, sem que o pesquisador exerça influências ou possa limitar as respostas dos participantes, sendo um dispositivo de produção de textos e discursos sociais, convocado para atender de forma específica os objetivos de uma investigação, que promove o diálogo entre os participantes, recuperando seus sentidos e experiências (Godoi, 2015). O grupo de discussão é uma técnica qualitativa que estimula a interação e a construção coletiva de significado, tendo como característica o discurso grupal, a homogeneidade e simetria, o papel do moderador e a flexibilidade.

O discurso grupal concentra em produzir discursos sociais e representações coletivas, distinguindo-se entre texto (produto do diálogo) e discurso (análise do texto produzido). Já a homogeneidade e a simetria garantem a formação do grupo, considerando critérios que promovam a igualdade nas interações, evitando relações de dominação que possam distorcer a dinâmica do diálogo. O moderador tem a função de atuar como um facilitador, buscando garantir a interação entre os participantes do grupo de discussão para que ocorra de maneira livre e espontânea, sem imposições ou julgamentos. Por fim, a flexibilidade impede que o pesquisador e o moderador sigam um roteiro rígido, permitindo adaptações durante a dinâmica do grupo conforme a evolução das interações (Godoi, 2015).

Apesar do grupo de discussão ter semelhanças com o grupo focal em seu objetivo de recolhimento de dados que visa à obtenção de respostas de um determinado grupo ao entrar em contato com filmes, textos, ou dentre outros programas midiáticos, as técnicas apresentam diferenças. Enquanto o grupo focal, de caráter exploratório, busca encontrar sentido “dos fenômenos sociais, onde o investigador utiliza uma estratégia indutiva de investigação, sendo o resultado amplamente descritivo” (Galego; Gomes, 2005, p. 177), o grupo de discussão busca produzir discursos coletivos. Ou seja, o grupo focal se concentra na coleta de opiniões segmentadas dos indivíduos, partindo de pressupostos conceituais já definidos. O grupo de discussão trabalha para atingir consensos dentro do grupo. Isso impacta diretamente no papel do moderador na condução do grupo. Enquanto no grupo focal o moderador tem uma presença mais ativa e diretiva, no grupo de discussão o moderador atua de forma mais discreta, promovendo a independência do grupo (Godoi, 2015).

A reunião no grupo de discussão é estruturada em etapas que promovem interação e produção discursiva dos participantes: abertura (moderador apresenta o tema de forma ampla, sem impor significados, estimulando a discussão espontânea); intervenção (moderador

intervém apenas para manter a discussão no foco ou lidar com situações de conflitos ou silêncios, sem emitir julgamentos); encerramento (finaliza-se a reunião a partir da percepção de que os participantes começam a se reconhecer como grupo e o moderador sintetiza os discursos produzidos, destacando suas conexões e contradições).

O grupo de discussão é realizado com oito pessoas negras² de diferentes faixas etárias e gênero, a fim de exprimir opiniões a respeito dos materiais apresentados que possam auxiliar na análise de conteúdo. Todos são moradores da cidade de Joinville (mínimo um ano de residência na cidade), autodeclaradas negras que têm o conhecimento mínimo sobre o *Jornal do Almoço* e sua dinâmica.

Dessa forma, entende-se ser possível analisar e discutir algumas inquietações como essa população se percebe e percebe a cidade onde vivem. Se é possível já terem naturalizado e aceitado essa história ou se existe um desejo em pertencer a essa narrativa, ou se ver representado nela, ou ainda, se existe um desejo internalizado em ser europeu. Esse olhar permitirá, também, verificar se o telejornalismo apenas atua como espelho, refletindo, e servindo como gerador ou perpetuador de imaginários, ou se apresenta o contraponto, produzindo diferentes olhares sobre a cidade.

O enfoque deste trabalho é o meio de comunicação televisivo, voltado para o estudo da recepção e do consumo midiático, partindo do que Jacks *et al.* (2017, p. 12), ao citar Mirta Varela, entende como características dos meios de comunicação como sendo “unidirecionais, centralizadores de mensagens homogeneizantes, as quais estão inseridas em uma programação contínua”. Dessa forma, esta pesquisa enquadra-se como estudo sobre o consumo midiático por tratar de um estudo sobre um produto de telecomunicação que tem contrato institucional, forma e com mecanismos de regulação. Além disso, trata-se de um estudo de recepção por buscar a interpretação e a produção de sentido em “algum tipo de conteúdo produzido pelos meios” (Jacks *et al.*, 2017, p. 15).

Mais do que uma pesquisa sobre televisão e jornalismo, este trabalho se volta para a análise de um produto televisivo. De maneira específica, foca seu olhar no telejornalismo regional dedicando-se a observar e interpretar, a partir da recepção e do consumo midiático, a composição e organização social, cultural e política de uma cidade por meio da representação de grupos racializados. Portanto, este trabalho cumpre a função de contribuir com o debate, no campo científico da Comunicação, sobre os produtos televisivos, desigualdade racial e telejornalismo regional.

² Grupo de discussão realizado após aprovação do Comitê de Ética. CAAE: 66404322.9.0000.0214. Número do parecer: 5.978.292.

O telejornalismo local tem a função de informar a população sobre os acontecimentos da sua localidade e dos territórios próximos. Essa aproximação, este contato quase que direto e diário com a realidade dos espectadores produz elementos e acúmulos que, cada vez mais, precisam ser analisados e investigados. Justamente por isso, pretende-se observar a representação da população negra no programa do *Jornal do Almoço*, durante as celebrações do aniversário de Joinville/SC.

Ante toda essa exposição, a fim de estruturar a pesquisa para dar suporte para a análise, evidencia-se e se debate em capítulos alguns conceitos e informações a respeito do tema. Primeiramente, discute-se a formação de Joinville a partir das narrativas e contra narrativas historiográficas existentes. Em seguida, faz-se uma contextualização e um histórico breve sobre os movimentos sociais, organizações e entidades negras existentes em Santa Catarina, como forma de refletir sobre a existência e resistência da população negra no estado.

Posteriormente, foca-se nas organizações negras de Joinville, destacando-se o Kênia Clube e o Movimento Negro Maria Laura. O primeiro, falando sobre a organização negra no século XX na cidade e trazendo a reflexão sobre a representação da população negra na imprensa a partir de uma matéria escrita em um jornal sobre o clube negro e sua importância. Por último, discorre-se sobre a atuação do movimento social negro contemporâneo de Joinville, suas ações e atividades. Destaca-se a escrita do livro *Fragmentos Negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC* (Cardoso; Gunlanda; Fernandes, 2022) e suas significações e importância para a cidade.

Continuando a caminhada epistêmica e empírica, realiza-se uma reflexão sobre a televisão, o telejornalismo e as questões raciais no Brasil, suas relações, produções e consequências. Debate-se as formações da identidade e da diferença, as criações de signos, hierarquias, supremacia branca, branquitude e imaginários. Demonstra-se algumas pesquisas realizadas sobre a imprensa em Joinville e seus resultados, bem como as pesquisas nacionais mais recentes, até o ano de 2024, que refletem sobre a representação negra nos espaços midiáticos. Por fim, relata-se, brevemente, a história da televisão em Santa Catarina, evidenciando a RBS TV e NSC TV nesse processo histórico de implementação e consolidação midiática no estado.

Concluídas essas etapas, explana-se o percurso metodológico detalhando o processo e as escolhas do pesquisador para a realização da pesquisa empírica. Neste momento, são apresentados os resultados obtidos na análise de conteúdo, por meio da leitura flutuante e das categorizações. A parcialidade da utilização deste método se dá pela escolha da utilização de uma metodologia híbrida. A sua utilização parcial nesta pesquisa possibilita a estruturação do

grupo de discussão, a escolha dos materiais e a categorização na análise das entrevistas realizadas.

Na sequência, expõem-se os procedimentos do grupo de discussão, a estruturação e organização para sua realização. Ambos os processos com embasamento teórico que direciona a metodologia da pesquisa e possibilita a análise dos resultados. A análise das entrevistas com os grupos é fundamentada pelo método da interpretação de sentidos proposto por Minayo (2016) e consiste na junção da hermenêutica com a dialética, na intenção de chegar a uma síntese que relacione os sentidos mais amplos com os objetivos, a base teórica e os dados empíricos da pesquisa. São feitas sínteses de cada grupo separadamente e uma geral com comparativos e acúmulos. Agregando todas as interpretações e visões extraídas, elaboram-se as considerações finais.

Esta pesquisa nasce da inquietação do autor, homem negro, publicitário, nascido e criado na cidade de Joinville. Por não se sentir representado na cidade onde nasceu e cresceu, procurou identificar, durante a graduação em Publicidade e Propaganda, a representação da população negra nas propagandas do Poder Executivo de Joinville, em três diferentes períodos e gestões. Deparou-se com a invisibilidade e estereótipos diversos, o que o fez questionar sobre o que se passava em outras programações regionais da cidade que poderiam contribuir para a perpetuação de certos imaginários a respeito da cidade.

Após a graduação, ciente da responsabilidade em continuar a desvelar ou pautar a temática racial na cidade, para além da academia, cria, juntamente com mais dois amigos, o Movimento Negro Maria Laura (MNML), com o objetivo de pautar e lutar pelos direitos e pelo reconhecimento da população negra em Joinville e região. Em meio às ações e reivindicações, decide continuar sua pesquisa, visando identificar a representação da população negra no telejornalismo regional e a capacidade de contribuir com a construção discursiva sobre a cidade mais populosa de Santa Catarina.

A partir desses trabalhos pretende-se compreender e, minimamente, evidenciar, por meio da comunicação, como Joinville se organiza e se reproduz e como as questões raciais atravessam a cidade, provocando tensões quando são evidenciadas e pautadas. Esta pesquisa não tem o intuito de se manter isolada ou finalizada, mas servir de complemento e ser complementada por pesquisas futuras e já realizadas. Esforços feitos por pessoas negras e não negras responsáveis por mostrar e reivindicar Joinville como uma cidade multicultural desde sua essência.

2. RACISMO E COLONIALISMO EM SANTA CATARINA E JOINVILLE

Este capítulo discute a formação do estado de Santa Catarina e, especificamente, a cidade de Joinville sob a perspectiva da população negra em forma de resistência para a sobrevivência física e de toda a sua cultura, além da busca constante por reconhecimento. Os conceitos utilizados neste capítulo são utilizados para guiar e construir a pesquisa. São utilizados autores, pesquisadores e intelectuais clássicos e contemporâneos que dialogam com o objetivo do trabalho.

Realiza-se aqui duas subdivisões. A primeira discorre sobre o processo de colonialismo e formulação das relações raciais no estado de Santa Catarina e, posteriormente, para a cidade de Joinville, com o intuito de demonstrar a constituição da cidade e seus atravessamentos gerados, principalmente, por meio das questões de raça e classe. Por último, é exposto algumas organizações, movimentos e ações de resistência e enfrentamento às desigualdades sociais e raciais no estado catarinense e na cidade mais populosa do estado, com 616 mil habitantes.

A história da cidade de Joinville costuma ser contada a partir de uma visão heroica e vitoriosa de seus fundadores germânicos (alemães, suíços e noruegueses), a partir de 1851. O trabalho árduo, o enfrentamento e a superação das dificuldades daquele período são constantemente valorizados e propagados. Essa história é reforçada com frequência nos símbolos presentes na cidade, por meio de objetos, imagens, territórios, monumentos, eventos culturais, festividades, educação formal etc. Foram e são esses elementos que contribuíram e contribuem para a formação do imaginário popular de seus moradores e turistas. Conforme Carvalho (2000, p.58) “o imaginário, apesar de manipulável, necessita, para criar raízes, de uma comunidade de imaginação, de uma comunidade de sentido. Símbolos, alegorias, mitos só criam raízes quando há terreno social e cultural no qual se alimentarem”. O imaginário permite, assim, uma construção que não necessariamente corresponde em todos os aspectos da realidade, mas que tem alguma conexão com ela.

Nesse sentido, o imaginário da tradição germânica e europeia é alimentado pelo desejo da manutenção da distinção social. Guerreiro (2022, p. 81-82) lista alguns patrimônios que estão localizados no Centro de Joinville que evidenciam esse cenário fisicamente: Barca Colon, ao lado do Rio Cachoeira, para relembrar a chegada dos imigrantes; Monumento ao Imigrante, em alusão aos germânicos, na Praça da Bandeira; Cemitério do Imigrante³; Obelisco; Museu

³ Localizado na região central de Joinville, recebeu sepultamentos entre 1851 e 1913.

Nacional da Imigração e Colonização e; Praça dos Suíços, que contém um monumento em homenagem especificamente a esse grupo.

Importante ressaltar que os reconhecimentos obtidos pelos suíços e noruegueses ocorreram posteriormente aos alemães, inclusive os monumentos construídos em homenagem a esses imigrantes, demonstrando uma busca pelo protagonismo na história por esses segmentos e evidenciando, também, que o objetivo principal sempre foi manter e perpetuar a hegemonia germânica.

Já era intenção clara da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, criar colônia “puramente alemã”, isolada e fechada, como se pode observar nos seus relatórios enviando somente pessoas de “origem germânica” para Dona Francisca. [...] A identidade e a consciência étnicas, o sentimento de possuir uma mesma origem e pertencer a uma mesma “comunidade de sangue”, a germanidade (*Deutschtum*) enfim, tudo isso era reforçado quanto maior era o contato com os outros grupos étnicos (Cunha, 2004, p. 8).

Segundo Mathyas (2007), essa história não é única e exclusiva. Apesar de reconhecer que os principais escritores⁴ sobre a história da cidade no século XX também contribuíram para a invisibilidade da presença negra e indígena em Joinville, trazem em seus relatos algumas passagens esporádicas nos escritos, deixando pequenos vestígios, fragmentos que permitem confirmar a presença da população negra na cidade nos séculos XIX e XX. É assim que vemos, por exemplo, em 1888, o registro de uma passeata feita por “pessoas de cor” nas ruas de Joinville, celebrando a Lei Áurea (Herkenhoff, 1987 p. 144-145). Ou até mesmo a confirmação de que antes da chegada dos imigrantes alemães, suíços e noruegueses, em 1851, viviam na cidade famílias luso-brasileiras com pessoas negras na condição de escravizados, com data estimada em 1826 (Ficker, 1965, p. 32). Há registros, em outros trechos, de que os brasileiros tiveram sua contribuição no desmatamento das florestas, roçando e queimando os terrenos dos colonos, considerados pelo autor do texto como inexperientes (Ficker, 1965, p. 98).

Mesmo trazendo esses breves registros, os principais escritores da história de Joinville no século XX utilizam suas obras para destacar constantemente o pioneirismo, a coragem e o empreendedorismo dos imigrantes europeus, reservando aos negros e indígenas os pequenos trechos e relatos esporádicos de sua presença. É o que Meurer, ao ser citado por Osório (1996, p. 16), também confirma dizendo que “em Joinville esse racismo se afirma a partir do obscurecimento de outras nacionalidades. Tudo deve girar em torno da população de origem germânica – como perfeita, ordeira, organizada, trabalhadora”.

⁴ Apolinário Ternes, Carlos Ficker, Elly Herkenhoff.

Na contramão da produção histórica hegemônica e questionando tais escritores, alguns historiadores contestam a existência dessa história única e a construção do mito fundador, apresentando diversos elementos que indicam outra perspectiva da formação de Joinville, buscando evidenciar outros personagens que também merecem assumir o protagonismo dessa história, pelo papel importante na construção da cidade mais populosa de Santa Catarina (Silva, 2004; Rosa, 2006; Guedes, 2007; Cunha, 2008).

Vivemos na presença difusa de uma narrativa da origem. Essa narrativa, embora elaborada no período da conquista, não cessa de se repetir porque opera como nosso mito fundador. Mito no sentido antropológico: solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos na realidade. Mito na acepção psicanalítica: impulso à repetição por impossibilidade de simbolização e, sobretudo, como bloqueio à passagem à realidade. Mito fundador porque, à maneira de toda *fundatio*, impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa, que não permite o trabalho da diferença temporal e que se conserva como perenemente presente (Chauí, 2000, p. 32)

Em uma leitura mais crítica e mais detalhada sobre a construção da cidade, é possível observar que, assim como outras cidades da região sul do país, Joinville também foi pensada e estruturada para o início do processo de branqueamento do Brasil, que começava a se industrializar e a debater sobre o fim da escravidão, preocupando-se com a quantidade de pessoas negras e indígenas presentes no país e imputando a esses segmentos sociais a culpa do atraso econômico, político e cultural.

O governo brasileiro pretendia substituir a mão-de-obra escrava pelo braço livre, povoar o território e “branquear” a população. Por isso passou a atrair imigrantes europeus, concedendo-lhes vantagens, como o acesso fácil à propriedade da terra, isenção de impostos e do serviço militar e liberdade religiosa (Cunha, 2004, p. 5)

Junte-se a isso o fato de que as terras da região pertenciam a Dona Francisca, filha de Dom Pedro I, que conquistou como dote ao se casar com o príncipe francês François Ferdinand Philippe, em maio de 1843, e que, quando estavam em crise, após a família real francesa ser destronada, em fevereiro de 1848 (Mathyas, 2007), tiveram que vender parte das terras para a Sociedade Colonizadora de Hamburgo, para obter lucro e esperar a valorização da região. Percebe-se que Joinville foi constituída pela especulação imobiliária e, também, pelo processo violento de branqueamento da população brasileira.

Ao contrário do que sustenta a história oficial, não houve nisso [na cessão de 8 léguas quadradas pelo príncipe Joinville] qualquer intenção altruística ou humanista no sentido de tirar os imigrantes da situação de miséria em que viviam, dar-lhes um novo lar e condições, meios para obterem uma vida digna, confortável. O príncipe e a princesa de Joinville haviam fugido da França após a queda da monarquia; a situação financeira do casal era desastrosa. Cedendo parte do dote, esperavam que as terras restantes valorizassem com a colonização da região, o que de fato acabou ocorrendo (Cunha, 2004, p. 5-6).

Porém, não é essa a leitura que se tem e é comumente apresentada sobre a construção da cidade. O heroísmo e a falsa esperança em acreditar na possível vinda dos príncipes para a cidade é propagada até os dias atuais, sendo um dos chamarizes, além das flores, da bicicleta e da dança. Com essa perspectiva é possível projetar algumas dinâmicas da cidade e ampliá-la para o estado catarinense, uma vez que esse imaginário de estado europeu é protegido e divulgado amplamente, não se restringindo apenas à cidade de Joinville. Em meio a todas essas histórias e imaginários, a população negra de Santa Catarina precisou organizar-se para ter seus direitos reconhecidos e conseguir, minimamente, sobreviver.

2.1 O MOVIMENTO NEGRO EM SANTA CATARINA

A luta do Movimento Negro brasileiro é histórica e seu início pode ser considerado desde que o primeiro navio negreiro aportou no Brasil. Muitas revoltas ocorreram durante os quase quatro séculos de Escravidão. Além disso, foram muitas fugas e surgimentos de espaços de resistência, os quilombos, que garantiram a sobrevivência e o livramento das condições precárias e de exploração das pessoas escravizadas.

Desde aquele período, para a organização dessas revoltas e fugas, era necessário, além de bom planejamento, uma comunicação assertiva para garantir o êxito das ações propostas. Os signos combinados, um bilhete, uma cantoria, um gesto, uma dança, entre outros, poderia servir de aviso sobre algo ou apenas significar uma ligação com o passado, ou para tornar o pesado trabalho forçado em algo menos doloroso. Segundo Barbosa (2016, p. 9)

São os argumentos dos escravos como atores sociais do século XIX (seus gestos, suas escritas, suas imagens, os discursos produzidos sobre eles, etc.) que produzem “provas” de sua existência, do mundo em que estavam imersos, e é isso que permite a interpretação desses signos esparsos e seus modos de vida.

De acordo e adaptada com seu tempo, a comunicação sempre serviu de ferramenta e foi utilizada para a organização e reorganização do Movimento Negro no Brasil. Nos séculos XIX e XX, a imprensa negra ganhou corpo e força, por meio de alguns jornais e folhetins cujo

objetivo era voltado em manter as pessoas negras informadas, por dentro dos seus direitos, promovendo, conjuntamente, o destaque do protagonismo negro. No século XIX, serviu como instrumento para a luta abolicionista, como exemplos os autores Luiz Gama e José do Patrocínio, que “são recorrentes nas discussões da negritude, por também terem atuado como jornalistas/escritores e assim proporem narrativas negras sobre a luta contra a escravidão no Brasil” (Araújo, 2019, p. 214).

Foi no início do século XX, após a Abolição da Escravatura, que passou a se estruturar de melhor forma no país alguns movimentos políticos negros que passaram a provocar debates sobre as desigualdades sofridas pelas pessoas negras, a negar a tese da democracia racial e a pautar algumas demandas urgentes desse segmento. Como destaque, vale ressaltar a Frente Negra Brasileira⁵ (1931-1937), que chegou a reunir milhares de filiados em todo o país durante seu período de existência. Esse movimento político contou com amplo apoio de jornais negros, o que contribuiu para o seu grande alcance nacional.

Na segunda metade do século XX, ainda sob a ditadura civil-militar, voltam a surgir com mais intensidade movimentos sociais políticos negros⁶ no Brasil. Nesse período, é possível destacar o Movimento Negro Unificado⁷, que surge a partir da histórica manifestação, no dia 7 de julho de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal, em São Paulo, reunindo cerca de duas mil pessoas. No estado de Santa Catarina também existiam alguns grupos que debatiam a respeito da temática racial.

Santa Catarina, localizada na região sul do Brasil, foi um dos estados destinados a receber a mão de obra europeia de forma massiva, durante os séculos XIX e XX, com o intuito de colocar em prática, no país, a ideia de branqueamento de seus moradores, muito além de apenas conseguir trabalhadores de maneira abundante. Se analisarmos criticamente, havia muitos negros escravizados que poderiam servir para o trabalho industrial que começava a despontar no país. Mas o racismo científico que afirmava que a culpa do atraso econômico, político e social brasileiro se originava da grande presença de negros e indígenas, também afirmava que esses segmentos da sociedade brasileira eram inaptos e inábeis no manuseio de maquinários e outras atividades correlatas a indústria (Rosa, 2006).

⁵ “A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930” (Oliveira, 2002).

⁶ Vale ressaltar que estamos considerando apenas os movimentos negros de cunho abertamente político, com objetivos declarados a debater a respeito desse viés, mas não podemos deixar de registrar a resistência negra existente por meio da cultura, da religião, da moda, da dança e da música, com exemplos diversos, desde as escolas de samba, até os terreiros de religiões de matriz africana.

⁷ “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos” (Domingues, 2007).

Resumidamente, tinham apenas a força física, mas não o intelecto necessário para atuar em tais funções, o que levava à solução óbvia, para resolver essa questão: tornar o país mais branco, ou seja, mais preparado cultural e intelectualmente para o progresso que se almejava. Ancorados em ideias eugênicas, que também estavam em constante desenvolvimento, a dúvida que pairava nas mentalidades de políticos e intelectuais brasileiros antes da Abolição da Escravatura era: “o que fazer com os negros?”. Desse questionamento nenhuma pessoa negra conseguiu escapar e enfrenta até hoje as consequências das respostas dadas para solucionar tamanha preocupação.

Aqueles que durante quase quatro séculos queimaram como carvão, garantindo a acumulação primitiva do capital brasileiro, agora eram dispensados para se transformarem na base da classe social esquecida, servindo de exército de reserva, sendo destinado a esse público a marginalidade, a criminalidade, a vagabundagem, a demência, entre outros estereótipos que serviram para a estruturação do controle social da população negra. Os piores locais de moradia, trabalho e renda (quando tinham), as cadeias e os manicômios eram os espaços reservados a essas pessoas no Brasil que começava a se modernizar. Como já citado, Santa Catarina não ficou de fora desse processo.

A marginalidade está articulada com a dinâmica de acumulação de capital, onde as camadas populares são rotuladas de acordo com sua integração na divisão social do trabalho. Sendo assim, o advento deste fenômeno aparece como integrante ao desenvolvimento capitalista, ele é resultado das contradições geradas pelo processo de acumulação. [...] Uma fração destes desempregados vai atuar para estatização dos salários e para inibir as ações do proletariado, compondo o que o marxismo chama de exército industrial de reserva. Interagindo com o sistema de forma periférica, através de formas alternativas de sobrevivência. Assim sendo, os marginais são funcionais e participam das relações econômicas periféricamente, favorecendo assim a acumulação de riquezas (Carvalho, 2006, p. 2).

Devido à proibição da entrada de africanos no Brasil a partir de 1850, por meio da Lei Eusébio de Queirós, aproveitando-se da alta demanda por mão de obra na região Sudeste, juntamente com a expectativa de branquear o estado, Santa Catarina passa a realizar o tráfico interno de pessoas negras escravizadas.

Robert Conrad e Robert Slenes defendem que a partir de 1850 o centro econômico mais dinâmico, a lavoura cafeeira no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, passou a importar os cativos de outras regiões do Brasil. A decadência da produção de açúcar, com a queda dos preços internacionais, somada à expansão da lavoura de café, teriam incentivado a transferência de milhares de escravos para a região Sudeste (Scheffer, 2006, p. 17).

Essa ação contribuiu para a diminuição da presença da população negra no estado⁸ e para o aumento, fortalecimento e propagação das culturas europeias, tornando as narrativas criadas em imaginários que perduram até os dias de hoje e são reforçados cotidianamente, seja por eventos culturais, meios de comunicação, monumentos históricos e educação formal.

Notamos, com essa movimentação histórico-cultural e política, que as consequências para as populações não-brancas são a invisibilidade e o não lugar na historiografia oficial do estado, dificultando o processo para recontar e remontar a presença e importância das populações negras e indígenas para a formação de Santa Catarina. Esses apagamentos dificultam até mesmo a escrita do presente subcapítulo para encontrar a memória da resistência negra no estado. Temos alguns lapsos de memórias, fragmentados, muitas vezes não muito aprofundados, devido à falta de incentivo ou de olhares atentos para esses segmentos.

O que temos, na maioria das vezes, são produções organizadas pelos próprios militantes do Movimento Negro, de maneira independente, ou em trabalhos acadêmicos, quando ingressam no curso superior ou pós-graduação, bem como pessoas não-negras interessadas ou compromissadas por essa temática. Nos últimos anos, vemos a tentativa do avanço dessas recuperações mais intensamente, com o trabalho de rememoração e destaque de personalidades negras catarinenses, como Ildefonso Juvenal da Silva⁹, Antonieta de Barros¹⁰ e o livro *Fragmentos negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC* (Garcia, 2019; Romão, 2021; Cardoso; Gunlanda; Fernandes, 2022).

Lima (2016, p. 5) listou brevemente algumas entidades e movimentos negros catarinenses que existiram em diferentes períodos em Santa Catarina, baseado no que havia encontrado em documentos do próprio Movimento Negro ou na imprensa local.

⁸ “Em Desterro, por exemplo, ele é apontado com um dos motivos que teriam provocado a diminuição da população escrava e mesmo a presença negra na região” (Scheffer, 2006, p.17).

⁹ Escritor, farmacêutico, primeiro homem negro a se formar em uma instituição de ensino superior do estado de Santa Catarina, em 1924.

¹⁰ Professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil.

No levantamento que realizamos, encontram-se em todas as regiões do estado marcas da presença negra, de sua organização em vários momentos da história de Santa Catarina. Têm-se, nas respectivas mesorregiões, algumas das seguintes entidades: Norte Catarinense: Kênia Clube (1960), Grupo Unitivo do Negro Catarinense (?), Agentes de Pastorais Negros - APNS (1983), Grupo Consciência Negra de Joinville (1986); Vale do Itajaí: União Catarinense dos Homens de Cor - UCHC (1962); Agentes de Pastorais Negros; Sul do Estado: Sociedade Recreativa União Operária (1937); Agentes de Pastorais Negros de Criciúma (1983); Associação de Etnia Negra (1989); Grupo Étnico Iakekere (1993); Anarquistas Contra o Racismo (1993); Entidade Negra Bastiana (1993); Pastoral AfroBrasileira de Tubarão (?); Movimento Cultural de Conscientização Negra Tubaronense (1997); Clube de Regata Cruz e Sousa (1920); Humaitá Futebol Clube (1920); Sociedade Recreativa São Sebastião Lucas (1952); Movimento Negro Tio Marco (1990); Oeste: Pastoral do Negro de Chapecó (?); Serrana Catarinense: Centro Cívico Cruz e Sousa (1918); Agentes de Pastorais Negros de Lages (1986), entre outras.

Mais adiante, o autor destaca que existem outras entidades e movimentos espalhados pelo estado e ressalta que “faz-se necessário um mergulho mais profundo nos arquivos espalhados por todo o estado de Santa Catarina” (Lima, 2016, p. 5). Mas somente analisando sua lista, podemos notar uma maior presença de organizações negras durante a segunda metade do século XX, a presença considerável, nesse mesmo período, de entidades e movimentos ligados à Igreja Católica e a presença de clubes e centro cívico na primeira metade do século.

Essa rápida constatação, permite-nos fazer algumas reflexões que remetem à própria formação sociocultural do estado catarinense, no qual, por exemplo, não se permitia a presença de pessoas negras em determinados espaços, mesmo após a Abolição da Escravatura, fazendo-nos observar uma espécie de racismo físico e direto, demarcando lugar do negro e o lugar do branco na sociedade. Daí a necessidade da população negra em criar seus próprios espaços de confraternização e convivência nesse período. É possível verificar esse cenário nas pesquisas de Osório (1996), relatando a realidade do Kênia Clube, em Joinville; em Pereira (2013), evidenciando o que ocorria em Lages e em praticamente todo território brasileiro.

A Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio surgiu pelo mesmo motivo que surgiram todos os Clubes Sociais Negros do Brasil: como uma resposta ao processo de intensa segregação racial pelo qual passavam. Como já falado anteriormente, os negros eram impedidos de frequentarem os “Clubes Brancos” e, por esse motivo, necessitavam criar os Clubes Negros (Pereira, 2013, p. 84).

É importante destacar a presença da Igreja Católica nessa luta, por meio das pastorais, já na segunda metade do século passado, conduzindo e aglutinando o debate racial para si, ligando essa influência com o grande número de adeptos ao cristianismo em Santa Catarina, mas também ao processo de redemocratização no qual o Brasil passava e a responsabilidade que parte da Igreja Católica teve nesse período para a organização e reorganização de alguns

setores e segmentos sociais e políticos brasileiros, mas que não representa, atualmente, a mesma força e relevância como anteriormente.

Muito embora as experiências participativas com os segmentos populares fossem realizadas por uma pluralidade de sujeitos políticos (ONGs, movimentos sociais, sindicatos etc.), foram os setores progressistas da Igreja Católica, por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) - grupos ligados às milhares de paróquias católicas espalhadas por todo o país - quem conferiram a esse movimento unidade e força política. Durante as décadas de 1970 e de 1980, as CEBs constituíram uma tentativa de criar vínculos bem como fortalecer a autonomia e a organização de grupos e setores populares. As CEBs tornaram-se conhecidas por sua abordagem pedagógica que enfatizava a participação, a comunidade e ideais igualitários (Ciconello, 2007, p. 2).

Esse mesmo processo de redemocratização leva a crer que foi o papel fundamental para o surgimento e o retorno de mais entidades e movimentos sociais negros, uma vez que passaram, antes, por duas ditaduras (1937-1945; 1964-1985), impossibilitando a continuidade da formação, organização, consciência e luta do Movimento Negro.

Em se tratando exclusivamente da Grande Florianópolis, Lima (2016) destaca que a capital catarinense foi responsável por concentrar a maior parte das organizações do Movimento Negro a partir da década de 1980. Ele rememora também, antes desse período, a existência da Irmandade Nossa Senhora do Rosário (1840), dos clubes sociais, das escolas de samba e dos terreiros, além da Sociedade Cultural Antonieta de Barros que, segundo o autor, “apesar do seu curto período de existência este grupo registra a realização do primeiro ato de rua na capital catarinense, denunciando as péssimas condições de vida da população negra, a violência policial e a exclusão escolar, em pleno período de opressão” (Lima, 2016, p. 6).

Já focado na segunda metade do século XX, Lima (2016) relembra do grupo do qual fez parte, o União e Consciência Negra, que reuniu universitários, agentes comunitários e que contava com muita influência de religiosos católicos e prepara uma lista com entidades e movimentos negros da Grande Florianópolis que atuaram e ainda atuam na luta antirracista.

Em seguida, de maneira geral, podem-se relacionar os seguintes grupos, que de uma maneira ou de outra contribuíram e, alguns ainda contribuem, para a superação da discriminação racial (Scherer-Warren, 1999): Núcleo de Estudos Negros (NEN), Fundação Cruz e Souza, Bloco Jamaica, Grupo Resistência, Movimento Negro Unificado (MNU), Bloco Liberdade, União de Negros Pela Igualdade (UNEGRO), Grupo de Mulheres Negras Cor de Nação, União Brasileira dos Homens de Cor, Grupo de Capoeira Ajagunã de Palmares, entre outros (Lima, 2016, p. 6).

É possível observar uma mudança na composição dos novos movimentos sociais negros que surgiram a partir da segunda metade do século XX, principalmente a partir das décadas de 1980, em Santa Catarina. Grupos mais voltados à perspectiva do campo político,

preocupando-se com a atuação e participação na política institucional, na ação partidária e sindical, de maneira independente.

São momentos diferentes daquele das organizações precursoras do Movimento Negro Catarinense, mais voltadas para uma espécie de associativismo cultural e recreativo e que buscavam o reconhecimento identitário da população negra por meio da cultura e do fortalecimento da integração e confraternização. “No entanto, salienta-se serem faces de um mesmo processo de discussão as relações raciais” (Lima, 2016, p. 7).

Como recorte desse movimento histórico, destaca-se que, em 1960, surge, em Joinville, a Sociedade Beneficente Kênia Clube, com o intuito de ter um local que pudesse reunir a população negra, impedida de frequentar outros espaços recreativos da cidade. Sua importância pode ser mensurada por meio de sua trajetória, estando de pé e em funcionamento até o momento desta pesquisa.

2.1.1 O Kênia Clube - breve histórico

A Sociedade Beneficente Kênia Clube surgiu no dia 6 de setembro de 1960, na cidade de Joinville, Santa Catarina. O objetivo do clube era proporcionar à população negra da cidade um espaço de lazer e confraternização, uma vez que eram sonegados desse direito nos outros clubes existentes na cidade, reservados apenas para a população branca. Segundo Osório (1996, p. 15), “partindo desse pressuposto, tudo indica que estas associações foram organizadas com a finalidade de resistir contra as forças que a execraram, representando conflitos de interesses, mas também embate de valores, modo de ser e de estar no mundo”.

A ideia surgiu de nove amigos, registrados como fundadores do Kênia Clube: Hélio Cardoso Veríssimo, José Francisco Ramos, Rubens Martins, Marcelino Rocha, Luiz Fernando Fagundes de Oliveira, José Carlos Nascimento, Luiz P. do Rosário, José Domingos Cardoso e Oziel Silva.

No século XX, a população negra em Joinville foi aumentando a partir da década de 1950, com a chegada de novos imigrantes. Em 1960, ano de fundação da Sociedade Beneficente Kênia Clube, o IBGE registrou cerca de 2.650 pessoas que se declaravam pretos ou pardos, diante de uma população total de 70.687 habitantes (Osório, 1996, p. 9). Esse segmento social residia, em maioria, nos bairros Itaum, Floresta, Bucarein e Guanabara, localizados na zona sul da cidade. Em função disso, o clube negro fixa sua localização, a partir de 1965, na rua Botafogo, número 255, no bairro Floresta, onde permanece.

Apesar de ser um clube negro, voltado para a população negra de Joinville, é possível perceber, em sua história, que o Kênia Clube ainda foi atravessado pelo modelo eurocêntrico em partes da sua composição, com “práticas sociais restrita ao mundo branco ocidental”, como relata Osório (1996, p. 17)

Outrossim, nos bailes, que eram o ponto alto da entidade, elegia-se uma rainha e a princesa da noite, ambas luxuosamente vestidas, nos reportam a coroa portuguesa ou os ritos católicos de coração de Nossa Senhora. Essa prática era igualmente de outros clubes brancos. Ganhava o título de princesa quem vendesse mais votos. A vencedora era o centro das atenções aquela noite. O clube ganhava “status” pois era um dos poucos que promovia “bailes sociais” e arrecadava o dinheiro dos votos para ajudar a pagar as despesas da entidade.

Além disso, havia regras de vestimentas para frequentar os bailes, o que remetia aos padrões sociais das classes dominantes da época. Os homens deveriam usar terno, gravata, calça e sapato, mas não só, os cabelos deveriam estar no “estilo americano”. Já as mulheres “usavam sapato de salto e vestidos que evidenciavam as curvas do corpo e, no conjunto, transmitissem uma ideia de delicadeza, fragilidade e beleza, valores da sociedade branca urbana” (Osório, 1996, p. 18).

Havia mais regras a respeito da vestimenta, as cores das roupas, segundo Valdir Ramos – entrevistado por Osório (1996, p. 19) para o seu trabalho de pesquisa: “o convite já dizia que as senhoras e as damas seriam de branco, cor-de-rosa e azul. E os homens seriam de azul marinho com branco e preto”. Além disso, ainda influenciada pelo padrão hegemônico europeu, as mulheres tinham que alisar seus cabelos e elaborar penteados que destacassem o formato do rosto.

Os bailes eram regados a muita música que variava entre os estilos bolero, *twist*, *tchatcha-chá*, samba canção e valsa, o que não diferenciava do que era tocado nos outros clubes de Joinville. Também havia as domingueiras, para o público adulto e infantil, com direito a desfile, demonstrando a diversidade de eventos e atividades promovidas pela Sociedade.

Percebe-se nos relatos as regras rígidas estabelecidas por um clube negro e a partir daí é possível estabelecer algumas reflexões sobre o contexto da época e a mensurar a gravidade imposta pelo racismo na cidade. Mesmo criando um espaço próprio, o Kênia Clube buscava seguir os mesmos padrões dos clubes brancos, possivelmente para evitar reações negativas e retaliações contra os frequentadores e o estabelecimento.

A ideia de seguir disciplinarmente a imposição cultural da cidade “ordeira e trabalhadora” demonstra, além da violência imposta, a estratégia de proteção e preservação da

entidade trazida pela própria direção do clube. A preocupação era tanta que em seu Estatuto continham artigos que estabeleciam punições aos associados que descumprissem as regras.

Assim sendo, o Estatuto da entidade previa, no artigo 10º, a exclusão do sócio que fizesse escândalo no recinto ou até fora dele, uma vez que comprometesse a imagem do clube. Essas normas disciplinadoras refletiam as exigências da sociedade da época, determinada a policiar e auto disciplinar os trabalhadores até mesmo no espaço de lazer. Percebemos assim o processo de resistência do grupo se adaptando ao cenário contemporâneo. É a lei da sobrevivência, a necessidade de manter teimosamente a organização e o ego do mesmo (Osório, 1996, p. 20).

Mas nem só de bailes vivia o Kênia Clube. Com direito a torcida feminina e disputa de torneios municipais e intermunicipais, o clube negro de Joinville contou, em sua trajetória, com um time de futebol chamado Senegal. Inclusive, a existência do Kênia Clube é posterior à formação do time de futebol e foi justamente pelo time que veio a ideia da construção de um clube negro em Joinville, pois foram as viagens para outras cidades como Itajaí, Jaraguá do Sul e São Francisco do Sul que permitiram que os negros joinvilenses pudessem fazer novas articulações e organizações com outras pessoas, territórios e clubes negros de Santa Catarina.

Vale um adendo e um registro histórico a ficar gravado. As mulheres negras sempre fizeram parte e tiveram atuações importantíssimas à frente da Sociedade Kênia Clube, mas nem sempre tiveram o destaque e o reconhecimento necessário pelos serviços prestados. De toda forma, compreende-se que até nesse quesito a entidade não conseguiu escapar à lógica predominante daquele período, reproduzindo, inclusive, a lógica machista.

Outro aspecto observado é que as mulheres negras duplamente discriminadas (etnia e gênero) tinham participação intensiva nas tarefas e organizações da instituição, mas não na administração. No Estatuto da mesma não constava o nome de nenhuma mulher. Estas foram chamadas para o grêmio feminino depois que já estava formada a diretoria do clube. O grêmio ajudava a manter o Kênia vendendo rifas, votos para as candidatas a princesa, organizavam concurso de dança, desfile infantil e ainda limpava o salão (Osório, 1996, p. 25).

Como forma de reconhecimento dessa importância, vale o registro de que foram as mulheres que sugeriram o nome Kênia ao clube negro de Joinville. Luiz Fernando Fagundes de Oliveira, o Zuca, relata que ao voltarem de trem de uma partida de futebol, que jogaram em Jaraguá do Sul, ao verem uma edição da revista *Cruzeiro*, depararam-se com o nome do país do continente africano, o Kênia. “Foi as meninas que falaram, a Ladir ou Nadir, a Benta [...] foi uma das moças que falaram que o Kênia seria um bom nome” (Osório, 1996, p. 20).

Em 1968, surge a Escola de Samba Amigos do Kênia, trazendo mais um marco na história do clube negro, transformando-o no precursor do carnaval em Joinville. Com o decorrer

dos anos, a entidade carnavalesca teve algumas alterações no nome, primeiro passou a se chamar Escola de Samba do Kênia Clube e, a partir de 1986, denominou-se Escola de Samba Príncipes do Samba que permanece até os dias atuais.

A criação de uma escola de samba projetou e proporcionou ao Kênia Clube mais visibilidade na cidade, “pois com isso a sociedade se firmou como principal entidade do carnaval de Joinville e a expoente mais importante da cultura afro-brasileira na cidade” (Pogan; Fernandes; Meira, 2019, p. 112). Além disso, marcou uma mudança de posicionamento do próprio clube que abandonou os padrões eurocêntricos, do início da sua fundação, para aproximar-se dos temas ligados à cultura afro-brasileira. A Escola de Samba do Kênia Clube se tornou referência e inspiração para outras escolas e, também, para o destaque da festividade na cidade de Joinville, tendo hegemonia nas conquistas dos títulos carnavalescos quando começou a ser disputado.

Fundada em 1968 por Adelmo Braz, Zelândia, Iranir, Mario Dibanda, Nestor Padilha, Eloi e outros, a Escola de Samba Amigos do Kênia foi a primeira escola de samba a desfilir no carnaval de Joinville. Até 1977 não existia o concurso oficial das escolas de samba e blocos na cidade, sendo instituído a partir de 1978, pela Secretaria de Turismo o desfile oficial. Neste primeiro ano de competição, a escola perdeu o título para a Unidos do Boa Vista. Nos anos seguintes ocorreu a consagração e consequentemente consolidação da escola nos desfiles do carnaval joinvilense, quando a mesma veio a conquistar o título dos carnavais dos anos de 1980, 1983, 1984, 1987, 1988, 1989, 1991 (Correia, 2016, p. 111-112).

Durante alguns anos, devido à falta de recursos, a escola de samba do clube negro não desfilou na avenida e, a partir de 1993, o carnaval de rua foi cancelado na cidade, sendo permitido apenas a realização da festividade nos clubes. O processo de retomada do carnaval em Joinville começou a partir de 2006, mas foi apenas em 2009 que a cidade voltou a contar com desfiles de escolas de samba. A Príncipes do Samba voltou a participar apenas em 2010. Em 2019 os desfiles voltaram a ser cancelados. Entre idas e vindas, a escola de samba do Kênia Clube manteve sua relevância, protagonismo e importância, sendo abordada em estudos acadêmicos e matérias jornalísticas.

O Kênia Clube está em funcionamento até os dias atuais, no mesmo endereço, realizando diversas atividades, desde formações e palestras, a eventos musicais, até aulas de dança, percussão e costura. Ainda estigmatizado, sobrevive financeiramente por meio dos associados e fomento dos projetos culturais. Ainda assim, sua história desperta atenção e a resistência e atuação servem de pauta para a imprensa da cidade.

O caso do nd+: reportagem samba em terra de alemão

Com o intuito de falar sobre a história do samba no Brasil e sua relação com a cidade de Joinville, o *Jornal Notícias do Dia* preparou uma série especial com cinco reportagens em seu caderno *Plural*. A ação ocorreu durante os finais de semana do mês de setembro e do primeiro final de semana do mês de outubro de 2014. Divididos em temas, cada final de semana foi abordado um assunto específico que tinha ligação entre o gênero musical e sua história a nível nacional e municipal.

Nos dias 6 e 7 de setembro, foi abordado “O surgimento do samba como identidade nacional”; posteriormente, nos dias 13 e 14 de setembro, trataram do tema “Samba em terra de alemão”, em que contam a história do Kênia Clube como precursor do carnaval no município.

Na semana seguinte, dias 20 e 21 de setembro, dedicaram o espaço a figura histórica do “Mestre Bera do Bandolim”, instrumentalista renomado da cidade que se destacou por tocar samba, seresta e chorinho; na quarta semana, dias 27 e 28 de setembro, destacaram “A nova geração de sambistas” da cidade. Na última semana da série especial, dias 04 e 05 de outubro, utilizaram o espaço para divulgar as casas de Joinville para “ouvir o som contagiante” e aprender a dançar samba.

Para a presente análise, destacou-se a segunda reportagem dessa série por dois motivos: pelo título e por estar disponível na Internet, no site do jornal, o *nd+*, com algumas alterações e adaptações. Para não haver confusão, optou-se em focar na matéria publicada no site, pelo fato de estar acessível até os dias atuais e por causa do jornal impresso ter saído de circulação.

Uma das adaptações feitas para a matéria publicada no site foi o título, enquanto o jornal impresso contém apenas a chamada “Samba em terra de alemão”, no site consta “Kênia Clube veio para mostrar que em terra de alemão tem samba, sim senhor”. Apenas por essas chamadas, pode-se fazer uma série de reflexões e questionamentos. Terras têm dono? Quem garante que essas terras são mesmo dos alemães? Por que em uma matéria dedicada a falar sobre um clube negro, sua escola de samba e um estilo musical historicamente vinculada a população negra precisa destacar a população de origem alemã? Como visto anteriormente, há elementos históricos que confirmam a presença de outras populações na cidade antes mesmo da chegada dos imigrantes germânicos. Seguindo a lógica, se a terra deveria pertencer a quem chegou antes, não seriam as terras dos povos originários, dos indígenas que habitavam a região?

Observa-se pelo título da reportagem a busca pela manutenção do poder por meio da história única, a tentativa de reforçar que a cidade pertence a um povo só, que ela está submetida

às vontades desse setor específico. São eles os responsáveis por autorizar e desautorizar, são eles que comandam. Os outros são os intrusos, os invasores, os corpos estranhos que ocupam o espaço que foi cedido pelos donos das terras, permitindo que desfrutem, de acordo com o que eles determinarem, sob vigilância constante, podendo ser repreendidos ou punidos, caso estejam em desacordo com o que os donos consideram apropriado. É preciso pedir licença, é preciso andar na linha.

Dessa forma, percebe-se, apenas com base no título, a construção da identidade e da diferença, o marcador necessário da diferenciação entre “nós” e “eles”.

Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. [...] Dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar. [...] Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados (Silva, 2014, p. 82).

Nesse sentido, percebe-se uma hierarquização simbólica no título da matéria entre quem manda e quem obedece, entre quem são os proprietários e quem são apenas os moradores. O título da matéria serve para demarcar territórios físicos e psíquicos, de reforçar a construção da hegemonia de um grupo na cidade, reforçando o imaginário popular de que a cidade foi construída por e para os imigrantes e descendentes alemães.

Segundo Gunlanda (2020, p.48), “embora o carnaval tenha criado aberturas para que a presença negra na cidade ganhasse certa aparição, especialmente na imprensa, o fato é que em termos de relações de poder, a cidade era dos(as) germânicos(as), a hegemonia cultural era germânica”.

Para Mouillaud e Porto (1997), manter a invisibilidade é ocultar o que por definição deveria ser mostrado. Nota-se que isso ocorre na construção da informação, em que é valorizado um lado visível, tomando-o como real e destacando-o, ao mesmo tempo em que é induzido a invisibilidade o seu avesso, escondendo-o e julgando-o a partir do padrão moral constituído e naturalizado como regra. Assim, pode-se afirmar que a cultura negra de Joinville é o contrário, o avesso da cultura branca.

Enquanto os negros festam nas terras cedidas pelos alemães, esses últimos, dotados de toda a moralidade, bom senso e juízo, garantem o progresso e a ordem da cidade do trabalho. Até quando tenta-se dar visibilidade para a população negra, acaba-se seguindo o caminho inverso, evidenciando a força da construção histórica excludente da cidade.

No subtítulo, consta a seguinte mensagem: “O clube da zona Sul de Joinville que é o precursor do carnaval do município também deu origem à primeira escola de samba. Conheça a história do berço do samba joinvilense”. Ou seja, deixa-se evidente que a matéria jornalística pretende destacar e dar protagonismo a história do clube negro e de sua escola de samba o que, mais uma vez, confirma a irrelevância da citação sobre a população alemã.

Abaixo do subtítulo, a matéria disponibiliza alguns trechos de mensagens recebidas sobre a primeira matéria publicada a respeito do samba, na semana anterior a essa que está sendo analisada. Uma delas chama a atenção: “Joinville não tem nada a ver com samba”. São indicadores da recepção jornalística, de espaço ao contraponto e de interatividade com o público, mas também de analisar que a própria chamada da reportagem contribui para que os receptores tenham essa percepção e reação, uma vez que em seu título reforça a ideia de que a cidade é dos alemães e que, se for verdade, realmente o samba não tem nada a ver com a cidade, pois não faz parte da cultura alemã.

A mesma afirmação é reforçada, também, logo em seguida, no trecho que diz que “o samba pediu passagem na Joinville de colonização majoritariamente alemã e conquistou seu espaço”, enfatizando o mito fundador e enaltecendo a germanidade, permitindo um movimento cíclico entre afirmar que a terra tem dono e que determinadas culturas não podem fazer parte, pois não correspondem às características dos donos das terras.

Mais adiante, em outro trecho, consta a seguinte mensagem: “Então é possível dizer que sim, o samba pediu e ganhou espaço na loirinha Joinville”. Além de determinar quem são os donos da cidade, a matéria contribui para a construção do padrão do cidadão joinvilense, daqueles e daquelas que serão reconhecidos como pertencentes da cidade por seus traços e características físicas, mais uma vez demonstrando quem “está dentro” e quem “está fora” da cidade. Uma prática segregadora, mas que não é novidade.

Segundo Guedes (2007, p. 1-2), “esse estereótipo do joinvilense loiro é reforçado em várias outras publicações e, principalmente em material publicitário da cidade veiculado das mais diferentes formas”. Diante disso, percebe-se uma constante movimentação de construção e perpetuação do imaginário popular da cidade germânica, ordeira e trabalhadora, com seus moradores loiros. Assim sendo, ao afirmar a sua identidade, deixa para os diferentes, os estrangeiros, os não pertencentes da cidade, os não-loiros, os não-germânicos, o comportamento contrário à ordem e ao trabalho.

Vale registrar que essas partes do texto se encontram nos quatro primeiros parágrafos que estão destacados no site, diferentemente do restante da reportagem. Intrinsecamente, é essa a imagem da cidade perpetuada interna e externamente e nota-se, em um curto espaço de texto,

a preocupação da matéria em fixar as características germânicas de Joinville, lembrando que o intuito principal era falar do clube negro, sua escola de samba e a sua precursora atuação no carnaval.

Ao tratar do Kênia Clube, especificamente, percebe-se alguns equívocos históricos e de dados a respeito da população negra de Joinville. Ao tratar dos motivos da fundação do clube a reportagem se limita a comentar que “o acesso aos clubes era restringido aos negros” e, mais para frente, considera que o “Kênia passa a ser identidade cultural de um grupo de cidadãos de Joinville que driblou o preconceito, criando o seu próprio clube”, transparecendo uma certa normalidade a respeito desse processo de violência contra a população negra, que não só era impedida de acessar apenas os espaços de lazer e recreação, mas também o mercado de trabalho, renda, educação, saúde e moradia.

A abordagem, da maneira que foi feita, esquece de analisar o intuito da construção da Sociedade Beneficente Kênia Clube e sua ampla atuação na comunidade negra da cidade. Um dos benefícios presente no Estatuto do clube negro de Joinville oferecido aos seus associados dizia que: “Na medida das suas possibilidades a instrução, recreio, socorro nos momentos de doença, morte ou perseguição, a fim de elevar o padrão social e intelectual da gente de raça negra” (Osório, 1996, p. 25).

Ao notar o item “perseguição” presente no Estatuto, imagina-se a realidade enfrentada pela população negra no período de sua fundação, demonstrando que foi um processo de violência e que precisa ser contextualizado e evidenciado para demonstrar os fatos registrados e documentados que permitem fazer a ligação com o passado e enaltecer a importância e protagonismo do Kênia Clube para a sobrevivência, organização e segurança da população negra.

Há um equívoco na reportagem quando cita o Censo de 2010. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera a categoria “negro” a somatória dos grupos “pretos” e “pardos”, portanto o número 13.128 apresentado pela matéria não corresponde a somatória dos dois grupos, remete apenas a quantidade da população preta presente na cidade. À época, em 2010, Joinville contava também com uma população de 57.861 pessoas que se autodeclaravam pardos. Somados, representam 70.989 habitantes, do total de 515.288, correspondendo a 13,7% desse montante.

Além de algumas incompatibilidades nas informações apresentadas é possível verificar a ausência de aprofundamento histórico sobre o Kênia Clube, destacando a variedade de ações e eventos promovidos pelo clube e a sua importância para a população negra na cidade

ao longo de sua trajetória, não restringindo-se apenas ao samba e ao carnaval, sendo essas apenas algumas das atividades realizadas pelo clube negro joinvilense.

Estereótipos – corpos negros representados

A reportagem conta também com três entrevistas realizadas com os fundadores e integrantes históricos da escola de samba do Kênia Clube, atual Príncipes do Samba: Zelândia da Costa, popularmente conhecida como dona Fioca, Nestor Padilha e Eugenio de Miranda Correa, o Butiaco. Entre essas entrevistas, a matéria também contextualiza o cenário do carnaval da cidade, desde o seu cancelamento até a sua retomada e a situação até o ano da escrita da matéria, falando dos locais de desfile, das escolas de samba e blocos existentes, dentre outros assuntos relacionados ao carnaval. Nas entrevistas, é possível notar a presença de estereótipos constantemente utilizados e reforçados para representar a população negra.

As chamadas das entrevistas denotam uma imagem que reforça a população negra como o avesso da população alemã. Enquanto uma é ordeira e trabalhadora, a outra é do agito, da festa, da farra, não medindo esforços para isso. A entrevista com a dona Fioca está destacada da seguinte forma: “Dançando até o raiar do dia, sempre”. Percebe-se a relação entre o corpo negro e a dança, a figura do negro dançarino, imbricado ao samba, como se fosse algo natural, que já nasce com as pessoas negras, um dom. Além disso, a palavra “sempre” dá a ideia de que é comum dançar exaustivamente, virar a noite, exagerar.

Importante considerar também a imagem da mulher negra ou da “mulata” como símbolo sexualizado, provocativo e pronto para atender os desejos de quem a percebe, principalmente os brancos. É uma constante abordagem televisiva, cinematográfica e literária brasileira e que se apresenta implicitamente nessa abordagem.

Nesse sentido, vale ressaltar que, historicamente, o corpo negro é visibilizado como o corpo festivo, sensual e alvo das projeções sexuais da mentalidade branca. Ao negro cabe a exibição no carnaval, nas atividades folclóricas, mas não cabe a visibilidade como um corpo que produz ordem e progresso, trabalho intelectual ou coisa parecida. Portanto, o corpo negro não pode ser dono da cidade, nem tão pouco sua produção cultural deve assumir destaque como identidade de uma cidade como a de Joinville (Gunlanda, 2020, p. 48).

Importante notar que a reportagem não se preocupa em mostrar totalmente quem foram ou quem eram dona Fioca e Butiaco fora do carnaval, seus trabalhos, suas responsabilidades, suas famílias, diferente do que fizeram, ao final da matéria, com Padilha, informando que ele “dividiu a paixão pelo samba como oficial de justiça, profissão pela qual se aposentou”. Talvez,

pode-se supor que a profissão exercida por Padilha seja de interesse público, como curiosidade, uma vez que não é comum uma pessoa negra ocupar esse cargo. Ainda mais se tratando de um negro sambista. Um olhar que não escapa de uma visão exótica que se tem da população negra e aquilo que se espera desse segmento social a partir dos estereótipos difundidos e fixados na sociedade.

Ao falarem da família, ao entrevistar Butiaco, é para destacar “uma família de sambistas”, verificando as habilidades familiares dentro desse gênero musical. Atrelado a isso, uma resposta da entrevistada, dona Fioca, contribui ainda mais para essa construção: “Passei minha vida no clube”, reforçando a ideia de que só viviam para isso, para a festa, reforçando a imagem do negro folclórico, importando-se apenas com a farra, não tendo outros compromissos ou responsabilidades.

Inclusive, sendo irresponsáveis ao ponto de comprometer a própria saúde, como anuncia a chamada da entrevista com Butiaco, destacando que “Paixão é tanta que Butiaco fugiu do hospital para desfilar”. Mais adiante, é explicado o caso pelo próprio entrevistado: “Eu coloquei duas pontes de safena. Quando estava no quarto, escutei o anúncio da minha escola e fugi. Quando cheguei ao fim da avenida caí e tive de voltar pra lá”. Ou seja, comete insanidades para estar em uma festa, coloca a própria vida em risco para isso. Afinal, se ele vive em função e somente disso, justifica-se tal atitude. Se já nasce com ele, é de sua natureza.

No carnaval também existe a folclorização dos corpos negros, produzem-se olhares exóticos acerca dos corpos femininos e masculinos por parte da imprensa e evidencia-se uma certa espetacularização cujo efeitos nem sempre se traduzem em transformações concretadas no cotidiano da cidade do ponto de vista da produção de políticas públicas ou ações coletivas na direção de fazer manutenção daquilo que foi problematizado durante o carnaval. Nesse sentido, o(a) negro(a) é tido(a) apenas como um corpo alegre, que apesar das dificuldades mantém alegria na vida. Essa representação do(a) negro neutraliza qualquer efeito e provocação do próprio carnaval (Gunlanda, 2020, p. 50-51).

A reportagem conta com cinco imagens. Na imagem destaque da matéria estão os três entrevistados, sentados à frente de uma parede verde onde está desenhado um violão com notas musicais em preto e ao lado letras indecifráveis escritas na cor branca. Os entrevistados seguram em seus colos um instrumento comumente utilizado nas rodas de samba. A fotografia foi feita de cima e os entrevistados estão olhando para essa direção, da esquerda para direita encontram-se Butiaco, dona Fioca e Padilha. Pela imagem é possível perceber que o registro foi feito especialmente para a matéria e não foi feita no clube negro.

A segunda imagem que aparece na reportagem é de um ensaio geral da Escola de Samba Príncipes do Samba, na Sociedade Kênia Clube, em que é possível perceber a presença

da bateria, das passistas e das bandeiras da escola, além do público assistindo. Essa imagem parece ser recente, próximo da data da escrita da matéria. Nela é possível notar a presença majoritária de pessoas negras dividindo espaço com algumas pessoas brancas, evidenciando a acessibilidade de todas as pessoas à entidade, sem restrições.

A composição e distribuição das imagens reforçam a ideia e o enfoque total no samba e na escola de samba, não trazendo referências a outras atividades e registros históricos da Sociedade Beneficente Kênia Clube que não estivesse atrelado a essas duas ações. Com isso é possível considerar que a história da entidade negra não foi abordada completamente nem por meio das imagens presentes na matéria.

As três últimas fotos são de ângulos diferentes de um mesmo recorte da edição do extinto jornal Extra, do ano de 1980, em que destaca a conquista do título do carnaval pela Escola de Samba do Kênia naquele ano, contendo nelas imagens da premiação. Em uma delas é apresentada a matéria completa, com o texto na íntegra, nas outras duas é aproximada a lente para registrar as fotos presentes na edição do jornal em que mostram a premiação de melhor bateria e de campeã geral. Dois dos entrevistados, Padilha e Butiaco, estão presentes em uma das imagens do momento da premiação. É possível notar pelas imagens feitas na época que os apresentadores e os responsáveis por entregar as premiações são todos homens brancos.

Em uma das fotografias é destacado o político Luiz Henrique da Silveira levando a taça do campeão do carnaval a boca, em uma movimentação como se fosse tomar algo que estivesse dentro da taça, seu olhar é fixo para esse local. Essas imagens nos permitem observar e refletir sobre o que foi evidenciado acima sobre quem controla, quem são os donos, os que mandam na cidade. Uma possível representação daqueles que cederam o espaço, que vigiam e determinam quem ganha e quem perde. São eles os responsáveis pelo anúncio, pela entrega, pela premiação, o que permite pensar que são também eles que pensam, que estruturam e que permitem o acontecimento do carnaval.

O jornalismo em sua prática comunicativa está atrelado ao movimento constante de fazer escolhas e isso passa pelos processos de aceitação e exclusão, o que importa e o que não importa, o que vai e o que não vai estar na matéria. Nesse sentido, ao analisar a matéria sobre a Sociedade Beneficente Kênia Clube e a sua escola de samba, é possível verificar as escolhas feitas pelo jornal sobre o que deveria conter na matéria e, a partir disso, refletir sobre os motivos de se ter mais interesse em reforçar Joinville como território de domínio alemão do que utilizar o espaço para contar mais detalhadamente a história do clube negro joinvilense, os serviços prestados, as atividades desenvolvidas e as suas contribuições para a cidade que ultrapassam o

samba e o carnaval. Inclusive, destacando a necessidade da sua existência em uma época de violenta segregação racial.

Da mesma forma, questiona-se o que motivou a escolha das histórias dos entrevistados que constam na matéria em detrimento a uma apresentação mais formulada sobre os personagens entrevistados, introduzindo os leitores em parte de suas vidas, possibilitando uma melhor contextualização das suas contribuições enquanto indivíduos pertencentes a uma escola de samba, mas que não vivem apenas para isso.

Optou-se pela exclusão de boa parte da história do Kênia Clube e optou-se pela inclusão de palavras que reforcem o germanismo da cidade. Optou-se pela exclusão de histórias que ressaltem a importância do clube negro como espaço de resistência e optou-se pela inclusão de histórias que reforcem estereótipos e a imagem do negro como cidadão folclórico. Optou-se pela representação do clube negro e da população negra como única e exclusivamente voltada as festas e diversão, principalmente ao samba e ao carnaval. Não se destacou a organização, os estatutos, os encontros políticos, as atuações sociais, os encontros de movimentos negros, os bailes de debutantes, os bailes infantis.

Como visto, os estereótipos que perseguem a população negra estão presentes na matéria e da maneira como foram colocadas servem como representação da versão ruim da cidade, pois são o avesso dos “donos das terras”. E apesar de apresentar indivíduos e nomeá-los, afirma-se na análise como uma representação da população negra, pois entende-se que o racismo possibilita que grupos racializados não sejam vistos separadamente, mas sempre como grupos homogêneos, com comportamentos idênticos.

Logo, quando apresentam estereótipos dos negros folclóricos, dançantes, alegres e que fazem absurdos para festejar, não estão falando ou tratando individualmente as pessoas, mas sim imputando e estabelecendo como regra um comportamento natural do coletivo, de toda a população que contenha a mesma tonalidade de cor e comungue da mesma cultura.

Por isso, é necessária uma análise criteriosa sobre os elementos expostos nas matérias para observar os possíveis resultados obtidos por meio de sua publicação, ou seja, o reforço do imaginário da figura do negro folclórico, estrangeiro, em uma terra que não é sua, mas sim dos alemães, organizados, empreendedores, ordeiros, trabalhadores. Sendo a população negra impossibilitada de gerir ou de liderar esse processo, uma vez que estão mais preocupados em dançar até o raiar do dia, sempre, ao som de samba, não importando-se com o trabalho ou com a ordem, muito menos com a própria saúde, comprometendo-a para farrear, fugindo do hospital.

Vale salientar que, pelo tom abordado pela matéria, percebe-se uma tentativa de passar a informação com leveza, com certa descontração, tentando escapar ou esconder questões que

sempre surgem ao tratar do objeto a ser apresentando: injustiça, desigualdade, sofrimento, violência, segregação e racismo. Essa última palavra, inclusive, não esteve presente em nenhum momento da reportagem, sendo utilizada uma única vez o termo “preconceito”. Mais uma questão de escolha.

Da mesma forma, percebe-se a utilização constante na análise pelos termos “reportagem”, “matéria”, evitando personalizar ou individualizar a responsabilidade pela escrita e publicação do produto narrativo, pois compreende-se que não é um processo individual, mas sim o resultado do racismo institucional. Portanto, não é o objetivo desta pesquisa avaliar a profissional, mas sim a instituição jornalística da qual ela faz parte, uma vez que existem processos e hierarquias dentro da redação de um jornal.

Com isso, não se pretende desconsiderar o racismo individual (Almeida, 2020), mas justamente apontar com responsabilidade e de acordo com a análise feita para o local que permite, revisa e autoriza tal publicação. Existe um vínculo empregatício institucional, a matéria não foi publicada em um blog ou site pessoal, mas sim em um veículo de comunicação que contém, inclusive, concessão pública para sua atuação.

Nota-se, com isso, a utilização do jornalismo como instrumento de perpetuação do poder, por meio da manutenção do imaginário popular construído desde a imigração europeia para Joinville. Com isso, observa-se que o jornalismo serve como mais uma ferramenta utilizada pela classe dominante da cidade para a propagação do germanismo, demonstrando a comunicação como uma ferramenta poderosa e produtora de poder e status, podendo determinar, mesmo que simbolicamente, o lugar do negro e o lugar do branco.

Juntando-se a outras ferramentas, como a educação formal, os patrimônios e objetos, percebe-se que os moradores estão completa e constantemente cercados por imagens que reforcem o mito fundador, a ideologia dominante, organizando e reorganizando o imaginário popular. O imaginário construído e reforçado pela classe dominante é tão forte que podemos perceber o próprio clube negro buscando se adaptar as características preestabelecidas por eles em suas práticas, reproduzindo em suas festividades e atividades tais posturas durante determinado período de suas atividades.

É nesse momento que percebemos as estratégias de dominação para a perpetuação de poder, buscando introduzir e internalizar em cada cidadão joinvilense a imagem dos donos da cidade e a cultura dominante, fazendo com que assimilem e passem a propagar e se comportar dentro do enquadramento requisitado, moldando toda a cultura e desenvolvimento de Joinville. Mas vale observar que, mesmo com os bailes sociais, com a obrigatoriedade de se vestir e seguir os padrões brancos, o negro ainda ficou com a pecha de malandro, de desocupado, festeiro e

cachaceiro, demonstrando que não importa a vestimenta, o que se usa ou o que faz, a violência do racismo desumaniza as pessoas a tal ponto que não interessa se está de bermuda ou calça social, de saia curta ou de vestido.

Para finalizar, é importante salientar que a existência do Kênia Clube enquanto instituição negra foi importante para representar física e simbolicamente o contraponto historiográfico daqueles e daquelas que também construíram essa cidade e que tem direito de reivindicar seu protagonismo nesta história. Por mais que não se preocupem e tentem demonstrar que o clube negro surgiu “do nada” ou de pessoas que vieram de fora, o tensionamento gerado pelo clube e as ofensivas investidas contra a sua imagem, demonstram e destacam a sua grandiosidade e a sua importância como um local de resistência, organização, articulação política e, principalmente, de preservação cultural e da memória da população negra de Joinville.

O Kênia Clube veio para mostrar que tem negro em Joinville, sim senhor, bem antes da chegada dos imigrantes germânicos e que, inclusive, foi graças a eles que os imigrantes conseguiram se instalar e sobreviver as precárias condições da época. O clube negro joinvilense veio para tensionar a história única e hegemônica, apresentando argumentos e levantando questões, obrigando a cidade a olhar para esse segmento social que “persiste em não desaparecer, em não inexistir” (Osório, 1996, p. 15).

Nessa mesma perspectiva, tendo o Kênia Clube e outras personalidades como inspiração que o legado de luta e resistência negra permanecem até os dias atuais, culminando na criação de coletivos e entidades negras de resistência em Joinville. Um deles é o Movimento Negro Maria Laura que, dentre uma de suas ações, escreve o livro “Fragmentos Negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC” (Cardoso; Gunlanda; Fernandes, 2022), produzindo novas significações e contribuindo para a contra narrativa ao discurso hegemônico da cidade.

2.2 O MOVIMENTO NEGRO MARIA LAURA E O LIVRO *FRAGMENTOS NEGROS*

Falar sobre luta antirracista no Brasil adquire outro contexto ao se tratar da região sul. Marcada pela invisibilidade da população negra e por ser a região experimental da política de branqueamento que almejavam expandir para todo país (Rosa, 2006), criou-se o imaginário de que para esses lados não há presença de pessoas que não sejam de origem europeia. Justamente por isso, a luta negra dos e das moradoras desta região acaba passando pelo processo de dupla

invisibilidade, dificultando ainda mais as reivindicações por reconhecimento, dignidade e respeito.

É nesse cenário que, em 27 de janeiro de 2015, na cidade de Joinville, surge o Movimento Negro Maria Laura (MNML), com o intuito de pautar o debate racial, organizar a luta antirracista e combater o discurso hegemônico da cidade de um povo só e com história única (Adichie, 2019). O nome é uma homenagem à professora e diretora Maria Laura Eleotério Cardoso, responsável pela criação do Instituto Afro-brasileiro em Joinville e pela promoção de eventos, ações e discussões sobre as questões raciais (Salvador Neto, 2012). A escolha se deu como forma de manter viva a memória do legado da população negra da cidade.

Em seus objetivos, o MNML destaca o combate às desigualdades raciais e sociais, a luta por igualdade de condições em todos os âmbitos da sociedade, o combate ao genocídio da população negra e a luta contra o machismo e o racismo vivenciado por mulheres negras. Para isso, traçam metas de fortalecimento e a valorização das culturas e identidades afro-brasileiras e africanas, levando as discussões e reflexões raciais para as comunidades, principalmente as periféricas.

Também apontam como perspectiva o *desenvolvimento de pesquisas relacionadas às relações étnico-raciais*, além de debater, lutar e criar medidas que solucionem os problemas da educação e da saúde pública, garantindo o acesso da população negra a escolas, universidades e ao sistema de saúde público e de qualidade (Movimento Negro Maria Laura, 2015, não publicado). Todos esses objetivos e metas estão em um plano regional, estadual e nacional, como estratégia de expansão, diálogo e união com outros movimentos negros e sociais do estado e do país.

Para atingir os objetivos traçados as principais estratégias adotadas pelo Movimento Negro Maria Laura passaram pela comunicação: diálogo com o poder público e com outros movimentos sociais; palestras, debates e apresentações em escolas e universidades, dentre outras ações e atividades. Com seus objetivos traçados e com o campo de atuação política delimitado, o MNML trouxe mais intensidade para a luta por justiça racial, estimulando e fomentando, ainda mais, debates sobre as questões raciais em Joinville.

No currículo, consta a idealização e organização da Marcha da Negritude Catarinense (2016), a Uhuru – Semana da Consciência Negra (2017), eventos de lançamentos de livros de autoras e autores negros catarinenses, cursos de formações políticas (presenciais e virtuais), Sarau Saracura e, em 2022, o lançamento do livro *Fragmentos Negros – Perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC* (Cardoso; Gunlanda; Fernandes, 2022), organizado pela

militância do próprio MNML e que contou com a presença de intelectuais, pesquisadores e artistas ligados à temática.

Em 2022, também, foi lançado o Cursinho Popular Pré-vestibular Inserção, com o intuito de preparar jovens da periferia de Joinville para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), estimulando o ingresso no Ensino Superior. Além disso, o MNML também marca presença nas mídias sociais (*Instagram* e *Facebook*) com diversas publicações, desde divulgações de manifestações e eventos, até denúncias de racismo e posicionamentos a respeito de temas variados que perpassam ou interferem na pauta racial. Também oferecem atendimento e acompanhamento jurídico e direcionamento psicológico a vítimas de racismo.

A história do Movimento Negro Maria Laura acompanha o levante negro ocorrido nas últimas décadas com mais intensidade, devido à organização dos movimentos negros brasileiros “em torno das políticas de ações afirmativas” (Gomes, N. L., 2011, p.147). O debate racial que tomou conta do Brasil estimulou a reorganização dos negros e negras de Joinville para reivindicação de seus direitos e do reconhecimento como protagonistas da história da cidade, combatendo a invisibilidade e os estigmas raciais gerados pela violência antinegro desde a constituição da cidade. E parte dessa luta se faz pela lembrança e destaque das instituições, locais e personalidades que representem a negritude, como a Sociedade Kênia Clube (1960) e seus fundadores, juntamente com seu histórico de resistência negra, além de ser um local seguro para que esse segmento social pudesse confraternizar sem sofrer violência racial (Osório, 1996).

Nesse processo de reconhecimento e reivindicações de pautas correspondentes à questão racial, percebeu-se, após debates e provocações gerados nas formações políticas da Escola Afro Popular Leonor de Barros¹¹, ministrado por Jeruse Romão¹², que a militância negra também passava pela academia, pela pesquisa e pela ciência. Foi essa dinâmica que estimulou diversos militantes do MNML a ingressarem no mestrado e teorizarem, em suas respectivas áreas, a respeito da temática racial em Santa Catarina.

Após oito anos de fundação, em 2022, o Movimento Negro Maria Laura ganhou notoriedade, respeito e projeção devido às suas ações e contatos feitos ao longo de sua trajetória. Mesmo não se utilizando frequentemente da mídia tradicional, algumas de suas pautas, manifestações, reivindicações e produções acabaram recebendo espaço também nesses locais, alcançando novos públicos e possibilitando novos contatos.

¹¹ Lançada em Joinville, em 2017, inaugurada e iniciada em 2018, em Florianópolis. De caráter itinerário, ministrou cursos em São José, Criciúma, Blumenau, Florianópolis, Joinville e outras cidades de Santa Catarina.

¹² Professora, pesquisadora, escritora e militante do Movimento Negro de Santa Catarina.

Justamente por isso, pretende-se analisar as diferentes estratégias de comunicação adotadas pelos militantes do MNML ao longo dos anos, para destacar elementos que podem contribuir para evidenciar algumas dessas pautas e a consideração da atuação da militância negra em Joinville por meio desse movimento, especificamente. Para alcançar esse objetivo, concentraremos nosso olhar no livro *Fragmentos Negros* (Cardoso; Gunlanda; Fernandes, 2022), desde o processo de mobilização e produção até a divulgação e os sentidos gerados pela produção desse material.

Utilizando a análise hermenêutica, faremos uma reinterpretação do sentido do livro *Fragmentos Negros – perspectivas sobre a presença negra em Joinville* (Cardoso; Gunlanda; Fernandes, 2022) como forma de comunicar, considerando o contexto histórico, político, cultural e econômico da cidade. A hermenêutica seguida será a apresentada por Hans-Gerog Gadamer, com o viés da desconstrução que não destrói o passado, mas que critica o presente e a hegemonia de uma tradição e encontra como perspectiva o cruzamento de horizontes. Daquela que interroga e reinterpreta os sentidos e significados dos fatos e acontecimentos, reelaborando e construindo uma ação comunicativa, revelando “possibilidades ainda não percebidas, retornando a ‘experiências’ que possibilitaram um determinado passado ou pensamento” (Bastos; Porto, 2011, p. 321).

O livro – da ideia à execução

A ideia da escrita de um livro que tratasse sobre a presença negra na cidade de Joinville passa por três momentos, frutos da mesma inquietação: a ideia de um documentário sobre a trajetória da população negra na cidade, os cursos de formações políticas da Escola Afro Popular Leonor de Barros e a própria ideia da escrita do livro. Todas elas geradas pelo sentimento de falta de representação concreta que reunisse consideravelmente elementos que tratassem sobre a presença negra na cidade. As pesquisas realizadas eram encontradas de maneira avulsa, sem destaque e com certa dificuldade para acessá-las. Problemas enfrentados por acadêmicos e pesquisadores que gostariam de falar e pesquisar a respeito.

Diante dessa dificuldade de encontrar e reunir materiais, pensou-se em organizar e preparar um material audiovisual que abordasse o tema e que reunissem autores que já pesquisaram a respeito da temática na cidade e pudessem evidenciar um pouco mais a respeito, desmistificando algumas histórias e proporcionando materiais para futuras pesquisas. Devido à falta de recursos econômicos e pessoais, o projeto não pode ser concretizado.

Ao ter contato com as formações promovidas pela professora Jeruse Romão, na Escola Afro Popular Leonor de Barros, a militância joinvilense foi estimulada a escrever e pesquisar sobre a população negra, não ficando restrito essa tarefa apenas à militância negra da cidade, mas a todas e todos os participantes dos cursos ofertados pela escola. É desse impulsionamento que surgem novas pesquisas e projetos para pós-graduação com o olhar voltado para a negritude, como os clubes negros e a representação da população negra no jornalismo impresso (Guerreiro, 2022) e no telejornalismo regional, por exemplo.

Nesse mesmo fluxo de ideias, em meio a pandemia de Covid-19, em 2021, Orlando Gunlanda¹³ surgiu com a proposta da escrita de um livro que reunisse pesquisas sobre a presença negra em Joinville, tratando de diversas vertentes, podendo, inclusive, aproveitar pesquisas já realizadas. O objetivo também era concentrar e citar as pesquisas realizadas sobre a temática em um só lugar que pudesse orientar futuros pesquisadores a encontrar informações, dados e reflexões sobre a população negra na cidade, algo que funcionasse como uma coletânea e como um referencial bibliográfico. Além disso, a preparação de um material que rebatesse os argumentos de ter pouco ou nenhuma obra produzida a respeito da existência negra na cidade, motivo da invisibilidade ou até da fragilidade de afirmação dessa história.

A partir dos objetivos traçados foram realizados os convites iniciais, pensando em pesquisadores e intelectuais que tivessem produzido algo sobre as questões raciais na cidade. Devido à quantidade de pesquisadores e a possibilidade de inclusão de capítulos, pensando na viabilidade de custear as impressões dos materiais e não comprometer a execução do projeto, fechou-se o número de 12 autores¹⁴, com um capítulo escrito em parceria entre dois autores, fechando o livro com o total de 11 capítulos, falando sobre história, memória, territorialidade, moradia, educação, religião, jornalismo, dentre outros temas correlatos.

Como característica própria do Movimento Negro Maria Laura em atrelar a militância política, a cultura e a arte, antes de cada capítulo foram incluídos poemas escritos por quatro poetas¹⁵ vinculados a história do MNML. Para a elaboração de toda a identidade visual e a capa do livro, foi convidada a ilustradora, ceramista e designer Vitória Caroline Rocha de Oliveira.

Para a escrita do prefácio, como forma de homenagem por toda atuação na militância e intelectualidade negra em Santa Catarina e pelos anos de parceria e ensinamentos ao

¹³ Psicólogo social e pesquisador das questões raciais e a produção de memória social da população negra afrodiáspórica.

¹⁴ Azânia Mahin Nogueira, Caroline Manske, Charles Henrique Voos, Elias Laurindo André, Felipe Cardoso, Gerson Machado, Hernandez Eichenberger, Juliane Guerreiro, Orlando Afonso Camutue Gunlanda, Rhuan Carlos Fernandes, Vanessa da Rosa, Willian Luiz da Conceição.

¹⁵ Poeta Alpaídes, Tayá, MVHS e Acaze.

Movimento Negro Maria Laura, estendeu-se o convite à professora Jeruse Romão. Todas as tratativas jurídicas e financeiras em relação a publicação e contrato com a editora ficaram sob responsabilidade da advogada e militante Cássia Sant’Anna.

Com tudo alinhado, por meio do diálogo e da comunicação interna, foi-se encaminhando para a execução da tarefa de lançar o livro, o que gerou a demanda pela comunicação externa, para divulgar a produção do livro de maneira pública. As mídias sociais foram o carro chefe da divulgação e propagação do livro.

No dia 9 de março de 2022, na data do aniversário da cidade, reconhecido oficialmente, o Movimento Negro Marial Laura fez uma publicação na sua página no *Instagram* e no *Facebook* desejando parabéns para a “Joinville esquecida”. A publicação continha trechos do capítulo¹⁶ escrito por Willian Luiz da Conceição¹⁷ que mostrava algumas fotos de pessoas negras, com suspeitas de terem sido registradas no início do século XX, encontradas no Arquivo Histórico da cidade.

No dia 14 de março de 2022, o perfil do MNML nas mesmas redes, publicou parte da pesquisa¹⁸ da Carolina Manske¹⁹ que descobriu, também por meio do Arquivo Histórico, a existência de um jornal abolicionista em Joinville que veiculou períodos antes da abolição da escravidão na cidade. Ambas as publicações tiveram bom alcance e interação, principalmente no *Instagram*. Também serviram de anúncio pública sobre a escrita de um livro sobre a população negra na cidade, sendo bem recebida pelos seguidores.

Mais adiante, no mês de agosto de 2022, com o livro já produzido, o coletivo negro de Joinville lança em suas redes uma rifa para arrecadar verba para a edição e impressão dos livros. Ao todo, o MNML precisava arrecadar o valor de seis mil reais. Contando com o valor da rifa e com o dinheiro em caixa proveniente de uma pré-venda do livro para parceiros e amigos próximos do Movimento Negro Maria Laura realizada em um valor maior do que o comercializado publicamente, além dos outros produtos comercializados (camisetas e livros de outras autorias), conseguiram atingir o objetivo antes mesmo do prazo estipulado.

Toda essa movimentação possibilitou também a organização do evento de lançamento do livro e a relação com a imprensa, com o envio de *release* para alguns veículos,

¹⁶Ananse e as teias da história: branquitude, branqueamento e invisibilidade das populações de origem africana em Joinville/SC

¹⁷ Professor Substituto no Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ. Mestre em Antropologia Social pela UFSC. Historiador, graduado pela UDESC. Autor do livro *Branquitude: dilema racial brasileiro* (CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. **Branquitude: dilema racial brasileiro**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020. 92pp).

¹⁸ Folha Livre: um jornal abolicionista em Joinville/SC

¹⁹ Jornalista, graduada bacharel na Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC.

proporcionaram algumas entrevistas, inclusive na televisão, com tempo de duração com mais de oito minutos, discorrendo sobre a obra. A data do evento, 19 de novembro de 2022, um dia antes do dia da Consciência Negra, celebrada em todo o país, também contribuiu para o destaque do lançamento do livro.

O evento aconteceu na Sociedade Beneficente Kênia Clube, tradicional clube negro da cidade, e contou com a presença de artistas e expositores, apresentação dos capítulos dos autores e autoras e atração musical (Jay Lipe). Além de comunicadores, estudantes e leitores de maneira geral, compareceram ao evento militantes e diversas lideranças políticas.

Todo o evento foi registrado por meio de filmagens e fotografias, disponibilizadas posteriormente via mídias sociais. Os livros esgotaram e tiveram que fazer uma lista para impressão de nova tiragem. Atualmente, para adquirir o *Fragmentos Negros*, é necessário se deslocar até o Salvador Vegan Café²⁰, no Centro de Joinville, ou nos eventos promovidos ou apoiados pelo MNML.

Mas muito mais do que descrever um fato ocorrido, almeja-se compreender e interpretar o que a escrita desse livro representa, qual o sentido para a sociedade joinvilense a produção desse material, como ele dialoga e como pode alterar a dinâmica da cidade. Para isso, não basta apenas um relato memorial a respeito dos acontecimentos, mas sim uma interpretação, uma análise hermenêutica daquilo que não pode ser visto no relato, podendo, assim, evidenciar e destacar sentidos ocultos.

Dos sentidos e importância do livro para Joinville

Escrever sobre a população negra na cidade de Joinville adquire diversos significados e representações. Marcada pela invisibilidade e pelo apagamento histórico dessa população em detrimento da exaltação da cultura europeia, principalmente a germânica, a escrita se transforma, então, em um discurso de enfrentamento ao sentimento de superioridade racial presente na cidade por parte da população branca. É uma contra narrativa e mais uma maneira de resistência à exploração e violação dos direitos da população negra, sobretudo do direito de existirem e de se reconhecerem como protagonistas e pertencentes da cidade onde vivem.

É também uma forma de retirar o sentimento de inferioridade e do papel de subalternidade e subordinação a que esse segmento social foi condicionado, retirando do imaginário social da população negra a imagem negativa que construíram de si, influenciados

²⁰Café vegano localizado na região central da cidade: Rua Henrique Meyer, 61.

pela representação da branquitude (Bento, 2022). É escrever o que não está escrito, produzir novos sentidos, apontar novas perspectivas, melhorar a autoestima da população negra, demonstrar a capacidade intelectual e cognitiva de pessoas estigmatizadas. Externamente é mais um marcador da presença e resistência negra no estado de Santa Catarina, a demonstração de um estado composto também pela população negra e a desconstrução do mito de um estado tradicionalmente branco.

Essa contra narrativa combate o discurso hegemônico, o sentimento de domínio territorial e de supremacia da branquitude, fruto do violento e duradouro processo de branqueamento do Brasil. Violências físicas e psicológicas perpetuadas pela ideologia, reforçadas por simbologias em todos os segmentos da sociedade, de maneira implícita e explícita, marginalizando e estigmatizando a cultura negra.

A escrita de um livro falando sobre a população negra em uma cidade como Joinville representa, em termos epistemológicos, não só uma forma de comunicar, mas uma disputa narrativa, por meio de uma iniciativa coletiva e auto-organizada, como forma de enfrentamento do discurso hegemônico que, após anos de repetição em diversos espaços, tornou-se oficial e senso comum. Portanto, em termos simbólicos e práticos, a comunicação por meio de um livro com essa temática é um convite a repensar a trajetória negra e os dilemas raciais na cidade, apontando para uma perspectiva de construção de outra sociedade pautada no antirracismo e no anticolonialismo (Silva, 2019).

A luta negra joinvilense, além do campo político, econômico e cultural, atravessa agora a educação e a ciência, por meio da academia, como forma de combater o epistemicídio, o genocídio praticado ao conhecimento negro (Carneiro, 2005), além de evidenciar que esse conhecimento foi substituído e condicionado a visão eurocêntrica, fazendo com que a população negra continuasse sendo dominada por seus algozes, seus opressores. “O pensamento de inferioridade é injetado no Negro em quase todas as classes que ele entra e em quase todos os livros que ele estuda” (Woodson, 2018, p. 25). Esse pensamento é alimentado pela ausência de referências, pelo não-lugar, pelo apagamento e silenciamento, pela invisibilidade e falta de representação.

A reorganização e a ressignificação dos processos históricos de Joinville permitem que os pesquisadores(as) e acadêmicos(as) encontrem lacunas e, a partir disso, questionem e encontrem elementos que contraponham o discurso hegemônico e historiográfico. Exemplo disso são os dois capítulos citados anteriormente do Willian Luiz da Conceição e da Carolina Manske. As duas pesquisas apresentam provas cabais da presença negra na cidade durante o século XIX e XX e permitem questionamentos que colocam contra a parede a história única e

dominada por um só povo: como a cidade europeia tem em seu arquivo fotos de pessoas negras em diferentes locais? Se existiam apenas pessoas de origem europeia em Joinville, qual o motivo da existência de um jornal abolicionista?

Movimentos esses diferentes de antigos historiadores e pesquisadores brancos²¹ que dedicaram poucas linhas de seus estudos para falar sobre essa presença como forma de silenciamento ou diminuição de valor desses personagens para a narrativa construída. Da mesma forma que durante décadas permaneceu oculta a informação da presença de pessoas escravizadas enterradas no Cemitério do Imigrante, localizado no Centro de Joinville, sendo revelada e destacada apenas em 2009, com a construção de uma placa em homenagem a essas pessoas, que tiveram seus nomes lembrados na introdução do livro *Fragmentos Negros*.

Ou seja, o livro também permite comunicar as pessoas que não tenham acesso ao local fisicamente o conhecimento dessa história escamoteada. A circulação do livro irá ajudar a propagar ainda mais essa informação e contribuir com a preservação da memória joinvilense de maneira democrática. Preenche vácuos históricos, lacunas deixadas ou propositalmente silenciadas, narrativas que são agora minimamente costuradas, com histórias e análises revisadas e recontadas.

Além disso, ao trazer novas perspectivas e reinterpretações historiográficas, o livro estimula a construção do pensamento crítico por meio de análises que correspondam à realidade, fugindo da romantização e do positivismo. Como é o caso do capítulo *Racismo estrutural e moradia em Joinville* (Cardoso; Eichenberger, 2022) que reinterpreta a constituição da cidade e desmonta o imaginário da bondade dos príncipes “donos” da terra que hoje é Joinville em ceder parte desse território para Sociedade Colonizadora de Hamburgo.

A escrita do livro é também uma maneira de desnaturalização das diferenças existentes entre negros e brancos, uma vez que ao naturalizá-las permite-se que se tornem fixas e permanentes, impossibilitadas de alterações em seu discurso e ideologia, impedindo-as de possíveis movimentações ou ressignificações. A escrita do *Fragmentos Negros* assinala e assegura essas diferenças como fatores históricos e culturais, ou seja, possíveis de serem modificadas (Hall, 2016).

E não é somente focado no passado que se concentra a escrita do livro, mas o seu potencial encontra-se justamente na capacidade de fazer um paralelo com o presente que possibilita maior entendimento sobre a situação da população negra em Joinville, destacando a

²¹ Apolinário Ternes, Carlos Ficker, Elly Herkenhoff.

relação causa e consequência, que permite ao leitor relacionar as escolhas do passado como fatores determinantes para a realidade atual que se apresenta.

Importante ressaltar que esse movimento de escrita como forma de comunicação contra narrativa, de reinterpretação e resistência é utilizada há tempos pela população negra, seja na literatura ou na academia. Nomes como Luiz Gama, Guerreiro Ramos, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Beatriz do Nascimento, Clóvis Moura e Abdias Nascimento são exemplos de gerações que deixaram registradas suas ideias e perspectivas negras de acordo com os seus conhecimentos e vivências da época.

Atualmente, destacam-se nomes femininos como Conceição Evaristo e Cidinha da Silva. Em Santa Catarina temos nesse expoente Antonieta de Barros, Cruz e Sousa, Ildelfonso Juvenal, Jeruse Romão e Fábio Garcia como exemplos e inspiração para tantos outros escritores e escritoras.

A ideia dos convites para autoras e autores do livro foi uma forma de reconhecimento pela dedicação em tratar sobre essa temática antes mesmo do surgimento da ideia da reunião para a elaboração da obra e pelo envolvimento com o Movimento Negro Maria Laura e suas ações. O livro foi composto por pesquisas já realizadas anteriormente e transformadas em capítulos e por estudos inéditos. Levou-se em consideração desde o início da ideia a paridade de gênero e a presença feminina na elaboração do livro.

Também houve a preocupação em destacar os artistas locais, poetas, para dar ainda mais visibilidade aos seus projetos e trabalhos. Todo esse envolvimento e construção em unidade representam a essência do MNML e o compromisso com os seus objetivos traçados em 2015, como o diálogo e a fomentação da cultura negra.

Por mais que não seja um livro escrito apenas por autores(as) negros(as), mas organizado por um coletivo negro e tendo a maioria dos autores(as) e artistas negros(as), demonstra a mudança na perspectiva de tratar o negro apenas como um objeto, passando a valorizar e destacar a figura dos negros como pesquisadores, produtores do conhecimento, para além de militantes políticos e sociais. E não é uma obra exclusivamente negra, pois há o entendimento de que o racismo e combate a ele não é exclusividade e responsabilidade apenas da população negra, é preciso chamar os brancos para a centralidade da discussão e para a promoção de ações e medidas antirracistas e anticolonialistas.

O próprio nome do livro e toda a sua identidade visual representam a criticidade e a ideia de resistência, de ressignificação e, principalmente, de contra narrativa. O nome *Fragmentos Negros* demonstra a dificuldade de encontrar algo concreto e unificado sobre a população negra em Joinville. Expõe o descaso com a história, a disputa de poder, o

silenciamento. Ao mesmo tempo em que demonstra o esforço em juntar algumas dessas perspectivas como forma de consertar ou minimamente ajustar, formular algo que produza sentido e que permaneça útil a quem quiser e desejar utilizá-lo.

A capa com o título escrito em recortes de revistas e de jornais, representa bem a ideia do nome do livro e os caminhos trilhados para reescrever e reinterpretar a história de Joinville. A busca por documentos, relatos, jornais, registros de nascimento e óbitos, compra e venda, dentre outros fragmentos que possam servir de elementos ou se transformar em histórias.

Acompanhado de um rosto de uma mulher negra, também fragmentado, sobressaindo pelos recortes de jornais, com diversos olhares, de diferentes ângulos, que encaram seriamente quem observa o livro. Lábios que não esboçam sorriso. Parte de cabelo crespo, parte de cabelo trançado. Os olhares parecem perseguir, querendo se comunicar, parecem apontar. Talvez apontar as perspectivas sobre a população negra em Joinville, presente no subtítulo do livro.

Também é preciso destacar o evento de lançamento, um dia antes de uma data simbólica para a população negra brasileira, 20 de novembro, dia da Consciência Negra, realizada em um local que é referência de resistência e luta negra joinvilense, o Kênia Clube, clube negro fundado em 1960, para ser um espaço de celebração e confraternização da população negra da cidade, uma vez que eram proibidas de acessarem outros espaços (Osório, 1996).

Mas a data teve também um outro significado de celebração para a população negra em 2022, pois foi após o período eleitoral em que decretou a derrota do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e sua política econômica e diversas declarações racistas. O fator pós-eleição nacional, em um contexto de polarização e disputa acirrada à presidência, deu ao evento um tom de conquista ainda maior.

A cidade de Joinville foi responsável por dar ao ex-presidente números expressivos de votos nas duas eleições em que concorreu à presidência²². Esse elemento demonstra o contexto da cidade em que o Movimento Negro Maria Laura está inserido e ressalta, ainda mais, a importância, a simbologia e os sentidos da produção de um livro que aborde a temática racial na cidade.

Comunicação é poder, ciência também. Ao serem apropriadas por grupos estigmatizados e utilizados como estratégia para a busca de emancipação são capazes de promover movimentações nas estruturas sociais construídas e cristalizadas. A invisibilidade e o silenciamento de tais grupos ajudam a manter o *status quo*, a manutenção do poder dos grupos

²² Joinville repete liderança em ranking da votação de Bolsonaro, entre as maiores cidades.

dominantes e historicamente privilegiados. Tal apagamento gera consequências econômicas, políticas e culturais, pois o que não é visto não é considerado, é descartado. Portanto, observando as relações raciais no Brasil, é possível observar as populações racializadas, principalmente negra e indígena, ficando à margem, figurando os piores índices de vulnerabilidade social.

Ao se apropriarem da escrita, como forma de registro histórico, desenvolvimento intelectual e estratégia comunicacional, tais grupos demarcam a diferença, expõem as desigualdades e os estigmas aos quais foram submetidos. Além disso, desafiam e adentram na disputa narrativa, apresentando elementos que, geralmente, ainda não foram considerados ou popularizados, permitindo que mais pessoas tenham acesso a esses discursos.

Pode-se verificar essa movimentação da escrita com mais intensidade por parte dos grupos minorizados, no Brasil, nos últimos anos, o que alçou obras a patamares jamais vivenciados pela negritude brasileira, exigindo um esforço de revisão de nossas obras literárias e acadêmicas. Não somente com premiações, mas ocupando o mercado editorial brasileiro e, algumas delas, figurando entre os duzentos livros importantes para entender o Brasil²³. Entretanto, essas informações servem de alerta para pensar quem está ficando com o lucro de toda essa promoção da escrita negra.

É preciso que se crie e valorize editoras pertencentes a pessoas negras que sempre estiveram na luta pela preservação dessas memórias, legados e contribuições intelectuais. É importante que se tenha destaque e se aponte novas perspectivas, mas em seu sentido amplo, não apenas como estratégia e interesse do mercado. Já era de conhecimento de muitas editoras diversos desses materiais, por que o interesse somente agora?

Tal reflexão se faz importante ao pensar a luta por autonomia e emancipação da população negra, pois de nada vale continuar produzindo conhecimentos para serem acumulados como riqueza para a parcela branca e abastada do mercado editorial brasileiro. É preciso lutar também pela democratização desses espaços. Esse pensamento tem que ser considerado sempre como parte integrante da estratégia comunicativa para reorganização e unidade da população negra, pois esse processo passa pela fuga das armadilhas de interesseiros e oportunistas que visam apenas o lucro.

Analisando o livro *Fragmentos Negros*, é possível verificar a utilização da escrita do livro como estratégia comunicacional do Movimento Negro Maria Laura em combater o discurso hegemônico e excludente da cidade de Joinville em que trabalha para fixar a imagem

²³ Conheça 200 importantes livros para entender o Brasil.

de cidade europeia, por meio do governo, das leis e da classe dominante local ou pelos seus aparelhos e instrumentos de controle social e cultural: o sistema educativo e a comunicação (imprensa, publicidade e propaganda, rádio, televisão).

A escrita de um livro em Joinville, considerando todos os seus contextos e problemáticas, permite que a população negra reafirme e reivindique sua existência e protagonismo por meio de um documento sólido que demonstra e preenche as lacunas históricas por anos silenciadas e escamoteadas. Podendo, assim, exigir reconhecimento, dignidade e respeito em todos os segmentos da sociedade.

Toda essa movimentação, cumpre para além dos objetivos do próprio Movimento Negro Maria Laura, mas também para os encaminhamentos da intelectualidade negra que antecederam a geração atual e apontaram para a necessidade dessa escrita. Diretamente, pela figura da professora, militante e intelectual catarinense Jeruse Romão. Indiretamente, por meio da leitura, os ensinamentos de Abdias Nascimento (2019, p. 290-291):

Um futuro de melhor qualidade para a população afro-brasileira só poderá ocorrer pelo esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, tanto da população negra como das suas inteligências e capacidades escolarizadas, para a enorme batalha no fronte da criação teórico científica. Há de se consolidar uma teoria científica inextrincavelmente fundida à nossa prática histórica que efetivamente contribua à salvação da comunidade negra a qual vem sendo inexoravelmente exterminada seja pela matança direta da fome, seja pela miscigenação compulsória, seja pela assimilação do negro aos padrões e ideais ilusórios do lucro ocidental. Não permitamos a derrocada desse mundo racista, individualista e inimigo da felicidade humana afete a existência futura daqueles que efetiva e plenamente nunca a ele pertenceram: nós, negros-africanos e afro-brasileiros.

Ao analisar o livro *Fragmentos Negros*, percebe-se que o Movimento Negro Maria Laura parece estar seguindo essa diretriz. Porém, não é só no campo epistêmico e científico que a população negra precisa contrapor o que é apresentado. Os meios de comunicação também produzem e reproduzem discursos, muitos deles amparados pela epistemologia e cientificidade brancocêntrica, que culminam na marginalização, estigmatização, apagamento e inferiorização da população negra e indígena por meio da representação e da simbologia.

3. TELEVISÃO E RACISMO NO BRASIL

Este capítulo analisa de maneira geral a relação entre a televisão e a questão racial no Brasil, como a população negra é representada, por meio de algumas pesquisas e debates já realizados a respeito. Posteriormente, o debate se concentra, resumidamente, na cidade de Joinville, ampliando a reflexão para o jornalismo de maneira geral e as tensões causadas ao relacionar-se com as questões de raça.

A televisão desempenha um papel relevante na sociedade brasileira, principalmente nas construções das narrativas sociais e culturais, impactando diretamente na percepção do público sobre diversos assuntos. Os estudiosos da televisão, discutem, desde sua vinda para o Brasil, suas estruturas, abordagens, dinâmicas e mudanças, sejam técnicas ou teóricas.

Às vezes tenho a sensação de que, se tirássemos a TV de dentro do Brasil, o Brasil desapareceria. A televisão se tornou, a partir da década de 1960, o suporte do discurso, ou dos discursos que identificam o Brasil para o Brasil. Ele une e iguala, no plano do imaginário, um país cuja realidade é construída de contrastes, conflitos e contradições violentas (Martins, 2000, p. 105)

Porém, dificilmente são abordados com profundidade, nesses estudos, a questão da desigualdade racial sempre presente na televisão brasileira. Desde o trabalho sobre telejornalismo de Rezende (2000) até formulações críticas à televisão, como Wolton (1996) e Martins (2000), são tímidos os apontamentos sobre o racismo presente desde a constituição da televisão brasileira.

Para tratar da televisão no Brasil, é preciso olhar com uma perspectiva de disputa de poder. Desigual, sim. Mas não impossível de ser travada. E que acontece há tempos. Exemplo disso são as manifestações passadas e recentes de coletivos e ativistas negros por maior representação nos espaços de mídia e demais instituições. “O que não é visível não existe. O que não tem visibilidade não adquire cidadania” (Martins, 2000, p. 107). A população negra, invisível aos olhos do poder público e da mídia, luta para adquirir sua cidadania.

Não se trata aqui de querer demonizar a televisão, mas demonstrar como este aparelho pode servir aos interesses de grandes conglomerados econômicos e membros da política institucional e como pode influenciar na geração de significados e estabelecimentos de senso comum da sociedade. E tratando especificamente do telejornalismo, parte-se do entendimento de que é uma construção social com funções fundamentais, em conformidade com Gomes, I. M. M., (2011), que discorre sobre o fato de que o telejornalismo se estrutura a partir das possibilidades tecnológicas de acordo com as condições históricas, culturais, econômicas e

sociais. Logo, o jornalismo visto pela autora, não é cristalizado, mas sim de caráter histórico e cultural.

Entende-se a partir desse ponto que o jornalismo não é apenas uma forma de transmissão de informação, mas uma parte da cultura de uma sociedade, algo ligado às tradições, valores e hábitos culturais de determinados lugares. A notícia é discurso, uma maneira de comunicar algo. O meio em que ela é apresentada determina como ela é percebida, interpretada. Portanto, é fundamental compreender que uma notícia apresentada na televisão é diferente de como ela aparece em outros meios, como o rádio ou imprensa escrita, por exemplo, moldando como recebemos tais informações (Gomes, I. M. M., 2011).

Ao citar Paul H. Weaver, Gomes, I. M. M., (2011), aponta as diferenças e semelhanças entre as notícias impressas, como as de um jornal impresso, com as notícias da televisão. Uma vez que ambos são formas de jornalismo, são apontadas as características comuns, como temas, fórmulas e símbolos, mas também se evidencia suas diferenças, principalmente em seu processo de estruturação, apresentação da informação e recepção do público. As notícias televisivas seguem uma sequência temporal como, por exemplo, notícias ao vivo, enquanto as notícias escritas organizam a informação de forma espacial, com sua disposição em páginas.

Sendo assim, em termos estruturais, a notícia televisiva se torna mais flexível em sua apresentação, pois permite aos jornalistas explorarem diferentes narrativas, combinando som e imagem, em contraposição ao jornalismo escrito, que é somente visual. No sentido do estilo narrativo, na televisão, repórter ou apresentador tem uma presença mais pessoal – consegue-se escutar a voz, ver suas posturas e expressões, criando uma conexão próxima com o espectador. Já nos jornais escritos, o narrador é impessoal, sem presença física, apenas relatando os fatos.

Trazendo Klaus Bruhn-Jensen, Gomes, I. M. M., (2011) destaca o conceito de gênero na comunicação, afirmando que as características próprias de cada gênero influenciam na percepção e no uso social das notícias. Gênero na comunicação consiste, então, em uma forma cultural de apresentar a realidade de maneira particular, envolvendo formas específicas de percepção e uso social, com três aspectos principais: posição do autor, tema e modo de composição formal. Teoricamente, a posição do autor define a postura que o jornalista deve se relacionar com sua matéria, sendo visto como um observador neutro, atuando de maneira objetiva, focado no tema (a notícia que está cobrindo) para compor formalmente, ou seja, estruturar a notícia como, por exemplo, para uma matéria televisiva, organizar em partes como “cabeça”, “passagem”, dentre outros processos para serem organizados, aglutinados e apresentados na totalidade aos telespectadores.

Destaca-se ainda que a forma como as notícias são apresentadas e recebidas são moldadas a partir da história e do contexto social em que são produzidas. Também se evidencia que as imagens no telejornalismo representam uma importância significativa, impactando diretamente na credibilidade. Para as notícias de televisão, as imagens são pensadas para prender a atenção do público, podendo ocasionar diferentes interpretações. Na mesma direção de Bruhn-Jensen, Weaver destaca que a televisão dá muita importância ao espetáculo, nessa mesma perspectiva de chamar a atenção, o que pode acabar ofuscando algumas informações mais relevantes.

Ainda assim, Bruhn-Jensen menciona que as imagens ajudam a reforçar a ideia de que as notícias são objetivas e imparciais, sendo apresentadas como de fato ocorreram e sem favorecer nenhum lado. Essa composição de narrativa visual com a narrativa falada cria experiências diversificadas para os receptores. Isso significa que, apesar dos seus objetivos organizacionais e financeiros, as notícias apresentadas podem ser compreendidas de diferentes maneiras pelos espectadores. Especificamente neste trabalho, procura-se investigar a recepção da população negra diante a representação deste segmento em um telejornal regional de Joinville. Para isso, é preciso compreender também como este grupo social racializado é visto e interpretado na sociedade brasileira e como esse fator se relaciona com a produção da comunicação em nosso país.

A dinâmica da significação para a geração de sentidos (que está vinculada à linguagem) passa pela elaboração de signos que são constituídos de significante (forma) e significado (ideia/conceito). Ambos dependem dos símbolos para serem representados.

O corpo simbólico corresponde a uma forma significante, isto é, a algo que, como parte, representa, numa relação simbólica, aquilo que escapa à representação. Na dimensão simbólica será, portanto, um pedaço, um aspecto do corpo, devidamente simbolizado, isto é, investido de significação, que emerge como marca de uma totalização impossível (Nogueira, 2021, p. 97)

O significante é a forma. A forma representa aquilo que se quer dizer ou demonstrar para gerar sentido para o outro que escuta ou que recebe a mensagem. Já o significado é a ideia/conceito que explica ou descreve (ou tenta descrever) aquilo que está representado por meio do significante. Ou seja, um complementa o outro e os dois elementos juntos (significante e significado) formam o signo.

É nessa perspectiva sobre a construção do signo que se faz necessário pensar criticamente sobre a representação negra na televisão brasileira, pois ser negro é constituir um signo, que tem significante e significados e que geram sentidos para a sociedade.

Historicamente, o negro sempre foi tratado como coisa, objeto, mercadoria, portanto, o significado do negro, que compõe o seu signo, sempre esteve atrelado à maldade e à inferioridade. Impedido de ter acesso aos espaços de poder foi, automaticamente, impedido de se representar.

O negro sempre foi representado por outros olhares, em sua quase totalidade, por olhares brancos. “Mas, na realidade, a emergência de tal tipo de representação de classe era impossível, dado o fato de que faltava aquilo que é sua premissa básica: o estatuto de indivíduo, persona, o que para o negro escravizado, estava excluído” (Nogueira, 2021, p. 57)

Como consequência, pouco a pouco o negro foi desenvolvendo a negação à sua raça, a sua cultura e a seus iguais, uma vez que esses elementos o faziam sempre lembrar a sua própria condição enquanto negro. Desde a colonização e a escravidão o negro teve a sua vida suprimida e rebaixada em detrimento da vida e cultura da população branca. Esse foi o processo de construção da identidade da população negra.

A identidade está intimamente ligada à diferença, são interdependentes, porém a identidade parece sempre estar carregada de positividade por tratar da subjetividade do que cada pessoa é, do que afirma ser, parecendo, inclusive, algo independente e autônomo. Já a diferença refere-se ao outro, o que o outro é e o que representa. Só que para dizer o que se é, para afirmar uma identidade, precisa-se fazer sempre uma série de negações.

Se sou brasileiro, é porque não sou argentino, alemão ou francês. Isso demonstra que o mundo não é homogêneo e igual. O que reforça que a identidade e a diferença são inseparáveis. Além disso, evidenciam que a identidade e a diferença resultam de atos de criação linguística, que não são naturais, muito menos essencialistas, mas são ativamente produzidas, ou seja, “são criações sociais e culturais” (Silva, 2014, p. 76).

Isso também quer dizer que não existem identidades fixas ou imutáveis, mas justamente o contrário. Por serem criações linguísticas, sociais e culturais, elas são marcadas pela indeterminação e pela instabilidade, porque dependem, para fazer sentido, de uma cadeia de significações, pois são “o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva” (Silva, 2014, p.81). Ou seja, sendo fruto de uma construção social e cultural, simbólica e discursiva, estão sujeitas a relações de poder. Não existe harmonia nesse convívio. Há imposições, disputas e hierarquias.

São muitas as marcas da presença do poder: “incluir/excluir (‘estes pertencem, aqueles não’); demarcar fronteiras (‘nós’ e ‘eles’); classificar (‘bons e maus’; ‘puros e impuros’; ‘desenvolvidos e primitivos’; ‘racionais e irracionais’); normalizar (‘nós somos normais; eles são anormais’)” (Silva, 2014, p. 81-82).

Observando apenas a população negra, é possível verificar essa dinâmica das relações de poder em todos os setores da sociedade. O segmento social negro é excluído de todos os processos de reconhecimento e de direitos institucionais, ficando sempre do lado de fora das fronteiras construídas, inclusive no campo simbólico. Justamente esse campo que interfere na sua classificação enquanto sujeito, sendo costumeiramente demonizado e tendo sua imagem atrelada a coisas ruins.

O negro é sempre visto e representado como inferior, preguiçoso, perigoso, feio, incivilizado, primitivo, selvagem, agressivo, inculto, incapaz, dentre tantas outras características negativas e pejorativas que o alijam e excluem da sociedade (Nogueira, 2021). E a televisão tem total influência na perpetuação e reprodução da imagem negativa do negro.

Em contrapartida, o branco constrói a sua identidade sendo justamente o oposto daquilo que o negro representa. Daí então, a justificativa para ocupar os lugares de poder, os mais altos cargos, responsáveis por decidir os rumos da sociedade, o futuro e as condições materiais e imateriais das pessoas. O branco está sempre postulado a ocupar o seu lugar de salvador, o único capaz de ser responsável por trazer inteligência, civilidade e beleza ao mundo.

É essa ideia que tentam, a todo momento, fixar e naturalizar: tudo o que é ou vem do negro é ruim, não presta e não serve para a sociedade. O padrão a ser seguido é branco. Quanto mais branco, melhor. E é nessa tentativa de fixação, nessas repetições exageradas por meio de discursos, brincadeiras e produtos midiáticos, que as pessoas vão, aos poucos, assimilando e tomando como verdade a imagem negativa do negro. Logo, passarão a reproduzir as mesmas ideias, contaminando outras mentes a pensarem o mesmo. Inclusive mentes negras. “Como resposta, o negro desenvolve uma identificação fantasmática com a classe dominante, cujo emblema é o ideal imaginário da brancura” (Nogueira, 2021, p.58).

É o ponto máximo da dominação. A partir do momento em que o próprio negro passa a se desvalorizar e a reproduzir o ideário racista, sua perspectiva de conquista e de sucesso passa a ser o branco. O seu objetivo passa a ser se tornar branco. O negro passa a perseguir, incansavelmente, a brancura (Nogueira, 2021, p. 58).

Se todo o exemplo de sucesso é branco e o de fracasso é negro, com quem o negro vai querer se identificar? Se toda a beleza feminina está representada na delicadeza e finesse da mulher branca, com quem o homem negro irá querer se relacionar? Da mesma forma, incutido desde a infância, o príncipe encantado das mulheres negras sempre foi branco, de olhos claros, nariz fino e cabelos lisos. Até o cavalo que o conduzia era branco. Nesse processo, a brancura deixa de perseguir a população negra para ser perseguida por ela desde a fase infantil.

Ao observar a grade de programações da televisão “aberta” brasileira e imaginar uma criança que passa o dia em frente ao aparelho televisivo, percebe-se um contato constante, quase ininterrupto, com apresentadores e apresentadoras brancas. Desde o telejornalismo matinal, aos filmes vespertinos, as novelas e filmes noturnos, a brancura preenche os olhos e a cabeça das crianças e jovens negros, de domingo a domingo.

A partir dos anos 80, podemos afirmar que houve uma lenta mas progressiva ascensão do negro na dramaturgia da teleficção. Mesmo assim, identificamos que em um terço das telenovelas produzidas pela Rede Globo até o final dos anos 90 não havia nenhum personagem afrodescendente. Apenas em outro terço o número de atores negros contratados conseguiu ultrapassar levemente a marca de 10% do total do elenco. Considerando que somos um país que tem uma população de cerca de 50% de afrodescendentes, essa é uma demonstração contundente de que a telenovela nunca respeitou as definições étnico-raciais que os brasileiros fazem de si mesmos (Araújo, 2008, p. 980-981).

E aqui fala-se e restringe-se apenas ao campo da ciência da comunicação, imaginam-se as consequências psicológicas geradas nas mentes de milhares de pessoas negras atingidas por essa programação, da infância até os últimos dias de vida. O desejo e a busca pela brancura passam de geração em geração nas famílias negras.

Ainda se tratando de Brasil, basta lembrar das três cavaleiras loiras do apocalipse da autoestima negra, que comandaram, por décadas, o entretenimento infantil das principais emissoras de TV do país. A com mais destaque e dinheiro, que tinha como auxiliares jovens loiras, conhecidas como paquitas, culpa, atualmente, a sua produtora por não terem meninas não-loiras/brancas em seu elenco. A inocência branca faz parte do pacote da branquitude brasileira de maneira descarada.

Dessa forma, milhares de crianças, principalmente meninas negras, vão assimilar a brancura como padrão de beleza, bondade e vão se desvalorizando: sua cor, seus traços, seu cabelo, nada serve, nada presta. Como consequência, observando sociologicamente, a depressão, a timidez, a vergonha, o isolamento, a evasão escolar e tantos outros traumas e consequências vão aparecendo. Esse contato direto e constante com a repetição da representação negativa negra por meio da TV continua a ser uma estratégia de dominação, a perversidade mais atualizada do colonialismo. Relações de poder.

O conjunto das representações que constituem a cultura está condicionada a uma lógica que determina que viver em sociedade é estar “sob dominação dessa lógica”: os indivíduos se comportam segundo essa lógica, muitas vezes sem ter consciência disso. Daí resulta que a vida coletiva, assim como a vida psíquica dos indivíduos, se faz da representação, ou seja, de figurações mentais (Nogueira, 2021, p. 61).

Desse processo, em que o negro é capturado pela cultura e pelo universo branco, que introjeta e assume como padrão de vida e de sucesso, produzem-se configurações psíquicas particulares. O negro recusa a própria imagem para perseguir a imagem ideal da brancura, ficando refém permanente da inferioridade “de que seu corpo é, socialmente, a marca” (Nogueira, 2021, p. 67).

Em contrapartida, toda essa movimentação contribui para o fortalecimento da ideologia supremacista branca, que coloca o branco no topo da hierarquia racial, justificando sua posição de dominante por ser detentor de todas as características positivas. E isso não se restringe apenas na maneira de pensar ou de agir individualmente, mas se estende e se ramifica por todas as instituições que servem de estrutura para a sustentação do domínio branco.

É a partir dessa perspectiva branca que são criadas as normas, as regras e as leis. Essa ideologia é a que comanda a história moderna e que garante a institucionalização sistemática da branquitude na sociedade até os dias atuais. Não é pela finalização de regimes como a escravidão e o *apartheid* que essa ideologia deixou de agir e movimentar a dinâmica social, cultural, política e econômica. Muito pelo contrário, o abuso de poder, a marginalização, as torturas e os assassinatos continuam ocorrendo diariamente contra corpos não brancos. A violência sistemática contra corpos não brancos persiste e prossegue. A supremacia branca continua dominando e operando para a manutenção de seus privilégios e, principalmente, para assegurar seu poder. Além de privilégios e poder, a supremacia branca garante proteção.

Essa proteção, além de física, é também simbólica, pois consegue manter pessoas brancas pobres alienadas sobre a desigualdade racial, inconscientes sobre as diferenças alarmantes entre brancos e não brancos em condições precárias. Quando lideranças políticas de direita ou extrema-direita, representando o grande capital, evocam o discurso que diz que não enxergam cor ou raça nas pessoas, recorrendo ao mito da democracia racial e a convivência harmoniosa das raças no Brasil, planejam ganhar novos adeptos e defensores da ideologia supremacista branca, que irão protegê-los e blindá-los.

Ao reproduzirem o mesmo discurso, os brancos pobres impedem a união e organização da própria classe trabalhadora, excluindo a população negra e indígena do debate e desconsiderando suas demandas. Esse daltonismo racial, que consiste no discurso de não ver cor ou raça nas pessoas, é uma das formas de proteção simbólica da supremacia branca. A isenção da população branca pobre contribui para a perpetuação do domínio sistemático contra a população não-branca que, brevemente, também afetará, direta ou indiretamente, a população branca pobre. Essa perversidade perfeita que o racismo opera sustenta não só as estruturas do país, mas do mundo.

Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele (Bento, 2022, p. 18).

Essa autoproteção dos brancos, de todas as classes sociais, jogam o negro e o indígena para a marginalidade e exigem dessa parcela da sociedade a auto-organização para o enfrentamento da ideologia supremacista branca que se apresenta fisicamente por meio de políticas públicas e financeiras que protegem os mais ricos e que negligenciam as demandas dos mais pobres (leia-se negros e indígenas). Ainda investem militar e violentamente contra esses grupos para mantê-los acuados e distantes, impossibilitados de acessar todos os capitais (econômicos, educacionais, culturais, humanos) que permitam qualquer tipo de ascensão social e acesso às estruturas de poder.

Tudo isso, sempre acompanhado sob o olhar estigmatizante dos grandes veículos midiáticos, que dizem o que querem, a hora que querem, de acordo com aquilo que os beneficiam e garantem retorno lucrativo aos seus patrocinadores. São esses grandes veículos midiáticos com suas produções milionárias, ficcionais ou não, que representam a população negra e indígena da maneira mais estereotipada possível, gerando o senso comum na população de que negros e indígenas são sinônimos de selvageria, criminalidade e do atraso do país.

Esses mesmos veículos de comunicação destacam os escândalos diários de corrupção, os crimes do colarinho branco, praticados, em sua imensa maioria, por homens brancos, e que tem sempre como resultado a impunidade, pois o perfil desses criminosos “é semelhante ao perfil dos juízes que vão julgá-los” (Bento, 2022, p. 47)

Ainda assim, são os negros e negras que representam os criminosos nas telenovelas e filmes brasileiros exportados a rodo para o estrangeiro. São corpos negros que são invadidos, mostrados e humilhados diariamente em telejornais sensacionalistas do meio-dia e ao final da tarde, em programas regionais e nacionais. O mesmo não ocorre com os criminosos do colarinho branco, não são constrangidos ou questionados de seus crimes, não são expostos de maneira vexatória ou entrevistados e abordados com extrema arrogância por repórteres que se sentem juízes.

Até mesmo criminosos brancos que não sejam da nata política ou empresarial recebem tratamento diferenciado na imprensa brasileira. A traficante branca recebe o adjetivo de “gatinha”, tem suas características físicas valorizadas pelos programas de TV²⁴. Os criminosos

²⁴ Band Jornalismo – “Gatinha da Cracolândia”: influencer presa era chefe do tráfico.

brancos de classe média são tratados como “jovens”, muitos ainda têm a identidade preservada e são tratados como suspeitos. Dificilmente são chamados categoricamente de “assassinos”, “traficantes”, “bandidos”.

Quando tem algum parentesco com pessoas influentes, são adjetivados como “filho de desembargadora²⁵” ou “filho de fulano”, representando o poder e o peso do nome herdado ou do cargo que o familiar ocupa, demonstrando que serão protegidos. Quando se envolvem em acidentes, embriagados, têm seus bens materiais destacados, como o “condutor” ou “motorista de Porsche²⁶”, mostrando que o valor e status da marca, já construída no imaginário social, garantem sua proteção para não ser preso.

O mesmo cuidado não é dado aos negros e negras, principalmente, os moradores das periferias e favelas. São sempre taxativos ao afirmar que bandidos ou criminosos estão presentes nesses locais, incutindo na cabeça das pessoas, formando seus imaginários, que essas regiões são áreas perigosas e violentas, territórios que precisam de muita cautela e intervenção.

Essa narrativa, repetida constantemente, conduz o público receptor a naturalização de todo o processo e das justificativas das invasões, abusos, chacinas e matanças constantes nesses locais. “Rezando não tava”. “Bandido bom é bandido morto”. “Mas lá só tem disso”. Essas máximas só valem para um tipo de cor e endereço que, obviamente, estão distantes da abundância econômica branca.

Da invisibilidade, apagamento, representação estereotipada, até a violência brutal contra corpos negros evidencia a criminalização da negritude na mídia. A injustiça racial cometida nos setores sociais desde a formação imigrante europeia no país se perpetua e se reproduz, atualmente, pelos meios de comunicação comandados pelos herdeiros e herdeiras dos senhores e senhoras de escravizados. São esses que herdam não só os espaços da mídia, como também os latifúndios, os imóveis e, automaticamente, o status e o poder. Eles que criam as narrativas, que se reafirmam como poderosos, reforçam suas alianças e seus pactos narcísicos, protegem e asseguram a ideologia supremacista branca. São eles que dominam a construção do imaginário social brasileiro.

Segundo Bucci (2021, p. 310), “a Superindústria do Imaginário é, em síntese, o nome que damos ao monopólio do capital sobre o Imaginário”. Ele destaca, no início da formulação de seu pensamento, que “o capital deixou de lado os objetos físicos e virou um narrador, um contador de histórias e se fez um produtor de significações” (Bucci, 2021, p. 22) em que afirma

²⁵ G1 – Foragido, filho de desembargadora aposentada por ordem do CNJ é preso.

²⁶ G1 – Condutor de Porsche que bateu em carro e matou motorista de aplicativo havia recuperado a CNH suspensa 12 dias antes do acidente.

que o capitalismo aprendeu a explorar o olhar, percebendo que não se tratava simplesmente do ato de receber, de ser receptor de mensagens ou imagens prontas, “mas uma força constitutiva de sentido social” (Bucci, 2021, p. 22), que fixa sentidos muito mais do que simplesmente ver.

A sociedade só “aprende” o significado de uma imagem ou de um signo à medida que olha para essa imagem ou para esse signo e, assim, constitui o seu sentido. Conforme se familiariza com uma determinada visualidade, com aquela presença significativa na paisagem visível, o olhar social vai costurando sentidos. Olhar para uma imagem é – rigorosamente – trabalhar para que aquela imagem adquira sentido, é fabricar significação (Bucci, 2021, p. 22)

Pensando corpos negros, a construção social da negritude e da branquitude, percebemos como são fabricados os valores e reputações, quem fica dentro e quem fica fora das fronteiras. Considerando a televisão uma comunidade integrada de signos visuais, que exigem de seus receptores os olhares, é possível considerar sua alta tecnologia na implementação de um maquinário complexo que confecciona signos visuais a partir da extração do olhar. E, no Brasil, quem confecciona os signos visuais são pessoas brancas que representam o negro a partir dos seus olhares sobre esse signo. O negro está refém da representação do outro, da imagem formulada do outro sobre si, nunca o contrário, muito menos da sua representação sobre o outro. Ao menos com grande alcance.

Mesmo com a dita mudança na política de inclusão de algumas emissoras de televisão brasileira, percebe-se intencionalidade visando apenas o lucro. Maria Julia Coutinho, a Maju, apresentadora negra do programa dominical “Fantástico”, da Rede Globo, não foi um avanço. Foi apenas uma substituição da outra apresentadora negra, Glória Maria, falecida em 2023.

A inclusão de personagens e até núcleos negros nas telenovelas, *reality shows* e publicidade foi apenas a consolidação do entendimento pela indústria do entretenimento sobre a capacidade de movimentação financeira bilionária da população negra (maioria do país) na compra de produtos e serviços. Ilude-se quem acha que alguma dessas emissoras querem a conscientização ou emancipação de fato do segmento negro. Poderiam ter feito essas inserções muito antes, décadas antes. Artistas negros nunca faltaram. Não fizeram por falta de interesse e, hoje, existe e é um só: lucro.

Chamo a atenção para os movimentos do capital subterrâneos estruturais da tão festejada “convergência dos meios”. A transparência encenada pela televisão sobre si mesma pode ser entendida como um movimento da ideologia por si mesma ou, em outros termos, como um movimento do capital refeito em ideologia. Atenção: o que hoje se apresenta ao mundo como uma oferta sem precedentes de opções entre centenas de canais, o que se apresenta como um festival de multiculturalismo étnicos, tem em seus bastidores, isto sim, um dos maiores movimentos de concentração de capital – e poder – de todos os tempos (Martins, 2000, p. 112)

O negro continua sendo produto. E negros produtos apadrinhados pelo capital querem convencer outros negros a continuarem sendo produtos. O intuito é seguir recebendo migalhas de emissoras que nunca os quiseram, divulgando marcas que sempre os rejeitaram, submetendo-se a humilhações para ter a ilusão da relevância, do status e do pequeno poder, enquanto continuam enriquecendo e fortalecendo pessoas brancas que exploram milhares de pessoas negras para manter privilégios, poder e proteção da supremacia branca.

As armadilhas midiáticas para a população negra estão aí, cada vez mais sedutoras, atrativas, persuasivas e mentirosas, assim como foram, em décadas passadas, as apresentadoras loiras com seus dedinhos, seus táxis e suas paquitas. A colonialidade, fruto do colonialismo, atrelado ao ideal de brancura, continua presente na mentalidade de diversas pessoas negras, inclusive nas que se acham mais cultas, evoluídas e entendidas do assunto.

Aquelas mesmas que escrevem livros, auto intitulam intelectuais, mandam beijos de Paris, comemoram jantares e recepções com presidente da França (um dos principais países que exploram o continente africano), tiram fotos com roupas e bolsas de marcas caríssimas e fazem publicidade empoderada de marca de carro. O antirracismo, ou melhor, a luta por “igualdade racial” de mercado vem ganhando força no Brasil. A grande mídia, ou mídia hegemônica não só gosta como assimila, bajula e comercializa. Não há subversão, mas dominação e subserviência.

A própria epistemologia negra brasileira está ameaçada pelo colonialismo de ditos intelectuais negros envaidecidos e embebedados pelo egocentrismo e arrogância, iludidos e enganados pelo falso e efêmero poder midiático, do qual não possuem controle narrativo e, muito menos, financeiro. Até o negro que se considere mais letrado e mais engajado no antirracismo persegue, inconscientemente, a brancura. É necessária a constante lembrança e exigência do rigor do pensamento crítico negro, pois já está perceptível que os problemas enfrentados pela população negra não serão resolvidos com manuais escritos para pessoas brancas com culpa cristã.

As relações de poder que envolvem raça, classe e gênero no Brasil transitam pelo imaginário social, pelo inconsciente e pelos símbolos produzidos. Falar sobre a televisão em

específico e sobre a mídia de forma abrangente é fundamental para entendermos os papéis dessas ferramentas nessa relação que hierarquiza, organiza, reproduz e determina quem manda e quem obedece, quem vive e quem morre.

Esses temas já foram pautados por outras pesquisas em todo o país, inclusive em Joinville. Mapeá-las e citá-las permitem estabelecer vínculos e complementações nas reflexões sobre o papel da mídia, do jornalismo e telejornalismo nas relações de poder envolvendo as questões raciais em Joinville e no Brasil.

3.1 JORNALISMO E QUESTÕES RACIAIS EM JOINVILLE E NO BRASIL

Três mulheres pesquisaram sobre a abordagem do jornalismo na constituição de Joinville. Em seu estudo, Mathyas (2007) analisa o papel dos jornais impressos nas narrativas da história da região, por meio da pesquisa crítica das principais obras historiográficas da cidade. Como representam um acervo para época, os jornais são utilizados como principal fonte para essas obras de duas maneiras: como fonte histórica, refletindo eventos e reflexões da época, e ao selecionar e destacar algumas versões historiográficas em detrimento de outras. Como resultado, destaca-se a importância dos jornalistas compreenderem sua importância e responsabilidade com a história ao tratarem sobre essa temática em suas pautas, e dos historiadores para divulgar suas pesquisas visando a ampliação do alcance das múltiplas versões da história local.

Em 2022, em formato de capítulo no livro “Fragmentos Negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville”, Manske (2022) destaca a importância do jornal abolicionista *Folha Livre*, existente na cidade por um curto período, mas que serviu para ressaltar a presença negra em Joinville e a luta pelos direitos dos escravizados. Analisando os conteúdos das publicações do jornal, a autora revela a importância do tema para a época e, atualmente, para reconhecer a participação da população negra na história local. Manske (2022) ainda reforça a necessidade de exploração mais detalhada do jornal *Folha Livre* para evitar o apagamento da história dos escravizados em Joinville e dos abolicionistas na imprensa local.

No mesmo ano, em formato de capítulo, no mesmo livro, Guerreiro (2022) analisa criticamente o viés eurocêntrico da história oficial de Joinville, que exalta o pioneirismo germânico e invisibiliza a contribuição dos luso-brasileiros, indígenas e negros. A autora destaca a ausência de narrativas que falem sobre a mão de obra na colonização, enfatizando apenas os relatos dos imigrantes germânicos. A pesquisa tem como objeto o jornal *A Notícia*, identificando como esse tradicional veículo aborda o tema, revelando como o jornalismo pode

influenciar o olhar público sobre a história e, assim, perpetuar narrativas dominantes. Como conclusão, aponta-se a importância de abordagens mais objetivas e inclusivas na narrativa histórica, reconhecendo a diversidade de contribuições para a constituição de Joinville e estimulando a reflexão crítica sobre as narrativas dominantes.

Os resultados das três pesquisas apontam para aquilo que Adichie (2019) conceituou de história única, mostrando uma determinada população como uma coisa só, repetidamente. Essa ação envolve relações de poder. E não apenas o poder de contar a história de outra população, “mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (Adichie, 2019, p. 23). Essas histórias são utilizadas para dominar, espoliar e caluniar. São responsáveis por produzir estereótipos, roubando a humanidade das pessoas, pois sempre são incompletos. Ao mesmo tempo, reescrever essas histórias com mais multiplicidade de elementos e sujeitos, é uma maneira de humanizar, reparar e devolver a dignidade que fora despedaçada. Por isso, a importância da escrita negra e indígena sobre suas vivências, epistemes e perspectivas de mundo, de passado, presente e futuro.

Porém, as três pesquisas referem-se a jornais impressos, datados dos séculos XIX e XX. A presente pesquisa tem o objetivo de analisar criticamente o telejornalismo de Joinville do século XXI. Apesar das diferenças, a pesquisa possibilitará encontrar semelhanças discursivas sobre a constituição e cultura da cidade, e um possível aprimoramento na dinâmica comunicativa por se tratar de um canal eletrônico como a televisão, meio de comunicação de grande influência na sociedade brasileira contemporânea.

Nessa perspectiva, dentro dos estudos e levantamentos realizados em território nacional a respeito da representação da população negra no telejornalismo, Farias e Jesus (2021) apresentam uma análise de dados que repercutem o trato enviesado destinado ao grupo racial. O recorte feito pelas pesquisadoras recai sobre o programa *Cidade Alerta* (telejornal de temática policial), no qual a representação da população negra encontra-se repleto de preconceito e inferiorização. É tido, no estudo, que a transmissão de informação é um ato político, carregado de convicções e intencionalidades relacionadas à estrutura social e de poder da sociedade atual, que se tornam produtoras de realidades quando conduzidas ao público. De modo semelhante, um processo de transformação cultural sobre a questão racial também é atravessado pelo papel do telejornalismo, enquanto espaço de visibilidade e representação, que amplifica a produção de novos discursos.

Silva (2024) utiliza-se da análise televisual, igualmente, a partir do recorte de dois telejornais – *Jornal Nacional* e *Repórter Brasil*. Em sua pesquisa, percebe-se que, nesses locais, o espaço destinado à representação negra é reduzido, de forma que o destaque prevalece apenas

quando em datas relativas à questão racial (Dia da Consciência Negra) e em reportagens que dizem respeito a temas como violência urbana, desigualdade social, esportes e manifestações artísticas e culturais. Além disso, é estabelecido o papel minoritário reservado ao negro enquanto fonte de informação, pois os dados levantados quanto à participação da população negra na bancada de telejornais, como repórteres ou como entrevistados, demonstram que esses agentes são preteridos em tais contextos. O autor conclui que o texto jornalístico ainda segrega e acentua as relações de exclusão, dado que, do corpus analisado, o espaço de matérias reservado à população negra era pequeno e, dentro dele, registrava-se um número pouco significativo de reportagens que agregavam valor positivo para a transformação da discriminação racial na sociedade.

Tiodosio (2018) também apresenta uma análise do programa *Jornal Nacional*; entretanto, seu estudo inclui entrevistas com jovens negros, a fim de compreender como a questão da visibilidade se apresenta para o público, igualmente. Nesse sentido, a autora demonstra que o lugar ofertado a esse grupo enquanto representação é subordinado ao racismo que os atravessa e às situações de vulnerabilidade. Isso se contrapõe com a fala dos entrevistados, que apontam a falta de reconhecimento de si nas mídias, bem como o sentimento de ausência de menções à diversidade de potências que compõem suas vidas. Dessa forma, as instituições jornalísticas deslocam o jovem negro da relevância social e replicam estruturas que mantêm e materializam o imaginário racista que atravessa a sociedade brasileira.

Guimarães (2019), por outro lado, apresenta uma análise do programa *Repórter Brasil*, a partir da qual se obtém resultados equivalentes aos dos pesquisadores citados acima. A pesquisadora revela o rompimento com sua hipótese de que o programa referido daria maior visibilidade para a população negra que a mídia tradicional, pois acumula dados que implicam na constatação de que os conceitos racistas arraigados na sociedade brasileira apenas se reiteram pela falta de profundidade na abordagem de questões raciais e na baixa inserção de pessoas negras enquanto especialistas, entrevistados ou profissionais atuantes no telejornal.

Por fim, na pesquisa de Hamermüller (2018) sobre o papel exercido pelos telejornais na construção da identidade negra, percebe-se a forma pela qual o aporte midiático sobre a população negra tem um efeito questionável, a partir da premissa de que a identidade se constitui, continuamente, enquanto um reflexo do que se vê. Dessa maneira, a ausência de representação, ou a presença – mas permeada de valores negativos –, da população negra em telejornais (re)produz no indivíduo negro uma negação de sua identidade. Portanto, resta às instituições midiáticas uma reflexão sobre o seu poder de manutenção ou alteração das realidades produzidas que reafirmam as opressões raciais vigentes no trato social brasileiro.

Trilhando por caminhos semelhantes, esta pesquisa foca na RBS TV e NSC TV, nos programas dos dias 9 de março, data oficial do aniversário de Joinville, com recorte temporal entre 2011 e 2020. Para isso, faz-se necessário uma breve contextualização sobre a presença da emissora no estado catarinense, suas características e mudanças no decorrer dos anos, para que se possa compreender sua influência nas relações de poder.

3.2 DA RBS TV A NSCTV – RECORTE HISTÓRICO DA TELEVISÃO EM SANTA CATARINA

Este subcapítulo traz alguns recortes temporais da trajetória da RBS TV e sua presença e relação com Santa Catarina. Também aborda sobre a sua saída do estado e sua transformação em NSC TV. Pretende-se discorrer sobre a mudança ocorrida e o cenário midiático catarinense e como isso se reflete nas relações sociais e culturais de seus moradores.

O processo de estruturação e implementação da televisão em Santa Catarina começa tardiamente se comparado com o restante do Brasil, inclusive com os outros estados da região sul do país. Ainda assim, há muitas trocas de acionistas e empresários se considerar os poucos canais de televisão existentes em pouco mais de cinquenta anos de televisão no estado.

Até o ano de 1969, Santa Catarina não possuía geradora de TV. Durante toda década de 1970, praticamente, conta com apenas duas. Somente ao final dessa década que recebe outros três canais. Porém, na década de 1980, há uma expansão. É neste período que surge a RBS TV, emissora já consagrada e líder de audiência no Rio Grande do Sul. Inicialmente, o grupo colocou no ar, em Florianópolis, a TV Catarinense, no dia 1.º de maio de 1979.

Nesse mesmo ano, surge em Joinville, a emissora TV Santa Catarina que, pouco tempo após sua fundação, foi repassada a RBS por conta da precariedade de suas instalações e pelo risco da emissora joinvilense perder a concessão caso recusasse o contrato operacional com a TV Catarinense. Continuando seu propósito de ampliação, a RBS compra a TV Cultura de Chapecó, em 1983 e, na década de 1990, adquire a TV Eldorado de Criciúma.

Em 1.º de junho de 2005, a emissora gaúcha torna-se proprietária da geradora que retransmitia a Rede Manchete e, posteriormente, a Rede Bandeirantes para o oeste, para o planalto serrano catarinense e noroeste do Rio Grande do Sul. Após essa aquisição, a geradora passou a chamar RBS TV Centro-Oeste. Ao todo, a emissora contava com seis emissoras em Santa Catarina, localizadas nas cidades de Florianópolis, Blumenau, Joinville, Chapecó, Joaçaba e Criciúma.

Em 2016, após 37 anos de atuação no estado catarinense, o grupo RBS, pertencente à família Sirotsky, repassou suas operações para os empresários Lírío Parisotto e Carlos Sanches. O valor não foi divulgado. Parisotto deixou a sociedade em 2017, mesmo ano em que ocorreu a mudança do nome para NSC. Ao todo, foram comercializadas seis geradoras de televisão, oito emissoras de rádio e quatro jornais. Além de continuar contando com a retaguarda da Rede Globo de Televisão nas suas emissoras de TV.

Apesar das trocas de comando, é notório que, em Santa Catarina, há um predomínio das emissoras NSC e ND desde a década de 1980.

A NSC possui seis geradoras de televisão (Florianópolis, Blumenau, Joinville, Chapecó, Joaçaba e Criciúma). Já a NDTV, anteriormente intitulada como RIC, da família Petrelli, dispõe de sete emissoras de televisão, seis afiliadas da Rede Record (Florianópolis, Chapecó, Blumenau, Itajaí, Joinville e Xanxerê) e uma da Record News (Florianópolis) e um jornal diário (*Notícias do Dia*, de Florianópolis). A TVBV (já intitulada como Band SC, TV Catarina, TV Barriga Verde) continua como propriedade do empresário Saul Brandalise. O Sistema Catarinense de Comunicações (SCC) do empresário Roberto Amaral, possui uma concessão de televisão e um estúdio em Florianópolis, de onde gera telejornais (Santos; Muneiro, 2022, p. 9).

Também facilmente identificável é o baixo número de canais de televisão e a falta de diversidade na distribuição dessas emissoras pelo estado, ficando concentradas, praticamente, em apenas 10 dos 295 municípios catarinenses (Florianópolis, Joinville, Blumenau, Itajaí, Rio do Sul, Lages, Joaçaba, Xanxerê, Chapecó e Criciúma).

Conclui-se que Santa Catarina mantém concentração de propriedade de mídia, com apenas dois grupos detentores da maior parte das emissoras comerciais do estado, entre as 24 geradoras de televisão. Esse quadro é um reflexo do que ocorre em todo o Brasil, pois, das 15 concessões de televisões comerciais em operação, nove delas estão sob o controle de dois grupos: NSC (Globo) e NDTV (Record). Tal concentração reflete pouco espaço para programação estadual e, principalmente, local e a falta de pluralidade na programação das geradoras (Santos; Muneiro, 2022, p. 15)

Essa explanação convida à reflexão sobre os espaços dados aos conglomerados midiáticos em Santa Catarina, sobre a produção e reprodução de identidades, representações e imaginários, além do monopólio ou oligopólio de opiniões. A partir disso, é possível compreender as composições de pensamentos, escolhas, projeções e relações sociais, culturais, políticas e econômicas. Ou seja, relações de poder no estado catarinense que se ramificam por suas cidades.

Sob essa perspectiva, avança-se na pesquisa, evidenciando o processo metodológico, os caminhos percorridos para o seu desenvolvimento e realização para, posteriormente, apresentar e analisar seus resultados.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, expõe-se o processo metodológico, os caminhos percorridos e planejados para chegar aos objetivos traçados no início do projeto de pesquisa e lapidados durante a trajetória do mestrado²⁷. Aqui, além de descrever o processo, também é evidenciado, por meio de teóricos, a organização e estruturação dos materiais para que se possa garantir a análise dos programas.

Para a investigação desses programas, inicialmente, é utilizada a análise de conteúdo, metodologia aplicada em estudos da comunicação oral, escrita e figurativa, responsável pela descrição, análise e interpretação das mensagens que podem ser emitidas por diferentes pessoas ou grupos identificáveis. Muito mais do que descrever o que acontece, ou o que é visto e apresentado em primeiro plano, a análise de conteúdo tem a função de mostrar aquilo que está por trás, como pano de fundo, em segundo plano (Bardin, 2016).

A análise de conteúdo é dividida em três etapas: pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, juntamente com a inferência e a interpretação (Bardin, 2016). A pré-análise consiste, inicialmente, na escolha dos materiais ou documentos. Nesta pesquisa, como reportado anteriormente, houve um recorte temporário de uma década, portanto, a seleção dos programas do Jornal do Almoço dos anos de 2011 a 2020.

O tempo delimitado ocorre pela dificuldade de encontrar materiais anteriores a essa data e pelo curto espaço de tempo para reunir, assistir e analisar a uma quantidade expressiva de programas. A escolha pela semana do dia 9 de março – data oficial do aniversário da cidade – se dá por conta das matérias especiais veiculadas nesta data, geralmente mais voltadas para as questões históricas sobre a formação e possíveis transformações ocorridas em Joinville, além das mensagens e agradecimentos a personagens, de lideranças sociais e políticas a moradores, que marcaram suas trajetórias e impactaram, de certa forma, na vida dos cidadãos.

Parte considerável desta pesquisa foi guiada pela metodologia da análise de conteúdo. Porém, nesta pesquisa, o processo metodológico da análise de conteúdo encerra-se na formulação das categorias, após a exploração dos materiais e não há análises mais aprofundadas e detalhadas feitas pelo pesquisador que opta por utilizar metodologias híbridas, conjugadas e complementares. Desse modo, utiliza-se também a técnica de grupo de discussão como forma de encontrar significados e verificar compreensão e interpretação dos participantes do grupo.

²⁷ Opta-se por escrever no tempo presente para dar mais atualidade à pesquisa.

A utilização da metodologia híbrida para o desenvolvimento deste estudo permite que as técnicas utilizadas se complementem tanto para o enriquecimento do conteúdo a ser produzido, quanto para a estruturação da análise. A metodologia de Análise de Conteúdo, por exemplo, empresta a sua técnica de categorização para serem reproduzidas nos grupos de discussão, facilitando, assim, a interpretação daquilo que é dito pelos entrevistados, segmentando-os de acordo com cada tema que aparece durante a realização do grupo de discussão. Apenas essa contribuição já é válida, pois organiza e sistematiza o que é transcrito e facilita a reflexão e a interpretação feita a partir da metodologia de interpretação dos sentidos proposto por Minayo (2016).

Por se tratar de um produto televisivo que produz sentidos e é transmitido para milhares de lares, o presente trabalho pretende focar na recepção e no consumo midiático dos espectadores. Como dito anteriormente, conforme Jacks *et al.* (2017, p. 12), ao citar Mirta Varela, entende como características dos meios de comunicação como sendo “unidirecionais, centralizadores de mensagens homogeneizantes, as quais estão inseridas em uma programação contínua”.

Dessa forma, esta pesquisa enquadra-se como estudo sobre o consumo midiático por tratar de um estudo sobre um produto de telecomunicação que tem contrato institucional, forma e com mecanismos de regulação. Além disso, trata-se de um estudo de recepção por buscar a interpretação e a produção de sentido em “algum tipo de conteúdo produzido pelos meios” (Jacks *et al.*, 2017, p. 15). De maneira específica, foca seu olhar no telejornalismo regional dedicando-se a observar e interpretar, a partir da recepção e do consumo midiático, a composição e organização social, cultural e política de uma cidade por meio da representação de grupos racializados.

O telejornalismo local tem a função de informar a população sobre os acontecimentos da sua localidade e dos territórios próximos. Essa aproximação, este contato quase que direto e diário com a realidade dos espectadores produz elementos e acúmulos que, cada vez mais, precisam ser analisados e investigados. Justamente por isso, pretende-se observar a representação da população negra no programa do *Jornal do Almoço*, durante as celebrações do aniversário de Joinville/SC na perspectiva de espectadores negros, por meio do grupo de discussão. Opta-se por essa técnica complementar, por sugerir uma prática informal, aproximando-se mais da realidade cotidiana do telespectador em frente à televisão e, principalmente, porque permite analisar como as pessoas negras se veem representadas nesse programa.

A técnica do grupo de discussão possibilita que as pessoas opinem e levantem outras ou novas linhas de discussões, sem que o pesquisador exerça influências ou possa limitar as respostas dos participantes, sendo um dispositivo de produção de textos e discursos sociais, convocado para atender de forma específica os objetivos de uma investigação, que promove o diálogo entre os participantes, recuperando seus sentidos e experiências (Godoi, 2015). O grupo de discussão é uma técnica qualitativa que estimula a interação e a construção coletiva de significado, tendo como característica o discurso grupal, a homogeneidade e simetria, o papel do moderador e a flexibilidade.

O discurso grupal concentra em produzir discursos sociais e representações coletivas, distinguindo-se entre texto (produto do diálogo) e discurso (análise do texto produzido). Já a homogeneidade e a simetria garantem a formação do grupo, considerando critérios que promovam a igualdade nas interações, evitando relações de dominação que possam distorcer a dinâmica do diálogo. O moderador tem a função de atuar como um facilitador, buscando garantir a interação entre os participantes do grupo de discussão para que ocorra de maneira livre e espontânea, sem imposições ou julgamentos. Por fim, a flexibilidade impede que o pesquisador e o moderador sigam um roteiro rígido, permitindo adaptações durante a dinâmica do grupo conforme a evolução das interações (Godoi, 2015).

Apesar do grupo de discussão ter semelhanças com o grupo focal em seu objetivo de recolhimento de dados que visa à obtenção de respostas de um determinado grupo ao entrar em contato com filmes, textos, ou dentre outros programas midiáticos, as técnicas apresentam diferenças. Enquanto o grupo focal, de caráter exploratório, busca encontrar sentido “dos fenômenos sociais, onde o investigador utiliza uma estratégia indutiva de investigação, sendo o resultado amplamente descritivo” (Galego; Gomes, 2005, p. 177), o grupo de discussão busca produzir discursos coletivos. Ou seja, o grupo focal se concentra na coleta de opiniões segmentadas dos indivíduos, partindo de pressupostos conceituais já definidos. O grupo de discussão trabalha para atingir consensos dentro do grupo. Isso impacta diretamente no papel do moderador na condução do grupo. Enquanto no grupo focal o moderador tem uma presença mais ativa e diretiva, no grupo de discussão o moderador atua de forma mais discreta, promovendo a independência do grupo (Godoi, 2015).

A reunião no grupo de discussão é estruturada em etapas que promovem interação e produção discursiva dos participantes: abertura (moderador apresenta o tema de forma ampla, sem impor significados, estimulando a discussão espontânea); intervenção (moderador intervém apenas para manter a discussão no foco ou lidar com situações de conflitos ou silêncios, sem emitir julgamentos); encerramento (finaliza-se a reunião a partir da percepção de

que os participantes começam a se reconhecer como grupo e o moderador sintetiza os discursos produzidos, destacando suas conexões e contradições).

Importante salientar que o foco inicial do projeto era analisar apenas o dia 9 de março, o aniversário da cidade. Porém, por alerta das professoras, do orientador e amigos(as) jornalistas de que, por se tratar de uma data comemorativa, poderiam ter séries de reportagens, documentários e outros produtos que se estenderiam por toda a semana e o dia 9 de março poderia ser em um domingo (quando não tem a programação do *Jornal do Almoço* na grade da emissora), decide-se solicitar também a transferência dos programas de dias anteriores e posteriores a data celebrativa.

Importante pontuar também que o foco do trabalho, como relatado na introdução, é a representação da população negra no aniversário da cidade, portanto, desconsidera-se as outras notícias e reportagens do programa que não abordem ou não se relacionem com essa temática. Dessa forma é possível definir e contabilizar o *corpus* (conjunto de documentos) desta pesquisa como sendo de 10 programas, uma vez que o que se apresenta anterior ou posteriormente não é o programa em si, mas sim uma ou outra matéria complementar, focando-se apenas nelas, que indicam uma ligação direta com os programas comemorativos, mostrando os desdobramentos das festividades ou dando continuidade à série de reportagens ou episódios de documentários.

Esses materiais são procurados, primeiramente, na sede da emissora responsável pela produção, atual NSC TV, via e-mail, a qual informam não terem mais posse dos programas solicitados. Em conversa informal com alguns jornalistas da emissora, descobre-se que não possuem um acervo para guardar tais produções, o que impossibilita a recuperação e o compartilhamento. Devido a essa questão, procura-se empresas de clipagens que podem ter tais arquivos. Consegue-se acessar os materiais por meio da empresa EXPECTV que disponibilizou e transferiu os programas, possibilitando a realização da pesquisa.

Em posse dos materiais, com o objetivo já traçado, parte-se para a fase seguinte da pré-análise, a “leitura flutuante”, que consiste nos primeiros contatos com os materiais a serem analisados, gerando impressões iniciais que são mostradas de maneira panorâmica, com o olhar do pesquisador e que são mais bem elaboradas, trabalhadas, analisadas e interpretadas no decorrer da pesquisa de acordo com as análises feitas pelos participantes dos grupos de discussão. Como o foco do trabalho é o aniversário de Joinville, os materiais que não tratavam desse tema foram descartados, seguindo as regras daquilo que Bardin (2016) classificou como a fase de escolha dos documentos que consistem em: representatividade, homogeneidade e pertinência. Os materiais selecionados seguiram critérios de escolha sem apresentar divergências nos critérios estipulados e corresponderam ao objetivo da pesquisa.

Sendo selecionados apenas os programas que tratavam sobre o aniversário da cidade, neles foram aplicados a leitura flutuante que permitiram, já no primeiro contato, fazer alguns apontamentos. *A priori*, foi possível perceber a ausência de jornalistas negros, tanto na RBS quanto na NSC TV, durante todo o período analisado; e a ausência de entrevistados negros nas matérias de longa duração para falar sobre a formação ou constituição da cidade.

Apenas em uma matéria é citada a presença de afrodescendentes antes mesmo da chegada dos imigrantes europeus, rapidamente, em questão de segundos, por um historiador entrevistado, no ano de 2019, no documentário “A Barca Colon”, produzido pela própria emissora, mas sem muita profundidade ou contextualização, mais como curiosidade e não como fato relevante e de importância para a história de Joinville.

Em todas as matérias são enaltecidos e lembrados apenas os imigrantes germânicos, suas histórias, culturas e gastronomia, em especial os alemães. Há uma preocupação jornalística em reforçar o germanismo, implícita ou explicitamente, bem como a correlação entre branquitude (Bento, 2022) e trabalho, nuance sempre presente na fala dos âncoras, repórteres e nos depoimentos dos entrevistados. Ainda assim, é preciso verificar a aparição, em diferentes momentos, de personagens negros, nos programas do aniversário de Joinville que fazem questionar como a cidade idealizada como branca e europeia apresenta personagens negros em diferentes momentos.

A “Cidade dos Príncipes”, das flores, das bicicletas e da dança é sempre retratada nas imagens e nos discursos. É possível ver a configuração de uma cidade imaginada ou idealizada em contraponto a cidade real. Também é possível identificar o demarcador constante de diferenciação entre os joinvilenses nascidos na cidade e quem foi “adotado” ou escolheu a cidade para morar. Esse fator contribui para a construção da imagem de Joinville como cidade acolhedora e das oportunidades, mais uma vez atrelando a cultura ao trabalho. Quando são apresentadas matérias históricas, o âncora sempre ressalta “a nossa história”, como forma de incluir tanto os joinvilenses “*natus*”, quanto os “adotados” como pertencentes a cidade, uma maneira de introduzi-los, mostrar que fazem parte do heroísmo, da coragem, do pioneirismo.

Pode-se afirmar previamente que há um processo de invisibilidade da presença da população negra e indígena na cidade de Joinville e que não há nenhuma citação da contribuição ou existência desses segmentos sociais nas narrativas historiográficas e culturais apresentadas nos programas. Dessa forma, conforme demonstrado na introdução, amplia-se a análise para investigar e interpretar a representatividade da população negra de maneira geral, desprendendo-se do critério historiográfico.

A partir desse primeiro contato e impressões a respeito dos objetos, segue para a etapa de codificação dos programas para, na sequência, criar as categorias a serem analisadas e interpretadas. Segundo Bardin (2016), a codificação consiste na transformação dos dados brutos visando alcançar uma representação do conteúdo ou de sua expressão, com o intuito de esclarecer para o analista as características dos materiais analisados, por meio de escolhas feitas a partir de recortes, agregação e enumeração. Essa organização consiste em três etapas, respectivamente: a escolha das unidades de análise, a escolha das regras de contagem e a escolha das categorias.

As unidades de análise dividem-se entre as unidades de registro, ligadas a significação, aquilo que é aparente e está em primeiro plano, que visa, objetivamente a categorização e a contagem frequencial e a unidade de contexto que serve de unidade de compreensão para a codificação da unidade de registro, focando na mensagem, naquilo que está além do que é dito ou mostrado, no plano de fundo, em segundo plano.

Dentre as opções de unidades de registro apresentadas por Bardin (2016) e relacionando com os dez programas do Jornal do Almoço, de 2011 a 2020, ou seja, o *corpus* a ser analisado, optou-se pela utilização do tema, a análise temática como unidade de significação. Essa análise possibilita o recorte do documento, texto ou, na realidade desta pesquisa, programas televisivos, em ideias, núcleos de sentido, significações isoláveis que podem representar alguma coisa ao objetivo analítico selecionado. Segundo Franco (2005, p. 39), “o Tema é considerado como a mais útil unidade de registro em análise de conteúdo. Indispensável em estudos sobre propaganda, representações sociais, opiniões, expectativas, valores, conceitos e crenças”.

Com essa demarcação é possível avançar para a fase da categorização, que consiste em classificar os elementos constitutivos de um conjunto por meio da diferenciação, reagrupando-os, na sequência, de acordo com seu gênero, sendo definido seus critérios para tal agrupamento antecipadamente. É aqui que são reunidos elementos (neste caso, unidades de registro) em grupos sob um título genérico conforme as características semelhantes de cada elemento. O critério de categorização pode ser semântico, sintático, léxico ou expressivo. Por se tratar de um processo longo e desafiador, sem ter uma fórmula igual para todas as pesquisas, o caminho para a categorização exige determinada autonomia do pesquisador, muito influenciado pelos conhecimentos adquiridos e guiado pela “competência, sensibilidade e intuição” (Franco, 2005, p. 58).

Esta pesquisa utiliza o critério de categorização semântico, ou seja, voltado para a produção de significados e sentidos, buscando classificar os programas a serem analisados

realizando o agrupamento por temas, reunindo-os de acordo com aquilo que apresentam em comum. Basicamente este estágio consiste em duas etapas, o inventário, o isolamento dos materiais, e a classificação, que comporta a repartição dos elementos procurando ou impondo organização às mensagens (Bardin, 2016).

Pelo fato da não identificação da representação da população negra nos programas, optou-se pela escolha da categorização pelo enquadramento do *Jornal do Almoço* ao apresentar o aniversário de Joinville. Essa escolha se justifica porque, por meio do acesso aos materiais, percebe-se que o discurso em si sobre a cidade não muda, o que muda é a maneira, a forma, o método que são construídas e comunicadas essas narrativas. Trata-se da escolha em classificar a temática pelo formato geral do programa e não pelo conteúdo em seu destaque, uma vez que o ponto principal do conteúdo não foi encontrado de maneira significativa e foi observado, nos primeiros contatos, além da invisibilidade da população negra e indígena, uma certa repetição dos assuntos o que poderia comprometer o processo de agrupamento.

Inspirada na visão de Erving Goffman²⁸, entende-se por enquadramento jornalístico o processo de seleção, organização, apresentação e ênfase das informações por meios de comunicação, demonstrando que é a partir dele que a narrativa de um acontecimento é construída e propagada, influenciando a percepção e a opinião pública a respeito de assuntos, eventos ou questões específicas.

Diante disso, buscando categorizar os dez programas do *Jornal do Almoço*, pensa-se, inicialmente, na formulação de três temas que pudessem agrupá-los respeitando as qualidades indicadas por Bardin (2016) para a elaboração de boas classificações: exclusão mútua (cada elemento/programa não pode existir em mais de uma divisão); homogeneidade (um único princípio de classificação deve governar a sua organização); pertinência (o sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação, bem como as questões do analista e corresponder às características das mensagens); objetividade e fidelidade (o classificador deve definir claramente as variáveis que serão tratadas, além de precisar os índices que determinam a entrada de elementos nas categorias formuladas); a produtividade (a confirmação da produção das categorias é medido pela capacidade deles em fornecer resultados férteis, seja em índices de inferências, em novas hipóteses e em dados exatos).

Elabora-se, então, nas seguintes categorias semânticas, de unidades temáticas sobre os enquadramentos jornalísticos dos programas do *Jornal do Almoço*:

²⁸ Sociólogo que introduziu o conceito de “enquadramento” a partir de sua obra “*Frame Analysis: an essay on the organization of experience*”, de 1974, sendo, posteriormente, incorporada à Teoria do Jornalismo.

- 1) **Abordagem histórica:** enquadramento histórico, com produções de séries de reportagens, documentários e outros materiais voltados a essa perspectiva, com imagens do passado, visando reforçar tradições e imaginários, da cidade fundada por alemães, noruegueses e suíços, funcionando como uma “volta ao passado”. Nessa categoria, foram agrupados os programas dos anos 2011, 2015, 2016 e 2019;
- 2) **Abordagem cultural e diversificada:** voltada mais para a valorização cultural da cidade e sua composição, as festividades e celebrações de comemoração do aniversário da cidade, a música, a arte, optando por matérias mais rápidas e dinâmicas focadas em temas que não foquem direta e exclusivamente na historiografia, mas na questão cultural e até mesmo turística, como as opções gastronômicas da cidade, passeios de bicicleta em patrimônios e pontos turísticos, expressões linguísticas exclusivas de Joinville, dentre outros. Não explora uma diversidade plena, mantém os elementos que reforçam a imagem de cidade europeia, porém estão mais abertas à apresentação de outros estilos. Programas apresentados de fora do estúdio de televisão, com artistas convidados. Correspondem a essa categoria os programas dos anos 2012, 2013, 2014 e 2020;
- 3) **Abordagem próxima da realidade:** apresenta reportagens ou trata de assuntos incluindo nelas elementos que dão uma visão não romantizada da cidade, que mostra as fragilidades e problemas de Joinville, suas mazelas, o que precisa ser melhorado, contrariando o que costuma ser passado a exemplo das duas categorias anteriores, representa uma certa ruptura nos padrões apresentados como a cidade perfeita ou próxima da perfeição. Enquadram-se nesse grupo os programas dos anos 2017 e 2018.

Apesar da falta de representação da população negra nos programas do *Jornal do Almoço*, são encontrados elementos e personagens negros em espaços de tempos em algumas edições que permitem reflexões a respeito das estereotipagens dessas representatividades que contribuem para além do debate sobre apagamento ou invisibilidade que esta pesquisa irá conter. Por esse motivo, elabora-se uma quarta categoria para a pesquisa que consiga reunir esses momentos a fim de gerar interpretações e inferências a respeito.

- 4) **Abordagem com representatividade negra estereotipada ou compondo o cenário:** responsável por descrever, analisar as aparições de pessoas negras durante os programas, a fim de observar o que se mostra para gerar discussões que

contribuem, ao relacionar com as outras categorias, para a formulação de uma discussão a respeito da construção da imagem da população negra por meio de um veículo de comunicação de uma cidade com as características culturais, sociais, políticas e econômicas como as de Joinville. Foram encontradas e agrupadas nesta categoria os programas do Jornal do Almoço dos anos de 2011, 2012, 2013, 2014, 2018, 2019 e 2020.

Ou seja, na maioria dos anos analisados, há personagens negros sendo veiculados nos programas do aniversário da cidade. Para tal afirmação é preciso evidenciar que, no Brasil, a validade para a definição do quesito cor/raça é por meio da autodeclaração, mas como essa pesquisa não tem como acessar tais pessoas para descobrir como elas se reconhecem, é feita tal seleção por meio da heteroidentificação (como o “outro” ou a sociedade enxerga/lê tal pessoa) considerando aquilo que se entende por traços característicos da população negra: cor da pele, características do rosto, textura e formato dos cabelos.

Diante de tais categorias estruturadas, realizam-se as escolhas dos programas a serem apresentados para o grupo de discussão para interpretá-los e refletir sobre o que está sendo mostrado para além das imagens e dos discursos e os possíveis sentidos gerados a partir da narrativa exposta. Justamente em função dessa configuração na pesquisa, manteve-se o relato e o aproveitamento da análise de conteúdo, pois a categorização dos materiais facilita a seleção dos programas para a realização das entrevistas em grupo de discussão. Este contato com os entrevistados permite, também, a verificação e confirmação de interpretações inconclusas do autor e permite acesso a novos olhares e reinterpretações.

Por se tratar de entrevistas realizadas, foi necessário submeter a pesquisa ao Comitê de Ética, detalhando e informando como seria feita e os objetivos do trabalho. Com a aprovação do Comitê, parte-se para a estruturação e realização dos grupos de discussão.

Pensando no tempo de realização dos grupos, optou-se pela escolha de trechos de três programas da categoria “Abordagem Histórica” e dois da “Abordagem Cultural”, sendo um deles também relacionado na “Abordagem com representatividade negra”. Pensou-se nesses programas por apresentar de maneira resumida, direta e diversificada as categorias e os conteúdos verificados pelo autor anteriormente, facilitando, assim, as interpretações e os debates.

O primeiro programa apresentado é datado de 9 de março de 2011, ainda da emissora RBS TV, em comemoração aos 60 anos do centenário de Joinville. Analisou-se apenas os sete minutos iniciais do programa e, posteriormente, dos minutos 36 min 15 segundos a 43 min –

no primeiro episódio da série de reportagens intitulada “Joinville em preto e branco”, apresentado no mesmo ano. O segundo e o terceiro programas, referem-se às datas de 11 e 12 de março de 2019, com a apresentação do documentário preparado pela emissora NSC TV chamado de “A Barca Colon”, dos 48 min até os 57 minutos e dos 45 min e 40s até os 56 minutos, respectivamente.

Os últimos programas, que trazem a “Abordagem Cultural”, são do ano de 2020 e foram veiculados entre os dias 9 e 10 de março, contabilizando menos tempo de duração. A matéria do dia 9 era dedicada apenas ao aniversário da cidade, recortado os minutos 54 min e 30s a 57 min e 20s. Já a matéria do dia 10, que fazia apenas uma cobertura dos eventos celebrativos do dia anterior, é apresentada entre 17 min e 22 min e 10 segundos. Ao todo, os trechos dos cinco programas totalizam 43 minutos, diante disso, planeja-se em divulgar o prazo máximo de duas horas de duração para os grupos de discussão para o tempo de assistir às matérias e debater a respeito.

Tabela 1 - Divisão dos programas apresentados no grupo de discussão

Programa – Data	Temática/Abordagem	Min até min	Tempo total de duração
09/03/2011	Histórica	0 a 7min e	14 min
	(60 anos do centenário)	36:15 a 43min	
11/03/2019;	Histórica	48min a 57min	20 min
12/03/2019	(Doc “A barca Colon”)	45:40 a 56min	
09/03/2020;	Cultural	54:30 a 57:20	9 min
10/03/2020		17min a 22:10	
TOTAL			43 min

Fonte: Própria. (2024).

Elabora-se então um roteiro de entrevista semiestruturada e foram elencados os critérios para a participação dos grupos. A ideia foi fazer dois grupos: o primeiro com militantes e pesquisadores sobre a questão racial da cidade. O segundo com pessoas que não estão vinculadas a questão, seja por debate, pesquisa ou militância. Os dois grupos reunidos separadamente e em momentos distintos, contando com no máximo quatro participantes cada. O principal requisito é que todas sejam autodeclaradas negras, variando a faixa etária (16 a 70 anos), gênero e classe social, a fim de exprimir opiniões a respeito dos materiais selecionados e apresentados. Todas as pessoas devem ser moradoras da cidade de Joinville (mínimo um ano de residência na cidade).

Como se trata de uma pesquisa sobre recepção e interpretação de material audiovisual, não é feita nenhuma distinção durante todo o processo de pesquisa. A participação diversificada contribui para a ampliação de diferentes interpretações e de diferentes formas. Para garantir a

pluralidade das respostas e ajudar na escrita da pesquisa, opta-se por garantir a presença diversificada dos participantes. Apenas não podem participar pessoas que não se enquadrem no perfil predeterminado e detalhado anteriormente.

Inicialmente, pensa-se em estipular uma certa proximidade com o produto *Jornal do Almoço*, estipulando o hábito de acompanhar o programa com frequência mínima de três vezes na semana. Com o desenvolvimento da pesquisa, percebe-se a impossibilidade de seguir à risca esse critério, porém, percebe-se o conhecimento prévio e mínimo dos participantes sobre o funcionamento do programa e a identificação de alguns de seus personagens.

Para a exibição dos programas selecionados do telejornal são utilizados materiais como computador e televisão com áudio. Também são utilizados celular e gravadores de voz para captar o áudio e garantir com que nenhuma informação se perca caso alguns dos aparelhos parem de captar os sons emitidos pelos participantes.

Para a seleção dos entrevistados, elabora-se um formulário com breves questionamentos para coleta de informações pessoais e profissionais, além de informações sobre hábitos de consumo midiático regional. Nome, idade, raça, gênero, profissão, média salarial, tempo de moradia em Joinville, pergunta-se se assiste algum telejornal regional, a frequência que assiste, onde costuma assistir, como se enxerga nas representações desses jornais, dentre outras questões. Ao término, solicitou-se dois contatos: e-mail e telefone celular.

Após analisar as respostas recebidas, realiza-se o convite para a participação do grupo de discussão para os quatro primeiros selecionados. Não obtendo respostas ou obtendo respostas negativas ao convite, seleciona-se outras pessoas que responderam ao questionário e se enquadram nos padrões preestabelecidos. Seguindo a impossibilidade de presença na data agendada ou negativas dos convites, são realizados outros convites. Com o esgotamento de opções são feitos convites diretos, com indicações de amigos e conhecidos para outras pessoas que se enquadrem no critério.

Importante salientar que por critério do pesquisador de querer evitar a presença de pessoas negras que estavam cientes de sua pesquisa ou próximas a ele, sabendo suas opiniões e interpretações, opta-se pela escolha de pessoas desconhecidas ou mais distantes, sem contato direto, evitando influenciar nas opiniões. Esse critério dificulta a escolha dos participantes e acaba por dividir em dois momentos a realização do segundo grupo de discussão, pela ausência de algumas pessoas na data combinada, aumentando para três encontros. Os convites para os dois primeiros encontros são feitos pela rede social *Whatsapp*. O terceiro é feito pelo *Facebook*, após uma publicação no perfil do pesquisador questionando o interesse de pessoas negras participarem.

O primeiro encontro, com os pesquisadores e militantes ocorre no dia 22 de novembro de 2023, no Sindicato dos Servidores Públicos de Joinville (SINSEJ), a partir das 19 horas e conta com a mediação do professor Elias Mande Laurindo André e a presença dos quatro participantes convidados.

O segundo encontro é realizado na Faculdade Guilherme Guimbala (ACE), no Laboratório de Psicologia Social Comunitária, no dia 02 de dezembro de 2023, a partir das 14 horas, com a mediação feita pelo próprio autor da pesquisa e contou com a presença de dois participantes.

O terceiro e último encontro foi realizado na casa do pesquisador, a partir das 19 horas do dia 30 de janeiro de 2024 e contou com duas entrevistadas e com a mediação do próprio autor. Fechando, assim, o grupo de quatro entrevistados do segundo grupo, possibilitando a transcrição e a análise das entrevistas. Todos os participantes recebem e assinam antes do início de cada grupo de discussão uma autorização para o uso das ideias captadas exclusivamente para esta pesquisa, sem a identificação dos participantes.

Os três grupos seguiram o mesmo modelo e metodologia. Foram divididos em quatro momentos: **1) rodada de apresentação dos participantes** (nome, data de nascimento, escolaridade, o que faz da vida, bairro em que reside, dentre outros); **2) a relação dos participantes com Joinville** (o que você recomenda para quem vem para Joinville? Onde você levaria, leva ou já levou seus amigos ou conhecidos para conhecer Joinville? O que você costuma falar sobre Joinville para pessoas que não são daqui?); **3) apresentação e interpretação dos programas** (o que mais chamou a atenção? Sente falta de algo? O que você mudaria nessas matérias? Alteraria algo? Assistiria essas matérias novamente? Compartilharia com alguém? Como você se sente assistindo isso? Qual o sentimento?); **4) finalização** (o que você sugeriria que escrevessem sobre Joinville em uma pesquisa? Alguém gostaria de fazer mais alguma consideração ou comentário? Dividir alguma experiência?)

A análise dos grupos de discussão é guiada pelo método de interpretação dos sentidos (Minayo, 2016) que consiste na junção da hermenêutica (compreensão) com a dialética (pensamento crítico), com o intuito de caminhar do “explícito para o implícito, do revelado para o velado” e que, para isso, percorre os caminhos da “identificação e problematização das ideias explícitas e implícitas no texto”, buscando os sentidos socioculturais “atribuídos à ideia” e, por fim, “dialogando entre as ideias problematizadas” (Minayo, 2016, p. 90). Esse caminhar é com a intenção de chegar na direção de uma síntese, trabalhando sentidos mais amplos, e relacionando, para ter êxito, “os objetivos do estudo, a base teórica adotada e os dados empíricos” (Minayo, 2016, p. 91).

A análise é dividida em três momentos: primeiramente é feito um detalhamento mais elaborado das categorias criadas com a metodologia de análise de conteúdo, mostrando um pouco da interpretação do autor sobre os materiais para demonstrar possíveis semelhanças, diferenças ou novas perspectivas em comparação com a análise dos entrevistados. Na sequência, analisa-se as interpretações dos dois grupos de discussão, separadamente, divididas em tópicos temáticos, de acordo com a interpretação trazida por cada grupo, facilitando a leitura e a demonstração de pontos semelhantes ou diferentes dos dois grupos.

Tabela 2 - Divisão da Análise

Fases da Análise	Objetivos	Referências
Fase 1 - Pré-análise / Categorização / Descrição	Identificar, na ação do telejornalismo, elementos que possam contribuir para a criação ou reprodução do imaginário popular da cidade de Joinville.	Bardin (2016)
Fase 2 – Grupo de Discussão / Aplicação da Técnica / Categorização dos Temas Abordados	Discutir sobre as relações raciais, racismo estrutural e a invisibilidade da população negra em Joinville.	Galego; Gomes (2005)
Fase 3 – Análise dos Grupos de Discussão/ Sínteses de cada Grupo / Síntese Geral	Refletir sobre a recepção de algumas pessoas negras ao entrarem em contato com os programas analisados.	Minayo (2016)

Fonte: Própria. (2024).

Ao fim de cada grupo é feita uma breve análise sobre as características identificadas pelo pesquisador em cada entrevista e, por fim, é feita uma síntese geral diante das opiniões e interpretações levantadas com os participantes que contribuem para a formulação das considerações finais. Apesar de serem realizadas separadamente, o segundo e o terceiro grupo são analisados conjuntamente, tornando assim, dois grupos analisados ao todo: o primeiro com militantes e pesquisadores e o segundo com pessoas sem nenhum vínculo acadêmico ou militante.

5. A REPRESENTAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA NOS PROGRAMAS DO JORNAL DO ALMOÇO DURANTE AS CELEBRAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DE JOINVILLE (2011-2020)

Neste capítulo são descritas, analisadas e interpretadas as entrevistas dos grupos de discussão a respeito dos programas do *Jornal do Almoço*, do dia 9 de março, de 2011 a 2020, por meio das categorias anteriormente apresentadas, com o intuito de identificar e discutir sobre a representação da população negra nesses materiais, buscando compreender as percepções e recepções dos participantes diante os materiais apresentados.

Os dois grupos dividem-se entre pesquisadoras negras e militantes do movimento negro da cidade de Joinville e pessoas negras sem vínculo com a academia ou ligadas a movimentos sociais negros. A ideia é propor diferentes visões e perceber as diferenças de percepções e análises entre os dois grupos, podendo ter interpretações diversificadas e até contrárias. Com isso, pode-se perceber, também, sobre a profundidade da discussão racial entre os entrevistados, podendo notar se é algo restrito ao ambiente acadêmico e de militância ou se está presente de maneira mais ampla em nossa sociedade. Porém, reforça-se que o ponto principal é a análise dos programas do *Jornal do Almoço* e as reações sobre os programas selecionados e apresentados.

Antes, porém, são apresentadas descrições mais elaboradas das categorias feitas pelo pesquisador, utilizando a análise de conteúdo, para ilustrar as abordagens do programa para o leitor e demonstrar um pouco mais das interpretações feitas individualmente no decorrer da pesquisa pelo olhar do pesquisador. Busca-se, com isso, verificar a possibilidade de semelhanças e diferenças nas interpretações dos entrevistados nos grupos de discussão, além de contextualizar com mais detalhes algumas matérias analisadas para o leitor.

Abordagem histórica

Ponto central da pesquisa, como exposto na introdução, é encontrar nos programas do *Jornal do Almoço* a historicização da cidade de Joinville, relatando sobre a presença da população negra na cidade, mesmo antes da chegada dos imigrantes europeus foi identificada apenas uma vez, em uma rápida citação feita por um historiador entrevistado para o documentário produzido no mesmo ano pela emissora, intitulado “A Barca Colon”.

Na ocasião, o historiador afirma que os imigrantes que chegaram em 1851 foram auxiliados pelos luso-brasileiros e afrodescendentes que já habitavam a região. Comparando

com toda a produção de todos os anos analisados e o tempo dado para essa explanação, não tem como considerar este um pronunciamento relevante, mas sim destoante, uma exceção rápida à regra. Não houve aprofundamento no assunto ou explicação mais detalhada sobre essa presença e essa ajuda prestada, destacando ainda mais a invisibilidade dada a este segmento social que faz parte da população joinvilense.

Nesse e nos outros programas apresentados que se enquadram na categoria (2011, 2015, 2016 e 2019) é possível notar uma tentativa de destacar certo heroísmo, pioneirismo, empreendedorismo e coragem dos europeus ao chegarem na cidade, e passar uma ideia de que venceram todas as dificuldades sozinhos. Com imagens de época, remetem ao passado como algo glorioso. Para reforçar essa ideia de memória, procuram entrevistados idosos, brancos, com sobrenomes europeus, que relatam suas lembranças sobre a cidade e eventos marcantes do passado (Figura 1 e Figura 2).

A romantização de processos violentos chama a atenção como, por exemplo, ao tratar as palavras “colonizadores” e “colonização” de forma natural. Destacam-se também as trilhas sonoras, as costuras feitas, os pontos de ligação, a palavra de um historiador ou de algum profissional que represente especialização sobre o assunto e confirme a veracidade da informação ou dos relatos.

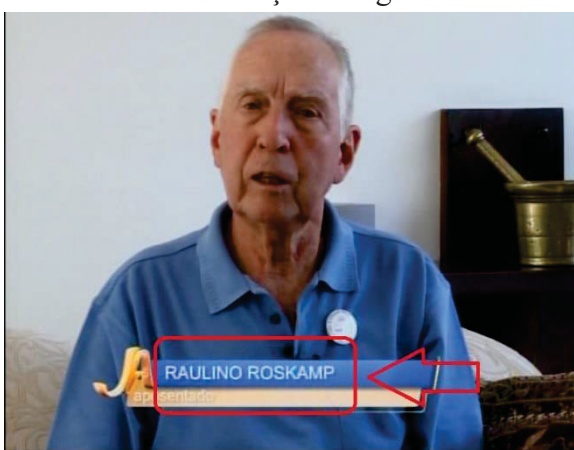
Com tudo isso, constroem uma composição discursiva, consonante e firme, que serve de base para a sustentação e propagação de imagem de cidade naturalmente europeia, branca, relegando aos outros, que não se enquadram dentro desse perfil, como intrusos, corpos estranhos. É perceptível também como esses materiais são reutilizados em outros programas do mesmo ano (passando em outros dias em caso de série de reportagens), ou de outros anos, às vezes com os mesmos trechos. A repetição de tais matérias ou trechos abre precedentes para dupla interpretação: preguiça por parte da equipe de jornalismo ou o objetivo de reforçar a ideia visando a memorização dos receptores.

Figura 1 - Jornal do Almoço - Programa do ano de 2013



Fonte: Jornal do Almoço (2013)

Figura 2 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2013



Fonte: Jornal do Almoço (2013)

Abordagem cultural e diversificada

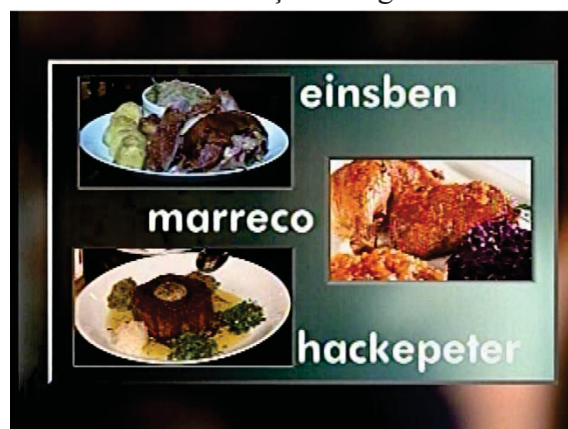
Com uma perspectiva de passar um tom mais leve e descontraído ao programa no dia do aniversário de Joinville, a emissora realizou nos anos desta categoria reportagens que abordem questões para além da historicidade, destacando uma certa formação cultural da cidade, do que ela tem de melhor para oferecer. Entram nesse formato a dança, a música, o esporte, áreas turísticas e a gastronomia, por exemplo. Os programas são exibidos, geralmente, fora dos estúdios da emissora, em praças ou no Mercado Público da cidade. Esta abordagem não demonstra um distanciamento da abordagem histórica, pelo contrário, apresenta os mesmos discursos e conteúdo, alterando apenas o formato e o método.

Joinville pode ser vista de uma forma mais atrativa imagetivamente, mas narrativamente o programa jornalístico segue propagando a ideia de uma cidade europeia. Ao que parece, a intenção do programa é mostrar como algumas culturas são firmes e se mantêm

intactas, correspondendo de maneira semelhante com as culturas europeias ou o que se imagina que seja culturalmente europeu. Por exemplo, ao tratar de gastronomia em uma matéria de aniversário, ela destaca pratos europeus que costumam ter identificação com uma pequena parcela da população (Figura 3), deixando de fora, por exemplo, o caldo de cana e o pastel, que costumam ser mais populares entre os moradores da cidade.

É justamente essa dualidade entre a cidade real e a cidade imaginada que se destaca nesta categoria pelo seu formato lúdico e a sua preocupação em apresentar Joinville de diferentes ângulos e lugares. Por exemplo, ao invés de entrevistar pessoas para falar sobre a relação da cidade com o trabalho, como feito em vários outros momentos e programas, prepara-se uma música em homenagem à cidade, em que nela há vários trechos que remetem a esta relação. Ou seja, reforça-se a mensagem que se quer passar de uma maneira diferenciada; o conteúdo permanece intacto, o objetivo fica evidente. Esta classificação não se refere a outra abordagem do telejornal, não há um olhar com outra perspectiva, de outra configuração e composição da cidade. Um olhar da população indígena ou negra, por exemplo.

Figura 3 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2014



Fonte: Jornal do Almoço (2014)

Abordagem próxima da realidade

Mais com o intuito de querer mostrar e homenagear projetos voluntários na cidade promovido por moradores, como forma de mostrar nobreza no voluntariado, do que de fato expor as mazelas da desigualdade de Joinville, um dos programas desta categoria deixa evidente a cidade real, bem distante daquela imaginada, perfeita, ordeira e trabalhadora. Ao mostrar esses projetos, são forçados a mostrar a pobreza e a falta de acesso de parte da população joinvilense.

Da mesma forma, em outro programa desta categoria, em que o objetivo é entrevistar moradores de diferentes áreas de Joinville para saber como eles veem a cidade pela janela de

onde residem (Figura 4 e Figura 5). Ao chegarem em um bairro da periferia são obrigados a mostrar e falar sobre uma rotina diferente daquela imaginação de cidade perfeita. A desigualdade, a dificuldade para acessar diferentes serviços, enfim aparecem.

Essa abordagem mostra uma cidade com dificuldades, problemas a serem enfrentados, por mais que seja por curto momento, mas que se torna perceptível, destoando do que costumam apresentar nos demais anos analisados, ainda que se apresentem narrativas semelhantes, há espaço para o contraditório. Mas não é uma realidade ampla, que tenha citação de outras populações, com múltiplas cores, ou que remonte e corrija o discurso homogêneo de cidade europeia. É uma realidade limitada a encarar possíveis problemas de classe, uma vez que os entrevistados e homenageados dos programas são todos brancos.

Figura 4 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2017



Fonte: Jornal do Almoço (2017)

Figura 5 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2017



Fonte: Jornal do Almoço (2017)

Abordagem com representatividade negra estereotipada ou compondo cenário

Pode-se verificar que há presença das pessoas negras em boa parte dos programas analisados, mas o que chama a atenção é como são apresentados. Considera-se nesta pesquisa a composição de imagem, aquelas pessoas negras entrevistadas para falar sobre como é morar em Joinville ou o que mais gosta da cidade. São relatos exibidos momentos antes dos comerciais

de cada quadro do programa, inclusive o caso em que uma pessoa entrevistada ao vivo direto de uma praça pública, após ganhar um ingresso para um show. Nenhum deles é chamado para ser entrevistado sobre a historicidade da cidade ou como testemunha de períodos passados. Nenhum idoso negro aparece para lembrar de eventos celebrativos, assim como não há a presença de nenhum jornalista negro durante todo o período analisado (Figura 6).

Figura 6 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2014



Fonte: Jornal do Almoço (2014)

Quando uma pessoa negra é entrevistada, ela está andando de bicicleta com seu filho pequeno na garupa e as perguntas não se referem apenas a como é viver na cidade, mas sim de onde a pessoa vem e o que espera para o futuro do próprio filho. Ao passo que o âncora da emissora é gravado andando de bicicleta pela cidade e mostrando os principais pontos de referência. Não existe nenhuma criticidade em analisar a relação do joinvilense com a bicicleta, considerando a desigualdade social que impacta no uso desta forma de transporte, tampouco que o repórter anda por lazer, enquanto o entrevistado o faz por necessidade. Existe uma romantização para expor a cidade das bicicletas.

Há também, em uma das aberturas dos programas de aniversário da cidade, a presença de pessoas negras do samba e do rap cantando trechos do hino de Joinville (Figura 7 e Figura 8), juntamente com cantores de outros estilos musicais – cada um em um local diferente do outro, alguns em pontos turísticos e conhecidos da cidade. Ao final só são chamados pelos nomes dos grupos ao qual integram, respectivamente. Não há um aprofundamento da relação desses estilos musicais com a cidade de Joinville, nem das pessoas que produzem essa cultura. Sua relevância sociocultural e seu protagonismo nas matérias são ignorados.

Figura 7 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2012



Fonte: Jornal do Almoço (2012)

Figura 8 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2012



Fonte: Jornal do Almoço (2012)

Outras vezes, quando aparecem ou são entrevistados, estão dançando, como um casal de bailarinos negros do Bolshoi, ou os jogadores do time da cidade, Joinville Esporte Clube, sendo entrevistados sobre o jogo e a campanha na competição. Há também uma das matérias em que aparece um número significativo de pessoas negras em um show do sambista Arlindinho em um evento celebrativo, no Mercado Público da cidade. Com cerveja na mão, cantando e sambando (Figura 9), as pessoas negras são o destaque da reportagem, com algumas delas sendo entrevistadas mostrando enorme orgulho de ser joinvilense. É aquilo que Conceição (2005) identifica como lúdico ao tratar dos estereótipos negros na mídia brasileira. É a representação das festas nacionais como o pagode e o carnaval, vinculados à alegria.

Figura 9 - Jornal do Almoço – Programa do ano de 2020



Fonte: Jornal do Almoço (2020)

Ou seja, a representação da população negra, quando não está compondo imagem de maneira passiva/mecânica, está atrelada a representação de estereótipos corriqueiros da televisão brasileira: negro(a) atleta, dançarino, músico. O negro não é reconhecido na história da cidade e nem nas subjetividades de suas ações. Não há um interesse amplo ou aprofundado na vida negra na cidade de Joinville durante as celebrações do aniversário da cidade no programa *Jornal do Almoço*.

A partir destas breves descrições de cada categoria elaborada no processo da análise de conteúdo é possível visualizar algumas abordagens e temáticas, como forma de introdução para o subcapítulo seguinte, que demonstra as interpretações dos entrevistados dos grupos de discussão ao assistirem alguns trechos selecionados dos programas do *Jornal do Almoço*.

5.1 GRUPO DE DISCUSSÃO

5.1.1 Grupo de Discussão 1 – Militantes e pesquisadores das questões raciais

Este grupo reúne pessoas já inseridas nas discussões raciais da cidade, envoltas em pesquisas, ou na militância de resistência negra. O intuito é exprimir suas impressões acerca de um produto midiático em uma emissora de grande destaque no estado catarinense. O encontro ocorreu no dia 22 de novembro de 2023, na sala de reunião do Sindicato dos Servidores Públicos de Joinville (Sinsej), às 19 horas, e contou com a mediação do professor Elias Mande Laurindo André, e a presença dos quatro participantes convidados, apresentados como:

Entrevistada 1 – Nascida em Curitiba (PR), na década de 1970, é moradora da zona sul de Joinville, há mais de 30 anos. Formada em Pedagogia pela Faculdade Guilherme Guimbala – Associação Catarinense de Ensino (ACE), é mestra em educação pela Universidade

Federal de Santa Catarina (UFSC). É professora, autora de livros e especialista em História da Arte.

Entrevistado 2 – Nascido e criado em Joinville, no ano 2000, morador da zona sul da cidade. É militante do Movimento Negro Maria Laura, desde 2017. Graduando de Design na Universidade da Região de Joinville (Univille), é também rapper e produtor musical.

Entrevistada 3 – Nascida no final da década de 1960, em Campo Belo do Sul (SC), mora desde os seis anos na zona leste de Joinville. É professora, formada em História pela Univille, e mestra em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Entrevistado 4 – Nascido em 1994, em Criciúma (SC), é graduando de Psicologia, no Bom Jesus/IELUSC, em Joinville, onde reside no bairro Saguacú. Está na cidade do nordeste catarinense há quase 10 anos e milita no Movimento Negro Maria Laura.

Durante as conversas iniciais com este grupo, na rodada de apresentação, mesmo não sendo estimulados ou questionados sobre esse quesito, é possível observar em suas narrativas de vida os casos de racismo que sofreram e vivenciaram. Suas histórias se relacionam e são marcadas pelo processo de entendimento do que é ser negro e como conseguir sobreviver após esta constatação. Percebem que o mundo enxerga e trata-os de maneira diferenciada ao acessar espaços de poder (Entrevistada 1); ou conhecimento (Entrevistada 3); ou em um suposto relacionamento afetivo quando era criança (Entrevistado 2); ou ao se deparar com a realidade de uma nova cidade, diferente de onde nasceu; ao observar o fluxo e o acesso de pessoas negras na nova realidade (Entrevistado 4).

Observa-se nas falas iniciais de cada entrevistado a sensação de solidão que passaram em algum momento da vida ao frequentarem diferentes espaços, sendo muitas vezes os únicos ou pertencentes a um pequeno grupo. E toda essa dinâmica e ausências sentidas, todas as violências vivenciadas parecem tê-los projetados a pesquisar ou se organizar de alguma forma para tratar e pautar a questão racial, em específico, a questão negra. O subjetivo que se transforma em coletivo.

Sobre suas relações com a cidade, destacam-se a falta de variedade cultural e de lazer para os joinvilenses, além da falta de acesso para tais lugares, ficando reduzido a repetições, como subir o Mirante, fumar narguilé e escutar *megafunk* em casa, para o público jovem. Sentem falta de divulgação sobre os eventos que acontecem na cidade, principalmente aqueles organizados nas periferias de Joinville, que consideram não ter os mesmos destaques que outros eventos que ocorrem na região central e suas proximidades.

Quando questionados, houve certa dificuldade para indicarem locais para as pessoas de fora virem conhecer na cidade. Destacaram os parques naturais, como o Caieiras, os museus (do Imigrante e Sambaquis – este último sendo apontado como uma referência mundial por ser um marco para a pesquisa da arqueologia e paleontologia). Citam o bairro Espinheiros, a Baía da Babitonga, batalhas de rap, alguns botecos progressistas e a área rural da cidade, pelo visual agradável da natureza, sua fauna e flora. Os sítios, principalmente para pessoas com crianças, são atrativos para um possível piquenique, algo que parece ser mais nichado, para um determinado público específico, como famílias, pessoas com mais idade. Sentem falta de poder indicar o Kênia Clube como ponto de referência da cultura negra da cidade, caso o clube tivesse uma agenda fixa com eventos e demais atividades, indicando seus eventos e rotinas, podendo levar as pessoas para conhecer e confraternizar com a negritude local e a cultura negra produzida aqui.

Podia ser um ponto de referência. Se uma pessoa negra vem pra Joinville, ela vai no Kênia, ela tem algum ponto da negritude, onde lá o pessoal faz... se aquilomba, nesse sentido, seria interessante ter essa referência assim, porque se não, é realmente, as pessoas parecem que vem aqui pra esperar alguma coisa, ou é Festival de Dança ou é pra ver girassol, ou é pra tomar chope, mas assim... Pra mim, eu fico com esse sentimento, um pouco... (Entrevistado 2)

Observam que algumas pessoas de fora já vêm com um imaginário da cidade construído, querendo experimentar ou conhecer coisas típicas de Joinville, mas que não são consumidas comumente por aqui, principalmente por pessoas negras, como o marreco, repolho roxo, chope. “As pessoas quando vêm pra Joinville, vêm com esse imaginário enraizado que isso aqui é terra de alemão”. Isso sugere a reflexão sobre a imagem e a identidade da cidade passadas para o restante do Brasil, como Joinville se vê e como quer ser vista pelos outros.

O Entrevistado 4 traz duas perspectivas para a análise de quem vem à Joinville: para visitar e para morar. O primeiro, como ele conhece pouco da cidade, indicaria conhecerem-na juntos, experimentando o que ela oferece. Porém, aponta maior cuidado para quem vem morar e busca, de alguma forma, se estabelecer na cidade, exigindo a reflexão sobre os motivos que as trazem. Suas esperanças, expectativas sobre oportunidades prometidas, algo que o Entrevistado 4 considera irreal e demanda um esforço para tirar da mente dessas pessoas todo esse vislumbre, através do contato com a realidade.

Segundo o Entrevistado 4, a cultura do trabalho de Joinville acaba frustrando o sonho de quem vem morar na cidade. O culto excessivo ao trabalho e a falta de diversidade no lazer e na cultura acabam impactando negativamente os novos moradores, e ressalta que isso não

significa que elas não trabalhassem nas cidades onde viviam anteriormente. “Lá ela também trabalhava muito, mas isso é um dado importante pra gente pensar aqui do quanto que... O que importa, de fato, é só produção, produtividade” (Entrevistado 4).

Ele ainda ressalta a importância a partir desse ponto que a pessoa que vem de fora busque identificar e conviver com pessoas que tenham a mesma identidade e perfil que ela, não importando ser do mesmo lugar, mas que valorizem coisas semelhantes, de suas culturas, o que costumavam fazer. “Então eu acredito que o primeiro ponto é recomendar para essa pessoa que se aproxime dos seus, identificar qual que é as regiões e daí a gente começa a chegar em algo mais...” (Entrevistado 4). Entende-se com esse olhar uma estratégia para escapar da solidão, muito apontada pelos entrevistados, mas exclusivamente por ele, se tratando de um jovem negro, vindo de outra cidade do estado.

Sobre a cidade e as impressões que algumas pessoas de fora têm, para além dos aspectos culturais, os entrevistados a caracterizam como conservadora, com violências simbólicas, muitas vezes indiretas, sutis. Isso se reflete inclusive nas eleições da política institucional, como destaca o Entrevistado 2: “Eu falo, [...]: ‘Cara, oitenta por cento da população votou no Bolsonaro, você tira o que você conseguir dessa informação, assim sabe?’”.

Porém, essa ótica é transmitida também com um contraponto, como uma cidade que constrói a resistência e visa modificar o pensamento hegemônico, e isso é destacado em diferentes momentos nas falas dos entrevistados:

Então eu falo, é uma cidade que a resistência que tem é uma resistência muito resiliente, são muito fortes assim, mas que você tem que saber por onde você anda e com quem você anda, porque senão, você vai ser violentado de diversas maneiras e você nem vai perceber, assim. Você vai sair de lá devastado. E as pessoas falam, eu assim com os meus amigos, falam, a gente viaja, volta para Joinville, você entra... Parece que num peso, parece que as coisas são mais pesadas, são mais tristes. Você não vê aquele respiro. Então, eu falo assim: É uma cidade que tem pessoas incríveis, tem que conhecer elas e talvez a cidade não queira que você conheça essas pessoas, mas ao mesmo tempo, é bem violenta e tem que tomar cuidado, sim. (Entrevistado 2)

Na perspectiva do Entrevistado 4, são justamente esses movimentos de luta e resistência, que ele considera o outro lado de Joinville e o trabalho desenvolvido por eles são os que nos mantêm na cidade, pois estão movimentando, estão problematizando as discussões.

Então eu gosto de pensar nesse aspecto contraditório para que a gente também não caia no que, talvez, eles queiram, que é essa identificação de que: Ah, esse lugar não é para vocês. Então a gente tenta tomar um certo cuidado com isso, assim. (Entrevistado 4)

Ao lembrar de seu envolvimento com a política institucional e a quantidade de pessoas que é possível mobilizar em Joinville, a Entrevistada 1 tem esperança na cidade:

[...] então me faz crer que tem uma parcela da população que é muito legal, sabe, que quer mudança, que acredita numa sociedade mais igualitária, menos homofóbica, machista, racista, então eu não perco a fé que isso possa ser um espaço melhor. [...] não dá para colocar todo mundo no mesmo pacote, embora tenham coisas que estão enraizadas, que são forte, mas que não é todo mundo que comunga dessa verdade absoluta daqui (Entrevistada 1).

Já a Entrevistada 3 recorre à história da cidade para demonstrar que Joinville nem sempre foi tão conservadora, no que ela considera ser um retrocesso. Ela relembra que nas décadas de 1970 e 1980, a cidade do nordeste catarinense “espanta” o estado, pois na primeira década ela organiza e na segunda eclodem as grandes greves. “Elas nascem aqui, a nível de Santa Catarina, no sentido de que aqui que a coisa mesmo está mudando e está fazendo forte...”. Isso leva ela a compreender como se dava antigamente a relação dos moradores com a cidade, também com o trabalho e com outro elemento: a religião e como se configura essa realidade atualmente.

Isso, então, as pessoas, elas tinham uma outra compreensão do espaço da cidade, da construção da cidade, que mesmo que fosse pro trabalho, mesmo que aquela coisa das recreativas, das empresas, de você sair de manhã, trabalhar e a coisa mesmo do jardimzinho da praça, enfim. Mas era uma outra concepção, assim. E eu vejo hoje que a nível de relações no dia a dia das pessoas, para que elas possam criar laços, enfim, está muito no trabalho mesmo e já não é esse trabalho visto daquela maneira que a gente via, é uma outra concepção de trabalho. E também na questão da religiosidade porque, não sei se vocês estão acompanhando, mas Joinville é uma das cidades que mais cresce o neopentecostalismo, ela está com um crescimento bem forte e aí as pessoas elas tendem a realmente se organizar a partir dessa concepção neopentecostal. (Entrevistada 3)

Ainda nesta mesma reflexão, um pouco mais a frente, a Entrevistada 3 fala a respeito da construção da imagem de Joinville fora, sobre a questão política retratada para o restante do Brasil, com as motociatas do ex-presidente Jair Bolsonaro, por exemplo, que ela diz que ficou bem forte. E outra questão é ainda a persistência das pessoas em achar que “aqui todo mundo fosse branco de olho azul” (Entrevistada 3), que ela considera que é como Joinville se vende, como é feita sua propaganda para fora.

Além disso, a Entrevistada 3 levanta um ponto interessante sobre a arquitetura do centro de Joinville, com as casas antigas, que retratam a cidade do passado. Ela considera que isso seja algo mais voltado para o público dos historiadores e arquitetos. Mas a Entrevistada 1 faz um comparativo com outras cidades como Salvador e São Francisco do Sul, que preservam

e destacam no turismo essas arquiteturas, e complementa que “a gente não tem um centro histórico aqui e poderia ter” (Entrevistada 1). Mais a frente crava algo interessante: “não há esse cuidado com a preservação da história e da memória da cidade” (Entrevistada 1). Essa constatação surge após um debate sobre a própria descaracterização do centro da cidade com a Entrevistada 3.

Essa reflexão faz pensar que Joinville não preserva sua memória completamente, seja física, cultural ou simbólica, ela parece ser sempre, única e exclusivamente, movida pelos interesses econômicos e políticos da sua classe dominante. É interessante, por exemplo, preservar e propagar a ideia de uma cidade germânica, europeia, por meio do imaginário, dos instrumentos de controle (educação, mídia, propaganda, livros). Porém, preservar as estruturas físicas que remetem a esse passado, varia conforme a especulação imobiliária e quantos milhões podem render em terreno de uma casa antiga demolida no centro de Joinville. E é algo tão forte que acaba transformando no pensamento cultural da própria cidade, de seus moradores, inclusive dos proprietários:

A própria... João Colin, mas vocês sabem que as pessoas querem mesmo porque a João Colin, por exemplo, no Plano Diretor, não pode construir prédio indeterminado. Então, pra eles, é um entrave, assim. Como é que a gente pode dizer assim? Economicamente não é muito favorável. (Entrevistada 3)

As análises sobre a composição da cidade nesta conversa passam por diversos pontos interessantes, mostrando que debater questões raciais é debater a estrutura da sociedade brasileira. Envolvendo não só temas como pertencimento, mas toda a organização e reorganização da cidade, quem está dentro e quem está fora, e as estratégias necessárias de grupos minorizados para a sobrevivência neste cenário.

Outro ponto interessante levantado em meio essas reflexões são sobre o acesso da população negra à cidade de Joinville, que fez dois integrantes do grupo questionarem seus gostos por ficar em casa, duvidando se realmente era um gosto pessoal ou algo imposto pelas circunstâncias. A dificuldade em acessar o transporte público, em diferentes horários, quando se mora nos extremos da cidade ou quando tenta sair para algum evento a noite ou de madrugada, principalmente aos finais de semana.

Então, disse assim, da logística de sair em Joinville, morando na zona Sul, assim, sabe. Os rolês sempre no Centro, daí você calcula o ônibus, se você perder esse Itinga, você vai ter que esperar um daqui a meia hora... E daí você vai chegar e como você vai voltar? A preocupação da minha mãe não era nem como ir, era como você vai voltar: “Você vai pegar carona com um amigo?”. Se não, esquece, você não vai ter pra voltar. “E dinheiro, você vai ter dinheiro para fazer alguma coisa lá?”. Então, assim, era sempre várias perguntas que você tinha que responder antes de sair de casa e falava, se for responder um questionário antes de sair de casa, não vou sair, né? (Entrevistado 2)

Também há a desconfiança na sociedade sobre como esta percebe a pessoa negra – os olhares, as perguntas – colocam a população negra em uma espécie de paranoia: “será que eu sempre fui assim ou foi em função de ser negra que tive que viver para sobreviver bem em Joinville?” (Entrevistada 3).

O racismo é capaz de despertar no negro até paranoias inimagináveis, mas entendendo o contexto da cidade, faz total sentido o questionamento. É perverso demais uma cidade poder excluir e segregar um perfil social e racial a ponto de deixá-los trancados em casa, interferindo na socialização, na construção subjetiva do sujeito e com a própria cidade em que vive. Isso remete à sensação apresentada pelo Entrevistado 2 e o poder destruidor e triste de Joinville, e permite questionar quantos sonhos ou potencialidades são perdidas pela cidade por conta desta cultura imposta? A Entrevistada 3 ilustra esse sentimento:

E aí é complicado porque, você fala assim, mas entrar numa loja, você entra numa loja, não importa, eu posso estar do jeito que estou assim, que eu gosto de andar desse jeito assim, que daí alguém, meu Deus... Assim vou para o trabalho e tal, vou assim, tento já numa outra estética, mas não importa se você está com uma roupa que... Digamos assim, ou entendida como marginalizada ou entendida como uma roupa de moda, aquela coisa de grife, não importa, você entrou numa loja, você é negro, você vai ser tratado de maneira diferente. É incrível. E tem lojas que são mais e outras que são menos. É uma... a graduação muda, mas a ideia é a mesma. “Será que não vai roubar?”. A impressão que eu tenho é essa (Entrevistada 3).

“O racismo transcende a questão econômica” (Entrevistada 1). Essas questões postas interferiram na subjetividade dos participantes a ponto de olharem para os traumas do passado, para a infância e adolescência para refletir sobre seus gostos e sua convivência na cidade. “Daí não quero sair, porque vai me cansar mesmo, então melhor evitar, vamos evitar problema, aí já fica melhor” (Entrevistada 3). O racismo constrange o próprio negro, o prende e o envergonha. Quem comete o crime parece não se importar tanto ou ser punido por tal atitude, mas ao negro é reservado os piores castigos, inclusive o de ficar em casa para evitar qualquer tipo de problema que a cor de sua pele pode causar em uma sociedade racialmente excludente. Recorrendo a Nogueira (2021, p. 131), é possível compreender que

Não conseguindo se ver incluído, o negro acaba por se excluir como única alternativa para eliminar aquilo que é impossível ser eliminado. Somente os processos autodestrutivos podem significar, para ele, a eliminação daquilo que exclui seu próprio corpo, sua própria condição de sujeito.

Ainda nestes primeiros momentos de conversa, antes da apresentação dos programas selecionados, é feita uma crítica ao telejornalismo joinvilense da seguinte maneira:

Se por um lado, tem essa Joinville que é... Enfim, só valoriza a cultura germânica, só ainda apresenta nas reportagens do telejornal a pessoa ou o repórter no centro da cidade, enfim, só a Praça da Bandeira, a Rua das Palmeiras, como se Joinville fosse só aquilo ali, qualquer chamada é dali, como se não tivesse outros bairros para essa pessoa fazer essa chamada e isso não é aleatório, isso é sempre sistematicamente (Entrevistado 4).

Esse comentário demonstra o acompanhamento do telejornalismo local, um olhar crítico para a representação da cidade e uma interpretação sobre a intencionalidade jornalística, demonstrando uma visão de que há intenções por trás do fazer jornalismo. A partir dessa provocação, partimos para a análise dos programas.

5.1.1.1 Análise dos programas – “Cadê os pretos?”

Figura 10 - Categorias da interpretação do primeiro grupo



Fonte: Própria (2024)

Repetição

Este tópico foi estruturado para reunir interpretações que indiquem algum tipo de repetição, seja no conteúdo, como entrevistas e falas, ou imagens, durante a exibição dos programas do Jornal do Almoço selecionados e transmitidos para os participantes do grupo.

Uma das primeiras questões levantadas, após a percepção da ausência de pessoas negras, foi a repetição que ocorreu. Da utilização do mesmo trecho de uma entrevista em algum outro momento (dia ou ano) com as mesmas falas. Este método se repetiu em outros períodos analisados e foi inserido no grupo de discussão propositalmente pelo pesquisador com o intuito de observar as reações dos entrevistados, para verificar se é realmente algo que chame a atenção.

“Teve um ali que eles usaram o mesmo conteúdo? Foi né?” (Entrevistado 4). “Mas me cansei assim, Felipe, fiquei bem triste, porque eu acho que... Claro, outra concepção de televisão, naquela época que..., mas eles repetiram... Olha só, o Dilney falando a mesma coisa um ano depois... E assim...” (Entrevistada 3). “Eles pegaram a mesma entrevista e colocaram” (Entrevistada 1).

Porém, mais que uma simples repetição, é notado algo mais profundo, o conteúdo da mensagem, a ideia que se passa e a falta de cuidado ao retratar essa informação.

Exatamente, é a mesma entrevista, exatamente. Deu para perceber assim. Mas o que eu digo assim, gente, ninguém nesse grupo de jornalista nessa mesa pode perceber ali que ele estava falando uma coisa que trazia um peso muito grande? Que é quase que dizer que aqui era um vazio. Depois, lá no outro episódio, ele vai dizer: Não, mas eles receberam ajuda de alguém que morava aqui”. Mas antes disso, era um lugar vazio que não tinha... Então por isso foi no sul do Brasil. Havia... Gente... (Entrevistada 3)

Neste trecho, a Entrevistada 3 discorre sobre uma entrevista concedida pelo historiador Dilney Cunha para o documentário “A Barca Colon”, abordando o povoamento na região sul do país. Cunha contextualiza o período de industrialização do Brasil, destacando a necessidade de mão de obra qualificada e livre, sugerindo implicitamente a existência de pessoas consideradas não qualificadas e não livres. Ele também enfatiza que a vinda dos imigrantes europeus está diretamente relacionada à demanda por mão de obra, escolhendo a região sul devido aos seus territórios desabitados.

A crítica da Entrevistada 3, também historiadora, é justamente nesse sentido, contextualizando que nas regiões do sul do país existiam pessoas aqui vivendo, populações originárias, inclusive e, especificamente, na região onde está localizada Joinville, com a presença de luso-brasileiros com a população negra, alguns na condição de escravizados e indígenas. É possível encontrar tais registros nas pesquisas de Thiago (1983), Pereira e Guedes (1999), Alves (2000), Silva (2004), Cunha (2004; 2008), Rosa (2006), Cardoso, Gunlanda, Fernandes (2022).

Além disso, a Entrevistada 3 traz em sua análise o sentimento da ausência de uma intenção pedagógica. Esta definição é útil para a análise do fazer jornalístico do programa. Há

uma real vontade de explicar detalhadamente o que de fato ocorreu, com todos os elementos, nuances, personagens? Fica visível para uma historiadora justamente a ausência dessa preocupação, desse cuidado.

É levantado um debate sobre esse tema que conduz a outro tópico. “Eu imagino que no jornalismo, toda a informação que é dada, ela tem um cunho de querer alguma coisa da pessoa, que a pessoa entenda alguma coisa no final daquilo. Daí jogaram aquela reportagem ali, as pessoas, tipo...” (Entrevistada 3). Em complemento, a Entrevistada 1 opina: “mas eu acho que essa narrativa é uma narrativa proposital”. Porém, aqui ainda existem elementos que exigem uma reflexão sobre telejornalismo, sua função, sua ética, seus limites e possíveis interesses.

Cidade Imaginada x Cidade Real

Este tópico aglutina as interpretações dos entrevistados que demonstrem ou identifiquem a tentativa de ocultação ou alteração da realidade concreta sobre a cidade e seus personagens, de histórias ou fatos, de certa forma positivadas ou transformadas em algo que não corresponda com o que de fato ocorreu.

A interação do final do tópico “Repetição” desencadeou a lembrança entre as duas entrevistadas sobre o lançamento do livro “Viver Joinville”, pela Secretaria da Educação²⁹. A rememoração desse livro foi gerada a partir da reflexão sobre a história contada sobre Joinville ser fictícia. “O príncipe nunca passou por aqui. [...] E aqui, eles nunca chegaram, nunca moraram naquele museu” (Entrevistada 1). O livro citado é visto como uma quebra de paradigma justamente por desmistificar algumas inverdades sobre a formação da cidade como, por exemplo, a vinda do príncipe e da princesa para Joinville, onde hoje se encontra o Museu da Imigração, que se construiu no imaginário popular que seria a moradia do casal real e que tem até hoje em seu interior itens que pertencera aos dois.

Esses apontamentos demonstram a criação de uma cidade imaginada, com um mito fundador, uma história inventada, que foge a realidade dos fatos, de encarar as coisas como de fato ocorreram. E aí vem outro apontamento da Entrevistada 1 a respeito dessa construção e a quem interessa a preservação e a propagação da cidade imaginada: “mas acontece que aqui existe ainda um monopólio de pessoas que querem que isso seja preservado”. Essa afirmação

²⁹ Em pesquisas feitas na Internet, encontra-se o livro com este título com produção da Secretaria de Educação e Cultura, datada do ano 2000, com 150 páginas.

indica uma perspectiva de luta de classes, atravessando elementos simbólicos, mas também concretos.

Exemplo sobre essa configuração de disputa entre a imaginação e a realidade é dado pela mesma entrevistada, quando analisa uma matéria do *Jornal do Almoço* em que acontece uma homenagem a uma mulher suíça que veio morar em Joinville no século XIX. Seu corpo havia sido enterrado no Cemitério do Imigrante, o evento contou com a presença da família da mulher e com a presença de autoridades, inclusive do prefeito da cidade à época. A Entrevistada 1 levanta o seguinte ponto:

Eles fizeram a cerimônia no Cemitério do Imigrante ali, recente, e é lá no Cemitério do Imigrante que nós temos quatorze negros escravizados. Quando fizeram menção a isso? Existe o nome de cada um, de que família pertenciam... Tem uns escritos da Catedral, mas isso não é interessante para esse grupo que está aqui ainda hoje. Então eles vão repetir essa narrativa quantas vezes, sabe? (Entrevistada 1).

Esta explanação suscita duas reflexões: uma sobre os critérios do programa para elencar o que é interessante e o que não é, o que é relevante ou não para virar notícia e entrar na matéria, e a outra é ainda sobre a questão do poder, sobre quem manda e quem obedece, sobre o que pode ou não ser dito. Essas duas perspectivas não estão desvinculadas, muito pelo contrário: elas se relacionam e fazem parte do mesmo problema. Sobre os corpos negros enterrados no mesmo cemitério tem algumas pesquisas que abordam o tema, sendo uma das mais recentes a realizada pelo historiador Rhuan Carlos Fernandes e publicada em forma de capítulo³⁰, em 2022, no livro *Fragmentos Negros*.

Conforme abordado anteriormente pela Entrevistada 1, é preciso destacar que um programa de telejornal precisa de patrocinadores para ir ao ar, ou seja, investimento. Assim sendo, dificilmente falarão algo que possa prejudicar os interesses daqueles que financiam o jornal. Evitarão pautas que possam comprometê-los, e poderão sofrer influências na linha editorial a ser seguida, indicando quais histórias seriam mais interessantes de serem contadas.

Mais adiante, ainda em suas reflexões, a Entrevistada 1 reflete sobre a disputa desigual entre a cidade imaginada e cidade real pelo prisma de que: “Enquanto tem um grupo de historiadores e de pessoas que sabem que essa narrativa é fictícia e que tentam o tempo todo fazer o contraponto, eles vão jogando na TV aberta que o que todo mundo assiste. Todo mundo senta meio-dia e liga no *Jornal do Almoço*.”. Como um grupo de historiadores poderá combater uma narrativa gerada por um veículo de grande alcance? Como esse contraponto pode ganhar

³⁰ Insurreições Patrimoniais: os espaços negros no Cemitério do Imigrante em Joinville/SC

corpo e enfrentar a mídia hegemônica? A própria Entrevistada 1 responde às indagações mentais do pesquisador, que também concorda com a ideia: “Se não tiver um contraponto, se a gente não tiver aí uma TV independente e aí são as plataformas digitais, fazendo barulho, vai ser essa narrativa”. E ela faz uma reflexão com um exemplo ainda mais interessante sobre a produção de contra narrativa que também demonstra a realidade material de Joinville: “Olha onde está a UFSC, está lá dentro da fábrica. Teoricamente, a universidade é um local para produzir contra narrativa a essa porcariada toda aí, mas está lá dentro da fábrica”.

O que a Entrevistada 1 chama de fábrica, na verdade, é o Parque Industrial Perini ou *Perini Business Park*, que fica no extremo norte da cidade de Joinville. A sede da universidade pública federal está lá dentro e possui apenas cursos de exatas, com maior destaque para as engenharias, que com a proximidade com as empresas privadas do parque industrial podem influenciar as pesquisas científicas e atenderem interesses diretos das empresas. Ao todo, são 290 empresas, entre nacionais e multinacionais, ou seja, conhecimento produzido com bem público que pode virar inovação tecnológica inclusive para empresas estrangeiras

Esse ponto levantado pela entrevistada nos permite pensar a respeito da Joinville real, com suas desigualdades e contradições. A instalação da Universidade Federal de Santa Catarina em Joinville revela muito sobre a cidade, desde o acesso à universidade (quem consegue chegar até lá fisicamente e se dedicar exclusivamente apenas aos estudos), até a falta de diversidade entre os cursos, além dos interesses financeiros, pois para estar lá a UFSC paga mais de 400 mil reais de aluguel³¹ mensais desde 2018.

Percebe-se que analisando a questão racial em um programa jornalístico, não se observa apenas um produto midiático ou somente o campo simbólico. Analisa-se um instrumento de poder que se relaciona com toda a materialidade da sociedade, jogando luz sobre como a sociedade se organiza e se reproduz, e como os pensamentos de determinadas épocas são moldados, preservados e propagados. Esses pensamentos interferem diretamente na cultura, na política e na economia.

Cultura do trabalho

Neste tópico reúnem-se comentários a respeito da insistente presença do trabalho nas narrativas do *Jornal do Almoço*, seja por parte dos entrevistados ou dos próprios jornalistas, como forma de produzir um certo padrão característico, típico do joinvilense.

³¹ Sem previsão para o término de unidade própria em Joinville, UFSC aluga novo prédio para campus.

Um dos pontos semelhantes que ficaram visíveis para os entrevistados e que também já havia sido registrado pelo pesquisador é a questão da cultura do trabalho na cidade. O reforço a todo instante desta característica ou deste perfil da cidade saltam aos olhos também dos entrevistados. “Assim, essa coisa horrível, aqui é a cidade da ordem, a cidade do trabalho, só esses depoimentos: aqui todo mundo trabalha, aqui ninguém para, aqui não tem feriado, aqui...” (Entrevistada 1). “Não tem menção à cultura...” (Entrevistado 4). A cultura de Joinville é apenas trabalhar, não existe a possibilidade de pensar, ler, passear, se divertir, brincar, apenas trabalhar. Essa percepção se vincula com as análises feitas anteriormente, antes mesmo dos entrevistados entrarem em contato com os programas apresentados. Especialmente quando falam da ausência de eventos culturais, principalmente organizados nas periferias da cidade, das dificuldades de acesso a esses eventos, e a dinâmica quase que sistematizada de deixar a população dentro de casa, de não viver e aproveitar a cidade, de não reivindicar espaços.

Este culto ao trabalho é repetido constantemente em todos os programas analisados. A intencionalidade jornalística parece construir não só um perfil joinvilense, mas também um padrão, um estilo de vida que no início era apenas um exemplo, mas que com o passar dos anos tornou-se regra. Para se enquadrar na cidade tem que seguir disciplinarmente esse padrão, fora isso, dificilmente terá vez em Joinville. Por trás dessa exigência é possível perceber uma enorme violência de limitação de oportunidades físicas e psíquicas, podendo ocasionar doenças, interferindo diretamente na saúde mental de seus moradores.

Construção narrativa

Neste tópico concentram-se as percepções dos entrevistados em possíveis técnicas que permitem uma construção narrativa para corroborar com a mensagem que querem transmitir, utilizando de falas de especialistas no assunto, por exemplo.

Outro fator que gerou incômodo entre os entrevistados e apresentado pelo Entrevistado 4 tem a ver mais uma vez com a participação do historiador Dilney Cunha na entrevista no documentário “A Barca Colon”.

E eu achei que quando você falou do Dilney ali, que parecia que ele estava falando, mas parecia que ele estava se sentindo meio... Eu estou falando, mas parecia que ele estava tentando esconder coisa, assim. Eu senti essa... Depois quando ele falou do afrodescendente, eu percebi, ele está querendo falar muita coisa e isso... (Entrevistado 4).

A Entrevistada 1, que conhece um pouco sobre o historiador interrompe a fala, mas continua na mesma reflexão:

Não deixaram. Porque ele conhece, ele escreveu sobre a presença dos afros, dos negros aqui. E se ele falou, em algum momento da entrevista, foi editado. Eu trabalhei com o Dilney. O Dilney é um cara, assim, não é nenhum alienado no meio desse povo todo. É um historiador de peso, esteve em Schaffhausen lá também, que é considerado cidade-irmã, escreveu sobre os suíços, mas ele tem uma leitura bem profunda da presença do negro aqui. Isso eles editaram, você pode ter certeza. E vai chegar ano que vem, vão mostrar de novo... (Entrevistada 1).

Esses comentários revelam uma ideia de possível alteração na hora da edição como se fosse um processo de escolhas, de construção da narrativa, dos cortes do que entra e o que tira, do que faz sentido e do que não faz. Pode-se considerar, nesse ponto, a explanação de Bourdieu (1997, p. 19) em que diz que

o acesso à televisão tem como contrapartida uma formidável censura, uma perda de autonomia ligada, entre outras coisas, ao fato de que o assunto é imposto, de que as condições da comunicação são impostas e, sobretudo, de que a limitação do tempo impõe ao discurso restrições tais que é pouco provável que alguma coisa possa ser dita.

Sobre a intencionalidade real dos editores não dá para confirmar com certeza, porém é possível analisar na prática jornalística as possibilidades de ajustes e recortes das arestas em busca de interpretações do público.

Apagamentos e invisibilidade x Romantização colonizadora

Este tópico reúne os apontamentos sobre os apagamentos de segmentos da população e da história joinvilense, em contrapartida à romantização e positivismo exacerbado da colonização e dos colonizadores promovidos pelo *Jornal do Almoço*.

“Gente, o tempo todo falando da dificuldade que esses imigrantes passaram e tal. Nem dos sambaquis...” (Entrevistada 1). Além da ausência da presença negra na história de Joinville pela ótica do *Jornal do Almoço*, é perceptível também a ausência da presença dos sambaquis, que estavam aqui muito antes da vinda dos luso-brasileiros e negros, sendo abordados em pesquisas realizadas por Pereira e Guedes (1999, p. 10).

A Colônia Dona Francisca fora território amplamente povoado pelos construtores de sambaquis e depois pelo elemento índio. Contudo, permanece o hiato entre o homem sambaquiano e o colono europeu. A História de Joinville é contada a partir da chegada do imigrante europeu, ignorando-se o fato de que aqui já existiam outros povos.

E esse ponto é interessante, pois existe o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, localizado bem no centro da cidade (com planejamento atual de transferência de local), sendo ainda caminho para o prédio da emissora de televisão. Porém, nenhuma ida ao Museu é feita para divulgar essa história, nenhum especialista é entrevistado para falar a respeito. Em nenhum momento analisado, não apenas nos materiais passados para os entrevistados, mas de 2011 a 2020 não se encontra nenhuma menção a essa história e a esses personagens que foram importantes, inclusive, para o desenvolvimento da cidade. Pereira e Guedes (1999, p. 13) ilustram como os legados históricos dos sambaquis compuseram a infraestrutura básica da cidade em seus primórdios: “As conchas de moluscos (berbigões, mariscos e ostras) serviam para a pavimentação de vias públicas e estradas em toda a Colônia Francisca, assim como serviam de matéria-prima para a fabricação de cal, largamente utilizada na construção civil e na pintura de casas”.

Mesmo a parte em que mostram os europeus em demasia recebe um olhar crítico. Para a Entrevistada 3 há no documentário “A Barca Colon” uma pobreza humanizada no que ela destaca que mostram uma réplica da barca, com cama, itens de cozinha em uma mesa... Isso demonstra, segundo a entrevistada, que: “Estavam vivos, eles eram humanizados, muito pobrinhos, mas muito organizadinhos”. Um olhar humanizado para essas pessoas e as dificuldades que enfrentaram em seu deslocamento do continente europeu para o Brasil. A Entrevistada 1 observa que: “Disseram que só sete morreram”.

Em sua fala, a Entrevistada 3 questiona querendo entender as pessoas que dizem que sofrimento é tudo igual e que não tem motivos para ficar medindo sofrimento: “Mas como é que a gente veio? Como é que a gente atravessou o Atlântico?”. Essa fala é comparativa entre as condições dos imigrantes europeus, se comparados a condição da população africana durante o período de tráfico negro, que também é reforçada na fala da Entrevistada 1: “Mas é que tinha que fazer o contraponto com os negros, porque esses imigrantes, por mais que eles tenham saído de lá em condições precárias, eram pobres e tal, eles chegam aqui num outro status”.

Aqui vale destacar o que Theodor Rodowicz-Oswiecimsky (*apud* Mathyas, 2007, p. 40) relata as diversas vantagens recebidas pelos germânicos do governo brasileiro, como “isenção de impostos alfandegários, para todos os utensílios, mantimentos e equipamentos”,

além da “isenção de taxas portuárias para embarcações que transportassem emigrantes e seus pertences”.

A Entrevistada 1 continua tecendo seu comentário: “Uma outra condição de trabalho e como inteligente, de cognição, coisa que os negros não tinham. Então eles não vão vender um negócio diferente, trabalho inteligente e...” (Entrevistada 1). “Qualificado” complementa a Entrevistada 3. “Aí é eles não vão dizer que eles vieram amontoados, que não tinha água, que eles não tomaram banho, que chegaram aqui cheio de piolho, que um ou outro morreu pelo caminho [...] Isso é coisa dos pretos, não para eles” (Entrevistada 1).

Essas falas demonstram o reconhecimento da romantização na historiografia da cidade, onde os percalços e as dificuldades são positivadas ou diminuídas, para dar uma ideia de heroísmo, coragem e vitória. Exemplo disso é uma crônica escrita por Adolpho Bernardo Schneider³² e citada por Mathyas (2007, p. 65), imaginando a características dos novos habitantes de Joinville, em seu primeiro contato com sua nova moradia em uma chegada heroica na cidade:

Era um batelão, que se aproximava vagarosamente, impulsionado por braços musculosos de homens de tez clara, que se faziam acompanhar de mulheres e de crianças e que haviam vindo de longe, de muito longe. Olhos azuis espiavam com curiosidade e também algum temor em redor de si, pois nunca haviam visto paisagem igual.

Essa construção de uma imagem vitoriosa e heroica não condiz com a realidade e é o que aponta a Entrevistada 3 ao citar os diários escritos por pessoas da época que demonstram que as condições eram mais próximas do tráfico atlântico do que de uma viagem tranquila. “Assim, não é igualzinho, mas tem muita coisa da questão do piolho, da questão da fome, a questão dos maus tratos, dos cuidados... [...] quando você vai olhar aquela reportagem ela está toda humanizada, ela está elaborada de um jeito...” (Entrevistada 3).

Mais adiante, a mesma entrevistada traz outro ponto interessante, ainda sobre o tema: “[...] Se você olhar a maioria da população bem pobre no Brasil hoje não tem aquela condição que está ali naquele espaço que está tendo. Então quer dizer, que isso? O que estão falando? Nem percebeu a realidade ainda...” (Entrevistada 3). Transparece, pela análise da entrevistada, uma certa idealização de superioridade por parte do programa, no sentido de diferenciação mesmo, como se demarcassem que “nós”, os europeus, vieram e chegaram em condições diferentes dos negros.

³² SCHNEIDER, Adolpho Bernardo. **Nossa boa terra**: contos e crônicas da Terra dos Príncipes. Joinville: Meyer, 1984.

Em um momento mais adiante do grupo de discussão surge outro apontamento feito pelo Entrevistado 2, que demonstra uma naturalização sobre o termo colonização:

Eu acho muito violento [...] e a palavra, a palavra, ou enfim, os derivados de colonizar, eles são... Está totalmente... naturais assim: Colonizei assim. A primeira vez que eu li, eu falei: Meu, mas isso é muito pesado”. Colonizar tem um significado... [...] você vai falar que colonizou algum lugar, você está matando as pessoas, você está estuprando as pessoas, você está roubando terras. E aí uma naturalidade dessa colonização assim que não se questiona nem o termo que se usa. Eles usam ali a chegada, mas várias vezes é a colonização, a colonização... Assim, super normal a gente chegar aqui, com cota de governo. A Sueli Carneiro que fala... [...] Cota de governo, recebendo cotas. [...]. Mas assim, bizarro a naturalização desse processo da colonização (Entrevistado 2).

A Entrevistada 1 complementa: “É assustador, porque eles querem preservar esse colonialismo. A gente gritando: Chega! E eles dizendo: não, vamos preservar porque...”. A Entrevistada 3 incrementa: “É, mas eu acho assim que é como se fosse um direito, meio que naturaliza como um direito. [...] Nossa, colonizou assim com aquela coisa... Daí você fica: Tá, mas é mesmo assim?” E traz mais um exemplo: “A mesma coisa me dá das reportagens: Como assim? ‘Olha que lindo, ai que emocionante!’. Como que lindo?”. Referindo-se aos comentários do âncora ao final de algumas matérias, elogiando e falando positivamente do que é apresentado, por mais que possa ser uma atrocidade como história de colonização.

Aqui percebe-se o tamanho da perversidade. Além da violência simbólica praticada por meio da invisibilidade, há a exaltação do processo de violência física, colonial, praticada no contexto historiográfico que contribuiu para essa ocultação. O silenciamento atrelado à celebração do processo que o provocou demonstram o descaso com as culturas escamoteadas, perseguidas, escravizadas, roubadas, torturadas e mortas. Esse fator encontra fundamento histórico, uma vez que a visão da civilidade e do humanismo foram justificativas para o cometimento de tais atrocidades.

A violência colonial, por exemplo, foi justificada pela civilidade e, paradoxalmente, pelo humanismo europeu contra o barbarismo dos povos originários e africanos, ou dos povos não civilizados em geral. A escravidão precisou desconsiderar a humanidade do negro, dos povos pagãos, para justificar-se frente ao humanismo nascente. Isso significa que a violência de morte é admitida se seus fins são bons (Rodrigues; Santana; Nobrega, 2018, p. 261).

Ainda sobre invisibilidade e apagamento, a Entrevistada 1 traz uma lembrança:

Durante as comemorações do aniversário de Joinville, sempre tem a Jacila, o povo de santo todo, lavando as escadarias da cidade. Sempre tem um culto afro, alguma coisa. Quando que... não mostraram nada ali. Nenhum tipo de manifestação de outros povos que não fossem europeus (Entrevistada 1).

Essa citação remete ao subcapítulo sobre a matéria do nd+, “Samba em terra de alemão”, em que se fala sobre a invisibilidade ser a forma de ocultar aquilo que por definição deveria ser mostrado (Mouillaud; Porto, 1997).

“Nossa história”

Esta sessão foi criada para trazer uma característica comum entre o apresentador do *Jornal do Almoço* e alguns jornalistas, que foi perceptível para um dos entrevistados do primeiro grupo de discussão. Além dos elogios constantes à história da cidade, identificado pela Entrevistada 3, anteriormente, há também uma tentativa de inclusão do público em determinados momentos.

O Entrevistado 4 apresenta seu ponto, analisando o âncora do jornal, que faz parte de uma estratégia de inclusão, de reforçar o que de fato é da cidade, de fazer o receptor se sentir inserido naquela realidade, de se sentir pertencente: “Acho muito interessante, ele sempre retoma: ‘Essa volta à nossa história, à nossa história’. Soa até meio cômico, assim, é vergonhoso assim, olhando de fora pelo menos. Não se dando conta do que estão falando...” (Entrevistado 4). Pode-se, mais uma vez, recorrer a Bourdieu (1997, p. 26), quando diz que

Acontece-me ter vontade de retomar *cada palavra* dos apresentadores que falam muitas vezes levianamente, sem ter a menor ideia da dificuldade e da gravidade do que evocam e das responsabilidades que incorrem ao evocá-las diante de milhares de telespectadores, sem as compreender e sem compreender que não as compreendem. Porque essas palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias ou, simplesmente, representações falsas.

Esse apontamento reflete elementos da construção historiográfica de Joinville abordados nas seções anteriores pelo próprio pesquisador, sinalizando que a percepção deste grupo de discussão também identifica as mesmas problemáticas e que, conforme a citação, geram consequências em quem as recebe, exigindo maior responsabilidade de quem as emite.

Estereótipos

Este tópico é responsável por discutir a identificação, por parte dos entrevistados, de estereótipos da população negra presente nos programas do *Jornal do Almoço* apresentados para o grupo de discussão

O Entrevistado 4 aborda a questão da exibição da população negra durante um show com Arlindinho, sambista, em um evento no Mercado Público de Joinville, produzido pela emissora do telejornal. Como aponta anteriormente o pesquisador, em sua breve análise dessa categoria temática criada, a maneira como a população negra é retratada nos programas ou é compondo cenário ou é de maneira estereotipada, marca percebida pelo entrevistado: “eles retrataram a gente ali e o momento que a gente estava bebendo, estava curtindo, estava se divertindo... [...] Já tinha passado, talvez, o ponto do álcool [...] Não que tenha problema nisso. Mas só retrataram isso. E isso também não é aleatório, né?” (Entrevistado 4). Complementado pela Entrevistada 3: “Está vendo? É só festa, só festa”. Ela traz um dado interessante sobre esse imaginário no qual a região sul do país é apenas vinculada ao trabalho, e o norte e nordeste a festas. Ela comenta que foi feito um levantamento junto com uma turma do nono ano de uma escola, por conta dessa discussão. Como resultado da pesquisa feita, descobriram que na região sul do país tem mais festas do que dias do ano.

Francisco Leite (2011, p. 226) recorre a Homi Komi Bhabha³³ (2003) para definir que:

Os estereótipos para o autor são construídos por meio das permanentes lutas narrativas que são empreendidas nos locais da cultura pela verticalização de poder entre os grupos sociais. Nessa disputa, o discurso hegemônico social utiliza-se da estratégia de estereotipização para identificar e desqualificar com a marca do inferior os grupos minoritários, para dessa forma se autoafirmar e garantir o afastamento de ameaças à sua hegemonia ou à sua ideologia pedagógica do “muitos como um”.

A construção da imagem estereotipada do negro tem sim um viés de rebaixamento e de dominação, e ao fazer isso, há também uma intencionalidade, na realidade de Joinville, manter o discurso hegemônico de quem manda na cidade.

Investimento

Este tópico discute a identificação por parte de um entrevistado questionando o investimento feito para a elaboração do documentário “A Barca Colon”, com direito a viagem

³³ Intelectual e professor dos estudos pós-coloniais e relações interculturais.

a três países diferentes, custeando estadia, visitas a diversos espaços e experimentações da gastronomia desses lugares.

O Entrevistado 4 em uma frase traz um questionamento que chamou atenção do pesquisador logo no início da investigação: “E o investimento para fazer essa reportagem?”. Essa frase rememora um desafio na elaboração desta pesquisa, quando na tentativa de obter programas antigos, o pesquisador questionou via e-mail e por contato direto com alguns jornalistas, e recebe a informação que não existe uma área da empresa para a preservação destes materiais. O contraste entre os gastos para a produção do documentário, e a ausência total destes para a formação de um acervo na emissora implica a reflexão sobre as prioridades de investimento da emissora. Constrói imaginário, mas não preserva a memória.

Então esse apontamento do Entrevistado 4, por mais que tenha sido apenas uma frase, merece uma atenção sobre as prioridades da empresa a respeito de seus gastos, o que reflete o que já foi demonstrado anteriormente, na fala da Entrevistada 1, sobre a cidade de Joinville não se importar com a preservação da sua memória. São questões de escolhas e de importância. Melhor montar um acervo com todos os programas contendo a memória da cidade ou viajar para três países e contar uma história contestada abertamente por diversos profissionais e pesquisadores do tema? Obviamente que essa questão não deve ter passado pela cabeça da direção ou coordenação do programa.

Sobrenome dos entrevistados pelo *Jornal do Almoço*

Este tópico reúne a reflexão sobre quem são as fontes selecionadas para falar sobre a história de Joinville, seus sobrenomes e suas características. Como se trata de um grupo de pesquisadores e militantes, o pesquisador sente-se à vontade para fazer algumas provocações para explorar e tentar extrair mais interpretações a respeito das observações dos entrevistados de maneira mais crítica. Uma questão que gerou incômodo ao analisar individualmente os programas era justamente quem eram as pessoas utilizadas como fontes das entrevistas para falar sobre a cidade. E justamente nesse caminho que é feita a pergunta: “Vocês chegaram a observar os sobrenomes dos entrevistados?”

Essa pergunta despertou uma lembrança na Entrevistada 3, que disse ter chamado muito a atenção esse fato dos entrevistados. Ela volta a memória para o período de gestão do ex-prefeito Carlito Meres (PT, 2009-2012) e é ajudada pela Entrevistada 1 a relatar a seguinte história: o governo da época queria fazer um tratado de intercâmbio cultural com algum país do continente africano, mas isso gerou a fúria de algumas pessoas. “Quase mandaram linchar

uns cinco...” (Entrevistada 3). “Mas meu Deus, foi um banzé para a elite” (Entrevistada 1). “Foi uma coisa absurda. Eu lembro que foi assim bem, a coisa assim, nem teve assim sutileza... Foi forte” (Entrevistada 3).

Na sequência, a Entrevistada 1 rememora um fato que testemunhou, ocorrido no mesmo período de gestão, que se correlaciona com a provocação anterior. Em uma cerimônia no Cemitério do Imigrante para homenagear e reconhecer a presença de pessoas negras escravizadas enterradas naquele local, foi preparada uma placa e uma coroa como forma de reconhecimento da existência daquelas pessoas e as suas contribuições para a construção da cidade. Estavam presentes, além de personalidades políticas, a Mãe Jacila (ialorixá conhecida na cidade), o povo de santo. Chamaram a polícia, que acompanhou a cerimônia do outro lado da rua. Porém, o fator mais chocante foi relatado da seguinte forma:

E teve uma senhora, eu não lembro quem era, mas uma da elite, que ela chegou perto do Carlito assim, no ouvido dele e disse: “Agora o senhor passou de todos os limites e isso vai ter um preço”. Porque aquele espaço era tido como um espaço da elite, da elite joinvilense. E aí, como que, de repente, vocês dizem que tem negro escravizado enterrado lá e ainda com o nome das famílias a que eles pertenciam, em que morreram, com que idade morreram. Aquilo foi visto como uma afronta para a sociedade joinvilense. [...] E aí claro, eles invisibilizaram, olha a reportagem. Mas não é... uma cerimônia lá toda linda em homenagem aos imigrantes europeus, em nenhum momento eles citaram os negros escravizados dali (Entrevistado 1).

Esses relatos são interessantes por dois fatores. Inicialmente, pelo fato do pesquisador ter analisado alguns materiais do período que ainda Carlito Merss era o prefeito da cidade, e em nenhuma das matérias do *Jornal do Almoço*, de 2011 e 2012, há menção desses fatos, principalmente sobre a presença negra no Cemitério do Imigrante. E como visto anteriormente, o programa de 2011 pertencia à classificação histórica, ou seja, falou-se explicitamente sobre a história da cidade, mas em nenhum momento ou em alguma matéria específica foi falado a respeito.

O outro fator é que apenas essas duas histórias já revelam sobre a organização e composição da cidade de Joinville. Quem manda e quem obedece, quem determina o que pode e o que não pode, o que é aceito e o que não é aceito, quem é joinvilense e quem não é. Os limites são traçados e devem ser respeitados. Enfim, escolhendo apenas entrevistados idosos, brancos e com sobrenomes europeus, o *Jornal do Almoço* demonstra didaticamente como isso funciona, reforçando com a ideia de joinvilense “*natu*” e joinvilense “*adotado*”. Nota-se que essa distinção é comum, padrão, regra.

O apresentador

Aqui são feitas algumas reflexões sobre o fato do âncora do *Jornal do Almoço* estar presente em praticamente todo o período analisado (2011 a 2020). A ideia é verificar como os entrevistados reagem a esta questão.

Outra provocação aos entrevistados é feita perguntando sobre o fato de o apresentador do jornal ser o mesmo durante todos os anos, com uma ou outra exceção e o que isso pode transparecer, que tipo de imagem pode ser vista a partir dessa questão. A discussão gerada a partir deste ponto gerou reflexões após o término da entrevista, nas conversas posteriores que também foram gravadas. A Entrevistada 1 faz uma análise geral e precisa sobre o tema, que extrapola a profissão em si e molda o imaginário da cidade com relação ao trabalho.

Eu acho que é a estabilidade, ele é a prova disso, que você vem e vencerá. Você trabalha que você vai se estabelecer, vai ter uma continuidade. Você vai conseguir construir um patrimônio, você tem essa estabilidade de emprego que fica muito forte no imaginário das pessoas daqui, principalmente. Porque a narrativa é sempre essa: você vem, você vai conseguir trabalhar aqui... "Em Joinville só não trabalha quem não quer". E você vai conseguir ficar um bom tempo dentro dessa empresa. Você vai conseguir os teus bens, você vai comprar uma casa, você vai comprar um carro, você vai comprar um terreno na Barra do Sul. O Rafael, ele representa essa continuidade e essa garantia de que você... Tem emprego aqui, é só você trabalhar. Se você trabalhar, você não vai se incomodar. Você vai ter essa certeza de que você será bem-sucedido. O ser bem-sucedido, para esta cidade, é ter, não é ser. É ter. Isso é muito forte aqui em Joinville. E o Rafael é o protótipo do bom moço, disciplinado, organizadinho e que trabalha muito. [...] E ele está lá. Se não fosse ele, seria a Rejane Gambin no Festival de Cuca, até hoje. Ela é o... não é à toa que ela é a vice-prefeita dessa cidade. Quantos anos essa mulher ficou fazendo Festival de Cuca, comendo cuca por aí... E ela era âncora do jornal. [...] O que ela é hoje? Vice-prefeita. Por que? Porque ela trabalhou muito.

Aqui pode-se verificar dois aspectos interessantes sobre essa questão: a meritocracia e a relação entre visibilidade do jornalismo e o caminho para a política institucional. Uma jornalista que aproveitou da visibilidade, da simpatia e do prestígio dos anos em que esteve como âncora e repórter do jornal se candidata para concorrer à Prefeitura de Joinville, enquanto vice-prefeita. Bourdieu (1997) destaca a possibilidade que alguns jornalistas conseguem ter na sociedade, sabendo se aproveitar dos espaços que têm ao estar em contato com a opinião pública, dizendo que

Embora ocupem uma posição inferior, dominada, nos campos de produção cultural, eles exercem uma forma raríssima de dominação: têm o poder sobre os meios de se exprimir publicamente, de existir publicamente, de ser conhecido de ter acesso à *notoriedade pública* (o que para os políticos e para certos intelectuais é um prêmio capital). O que lhes proporciona ser cercados (pelo menos os mais poderosos deles) de uma consideração muitas vezes desproporcional a seus méritos intelectuais... E eles podem desviar uma parte desse poder de consagração em seu proveito (Bourdieu, 1997, p. 66)

Após o término da entrevista, o mediador, Elias, faz um apontamento sobre a fala da Entrevistada 1, dizendo que, ao mesmo tempo em que ele tem o protótipo do que é o joinvilense, “ele também é uma contradição, porque ele indica que a cidade que se diz ser a cidade que tem trabalho para todo mundo, na verdade tem poucas alternativas e que por isso que ele permanece”. Ao que a Entrevistada 1 faz a ressalva que “ali também é um espaço para alguns, não é para todos”, e cita como exemplo o jornalista negro Cristiano Gomes, contratado pela NSC em 2021, ficando cerca de dois anos em Joinville e que, atualmente, está em Florianópolis. Elias acrescenta: “além disso, ele não tem mais onde subir, esse é o fim. [...] ‘Já vou pular para uma outra TV, que vai ser melhor que isso’, não porque a cidade... é isso que tem no ponto máximo”. A Entrevistada 3, porém, alerta: “Mas eu acho que esse máximo aí é um máximo que atrai muitos jovens”.

Essa é a questão, muitas vezes ao tratar do imaginário, ao seduzir as pessoas, ao contar uma história e repeti-la constantemente, gera um efeito enganador nas pessoas, tornando verdade aquilo que assistem. Da maneira que é feito, com todas as composições descritas, com a credibilidade que se vendem, fica mais fácil de propagar determinadas ideias e visões sobre diferentes temas e assuntos. Inclusive, o sucesso profissional, por mais que não seja o intuito direto ou que esteja em segundo plano, há intencionalidade em manter por tanto tempo a mesma pessoa a frente do telejornal.

Psicologia

Neste tópico é elaborada a percepção de um estudante de psicologia ao problematizar a produção de memória com os moradores de Joinville, principalmente quem vem de fora, ao entrarem em contato com os programas apresentados.

Pergunta-se a ele sobre como é a relação entre a memória e sua área de estudo. O Entrevistado 4 recorre a Lev Vygotsky³⁴, falando sobre materialidade e subjetividade, ressaltando que memória não é só memória, mas processos psicológicos superiores. E

³⁴ (1896-1934) Psicólogo responsável pela formulação da abordagem da Psicologia Histórico-cultural.

complementa que a memória se constrói também a partir da materialidade. Pensando a partir da Psicologia, reflete sobre quem são essas referências e dá o exemplo do Cemitério dos Imigrantes que, para ele, só consegue lembrar de uma atividade promovida pelo historiador Rhuan Carlos Fernandes e que foram algumas pessoas. Mas que não consegue resgatar algo além disso na memória dele, pois ele não tem materialidade para isso, não tem elementos, pois não teve contato com essa produção cultural, ficando algo vago.

Em seguida, ao ser questionado sobre como alguém que vem de fora pode interpretar essas matérias, o Entrevistado 4 afirma que quem entra em contato com esse tipo de material constituirá a memória a partir daquilo que está sendo passado, como se dissesse:

Okay, tem essa produção, tem essa reportagem, então ali tem sujeitos que são historiadores, então sem uma leitura crítica, então se tem um sujeito que é historiador, foi investido um dinheiro para produzir essa reportagem e se chegou até essa produção audiovisual, então é isso que é o fato histórico. Então, essa pessoa vai construir essa memória a partir desse tipo de reportagem (Entrevistado 4).

A credibilidade criada pela emissora, por ser como uma espécie de companheira quase que diária dos telespectadores, gera o sentimento de confiança, em acreditar que aquilo está sendo passado em um canal de amplo alcance, ajuda no sentimento de veracidade e de crença no que está recebendo. Com a inclusão de especialistas no assunto, fazem a confiança aumentar mais ainda. Sem receber nenhum tipo de contraponto, só resta ao telespectador acreditar piamente no que está sendo passado para ele sobre a “nossa” história.

Estética

Esta seção tem o intuito de captar a interpretação dos programas do Jornal do Almoço sob a perspectiva da estética, avaliada por um estudante de design a fim de explicar sobre como este componente pode servir para atrair a atenção dos espectadores.

Levanta-se um questionamento sobre a estética do programa e como tal composição pode atrair a atenção, para além do conteúdo em si. Nesse sentido, o Entrevistado 2 cita, além da estética, a questão da semiótica e reforça a ideia da intencionalidade, afirmando que tudo é intencional e planejado por várias pessoas para passar a visão que desejam:

Então sabe, aparecer pessoas negras só no final. O fato da escrita da Barca Colon ser com uma letra escrita à mão, não era uma fonte qualquer. O efeito que eles botam. E se tu olha de 2011 para 2020 não muda muita coisa. Parece que é a mesma maneira de produzir, a mesma história contada, os mesmos efeitos visuais, o mesmo repórter, inclusive. [...] As mesmas pessoas estão falando dos mesmos espaços, contando as mesmas histórias. E do ponto de vista estético é isso, chamam um senhor branco e dois falando do que? Da importância do trabalho. E as pessoas que vem aqui da região também queriam trabalho, então todo mundo que vem pra cá é para trabalhar (Entrevistada 2).

A Entrevistada 3 interrompe a explanação para relatar um sentimento de choque que sentiu ao ver o desfile na avenida Beira Rio que, segundo ela, relembra a Alemanha nos anos 1930. Quando Hitler fazia cerimônias idênticas, e nas imagens do programa de 2011 (sobre as comemorações dos 160 anos da cidade, com a série de reportagens “Joinville em preto e branco” relembrando das comemorações do centenário da cidade), os desfiles possuem as mesmas imagens, ainda ocorre o mesmo tipo de celebração. E destaca: “é toda militarizada, toda militarizada” (Entrevistada 3).

Lembrando que bombeiros, policiais civis, militares, exército, aparecem constantemente nas imagens do desfile. Esse apontamento faz o Entrevistado 2 lembrar de uma frase que dizia que a polícia é a coisa mais antiestética que existe. “É o que acontece ali. Polícia, depois é um fardado, é milico e é isso. É uma cidade...” (Entrevistado 2). A Entrevistada 3 lembra das crianças que também estavam ali nas cenas, participando.

O Entrevistado 2 então faz uma análise sobre o simbólico interferindo no real, refletindo sobre as consequências que se formam a partir dessas construções que precisa ser destacado na íntegra, pois demonstra como essa construção discursiva influencia na organização, reorganização e reprodução da vida na cidade.

E é o que segue toda narrativa que vai fortalecer depois a candidatura daqui, uma política neopentecostal, religião, super militarizada, opressora, anti pautas, qualquer pauta que seja identitária no sentido de diversidade e que é a mesma população que apoia Israel fazendo o mesmo massacre em Palestina com a mesma ideia: religião, militarismo e a diferença entre o inimigo. Então, assim, é bizarro assim como as narrativas, elas seguem e a estética ela... É Ctrl C, Ctrl V, você bota o Bolsonaro fazendo discurso dele em 2017, 2018 com a reportagem de 2010, 2011, ou se ele bota ele para falar ali depois do senhor, você ia comprar legal, porque é isso. É um senhor branco falando as atrocidades, depois corta para um mais jovem. O mais jovem, ele relembra a honra, toda essa questão de honrar os mais velhos, o mandamento sei lá qual dos dez lá, de honrar os mais velhos, porque eles vieram para cá com muito sofrimento e que olha o que eles construíram, eles que fizeram essa cidade. Depois corta para a criancinha também... [...] E a criancinha é a nova geração que vai manter, vai preservar essa história e é essa história dela que a gente vai preservar. Não é a história do café da avó do Entrevistado 4, que não é nem a história da Entrevistada 1, não é história de ninguém. É história daquele mulequinho, com cabelo e cabeça de coco, que eles vão preservar e vai ser assim (Entrevistada 2).

Ainda sobre esse assunto, a Entrevistada 1 aponta sobre as falas de alguns entrevistados. O primeiro, um senhor de idade, faz um poema romantizando a história de Joinville, em um verso, diz que “quem nasce aqui, nasce de cabeça branca”, o que a Entrevistada 1 entende como uma afirmação de que em Joinville só nascem pessoas loiras. E o outro homem diz que quem vem para a cidade, já sabe que vem para trabalhar, porque “o povo daqui é trabalhador”.

Esta análise, atrelada ao tópico sobre a produção da memória segundo a psicologia, expõe diretamente o que se produz na mente das pessoas e como se é pensado e estruturado pelo veículo de comunicação, a maneira de passar e fixar isso. A narrativa, a repetição, as imagens, as jogadas de câmera, os entrevistados, os militares... Nada é por acaso.

Jornalismo, poder e educação

Tratam-se, neste tópico, de alguns acúmulos produzidos no grupo de discussão que relacionam os temas sobre jornalismo, poder e educação e como eles se relacionam na interpretação dos participantes do grupo.

Enquanto professoras, foi feita uma provocação para a Entrevistada 1 e a Entrevistada 3, sobre a influência dos programas do telejornal na parte educativa, principalmente entre as crianças e jovens, afinal, elas estão na ponta, ensinando essas pessoas. Concordam com o Entrevistado 2 a respeito da presença de especialistas e historiadores para comprovar e reforçar o que estava sendo contado nas matérias do telejornal. Porém, a Entrevistada 3 ressalta que não é apenas essa questão. Ela relembra que a matéria fez um retrocesso, um caminhar para buscar as informações, indo à Alemanha. Ressalta que há uma construção, que é didática, não é aleatória, ou malfeita. “Aí você trabalhar isso na sala de aula, é sempre uma dúvida e até porque também ela é mais atrativa” (Entrevistada 3).

Nessa mesma fala, a Entrevistada 3 relembra que a formação da Alemanha ocorreu a partir de 1871, vinte anos após a data considerada oficial da chegada dos imigrantes em Joinville. Nessa época, da vinda para cá, eram os principados, os condados, integravam o Sacro Império Germânico. Essa explicação, por exemplo, não é muito explorada e explicada nas matérias do telejornal.

A Entrevistada 1 afirma que seria papel da escola desconstruir essa narrativa criada pelas matérias do programa: “Seria papel dos educadores, dos historiadores, desconstruir isso aí”. A Entrevistada 3 concorda, mas acha que não só, e reparte a responsabilidade também com os jornalistas, analisando o cenário político atual do Brasil, ressaltando que muitos perceberam

os erros que cometeram que acabaram prejudicando-os, mas ainda assim teve alguns que continuam até hoje agindo sem critério. A fala dela é no sentido de pensar e responsabilizar os outros atores envolvidos, não apenas as escolas, mas também as universidades, que também faz parte da educação, de outra forma, e cita como exemplo as faculdades de Jornalismo e o currículo do curso.

Como teve experiência atuando na área acadêmica, com turmas de Publicidade e Propaganda, a Entrevistada 1 apresenta argumentos interessantes e questionamentos pertinentes para a discussão, com uma visão do mercado publicitário, que se estende para o jornalismo.

Eles vão vender para quem paga e vão fazer a narrativa de quem paga. [...] Como é que você sobrevive, como é que você produz a tua existência sendo publicitário e trabalhando com uma determinada companhia que te paga muito bem, mas que quer que você venda essa ideia? Que foi isso que a imprensa fez durante esses últimos anos todos. Ninguém ali é tosco e não sabe o que está vendendo, mas foram pagos para isso. Então, é por isso que eu acho que a educação tem uma responsabilidade maior de desconstruir, inclusive um discurso desse... (Entrevistada 1)

A Entrevistada 3 concorda com a explanação e contribui com a ideia de que a educação pode vir com esse processo de desconstrução nas séries iniciais até a faculdade, porém quando chega no mercado de trabalho e se depara com a realidade, tem que pensar na sobrevivência, ela reconhece que isso é um dilema.

O telejornal é um produto que precisa ser patrocinado para ir ao ar. Quem financia influencia no que passar e como passar, pois são eles quem pagam os salários dos jornalistas. Como propor algo diferente dessa forma? A relação empregado e empregador, quem manda e quem obedece pesa na balança quando se trata de jornalismo, não adianta responsabilizar apenas o jornalista e não analisar a dinâmica que acontece no mercado e a necessidade de sobrevivência do profissional em meio a isso tudo.

Ao pensar no papel da educação em todo esse processo, a Entrevistada 1 relembra que o debate sobre essas questões, principalmente a racial, diferem-se entre as universidades públicas e privadas, e ressalta que é algo maior do que se pensa, por envolver um projeto de sociedade, de mundo, de criança, de educação. A Entrevistada 3 complementa que a união com quem está na periferia é a saída, pois, segundo ela, quem está mandando é o capitalismo. A Entrevistada 1 então discorre mais a respeito, trazendo outros elementos para o debate.

E Paulo Freire, ele é muito sábio, porque a linha que divide o opressor do oprimido é muito tênue. Então, é muito rápido para quem hoje é oprimido se tornar o opressor. [...] tem alguns negros que vão ser sempre capitão do mato, que não conseguem se libertar disso. E a gente vive nessa balança, de contrapor, de tentar mostrar que existe um outro lado, de tentar trazer mais pessoas para esse movimento, mas a gente vai estar sempre com esse dilema, porque isso envolve caráter, envolve... [...] Para a gente é muito claro que não deverias fazer um jornalismo desse jeito, não poderia ser uma publicidade que vai te envenenar, mas imagina, não vão mais vender cigarro, não vão mais vender bebida, porque isso tudo é prejudicial (Entrevistada 1).

Fazendo uma leitura mais subjetiva da situação, a Entrevistada 1 continua discorrendo sobre o tema, falando da questão individual, da construção de cada um, que extrapolam o controle externo, que corresponde a cada ser humano, que envolve ética e moral, o que cada um quer ou não para si e para o próximo. Isso, afirma, é algo constante que faz parte da constituição humana, que é falha, que envolvem processos históricos e cada um se constrói enquanto sujeito de acordo com suas leituras e percepções que nem sempre são iguais e, por isso, considera mais profundo do que se pensa.

Contribuindo com o debate, o Entrevistado 2 traz uma perspectiva que não havia sido notada na conversa: a questão dos horários de exibição do programa e a sobrecarga dos professores.

Me vem duas coisas na cabeça. Uma é, como é pesado também, você no meio-dia passar isso para uma criança e a tarde, uma e meia, ela tem que ouvir alguma coisa contra o que ela estava assistindo com o pai em casa e o pai reforçando aquilo para ela. A professora que se dane para conseguir quebrar isso na cabeça dela. Que ela, com certeza, liga à afetividade, estava almoçando com a família, aquela coisa passando, todo aquele momento (Entrevistado 2)

Além disso, aponta para as redes sociais e os novos canais de notícias que surgiram com o acesso a essas plataformas, como *Facebook* e *Instagram*, citando alguns exemplos e dizendo que os conteúdos se assemelham com os da televisão e podem até ser piores, pois não têm regulamentação. Isso demonstra um certo vício generalizado, além da influência da TV como produtora das informações, uma vez que essas páginas só reproduzem, mesmo não tendo nenhum critério ou organização em seus perfis. “Então, realmente, eu acho que cabe análise também dessas páginas assim, de entender se elas estão reproduzindo ou se elas não estão reforçando além do que elas podem... Podem não, do que elas conseguem assim...” (Entrevistado 2).

Apesar do apontamento pertinente, esse recorte não se encaixa nesta pesquisa, por extrapolar o objeto de estudo. Mesmo assim é possível utilizar-se do pensamento de Bourdieu

(1997, p. 27) refletindo sobre televisão, mas que se enquadra no apontamento feito pelo Entrevistado 2, em que ele argumenta que

Para ser o primeiro a ver e a fazer ver alguma coisa, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando a deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente dos outros, acaba-se por fazerem todos a mesma coisa, e a busca da exclusividade, que, em outros campos, produz a originalidade, a singularidade, resulta aqui na uniformização e na banalização.

Ainda que existam vinculações e semelhanças, esse ponto indica a necessidade de reflexão sobre alcance, influência e credibilidade do telejornalismo na cidade de Joinville, como uma emissora consegue organizar a sociedade por meio das informações, sem dissonâncias. Com isso é possível questionar: como pensar diferente em uma cidade assim?

Mudanças e alternativas – “Tinha que mudar tudo!”

Esta seção é reservada para compilar as opiniões e ideias de mudanças e construção de alternativas em relação às matérias apresentadas no *Jornal do Almoço*, como forma de desmistificação e contra narrativa ao que é transmitido e o que é omitido.

Durante toda a conversa surgem ideias de alternativas para solucionar o problema do apagamento e da invisibilidade da população negra, além dos desconfortos e críticas já evidenciadas. Quando se questiona sobre as possíveis alterações a serem feitas para deixar as matérias mais próximas da realidade, a resposta é unânime que haveria de mudar tudo. A Entrevistada 1 toma a palavra para afirmar que o que é apresentado não representa a história da colonização de Joinville e reforça que deveria começar pelo que é histórico e verídico, falando da presença negra que já residia na região que se conhece hoje por Joinville e que foram responsáveis por abrir as picadas e conduzir os imigrantes que chegaram na região “porque eles não conheciam a vegetação, eles não conheciam essa terra, não conheciam o mangue, não sabiam nem o que podia comer aqui ou não podia. Isso foram os povos nativos que fizeram” (Entrevistada 1).

Ainda na mesma fala a Entrevistada 1 traz informações novas sobre a formação da cidade de Joinville, até então desconhecida pelo pesquisador. “Se a gente der um pulo aqui no Vila Nova, tem negros ali, descendentes desse pessoal que já estava aqui na época da colonização que fala alemão” (Entrevistada 1). Porém, o ponto de destaque dessa fala passa por algo que não parece ser considerado por quem pensa a elaboração dos programas: “então a gente precisa ter esse cuidado com a ciência, com o saber, com a historicidade, porque você

fica reproduzindo alienação, uma história que não existe, isso aí é vendido aí fora...” (Entrevistada 1).

O Entrevistado 2 traz uma perspectiva de desmistificação de alguns títulos atribuídos a Joinville que não cabem tanto assim para a cidade, segundo uma pesquisa que fizeram para uma disciplina na faculdade: “Joinville não é mais uma cidade industrial por si, é uma cidade que vem pra serviço. A gente não é uma cidade industrial. A gente não é mais a cidade da bicicleta faz tempo. Cidade das flores é quando você vai pagar caro para ver as flores” (Entrevistado 2).

A partir da fala da Entrevistada 1, dizendo que deveria começar a contar a história da cidade pelo Sambaqui, surge uma sucessão de informações importantes sobre a constituição da cidade, mostrando sua diversidade e riqueza que não são abordados e nem mencionados em nenhum dos programas analisados. “Eu acho que tinha que começar pelo Sambaqui. Falando da pré-história da cidade. Lá no Morro Boa Vista, onde tem mais de um sambaqui. E depois lá no Cemitério do Imigrante, pegar aquela placa lá onde estão os negros escravizados e, a partir daí, tecer a narrativa” (Entrevistada 1). Porém, a Entrevistada 3, vai além, e expande um pouco mais a perspectiva da formação de Joinville, revelando vínculos com outras cidades próximas, além do desenvolvimento econômico da época.

Eu acho, Entrevistada 1, que não tem como negar a história de Joinville a nível regional, a partir de São Francisco do Sul e Bom Jesus de Araquari. Ali toda a questão do Itapocu. Pensar Joinville... pensar nessa construção de Joinville é pensar nesses grupos. Porque ali quando o Dilney estava falando me vinha à memória, quando você vai estudar a parte econômica [...] esse povo não tinha nada a ver com a cana, era um povo que estava plantando aipim para fazer farinha. São Francisco e essa região do Cubatão aqui, eram grandes vendedores de farinha de mandioca para o Brasil inteiro (Entrevistada 3).

Essas informações se fundem com outras, sobre a chegada dos imigrantes, tão romantizadas nos programas, mas que com o olhar científico, revela-se detalhes ocultos, como o fato de algumas dessas pessoas que vieram para a região nordeste de Santa Catarina acharem que estavam a caminho dos Estados Unidos, mais precisamente para San Francisco, na Califórnia. “E foram parar aqui em São Francisco do Sul, no meio das muriçocas, dos maruins”, informa a Entrevistada 1, que tem confirmada essa informação pela Entrevistada 3, que ainda acrescenta que “uma parte bem grande desse povo que chegou, eu não sei precisar bem, o Dilney até que comenta num dos textos dele, eles sobem a serra, vão para Curitiba”. E continua justificando: “Porque Curitiba, na época, era São Paulo, fazia parte da província de São Paulo” (Entrevistada 3). Segundo a Entrevistada 3, em Joinville ficou um grupo que teve que fazer

tudo trabalho de procurar ajuda de quem já estava por aqui, que eram os seismeiros, “que estavam por aqui todos, região do Cubatão”. Essa história é relatada também na pesquisa de Mathyas (2007). “E os quilombolas todos que nós temos aqui”, complementa a Entrevistada 1.

Isso, exatamente, todo esse povo aí que estava aí, eles vão ter que... Mas a medida em que a coisa vai crescendo, é óbvio que vai surgindo esse grupo, em função muito da questão racial mesmo, porque daí eles têm esse privilégio de ter todo um suporte do Estado brasileiro para que as coisas dessem certo. (Entrevistada 3)

Questionados se assistiriam novamente ou indicariam para alguém alguns dos programas, foram unânimes em dizer que não. O Entrevistado 2 inclusive faz uma avaliação da edição do telejornal, criticando as repetições das imagens e a falta de menção sobre algumas características da cidade, algumas até cômicas como, por exemplo, a questão das chuvas, também as variedades de rios, as serras... “Nós temos todos os biomas aqui”, acrescenta a Entrevistada 1. O Entrevistado 2 continua falando, lembrando a questão do mangue, a ave Guará que diz ser um símbolo da cidade.

Sobre o mangue citado pelo Entrevistado 2, a Entrevistada 3 indica a leitura de uma pesquisa feita sobre os manguezais pelo professor Belini Meurer (1993): “Aí você vai entender que o tempo inteiro, o mangue assim como a gente, também é pra ficar quietinho no cantinho e escondidinho” (Entrevistada 3). Essa relação é interessante, pois mostra, novamente, a disputa entre a Cidade Imaginada versus a Cidade Real, o que a primeira busca escamotear e apagar da segunda, para passar uma ideia de possível superioridade e de perfeição. É por aí que caminha a pesquisa indicada pela Entrevistada 3. Citado por Mathyas (2007, p. 126), Meurer (1993) afirma que existe uma formulação de cidade imaginada para “ofuscar o mundo concreto”, repleto de “explorações sociais”, destacando que

O que mais se percebe nos dias de hoje, é a formação de um real joinvilense, constituído de miseráveis – moradores de palafitas sobre o pântano dos manguesais. Entre flores construídas e o mundo concreto dos manguesais, invadidos por seres humanos famintos, muita coisa tem para ser escrita (Meurer, 1993 *apud* Mathyas, 2007, p. 126).

Em sua pesquisa, Meurer (1993) responsabiliza essa criação do imaginário aos historiadores do século XX, com destaque para Elly Herkenhoff, Adolpho Schneider³⁵ e Apolinário Ternes. Porém, já naquela época, reconhece o papel do jornalismo local nessa dinâmica, apontando que são responsáveis por retroalimentar “este ideal de uma cidade que é a

³⁵ SCHNEIDER, Adolpho Bernardo. **Nossa boa terra**: contos e crônicas da Terra dos Príncipes. Joinville: Meyer, 1984.

maior do Estado, que tem o maior número de indústrias ou a maior arrecadadora de impostos” (Meurer, 1993 *apud* Mathyas, 2007, p. 127). Essa citação demonstra que não é de hoje que esta postura do jornalismo joinvilense é adotada, faz parte da tradição, naturalizou-se e segue firme até os dias de hoje.

Quando perguntados sobre como se sentiram ao entrar em contato com as matérias o sentimento da Entrevistada 3 não foi de espanto, mas sim de “Como assim? Continua isso ainda?”. Sentimento também compartilhado pela Entrevistada 1, que diz ter sentido um misto de sensações, pois considera que já se superou essa história em boa parte das escolas, inclusive, informando que não se discute por essa ótica, “mas isso continua sendo imposto goela abaixo. Parece que a gente está remando contra a maré, é desanimador isso aí” (Entrevistada 1). Mais adiante faz uma reflexão sobre acesso das camadas mais populares, a quem chama de grandes massas, de acessarem a TV fechada: “Então continua essa manutenção dos poderosos, de quem constrói a narrativa” (Entrevistada 1). No mesmo caminho, o Entrevistado 4 aponta que entre os negros a importância da valorização da cultura negra e compreensão das questões raciais consegue conversar, porém, segundo ele, há uma quebra quando envolve a grande massa, pois o que é reproduzido “é esse tipo de discurso”. Aqui temos um comparativo da relação de alcance das informações e dos debates propostos por grupos minorizados e uma emissora de televisão com grande audiência. O que se espalha com mais facilidade e o que ainda permanece nichado, reduzido a pequenos grupos.

Como forma alternativa para a mudança de toda essa abordagem considerada inverídica e que corresponde aos interesses de certos setores da burguesia local, surge em meio as discussões a seguinte ideia como forma de necessidade: “Se não tiver um contraponto, se a gente não tiver aí uma TV independente e aí são as plataformas digitais, fazendo um barulho, vai ser essa narrativa” (Entrevistada 1). Essa ideia é lembrada mais adiante pelo Entrevistado 4, com algumas ponderações sobre o alcance que se pode ter, atingir além da população negra e exibir uma imagem de contributiva dos negros.

Como a gente vai produzir isso, que não fique em algo muito fechado e, de novo, só restrito ao nosso, mas que acesse um maior número de pessoas que recontem essa história. E não só no sentido de rebater o racismo, no sentido de confrontá-lo, mas trazer também as nossas produções, assim, sabe? Porque eu fico pensando muito nessa lógica de que a gente ficar batendo de frente e não apresentar as nossas contribuições, nesse sentido de cultura. Por exemplo, teve aqui essas pessoas negras que alocaram nesses territórios, produziram coisas ali e cadê essa história? [...] Dessa produção cultural do dia a dia, da gente produzir uma história que seja nesse sentido, sabe? Não só de luta e sofrimento, que daí a gente vai começar a ter outra materialidade para construir a nossa memória... (Entrevistado 4).

Essa perspectiva é ousada e desafiadora, porém parece ser promissora.

5.1.1.2 Uma análise do primeiro grupo – Olhar do pesquisador

Percebe-se no primeiro grupo de discussão, com a presença de militantes e pesquisadores, um olhar crítico e ponderado, com facilidade para observar, considerar e avaliar todos os cenários e possibilidades. Há uma propensão em tentar evidenciar como funcionam e operam as coisas, inclusive os meios de comunicação, considerando que estão sob o domínio do sistema capitalista que configura e determina as relações, inclusive entre patrão e empregado, emissora e jornalista.

Também apresentam soluções que este pesquisador considera disruptiva, de maneira independente e autônoma sugerem a criação de uma emissora de televisão própria, um canal de comunicação diversificado e plural. Não ficando presos apenas em sugestões de alterações no conteúdo das matérias apresentadas pela NSC TV.

Não culpabilizam a população negra, por mais que, em alguns momentos, falem sobre, compreendem o fato da estrutura em que vivem e a subjetividade e construção de cada pessoa, considerando a individualidade de cada pessoa, tratando de forma heterogênea e não generalista ou aglutinadora, como se um representasse a todos.

É possível perceber a vinculação entre militância, formação política e formação acadêmica estarem presentes em seus discursos, além das experiências cotidianas. Também algumas experiências anteriores envolvendo o contato com o poder, por meio da política institucional, trazidas em forma de exemplos, contribuem para a interpretação e análise sobre a cultura de Joinville, suas disputas e contradições, sua diversidade e potencialidades. Entendem o telejornalismo, a partir do que foi apresentado, como um aparelho ideológico vinculado a um projeto político, cultural e educacional que opera em função da manutenção da hegemonia social, racial e econômica da burguesia local. E convocam a população negra a se organizar contra essa narrativa, que molda e organiza a vida da sociedade joinvilense, respondendo a altura, disputando com o discurso predominante o conceito de Joinville, por todas as suas entranhas.

5.1.2 Grupo de Discussão 2 – Pessoas negras desvinculadas da pesquisa e de movimentos sociais negros

As entrevistas deste grupo ocorrem em momentos e locais distintos, com dois participantes em cada data, porém aqui são descritas e interpretadas conjuntamente, pois correspondem ao mesmo grupo de discussão entendidos como sem vínculos acadêmicos ou com movimentos sociais. O objetivo desse distanciamento, tanto da pesquisa, quanto da academia e da militância é tentar neutralizar um possível enviesamento e ter a garantia de opiniões plurais a respeito do tema, com o olhar que se aproximasse mais da visão do telespectador.

As duas entrevistas ocorrem no mês de janeiro de 2024, a primeira, no dia 08, acontece na Faculdade ACE, às 14h. Já a segunda, no dia 30, realiza-se às 19h na casa do pesquisador que participa como mediador em ambas. Cada entrevista contou com a presença de duas pessoas, totalizando quatro, número estipulado pelo pesquisador para a realização dos grupos de discussão de sua pesquisa. Para seguir a ordem cronológica dos entrevistados, os números serão contínuos, conforme vem sendo contado desde o primeiro grupo de discussão.

Entrevistada 5 – natural de Joinville, nascida no início da década de 1970, formada em Pedagogia, na ACE, com pós-graduação em Educação, trabalhando atualmente como corretora de imóveis, moradora do bairro Anita Garibaldi, esposa do Entrevistado 6.

Entrevistado 6 – nascido em Joinville, também na década de 1970, formado em Gestão Comercial, trabalha como vendedor, morador do bairro Anita Garibaldi, esposo da Entrevistada 5.

Entrevistada 7 – nascida na década de 1980, trabalha como assistente social, é escritora e reside no bairro Floresta, moradora de Joinville há mais de cinco anos.

Entrevistada 8 – nascida na década de 1950, natural de Curitiba, mas mora em Joinville desde os seis meses de idade. Formada em Pedagogia, atualmente está aposentada e é moradora do bairro Guanabara.

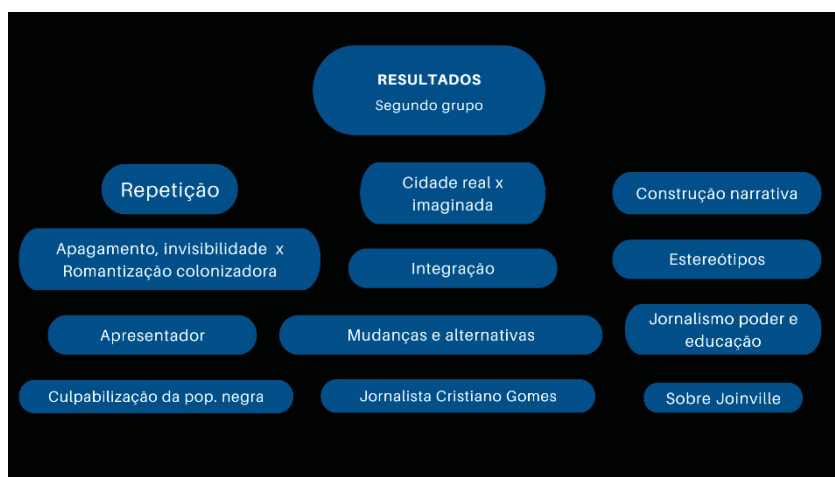
A falta de variedade para indicar locais para visitar em Joinville também acontece com esse grupo. Mirante, Vigorelli, Expoville, bairro Espinheiros são alguns locais indicados pelas entrevistadas 7 e 8. Já a Entrevistados 5 e o 6 dizem ter uma visão “até negativa em relação a cidade” por não ter variedade do que fazer. Indicam o período do Festival de Dança em que consideram a movimentação da cidade, também a Baía da Babitonga e shoppings. “É porque Joinville sempre se mostrou uma cidade muito para você morar e trabalhar, mas no sentido de ter um lazer ou ter alguma coisa, ou opções para que você possa fazer alguma coisa” (Entrevistado 6).

Após essa breve conversa sobre a cidade de Joinville, foram apresentados os programas do *Jornal do Almoço* para capturar a interpretação dos entrevistados. Pode-se notar semelhanças com o grupo de discussão, com oito tópicos com os mesmos assuntos abordados, porém com algumas perspectivas diferentes: Repetição; Cidade imaginada x Cidade real; Construção narrativa; Apagamentos e invisibilidade x Romantização colonizadora; Estereótipo; O apresentador; Mudanças e alternativas; Jornalismo, poder e educação. Também apresentam três tópicos novos: Integração; Culpabilização ou responsabilização da população negra; Sobre Joinville.

Apresenta-se também, entre esses tópicos um em especial que se intitula Caso Cristiano Gomes, que trata sobre a abordagem dos entrevistados desse segundo e do primeiro grupo sobre a questão da transferência do jornalista negro e homossexual, que atuava em Joinville, para a capital Florianópolis. Por mais que tenha sido citado no grupo anterior, neste segundo grupo houve um debate e uma exploração maior desse caso, por isso, decide-se colocar aqui. Ao todo, tem doze tópicos a seguir. Prossiga.

5.1.2.1 Análise dos programas

Figura 11 - Categorias da interpretação do segundo grupo



Fonte: Própria (2024)

Repetição

Uma das análises semelhante ao outro grupo de discussão foi a questão da repetição. Mas dessa vez não apenas a questão repetitiva das matérias e sim de outros elementos que compõem. “Porque tu pode ver, o Jornal do Almoço, gente, não muda. Aqui em Joinville, não

muda”. Essa é uma das observações feitas pela Entrevistada 8, que fala sobre os repórteres e apresentadores serem os mesmos apesar de tanto tempo. Questiona se não tem outra pessoa para a vaga, ressaltando que tem cursos de jornalismo na cidade e questionando onde estão e para onde vão os novos formados na área.

Além da repetição do telejornalismo, a Entrevistada 5 e o Entrevistado 6 destacam que há uma repetição da própria história contada desde suas infâncias, “desde pequeno”, na escola, quando iam em desfiles, nas festas que costumam acontecer no mês de outubro, como forma de lembrar da colonização. Mais adiante, quando questionados novamente, o Entrevistado 6 reafirma

Todos que eu assisti deram essa impressão de falar só da colonização alemã, de ir até a cidade lá e dizer que foram os alemães que vieram. Então, eu acho que ficou uma coisa muito mais assim, restrita. Todos me deram essa impressão. A gente viu ali em 2020, acho que o último ali, ficou um pouquinho mais aberto e mais tranquilo, mas todos vieram muito dessa impressão assim da colonização alemã, colonização alemã o tempo todo (Entrevistado 6).

A Entrevistada 5 destaca que não sabia da existência do monumento em homenagem aos suíços, mesmo comentário feito pela Entrevistada 7, que durante as apresentações dos programas questionou onde ficava. Esses relatos demonstram que não há uma grande difusão sobre outras culturas, inclusive germânicas, igualmente como há com a cultura alemã. Dilney Cunha em seu livro *Suíços em Joinville: o duplo desterro*, ao falar das suas motivações de escrita revela que “a imigração suíça foi bastante significativa nos primórdios da colonização de Dona Francisca; os suíços chegaram mesmo a constituir a maioria da população da colônia. No entanto, foram praticamente desprezados pela historiografia local” (Cunha, 2003, p. 12).

Mais adiante, o Entrevistado 6 opina que

Dá a impressão, não sei se existe, mas dá a impressão que os caras, eles ficam meio presos em fazer algumas coisas, porque é sempre a mesma coisa: alemão, alemão, alemão, alemão, alemão... Aí mostra aquela festa alemã, mostra as danças, mostra o folclore alemão e pronto, fica naquilo ali. Até enjoa porque todo ano é a mesma coisa. É a mesma coisa (Entrevistado 6).

E ainda acrescenta “vamos um pouquinho além, os próprios repórteres, todos eles são brancos” (Entrevistado 6). Mais a frente a Entrevistada 5 afirma que no próximo ano as reportagens seriam as mesmas e o Entrevistado 6 destaca que as matérias apresentadas eram parecidas. A Entrevistada 5 então prevê a possível comemoração do dia 9 de março de 2024.

Vê agora no próximo nove de março, vai ser a mesma coisa. Daí vai ser aquele pessoal da roupinha, musiquinha, aquela gaita... Eu não sei quanto tempo essa lavagem cerebral vai ficar porque a gente já passou por isso, já está aqui... Quem perguntar pra gente, a gente já diz, lá é uma roupa assim, é um sapatinho assim, a música é desse jeito, por que? Mas isso aí foi colocado na cabeça da gente. E agora nas novas gerações também já está se incu... encut.. Como que é? [...] Incutindo isso. E não tem. Parece que perpetua, está se perpetuando todo tempo, se multiplicando (Entrevistada 5).

Sim, o pesquisador confere o programa³⁶ do dia 9 de março de 2024, que cai em um sábado, com isso, a apresentação é feita diretamente dos estúdios de Florianópolis, com a apresentação com cobertura para todo o estado de Santa Catarina. Logo no início do programa, ao falar dos temas que serão abordados no jornal, a apresentadora anuncia o aniversário da “maior cidade do estado” e parabeniza Joinville pelos seus 173 anos, anunciando uma matéria especial sobre o artista plástico alemão Fritz Alt (1902-1968) e suas obras que “ajudam a contar a história” de Joinville.

A matéria fala sobre os monumentos, com elogios técnicos, como “marcantes e cheios de expressões, que ajudam a contar a história da colônia que virou cidade”. Nas imagens as obras do artista em locais como a Rua das Palmeiras, Sociedade Harmonia Lyra, Praça da Bandeira, Biblioteca Municipal e Museu Fritz Alt. Conta-se a história do artista, sua influência e relação com a cidade. A partir do monumento em homenagem a Dona Francisca, começam a historicizar a cidade e seus personagens. A coordenadora do Museu Fritz Alt dá entrevista ao lado do busto da Dona Francisca, falando sobre a expectativa da vinda dos príncipes, mostrando o Museu da Imigração e a Rua das Palmeiras ao fundo, relembrando da preparação para a recepção da realeza.

Na sequência, mostram a obra Monumento ao Imigrante, na Praça da Bandeira, falando que é a obra de maior destaque do artista, feita em comemoração do centenário da cidade (1951). Reforça-se a ideia de que os primeiros imigrantes desembarcaram no Rio Cachoeira, na Barca Colon, em frente ao ponto onde hoje está localizada a Prefeitura Municipal de Joinville, ao que chamam de “marco zero”, mostrando a proximidade desse ponto com a praça onde foi instalado o monumento em homenagem aos imigrantes.

A entrevistada, coordenadora do Museu Fritz Alt, fala em frente ao Monumento ao Imigrante, na Praça da Bandeira, explicando que o artista representa em sua obra “todos os elementos de quem tá começando a chegar” e prossegue

³⁶ Edição 09 mar. 24 – Jornal do Almoço – SC

... o elemento do imigrante, do colonizador, do caçador, do cara que está procurando esse espaço. Ele vai trazer a referência dos primeiros que chegaram pela barca. Ele vai trazer a referência da mulher com a criança, com o baú. Dessa nova visão, dessa nova família que está sendo construída, Desse novo recomeço, né?

No momento da sua fala, nas imagens aparecem o monumento de diferentes ângulos, mostrando os detalhes da obra com a proximidade da câmera, buscando relacionar a fala da entrevistada com a imagem, em uma espécie de referência conjunta, provando o que a entrevistada diz.

Na sequência vão para a frente do prédio centenário da Sociedade Harmonia Lyra, mostrando as obras da fachada e nas paredes, feitas por Fritz Alt, relacionam a obra com modernidade e destacam a fachada como “imponente”. Também é mostrado o espaço interno do prédio, uma placa feita pelo artista que está lá dentro, para recepcionar o público e destacam elementos da arquitetura. Ao fundo é possível observar a trilha de uma música clássica tocando, com destaque para o som de um violino. É realizada uma entrevista com o atual presidente da Sociedade Harmonia Lyra que destaca o objetivo do local na “difusão e incentivo às artes, sejam as artes plásticas, a música, a dança” e finaliza falando da relação do Fritz Alt em simbolizar isso e destacando que o prédio é centenário.

Sobre os sócios da Harmonia Lyra uma pesquisa indica que “são na maioria empresários/as de médio porte, proprietários/as de estabelecimentos comerciais da cidade, trabalhadores/as da rede de educação, saúde e compõem parte da classe média da cidade” (Gunlanda; Assis; Zanella, 2022, p. 4). A partir disso, pode-se imaginar a seleção e a escolha da matéria, no aniversário da cidade, sobre este artista. Suas relações e vínculos com a cidade e seus personagens.

Em seguida mostram brevemente outras obras feitas por Fritz Alt que estão em alguns pontos da cidade como o monumento de João Colin, Getúlio Vargas e os painéis e mosaicos do Sesi e da Biblioteca Pública Municipal, dentre outras que estão em seu museu. Ao fim, a apresentadora, diretamente do estúdio diz: “conhecer a nossa história faz significar o nosso presente e nos preparar para o futuro. Parabéns, Joinville, parabéns”. Essa matéria teve cerca de seis minutos e passou para todo o estado catarinense.

Por meio da história de um personagem, o artista plástico Fritz Alt, passeia-se por parte da história da cidade, trazendo simbolismos, mito fundador, omissões e inverdades sobre a história da cidade. A Entrevistada 5 não estava errada na sua observação. Comprova-se a repetição. Os mesmos homenageados, as mesmas histórias, os mesmos destaques. Por mais que não faça parte do recorte desta pesquisa, fez-se esse trajeto exclusivamente em 2024, pois

coincidiu com o momento desta parte da pesquisa próximo da data de aniversário da cidade. Portanto, serve para adiantar ao leitor que, até o presente momento, não houve por parte da emissora algum tipo de especulação ou tentativa de mudança na abordagem da história de Joinville, nem regional, nem estadual.

Cidade Imaginada x Cidade Real

Uma das primeiras identificações feitas pela Entrevistada 5, ainda durante as exibições dos materiais, foi o fato de notar que “nunca veio o príncipe, mas tem a Cidade do Príncipe” na matéria. E traz na mesma análise o que o Entrevistado 2 trouxe anteriormente sobre a questão dos títulos ainda preservados, como a Cidade das Bicicletas.

Mais adiante, ela reflete sobre uma espécie de separação existente na cidade, como se negros não integrassem os mesmos locais e construíram Joinville também. “E daí hoje em dia, já começou a surgir essa preocupação da presença negra, o negro, o que o negro representa, mas ainda é muito distante assim, é como se fossem duas coisas, dois lados” (Entrevistada 5). Não parece ser uma coisa só, uma única cidade, há uma separação. E segue questionando

Como assim precisam ser lembrados? Eles não fazem parte? É como se eles estivessem fora. E daí precisa de uma mãozinha assim pra ajudar, para as pessoas lembrarem que: olha, também tem os negros... sabe? Então essa é a realidade que a gente vive e nesse... Todo esse documentário, eles passam isso. Não existe história do negro na cidade, como construtor da cidade também (Entrevistada 5).

Os entrevistados 5, 6 e 8 também falam, em determinado momento, sobre a matéria em que aparece a homenagem a uma mulher suíça no Cemitério do Imigrante, reforçando que não foi a única a passar por dificuldade, que outras pessoas também passaram e que lembraram da população negra no momento da exibição. “Os negros eram tudo acorrentados dentro do navio” (Entrevistada 5). “Eram jogados pra fora, então assim, tá, ainda tinha uma cama, pra comer tinha um pratinho ali com garfo e tudo. Então, não sei, acho muito fora, sabe?” (Entrevistado 6).

Construção narrativa

O Entrevistado 6 também destaca a participação do historiador Dilney Cunha durante a participação do documentário “A Barca Colon” analisando sua fala e demonstrando a desigualdade racial existente.

Ele fala ali que precisava de uma mão de obra mais qualificada, que trouxesse o conhecimento técnico, isso até na Univali eles falavam, que os alemães vieram pra cá com conhecimento, principalmente, têxtil, a questão da região ali de Brusque, Blumenau, é muito forte o têxtil, porque não se tinha isso. Então... e o livre. Ele fala isso e depois ele fala: “E livre”. Porque os negros eram escravos, claro, precisava de uma mão de obra livre e que tivesse conhecimento técnico (Entrevistado 6).

Em outro momento da realização do grupo, a Entrevistada 5 identifica uma relação entre os livros escritos por outro historiador e a construção dos programas: “E ainda sem contar que tinha antigamente aqueles livros do Apolinário Ternes que falava um monte assim sobre a alta sociedade, o que eles queriam, o que eles vestiam, o que eles gostavam... E acho que existe muito disso aí ainda, sabe, permeando a cabeça...” (Entrevistada 5).

Ao observar a sintetização feita por Mathyas (2007) sobre alguns historiadores responsáveis por contar a história de Joinville é possível constatar que a afirmação da Entrevistada 5 está correta. Autores como Apolinário Ternes parecem servir de base científica para a construção das matérias da emissora RBS TV e NSC TV sobre o aniversário de Joinville. Mas não só. Carlos Ficker, Elly Herkenhoff e Adolpho Bernardo Schneider também. Porém, vale destacar que Ternes teve bem mais destaque em sua obra. “De todos os historiadores citados anteriormente, identificados com a ‘história oficial’ de Joinville, o mais aclamado e respeitado certamente é Apolinário Ternes” (Mathyas, 2007, p. 74).

Apagamentos e invisibilidade x Romantização colonizadora

Outro ponto também percebido e destacado pelos entrevistados foram a ausência de citação sobre a existência negra na cidade e a sua cultura, em detrimento de uma superexposição da cultura europeia. O Entrevistado 6 comenta que “parece que só os alemães e os suíços, no caso, construíram a cidade, não existia mais ninguém. É como se Joinville fosse... Não tivesse ninguém aqui, eles vieram pra cá e construíram tudo. Então, dá a impressão que é isso, o tempo todo”. A Entrevistada 8 também notou os apagamentos e a ausência de “alguns negros que se destacaram na cidade”, citando alguns exemplos, inclusive, “só que eles nunca falam”.

A Entrevistada 7 destaca que o que chamou sua atenção foi a romantização, como o fato de que “é tudo muito impressionante, tudo muito bonito, o sofrimento da população alemã, tudo eles procuram realçar sempre o lado positivo”. Ao mesmo tempo que nota a diferenciação do espaço dado a citação sobre e aparição da população negra nas matérias: “a população negra parece que é passada de forma bem ligeira”.

Mais adiante, tratando sobre como a imprensa contribui para a baixa estima e exclusão da população negra, por meio do apagamento, a Entrevistada 5 destaca o fato de que

perpetua essa questão de a gente estar à margem, porque a gente não está lá no documentário, não está... Só em alguns momentos que a gente vai aparecer. Eu acho que eles reforçam essa questão... De a gente não estar presente. E que a gente não está presente e a questão mesmo de um apresentador, vamos dizer que no lugar do Rafael Custódio, fosse uma pessoa negra, vamos dizer que ele fosse embora e o Cris comesse a apresentar, tivesse ficado no lugar dele, será que ele conseguiria? Ele ficaria quanto tempo? (Entrevistada 5)

A Entrevistada 5 também ressalta a questão da romantização em um trecho da entrevista dizendo que “é mais fácil romantizar do que falar a verdade”. E questiona sobre a realidade atual de Joinville comparando os títulos do passado com o presente: “Então, são questões muito assim, romantizadas. Coisas assim que eles colocaram num ponto assim de romantismo para quem mora aqui” (Entrevistada 5).

Integração

Outro apontamento feito pelos entrevistados 5 e 6 é sobre o fato da diversidade na televisão, por exemplo, ser algo pontual, artificial e esporádico, que não é naturalizado e acontece com uma fluência constante, correspondendo a mesma quantidade expressiva de corpos diversos que ocupam o país. “O que vejo é que é sempre assim, uma coisa pra lembrar, um programa para dizer que tem, não é uma coisa que está integrada, entende? Não é uma vivência, sabe, junto assim” (Entrevistada 5). Na visão da Entrevistada 5 parece uma obrigatoriedade, colocando na programação de qualquer jeito, a qualquer dia, para dizer que tem.

Nessa mesma linha de pensamento, o Entrevistado 6 diz que “era para ter dois, três, quatro, é para ter e pronto. Não é para ter essa coisa assim: ah, porque precisa levantar uma mulher. Não, o negro, ele tem que fazer parte como um todo”. Ou seja, naturalmente, uma vez que a população negra é a maioria do Brasil³⁷. Como exemplo, citam as novelas que somente nos últimos anos estão vendo colocar elenco negro.

³⁷ Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Negro correspondem as subcategorias pretos e pardos. Soma-se 45,3% de pardos com 10,2% de pretos e tem o total de 55,5% de população negra.

Estereótipo

O Entrevistado 6 reflete sobre a aparição dos negros na matéria do show do sambista Arlindinho, mas vai além da imagem estereotipada do negro alegre, festivo, que só se importa com sua diversão. Reflete também sobre a ideia que transparece sobre a presença negra em Joinville quando e onde ela é colocada e representada na matéria. Indicando parecer não estar lá no começo, no período histórico, de constituição e construção da cidade, mas apenas no final.

Estão ali só comemorando porque pusemos um sambista que é conhecido... é meio estranho isso. Não apareceu lá no começo, apareceu somente ali. Então, dá a entender que a gente surgiu do dia para noite, não tinha ninguém, os alemães vieram, fizeram tudo o que tinham que fazer e agora tem um pouco de negro que mora aqui na cidade, mas da onde que vieram? É como se não existisse... (Entrevistado 6).

“Não fizesse parte”, complementa a Entrevistada 5 que traz uma reflexão que ficou bem demarcada neste grupo de discussão: a culpabilização ou responsabilização da população negra, que será debatido em um tópico específico. Mais adiante, quando provocados diretamente pelo pesquisador a respeito dessa imagem, o Entrevistado 6 reconhece que acaba caindo no estereótipo de que negro é samba, samba é negro...

É como se fosse só... O negro, ele está muito ligado ao samba, ao carnaval, ao futebol ou artista, ele não está ligado... ele não tem ligação com coisas, não que não seja intelectual, mas poxa, um negro advogado. Um negro médico. Ele tem que estar só no meio do samba? Não, ele pode estar em qualquer outro lugar. Um negro que é chefe de cozinha... Então assim, o negro sempre está ligado ao esporte, às artes... (Entrevistado 6)

Analisando esse comentário feito pelo Entrevistado 6, sobre a população negra, sua reflexão se assemelha ao capítulo “Samba em terra de alemão” na construção de quem manda e quem obedece em Joinville, quem trabalha e se diverte, quem fundou e quem foi afundado na historiografia da cidade. Aos poucos, tanto no canal impresso ou televisivo joinvilense, vão tratando o negro como intruso, corpo estranho, que foram acolhidos e que até usufruem de todo o esforço dos trabalhadores inteligentes alemães.

Neste mesmo episódio, a Entrevistada 7 não notou a presença de estereótipos, mas algo positivo, pois viu afetividade, o pessoal representando amor e o sambista dizendo que se sentia em casa, ao que ela teve um sentimento de potência e de grandeza. Talvez, por conta da presença maçante de pessoas brancas em todo o conteúdo apresentado, ao se deparar com pessoas negras o que falou mais alto foi o alívio ao se ver representada minimamente e rapidamente, em saber que no universo branco apresentado há algum suspiro de negritude.

Já a Entrevistada 8 relembra de outro show que havia acontecido recentemente, também de graça e em um local público na cidade o que permitiu o acesso das pessoas ao local, elogiando tanto o que foi apresentado na matéria, quanto o evento recente que participou. Nessa perspectiva, faz uma crítica ao acesso à cidade, dando como exemplo a Casa da Cultura, localizada no Centro, fazendo um comparativo com quem mora em um bairro distante da cidade e precisa levar o filho até a Casa da Cultura. “Porque é difícil para o cara que tem quatro filhos e paga aluguel, ganha lá dois salários-mínimos, no máximo, como é que ele vai levar o filho duas vezes na semana ou uma vez por semana na Casa da Cultura?”. Demonstrando a existência da desigualdade social e de direito a acessar a cidade, que as pessoas até desejam participar, porém a falta de acesso é um impeditivo.

O apresentador

Sobre o apresentador Rafael Custódio há uma reflexão feita pelo Entrevistado 6 a respeito, lembrando que ele além de apresentar também é coordenador regional, “então, as matérias, querendo ou não, passam por ele, que ele é o coordenador regional”. Esse apontamento é interessante para refletir sobre os poderes e hierarquias que existem dentro da emissora, quem tem ou não a possibilidade de alterar a linha editorial seguida e reorientar as rotas das abordagens, a incluir outras histórias e personagens. Obviamente, não se trata de uma única pessoa, que também é funcionário contratado, mas que tem a possibilidade de efetuar ou sugerir algumas mudanças, a não ser que concorde ou se favoreça com a norma vigente.

Mudanças e alternativas

Quando questionados sobre o que fariam de diferente se tivessem poder para isso, os entrevistados falam que diversificariam o conteúdo, trazendo outros personagens, histórias e elementos que garantissem a presença de mais pessoas como protagonistas dessa história. “Teve português, teve negro, teve sei lá... Não teve só alemães. Então, buscar um pouco mais, pesquisar um pouco mais disso para ver” (Entrevistado 6).

Sobre a presença indígena, a Entrevistada 5 faz uma série de perguntas que mobilizariam a contar sobre a história e a cultura dessa população, indicando sua existência antes da chegada dos alemães. “Quando chegaram esses alemães, eles estavam aonde? O que eles faziam? Eles existiam aqui? Isso, na verdade, eu nem sei” (Entrevistada 5). Essa última frase demonstra que a história quando é invisibilizada impede que as pessoas conheçam o que

de fato aconteceu. Na mesma linha de questionamentos, o Entrevistado 6 questiona sobre a existência negra em Joinville perguntando se “tinha mão de obra escrava, por exemplo, aqui? Os negros eram escravos? Tinham escravos negros aqui ou não?” (Entrevistado 6).

Existem alguns materiais que falam sobre isso, como mencionado anteriormente, como as pesquisas de Thiago (1983), Pereira e Guedes (1999), Alves (2000), Silva (2004), Cunha (2004; 2008), Rosa (2006), Cardoso, Gunlanda e Fernandes (2022). É preciso que se repita cotidianamente e se divulgue constantemente essas pesquisas, pois como as próprias falas dos entrevistados demonstram, parecem desconhecer da história da cidade por completo. Sabem que existiu essa presença, porém não sabem apontar as fontes para isso. Não tem como culpá-los por isso. Apenas nos faz refletir mais sobre o acesso que é possível ter a esses materiais. É difícil até mesmo para quem está dentro da academia, imagina para quem não tem mais ou nunca teve relação ou vínculo.

Já a Entrevistada 8, sugere que ao invés de pegar uma pessoa que veio com a família da Alemanha, pegar uma pessoa negra e fazer o mesmo trajeto, mostrando de onde vieram e entrevistando-os, trazendo uma pergunta importante: “por que eles nunca fazem uma entrevista?”. Evidenciando que a população negra não é nem reconhecida como fonte pelo telejornal, sendo indigna de dar entrevista para falar sobre sua história e sobre a história da cidade. Mais adiante ela cita nomes de alguns personagens que poderiam ter sua história contada pelo telejornal.

A Entrevistada 7 questiona sobre os vazios deixados nos relatos das histórias, observando os personagens desconsiderados da narrativa com uma perspectiva dos que serviram. “Como eles chegaram aqui, eles já ganharam a terra. Então, eu acredito que até mesmo quem cuidou dessas crianças, os empregados”. Essa questão relembra o capítulo *Negros, trabalho e sociedade em Joinville* escrito pelo citado historiador Dilney Cunha em seu livro *História do trabalho em Joinville: Gênese*.

Como denuncia a foto que reproduzimos na página 134, entre esses canoieiros brasileiros estavam alguns negros libertos ou mesmo os chamados “escravos de ganho”, cativos que aprendiam uma profissão e eram “alugados” pelos seus senhores como forma de obterem uma renda extra, ou mandados às ruas da cidade para praticarem seu ofício. Ao contrário do que ocorria em quase todo país, onde o regime escravista baseava-se no latifúndio e na agricultura de exportação, em Santa Catarina nota-se uma presença de negros em todos os setores, tanto nas pequenas propriedades rurais como nos centros urbanos. Até mesmo as camadas pobres livres procuravam economizar para adquirir um ou dois escravos a fim de auxiliarem nas tarefas e garantirem sua sobrevivência. Nas vilas catarinenses, os escravos também exerciam para seus senhores as profissões de sapateiro, marceneiro e alfaiate e, frequentemente, também eram alugados (Cunha, 2008, p. 112).

Sobre os títulos que Joinville possui, a Entrevistada 5 analisa que estão ultrapassados e que, no passado, podiam fazer algum sentido, só que agora “não vale mais”, não tem mais significado. “A gente porque escutou e ficou aqui na cabeça, isso que eu escutava no rádio, na televisão, em tudo quanto é lugar” (Entrevistada 5). Essa fala também demonstra que não é uma estratégia atual a repetição da história da cidade e de seus títulos, algo que sempre ocorreu. Além disso, tem a sintonia com o apontamento feito pelo Entrevistado 2 no outro grupo de discussão relatando as mudanças nos títulos da cidade de Joinville. Também alterariam esse ponto.

A Entrevistada 5 fala que pesquisaria mais a respeito para fazer o que ela denomina de programa mais completo. “Algo que informasse as pessoas da realidade, do que era mesmo e não algo assim... Fica muito algo assim, romântico, eles querem fazer”, mostrando ter a mesma percepção que a Entrevistada 7 quando fala sobre o positivismo e a romantização de como a história da cidade de Joinville é contada pelo *Jornal do Almoço*. Porém esse apontamento levanta um outro, também abordado no primeiro grupo de discussão, e que foi identificado por todos os participantes deste segundo e é tratado no próximo tópico “Jornalismo, poder e educação”.

Sobre a questão dos sentimentos, de como se sentiram diante das matérias apresentadas, a Entrevistada 5 relata que sentiu uma espécie de nostalgia, um sentimento que, segundo ela, viu a vida toda, “mas que não tem sentido nenhum para você. No caso pra mim” (Entrevistada 5). E continua lembrando o passado, e tendo a mesma reação que a Entrevistada 3 do outro grupo:

é uma coisa que foi decorada, porque eu assisti várias vezes, então não me traz nenhum sentimento de alegria, só nostalgia e de, sabe, assim... De novo isso? Ou até aquele que é mais antigo que eu não conhecia, poxa, mas eles falavam naquela época a mesma coisa que falam hoje? (Entrevistada 5)

Já o Entrevistado 6 diz que para ele é um sentimento de não pertencimento, que está longe da sua realidade, está longe daquilo que ele vê. E quando questionado sobre como reescreveriam essa história, o Entrevistado 6 revela que faria uma pesquisa e colocaria o que realmente aconteceu, incluindo a chegada dos alemães, mas ressaltando que já tinham pessoas em Joinville, “as pessoas que já estavam aqui, os índios que já estava aqui, os negros” (Entrevistado 6). A Entrevistada 5 até sugere títulos para a pesquisa “Joinville, a história não contada” ou “O romance que não existiu”. Ainda aproveitando da pesquisa de Cunha (2008, p. 113) “há referências por exemplo, a escravos negros dos coronéis Vieira e Camacho, grandes

sesmeiros da região, que auxiliaram no transporte dos imigrantes e de suas bagagens, conduzindo-os de São Francisco do Sul até a colônia”. O que confirma o que os entrevistados apontam sobre a existência de pessoas negras antes da chegada dos imigrantes europeus, mas que não é contada.

A Entrevistada 8 diz ter sentido abandono: “cadê nós? Cadê eu? Cadê meu povo?”. A Entrevistada 7 relata que na primeira vez que assistiu acreditou em tudo, mas depois das problematizações apontadas e conhecendo outros discursos foi se inteirando a respeito e levanta um questionamento importante: “mas quem não pode problematizar isso?” (Entrevistada 7). Quando questionadas sobre isso, sobre o funcionamento dessa dinâmica de recepção do telespectador e o tempo para refletir e problematizar sobre o que estão passando, a Entrevistada 8 acredita que não aconteça por falta de oportunidade, tempo e interesse. Ela considera ser um conjunto de situações que impedem essa dinâmica acontecer. Ou seja, é tão reforçado e tão naturalizado com o tempo, sem nenhuma contra narrativa que acaba se tornando um senso comum. “E as pessoas não mudam daí, entendeu? É o que eu disse desde o início, daí elas não querem bater de frente, daí então elas quase que se acomodam realmente” (Entrevistada 8).

Sobre as possibilidades de reescrever a história de Joinville, as entrevistadas 7 e 8 concordam que veriam as duas partes, as duas políticas públicas que as populações tiveram, a política para os europeus e as condições que foram dadas para a população negra e indígena, pois consideram que isso está escondido. A Entrevistada 8 ainda acrescenta: “é como se os negros não existissem, só existe para trabalhar, trabalhar, trabalhar”. Sobre o primeiro ponto, sobre as condições da população negra em comparação com a população de origem europeia é relatada novamente por Cunha (2008, p. 119).

Apesar da tolerância da sociedade local, o cotidiano dos afro-descendentes de Joinville foi marcado pelo preconceito e pela discriminação. Trazendo ainda o estigma da escravidão, não tiveram chance de competir em pé de igualdade com os colonos germânicos, que se tornaram mão-de-obra preferencial. Enquanto os primeiros eram geralmente vistos como “atrasados, preguiçosos”, os últimos eram representados como “trabalhadores, disciplinados, promotores da civilização e do progresso”. Dificultou-se assim a inserção dos negros na sociedade local.

Essa desigualdade é latente e evidente até os dias de hoje. O pedido das entrevistadas 7 e 8 é pertinente, necessário e justo.

Jornalismo, poder e educação

O Entrevistado 6, ao ouvir a fala da Entrevistada 5 sobre o que mudaria no telejornal, afirma algo já notado no grupo anterior: “É, mas eu acho que nem existe uma liberdade, talvez, do próprio redator ou para quem está fazendo a matéria” (Entrevistado 6). A Entrevistada 5 concorda e adiciona que se escolhe o que vai escrever. E o Entrevistado 6 fala mais abertamente sobre essa relação de poder, algo trazido também pela Entrevistada 8 em diferentes momentos. “Eu acho que tem que enaltecer isso até porque, querendo ou não ainda os alemães são a alta sociedade de Joinville” (Entrevistado 6), ficando presos e condicionados a fazer isso sempre. Mais adiante ele reforça sua ideia falando sobre a questão econômica que relaciona com a questão do jornalismo: “tudo é comercial, tudo é comércio, tudo envolve dinheiro” (Entrevistado 6).

As entrevistadas 7 e 8 também enxergam o Jornal do Almoço como um produto, que depende de patrocinadores para ir ao ar e que essa relação gera consequências, inclusive na programação e em seu conteúdo. “E a televisão é o que? É um comércio” (Entrevistada 7). “Então, se ele não fizer o que o patrocinador está pedindo ele vai perder aquele patrocínio” (Entrevistada 8).

Esses comentários encontram coro com o que Bourdieu (1997, p. 77) diz sobre o universo do jornalismo ser um campo “que está sob pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência”. Apesar de terem suas responsabilidades, homens e mulheres “são em grande parte definidos em suas possibilidades e suas impossibilidades pela estrutura na qual estão situados e pela posição que ocupam nessa estrutura” (Bourdieu, 1997, p. 78). E, na maioria das vezes, a posição ocupada pelos jornalistas está em uma posição inferior nas disputas econômicas e de poder nessa estrutura.

As duas entrevistadas comentam sobre o programa e sobre os repórteres, quem fica e quem sai, quem contrata ou não, nesses trechos citados. Porém, mais adiante, também refletem sobre quem são os entrevistados, de quais famílias falam (comparado ao apontamento feito pelo Entrevistado 4 no outro grupo de discussão indicando os sobrenomes dos entrevistados). Todos esses apontamentos nos levam a uma reflexão feita por Ramonet (2012), em que ele avalia o processo de erosão da credibilidade das mídias.

Soma-se a esses fatores uma censura principal: a erosão de sua credibilidade. Os cidadãos desconfiam de uma imprensa que pertence a um punhado de oligarcas, que já controlam amplamente o poder econômico e que, frequentemente, são coniventes com os poderes políticos. (Ramonet, 2012, p. 45)

A Entrevistada 8 relembra que “existem outras famílias que também vieram na época e que tem familiar, por que que aquela Vogelsanger só lá no Cemitério lá, entendeu?”, indicando que o poder aquisitivo em Joinville ainda “fala muito alto”. E segue falando sobre a hierarquia que existe entre os próprios europeus. “Ainda existe uma hierarquia, ainda existe, entre eles mesmos. Agora tu imagina entre nós. Se entre eles já tem essa diferença, imagina eles com a gente” (Entrevistada 8). Essa questão é abordada em outro texto do Cunha (2004, p.8), mostrando que é algo que persiste desde o passado demonstrando que “já era intenção clara da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, criar uma colônia ‘puramente alemã’, isolada e fechada, como se pode observar nos seus relatórios, enviando somente pessoas de “origem germânica” para Dona Francisca”.

Em outro momento, a Entrevistada 8 discorre um pouco mais sobre a questão do jornalismo que, segundo ela, está muito fraco, que não tem matéria e assunto, que ficam falando a mesma coisa e avalia que essa dinâmica acaba por fazer as pessoas se acomodarem, citando como exemplo a questão do aumento das passagens de ônibus de Joinville. “Eles ficam omitindo as coisas, daí no apagar das luzes, as coisas acontecem. Porque eu sei que a passagem sobe todo ano, mas ninguém falou nada” (Entrevistada 8). A Entrevistada 7, seguindo a mesma linha de raciocínio, complementa que não se fala sobre “para não ter perigo de ter uma manifestação”.

Nesse sentido, buscando juntar as reflexões apresentadas, os empresários patrocinadores financiam o jornal e o condicionam a seguirem suas pautas, fazendo se moldar de acordo com o seu perfil e com o discurso que ele almeja, estabelecendo o que e como será transmitido, com a ameaça permanente de perder os patrocinadores caso não sigam o que foi determinado.

É como se fosse uma construção de uma cidade imaginada e não uma cidade real, sendo que desde a história de Joinville até os dias atuais, é uma eterna construção de uma imaginação para que a população não se rebele, não se revolte, continue acomodada, fazendo as mesmas coisas, seguindo o mesmo ritmo, as mesmas rotinas para não desvendar qualquer outro mistério ou qualquer outra notícia que possa vir a gerar algum transtorno.

Outro ponto levantado é que no telejornalismo esconde os problemas da cidade, transmitindo uma imagem positiva, “as outras coisas ruins que acontecem na cidade, eles põem um paninho por cima, fica tudo lindo. Mas a cidade não é só das flores, não é só da bicicleta, não é só da dança. Também tem problema” (Entrevistada 8).

Sobre a questão da educação formal, por ser pedagoga, ao ser questionada sobre a questão das escolas, a Entrevistada 5 destaca que se não fossem algumas leis, como a 10.639 que obriga o ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas, “ninguém nem fala nada, ia continuar com aquela história bem elementar, que quase não se falava...”. Ainda assim, considera algo muito reservado para a disciplina de História, que não é trabalhado completamente, não sendo contemplada por todas as disciplinas. E acrescenta sua opinião a respeito da tratativa nas salas de aula sobre a temática de acordo com os profissionais da educação.

Na verdade, tu tem que entender que os professores que estão ali também são racistas, também não aceitam aquela data, não aceitam o negro. E daí tem que trabalhar. É uma coisa bem complicada. Aí quem eles vão enaltecer mais? A colonização, os imigrantes, quem veio de fora. Tem toda uma questão difícil de... que isso aí é a cabeça das pessoas, então... (Entrevistada 5)

Esse comentário expõe uma espécie de ciclo vicioso que se cria e que acaba impactando todos os segmentos da sociedade, inclusive a educação formal, em que os professores, responsáveis por transmitir o conhecimento, acabam por reproduzir as mesmas informações repassadas pela emissora de TV sobre a história de Joinville, enaltecendo os colonizadores, sua bravura e empreendedorismo. Isso demonstra também uma falha na formação dos professores e nos faz questionar o tipo de epistemologias passadas nas grades curriculares desses cursos.

Também nos faz ampliar o debate para a utilização das produções acadêmicas utilizadas nesse processo de formação e no processo pedagógico na atuação desses profissionais. São apresentados a autores que contam a história de outros personagens da cidade, que problematizam a cidade, ou apenas aos autores considerados tradicionais que omitiram diversas questões e produziram inverdades a respeito de Joinville? Questionamento apenas para reflexão e contribuição para o debate central.

Culpabilização ou responsabilização da população negra

Apesar de fazerem apontamentos interessantes sobre a relação de interesses entre a produção de matérias e notícias de um veículo de comunicação com seus financiadores, uma das características deste segundo grupo de discussão é a maneira como culpabilizam ou responsabilizam a própria população negra pelo que acontece e ressaltam que precisam adotar outro tipo de postura. É possível ver esses posicionamentos em algumas opiniões dos

entrevistados 5 e 6 e com mais intensidade nas falas da Entrevistada 8. E é curioso, pois ao mesmo tempo que leem a sociedade e como ela opera na lógica racial, responsabilizam a população negra por suas reações.

Aí eu também já não sei se é uma questão dos próprios negros terem... de ter buscado esse espaço na sociedade, se colocando, participando e ficaram muito à margem disso, talvez por vergonha. Ou não sei se, aquela questão assim... Não se sentiam bem porque talvez fossem hostilizados e a gente não sabe o que existe bem nesse sentimento, do negro na sociedade. A gente sabe que é bem forte o lugar que a gente chega... Às vezes se tu chegar num lugar muito diferente as pessoas olham assim: “Como é que está entrando aqui? O que veio fazer?”. Como se sempre tivesse uma interrogação: “quem são esses negros? Da onde vieram? Por que estão aqui?”. Dependendo do lugar aonde a gente vai. Ainda existe, existe bem forte isso, né? (Entrevistada 5)

Essa citação do segundo grupo dialoga diretamente com os sentimentos dos entrevistados 2 e 3 do primeiro grupo de discussão e as suas dúvidas sobre sair ou ficar em casa, sobre seus gostos de ficar em casa, se isso realmente é algo subjetivo ou foi moldado pela cultura social e racial joinvilense desde suas infâncias, seus cansaços e medos de responder questionários ou passar por possíveis constrangimentos ou humilhações.

Mais incisiva em sua perspectiva sobre a própria população negra, em um trecho a Entrevistada 8 afirma que “por outro lado, eu também vejo o negro por si só, às vezes, ele também não luta para ele chegar a pegar um lugarzinho ao sol, sabe? Ele não quer enfrentar, não quer bater de frente, daí ele se acomoda, ele aceita qualquer coisa. E não pode”. E segue relatando algumas questões que considera problemática como, por exemplo, a falta de união e apoio da população negra que faz com que pessoas negras em determinadas posições sintam-se desassistidas para encarar e avançar. “Ele não acha um grupo que diz: não, realmente, vamos lá, vai ficar, tu tem que ficar, você precisa ficar” (Entrevistada 8). Essa afirmação não encontra respaldo após o capítulo sobre o lançamento do livro *Fragmentos Negros* na cidade de Joinville, mostrando que a cidade conta com pelo menos um coletivo negro organizado desde 2015.

Outras falas consideradas problemáticas pelo pesquisador são expostas aqui a título de verificação sobre as possíveis confusões que podem ocorrer e se transformarem em armadilhas perigosas para a própria população negra, como o fato de querer desconsiderar o passado e focar apenas no presente, como se o racismo brasileiro não fosse um processo histórico e cultural. “Mas nós nos dias de hoje, nós não podemos mais viver o passado, nós temos que viver o presente, nós temos que mostrar que se alguém dos nossos sofreram, nós não vamos mais sofrer. A gente não é obrigado a sofrer” (Entrevistada 8).

Apesar de entender o intuito motivador dessa última frase, ela apresenta justamente o efeito contrário. Obviamente que nenhuma pessoa negra deseja mais sofrer e os castigos físicos

do passado não são vistos da mesma maneira que antigamente. Porém, os dados produzidos por pesquisas demonstram as violências físicas e simbólicas que a população negra segue enfrentando e são consequências do passado escravocrata que o Brasil vivenciou e que sua classe dominante permitiu durar por quase 400 anos. Índices e dados sobre educação, moradia, saúde e segurança pública são alguns exemplos das violências vivenciadas no presente que ainda nos fazem sofrer e há de ter o entendimento de que ultrapassa a simples vontade do querer ou não passar por isso, mas sim pelo processo estrutural e estruturante da nossa sociedade em promover e manter a hierarquização racial no país.

Portanto, não adianta apenas o esforço subjetivo ou até mesmo coletivo se as regras do jogo continuarem desiguais. É o que afirma Almeida (2020, p. 21) ao dizer que “o racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea”. E, mais adiante, Almeida (2020) contribui com a reflexão de que a raça, em seu sentido sociológico, é de suma importância enquanto fator político, pois é usado para a naturalização da desigualdade e legitimação da segregação e do genocídio de grupos minorizados.

“Por isso que eu digo, nós negros, a gente não se junta, a gente não se une para ajudar o outro” (Entrevistada 8). A nível municipal, há o exemplo do Movimento Negro Maria Laura, de Joinville, e suas ações para a promoção do combate ao racismo e diversas frentes para a promoção da justiça racial. Há também a história da Sociedade Beneficente Kênia Clube, desde 1960, ambas histórias já descritas anteriormente. A nível nacional, temos diversas histórias e conquistas do movimento negro brasileiro, desde a lei para o ensino sobre a cultura afro-brasileira e indígena nas salas de aula (Lei 10.639 e 11.645), até a Lei de Cotas, mantidas e ampliadas, no ano de 2023, para a pós-graduação, que não são apoiadas pelos entrevistados 5 e 6, mas que só obtiveram aprovação graças a articulação e luta da população negra brasileira. O que demonstra que essa inércia ou falta de união entre pessoas negras não representa uma regra ou uma totalidade.

A Entrevistada 8 continua expondo sua opinião no decorrer da conversa indicando a problemática do sujeito negro, entre elas a acomodação, dizendo que “ele se contenta com pouco. Ele não quer ganhar mais, parece que ele não quer coisa melhor. E fica naquelas mesmices e daí arruma um amigo, o amigo também não incentiva e daí ele fica...”. Porém, é mais adiante que se apresenta a fala considerada mais problemática pelo pesquisador: “é, os negros têm que pensar que realmente houve racismo, teve lá os escravos, mas que hoje a gente é escravo se a gente quer” (Entrevistada 8).

Podemos considerar as diferenças geracionais e pensamentos, o contato com a academia, militância e pesquisa e a ausência de contatos, mas também devemos refletir sobre como essas pessoas são também atingidas pelos próprios veículos de comunicação que elas estão interpretando. Pois esse senso comum apresentado representa tranquilamente a fala de uma pessoa branca, rica e poderosa que culpa pobres pelo insucesso financeiro do país, mulheres e negros pelas violências que sofrem e assim sucessivamente. Porém está sendo dita por uma mulher negra, aposentada e por outros trabalhadores negros, com graduação completa, entrevistados nesta pesquisa. E não que apenas seja produzido por veículos de comunicação, mas é reforçado constantemente, contribuindo para virar uma regra e ser transferido de geração para geração, incutindo na própria população negra essas ideias.

Então, percebe-se que essa repetição de algumas questões, serve também para introjetar na própria população negra, para que ela assimile e passe a reproduzir esse tipo de pensamento. Esse é o ápice, o sucesso do racismo. Pois ele passa a operar e se reproduzir completa e automaticamente, pois é perpetuada inclusive por aqueles que sofrem suas piores consequências, ao invés de combatê-las e eliminá-las.

Já o Entrevistado 6, em uma de suas análises, diz o seguinte sobre a população negra

E aí a gente também sente que o negro quer ficar no gueto, que é naquela questão de a gente, vamos jantar num restaurante, a gente entra, só tem branco e a gente fica olhando para ver se tem algum negro, não tem um negro, onde estão os negros? Os negros estão escondidos, eles não se sentem bem? Eles também não procuram seu espaço? [...] E aqui se vitimiza também, de certa forma... E tem vergonha. É gente encolhida falando baixo para ninguém nem perceber ele, porque ele não quer ser olhado, enfim... (Entrevistado 6)

Ao serem questionados e solicitados a aprofundarem mais suas opiniões a respeito dessas afirmações, o Entrevistado 6 e a Entrevistada 5 consideram a falta de confronto e de aceitação dos negros gera esse tipo de postura. “De se sentir negro e se sentir bem. [...] A autoafirmação de: eu sou negro e estou aqui, tem espaço para mim e eu faço acontecer, eu faço a diferença” (Entrevistado 6). Mas como uma pessoa negra vai se aceitar e se sentir bem se a todo o momento estão operando para que sinta justamente o contrário? Talvez pela organização coletiva, os estudos, dinheiro, trabalho? Há a necessidade de reconstruir autoestima, mostrar as potências e capacidades. A Entrevistada 5 fala que tem que saber quem é, em uma perspectiva de construção de identidade, porém observando essa pesquisa, questiona-se como saber quem é se sua história não é contada, se fazem questão de escondê-la, apagá-la?

Questionados de como chegar nessa construção de identidade, de saber quem é, a Entrevistada 5 divide as responsabilidades com a família, enaltecendo a forma como se é criado

em casa, as formas que os pais conversam. O Entrevistado 6 acredita ser um esforço mental, subjetivo, não se importando com a cor, retirando da cabeça esse quesito para não se transformar em uma barreira que te impeça de ir para outros lugares por conta da cor. Também acredita que isso parte da educação, do meio em que a pessoas está inserida. Reconhece que a sociedade influencia e não queira o avanço da população negra.

Nessa mesma reflexão, o Entrevistado 6 cita a história de Joinville como exemplo de que isso aconteceu, na época da inauguração do Kênia Clube, período vivenciado, segundo ele, por seus pais, relembrando das sociedades esportivas, o Ginástico de Joinville, locais onde era proibida a entrada de pessoas negras, relatando que “negro não participava da sociedade, na época, dessas sociedades, não podia ser atleta dessas sociedades”. Relembra também que não havia jogador de futebol negro no América, clube de futebol da cidade considerado “mais elitizado” pelo Entrevistado 6.

Após relatar esse histórico conclui que

E aí isso que faz com que o negro fique meio que recluso, meio que assim, se sentindo mal, em determinados... Por isso que eu acho que ele fica no gueto por conta disso. E aí pra sair, eu acho que é a educação, é você se posicionar como negro. Tem uma tendência também da questão de você não se parecer tão negro assim, esconder a sua negritude e tal. (Entrevistado 6)

Então há um entendimento da influência da sociedade e seus aparelhos ideológicos³⁸ para que o negro se sinta assim, adote esse discurso como regra, tome como verdade para a sua vida e, a partir disso, molde sua vida para se esconder, viver no gueto. Após citarem alguns exemplos sobre a presença negra no telejornalismo brasileiro e a questão do acesso da população negra em determinados lugares, a Entrevistada 5 conclui dizendo que “essa discriminação que eu acho que reforça a ideia que a gente tem de que os negros vivem à margem”.

Porém, ao final do grupo de discussão, o Entrevistado 6 faz o seguinte comentário relembrando algumas falas sobre o que pode fazer mudar essas abordagens e histórias contadas: é a educação, a informação, “mas acima de tudo, é o negro se posicionar e além de se posicionar, estar em posições realmente estratégicas, porque não adianta de nada ele se posicionar, se ele não tem... Acho que esse poder, essa voz que fale por ele. Acho que através de políticas

³⁸ Conceito formulado, em 1970, pelo filósofo francês Louis Althusser (1918-1990), em “Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado”, que apresenta os “aparelhos ideológicos”, composto por diversas instituições, dentre elas a imprensa, cristalizados na infra e na superestrutura. Este conceito é criticado atualmente por alguns pensadores, como Eugênio Bucci (2021), em “A supuerindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo o que é visível”. Ver p. 212.

públicas” (Entrevistado 6). Ao que é complementado pela Entrevistada 5 que diz faltar representatividade na política. “Por que a gente não tem pessoas aí... Mais ministros, mais vereadores, mais... É sempre assim, um que até aparece... Por que isso?” (Entrevistada 5). Mas ainda assim, o Entrevistado 6 defende que falta ao negro estar posicionado sem vitimismo nenhum. “Não, tem que se levantar, o negro tem que se levantar e se assumir como negro, porque embora a gente fale tudo isso, tem muito negro que não se assume como negro também. Então tem tudo isso. Eu acho que é um caminho longo”. E encerra falando que “a gente tem que realmente batalhar e fazer a diferença na sociedade, tomar uma posição” (Entrevistado 6).

Nessa mesma perspectiva a Entrevistada 8 retorna em certo ponto da entrevista para esse assunto: “é difícil, mas voltando a falar dos negros, eu ainda acho que nós negros, nós temos que tomar uma posição. A gente tem que fazer alguma coisa, devagarzinho, ir fazendo e se metendo, ir entrando e indo. Mas o pior é que a pessoa não pode ir sozinha”.

Como citado anteriormente, existem grupos organizados por negros e negras por todo o país, desde que a população negra começou a chegar no Brasil. É preciso observar as conquistas e avanços que esses grupos organizados obtiveram, suas derrotas e contradições. Porém, é inevitável e imprudente desconsiderar o peso e o tamanho da opressão racial no Brasil. Afirmar que falta organização é um desconhecimento político. Vimos o aumento da autodeclaração de pretos e pardos no país, conquistas nas áreas da educação e na política institucional, com mais pessoas negras participando e buscando construir alternativas para o fim dessas violências.

É preciso considerar o processo de aceitação e reconstrução da autoestima como um processo longo e até mesmo duradouro para a população negra que é sim histórica e constantemente atacada por diversos aparelhos ideológicos reforçando a ideia de feiura, incapacidade, preguiça e tantos outros termos e estereótipos pejorativos que excluem e marginalizam a população negra, mental e fisicamente.

Lutar contra isso exige sim uma postura resiliente e resistente, precisa encontrar aliados e tornar-se coletiva, porém jamais pode-se duvidar do tamanho da perversidade do racismo. Evasão escolar, desigualdade salarial, falta de representação, violência policial, piores condições de moradia, exclusão social e profissional, suicídio... O inimigo da população negra é gigante e nos cerca desde os primeiros anos de nossas vidas. Lutar contra essa perseguição adoece e mata lentamente. É preciso deixar isso evidente. É necessário não duvidar desses aspectos e da dificuldade gigantesca que é escapar diariamente das armadilhas do racismo. Não é nos culpando que resolveremos essa questão. É preciso entender detalhadamente as regras desse jogo.

Caso do jornalista Cristiano Gomes

Contratado em 2021 pela NSC TV, o jornalista Cristiano Gomes (Figura 12) se tornou uma referência para o telejornalismo de Joinville. Negro, homossexual, de Ouro Preto, Minas Gerais, Cristiano atuou durante dois anos como repórter e, algumas vezes, como apresentador do programa *Jornal do Almoço*. Suas participações no programa rapidamente geraram identificação com o público joinvilense de maneira impressionante. Todo esse destaque projetaram o jornalista para outros lugares e caminhos, porém, entre alguns dos entrevistados, devido ao contexto da cidade, a saída de Cristiano Gomes da emissora de Joinville para Florianópolis, geraram suspeitas.

Figura 12 - Jornalista Cristiano Gomes



Fonte: Publicação na página do *Jornal do Almoço* no Facebook em 20 de junho de 2022

A Entrevistada 1 ao citar o jornalista Cristiano Gomes afirma que “o Cristiano também não é uma proposta de jornalista que Joinville quer”, dando a entender que o jornalista possa ter saído por conta de representar algo que a cidade tenta esconder.

A Entrevistada 8 também cita o jornalista Cristiano Gomes no meio de suas análises sobre os materiais apresentados, levantando suspeitas de sua promoção para ir trabalhar na capital catarinense. “Por que ele tem que ir para Florianópolis para ser promovido? Lá em Florianópolis já tem um negro, o Edson, entendeu? Eu ainda acho que eles não aceitaram o Cristiano aqui, deram um tempo, deram um tempo, daí surgiu uma promoção e ele foi para Florianópolis”. Ela considera o fato do jornalista ser negro e homossexual como agravante para

a tomada de decisão e transferência dele de Joinville para a capital. Também traz a questão dos interesses econômicos da instituição como possível justificativa para tais ações.

Então eu acho que eles fizeram isso, eles tiraram ele do foco, até porque as pessoas gostavam dele. [...] E daí, tipo assim, mas eu acho que é os empresários, os mandantes da cidade. É eles que ficam manipulando por trás... Porque tu pode ver, o Jornal do Almoço, gente, não muda. Aqui em Joinville, não muda (Entrevistada 8).

O Entrevistado 6 traz em um de seus apontamentos a questão do repórter negro de Joinville também: “até outro dia, nós estávamos conversando, tem um repórter que era o Cris, que era o único repórter negro que tinha aqui e que não está mais aqui, foi para Florianópolis”. A Entrevistada 5 complementa dizendo que o Entrevistado 6 suspeitou dessa mudança, dizendo que achava que ele foi porque não quiseram mais ele aqui, enquanto a Entrevistada 5 achava que ele havia ido porque ele quis. O Entrevistado 6 quase concorda com a decisão própria do jornalista, mas ainda acha estranho, justamente pelo fato de que de vez em quando o jornalista estava atuando como âncora do jornal no lugar do Rafael Custódio e que depois foi para Florianópolis fazer matéria lá. “Implicante, implicante”, concorda a Entrevistada 5. Então o Entrevistado 6 abre o jogo de vez: “eu acho que alguém pegou e ligou, fez um telefonema e disse: ah, não quero mais esse negro aí aparecendo na televisão”.

Por conta dessas citações, por se tratar de um profissional de comunicação negro e por estar totalmente vinculado com o objeto de pesquisa deste trabalho, o pesquisador entra em contato diretamente com o jornalista Cristiano Gomes para saber dele a história sobre sua saída da cidade, informando as suspeitas retiradas dos grupos realizados para a escrita da dissertação.

Muito solícito, na tarde de 5 de março de 2024, Cristiano explica que foram os dois melhores anos da carreira dele no período que esteve em Joinville e que essa atuação o projetou para receber o convite para ir atuar em Florianópolis. Algo que ele diz ter aceitado para se desafiar, a crescer e com o entendimento que precisa dar espaço para que mais pessoas apareçam e cresçam também. Destaca que, após aceitar a proposta, teve visibilidade em todo o estado de Santa Catarina, apresentando o *Bom dia Santa Catarina*, programa das manhãs da NSC TV e que também está atuando em Florianópolis.

Sobre o período que passou por Joinville relata ser muito grato e afirma que não passou por nenhuma situação de preconceito e que na cidade pôde ser quem realmente ele é, sem ter que criar personagens e que carrega Joinville com muito carinho pela forma que foi tratado. Acredita que sua entrada na emissora (afiliada da Rede Globo) também teve influência da política de inclusão e diversidade adotada pela emissora, que chegou em outros estados e, em

seguida, Santa Catarina. Tem ciência da sua importância e que com o tempo compreendeu que se tornou uma referência em Joinville, destacando o poder em frente às câmeras. Entende o sentimento das pessoas em relação a sua saída, por conta da identificação que é criada e tudo mais, mas sabe que faz parte da carreira do jornalista essas mudanças.

Sobre esse caso, observando as suposições trazidas pelos participantes do grupo de discussão e considerando o perfil da cidade de Joinville e todas as suas características até aqui apresentadas se torna compreensível e até mesmo plausível as formulações levantadas pelos entrevistados, por mais que não se confirmem na realidade. Após tantas exposições de violências simbólicas e físicas, apagamentos e invisibilidades de histórias e personagens, considerar a possibilidade de afastamento de um jornalista negro e homossexual da principal emissora de Joinville não pode ser considerado cisma, neurose ou qualquer coisa do tipo. A materialidade histórica desta cidade permite tais suposições.

Sobre Joinville

O Entrevistado 6 traz uma visão sobre a cidade que pode ser comparada com a mesma sensação relatada pelo Entrevistado 2 do primeiro grupo ao falar que sentiu uma diferença quando retornou de Florianópolis para Joinville. O Entrevistado 6 fala sobre seu sentimento de achar que Joinville ainda é uma colônia, discorrendo sobre, afirmando que

Joinville é a terceira maior cidade do Sul do Brasil, mas a gente é muito interior, interior demais. É muito interior. Eu não vejo uma cidade assim... Ela é uma cidade desenvolvida, industrializada e a terceira maior, mas ela ainda tem mais de cidade do interior, em que as pessoas se espantam em olhar um negro numa posição que, de repente, não é comum para um negro, na visão deles (Entrevistado 6).

Essa fala é complementada pela Entrevistada 5 que fala da desconfiança de joinvilenses brancos em acreditar que pessoas negras são nascidas realmente na cidade, dizendo que é sempre uma surpresa para eles: “ah, vocês são negros daqui?”. “Como se em alguns lugares a gente não pudesse estar”, e acrescenta questionando se não nascem negros em Joinville, “pois é sempre essa dúvida nas pessoas” (Entrevistada 5).

Esse apontamento remete ao capítulo escrito no livro *Fragmentos Negros*, em que Willian Conceição reflete sobre a questão da invisibilidade das populações de origem africana em Joinville. Segundo Conceição (2022, p. 27),

A realidade é que, nós, os negros joinvilenses, frequentemente nos constituímos e constantemente nos vimos, sentimos e até mesmo assimilamos a narrativa colonial da exotização e, pouco a pouco, de geração em geração, fomos nos tornando estrangeiros em nossa própria terra. Não sem motivo, a invisibilidade é máquina de guerra do apagamento, do branqueamento e da branquitude – que conformam aqui de maneira particular o racismo estrutural.

Ao questionar sobre a influência da comunicação nesse processo, o Entrevistado 6 destaca as próprias matérias apresentadas em que “o negro é invisível”. A Entrevistada 5 discorre um pouco mais falando que acha

que fica muito essas coisas assim, aí eles vão falar do negro, da contribuição de tudo, só quando é época da consciência negra? Aí eles fazem a matéria, eles vão nas praças, entende? Não dá para ser assim. Não dá para ser uma coisa de momento, uma coisa separada. A gente tem que estar integrado, tem que ser sempre, sabe? [...] o momento que vou mostrar o negro, não, é sempre, gente, sempre (Entrevistada 5).

Nessa reflexão sobre o mês da Consciência Negra o debate sobre a questão do feriado foi feito pelo Entrevistado 6 também, evidenciando como é dividido, pelo fato de algumas regiões terem adotado e outras, como Joinville, não. “Aqui não tem muito negro, colonização alemã, vamos trabalhar que tem que trabalhar, dá a entender isso. Dá a entender essa coisa assim” (Entrevistado 6). No final de 2023, foi promulgada a lei que determina o dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, como feriado nacional.

Essa reflexão sobre a programação da emissora no mês da Consciência Negra pode ser vista no capítulo sobre o livro *Fragmentos Negros* em que é citado a matéria do *Jornal do Almoço* e o tempo dedicado para falar sobre o livro. Porém esse elemento não culminou na adição da história da população negra na cidade de Joinville como protagonistas, alterando a abordagem do programa, nem aumentou a participação de fontes negras para contar essa história no aniversário da cidade.

Muito pelo contrário, como visto anteriormente, em 2024, o personagem foi o artista plástico alemão Fritz Alt e seus monumentos que, segundo a matéria, ajudam a contar a história da cidade. A mesma história branca romantizada. Ou seja, os apontamentos feitos pelos entrevistados 5 e 6 sobre os olhares do programa serem nichados faz sentido. O negro não faz parte, ele aparece ali, sem contextualização, num período específico do ano, deslocado da história considerada oficial de Joinville. Sua contribuição é resumida e segregada.

Isso demonstra o desinteresse, o reforço e a manutenção da lógica e dinâmica da cidade. É como se dissessem: “beleza, vocês têm o direito de escrever e falar sobre isso, porém nós não temos o interesse em utilizar isso em nossos materiais e considerar como a história oficial da cidade”. Por mais que esteja cientificamente comprovado, por mais que seja

respaldado por diversas pesquisas. Tudo funciona apenas de acordo com o interesse. Quando é para conseguir matérias e conteúdos para o mês de novembro é válido passar uma ideia de diversidade, inclusive colocando jornalista negro para apresentar o programa no dia 20 de novembro. Mas querer falar além disso? No aniversário de Joinville? Pera lá! Daí já é muito.

Ainda falando sobre Joinville, o Entrevistado 6 discorre um pouco mais.

Assim, eu vejo Joinville muito como uma cidade do interior, é muito difícil assim, as pessoas sintam... Parecem que vivem numa bolha. Não é uma cidade aberta, não é uma cidade pra frente, é uma cidade muito truncada, eu acho que é... Essa colonização alemã traz muito esse negócio truncado, o comércio é difícil (Entrevistado 6).

Prossegue falando sobre a questão do comércio da cidade, área onde atua e faz sua avaliação a respeito, dizendo que as pessoas acabam contaminadas pelo jeito particular que cidade tem para atender e recepcionar. Também discorre sobre a mudança econômica da cidade, a mesma apontada pelo Entrevistado 2, no primeiro grupo, ressaltando que a área de serviço em Joinville arrecada mais que a própria indústria e que a indústria deixa pouco para o município. “Parece que há uma força, uma mão invisível que faz com que a cidade permaneça assim” (Entrevistado 6). Conclui seu pensamento falando que se caso não seja feito dessa forma, em relação a publicidade de Joinville como a cidade da indústria, muitas pessoas sairiam, o que geraria falta de mão de obra.

O Entrevistado 6 discorre também sobre a questão das empresas que pertenciam as famílias da cidade e que foram compradas por pessoas de fora, lembrando que seu pai dizia que não havia desenvolvimento na área de lazer em Joinville por conta dos alemães que “não queriam que o pessoal se divertisse muito porque tinha que trabalhar, sei lá, uma coisa popular assim que ele falava” (Entrevistado 6), mas que foi também analisada no capítulo sobre “Samba em terra de alemão”. Essa percepção corrobora com uma fala da Entrevistada 8 sobre as praças e os parques da cidade, que sempre falta algo, como a questão do banheiro, o que transparece que não querem que as pessoas fiquem e aproveitem o local. O Entrevistado 6 lembra que até pouco tempo Joinville não tinha teatro. “O Teatro Juarez Machado foi feito há pouco tempo” (Entrevistado 6). Mais precisamente no ano de 2001.

Questionado de como começou a enxergar Joinville com essa ótica, o Entrevistado 6 é categórico em afirmar que em contato com investidores e por ter conhecido outras cidades, apesar de nunca ter morado fora de Joinville. E acrescenta mais elementos sobre as características da cidade

A modernidade demora para chegar em Joinville. Sempre foi assim, quando eu era pequeno, eu lembro assim, se lançava uma música, estava rolando lá em São Paulo, Rio de Janeiro, sei lá onde, muito tempo depois vinha pra cá, tudo demorava para chegar aqui. [...] O jeito do joinvilense de ser em si, não é só a questão de você ter a informação, mas o jeito de Joinville ver as coisas assim. Parece até que eles são ingênuos em algumas coisas, assim. Não percebem. Eles vivem realmente assim numa bolha, eu vejo isso (Entrevistado 6).

Mais adiante ele discorre falando que faz um comparativo com outras cidades, cita um exemplo de um investidor de uma cidade alemã de médio porte, com um milhão e meio de habitantes e que quer empreender lá. A partir desse exemplo ele fala que acha errado o senso comum criado na cidade em falar que algumas características são da cultura alemã, pois segundo ele a Alemanha em si é desenvolvida e relembra de uma matéria de uma revista local de Joinville, acha que era a *Premier*, em que um alemão que veio para a cidade e quando foi apresentado que Joinville foi colonizada por alemães e que tinha uma essência alemã, respondeu que “não, essa cidade não tem nada a ver com a Alemanha”. O Entrevistado 6 conclui: “são muito parados no tempo”.

Logo em seguida, a Entrevistada 5 também discorre sobre o assunto.

É porque eu acho assim, que o que está na cabeça dessas pessoas aí que são descendentes é que eles têm que manter essa identidade alemã, essa cultura alemã, isso aí tem que passar de gerações em gerações. E eles ficam sempre, acho que cercados por isso. Principalmente quando vem essa época de festas, aí já se veste com aquela roupa, já é a comida típica, eles querem fazer com que isso se perpetue de alguma forma. Aí eles vão claro... O meio de comunicação é uma forma. Eles fizeram toda uma matéria falando disso. Falando das roupas, dos desfiles, de como se vestiam, de como era, o que não era. É uma coisa que eles não querem que, sabe, que mude. Já houve uma Joinville nesse formato em que as pessoas falavam muito da colonização, só que agora está diferente, vieram outras gerações. E agora mudou muito, já não é assim (Entrevistada 5).

Após essa explanação surge o questionamento por parte do Entrevistado 6: “por que eles não falam de uma Joinville multicultural?”. E prossegue: “é uma diversidade cultural. Eu sei lá porque eles não enfatizam isso. Não é só o alemão”. A Entrevistada 5 complementa: “não, eles continuam batendo na mesma tecla. Se for pra fazer uma matéria dessas daí que tu mostrou, eles vão fazer uma bem parecida. Ano que vem”.

5.1.2.2 Uma análise do segundo grupo – Olhar do pesquisador

Percebe-se uma diferença curiosa, porém não considerável, entre o primeiro e o segundo grupo de discussão, não de forma avaliativa, ou de nível de saber, mas sim de entendimento e coerência sobre o que é dito. Parece que o segundo grupo consegue enxergar

ou imaginar e supor boa parte do sistema de funcionamento do telejornalismo corporativo, porém há uma tendência em culpabilizar a vítima por não estar presente, por não fazer parte, por não buscar o seu lugar.

Mesmo identificando os interesses financeiros e supondo quem manda e quem desmanda, inclusive até quem e onde pode apresentar o jornal, há um limite em apresentar alternativas, caindo na vala comum de culpar a própria população negra por toda essa estrutura comunicativa, que envolve economia e política e que acaba influenciando diretamente na cultura da cidade.

Isso não quer dizer que culpabilizam de maneira única e exclusiva. Reconhecem os percalços e há diferença nesse grau de culpabilização entre os entrevistados, porém só o fato de existir essa possibilidade, já se torna algo a ser considerado e interpretado para que, inclusive, seja pensado ainda mais a dinâmica de recepção e consumo desses conteúdos por parte da população negra, introduzindo ideários que acabam virando senso comum na vida desse segmento social, sendo propagadas de geração para geração.

Falta de unidade, falta de o negro ousar, todos esses argumentos são contraditórios ao analisarmos a presença de movimentos sociais negros contemporâneos na cidade, há quase dez anos, promovendo a cultura negra e incentivando os estudos desse segmento social. Ou partindo para o clube negro Kênia, em uma perspectiva histórica. E a falta de ousadia subjetiva é facilmente desmontada pela própria Entrevistada 8 ao citar a história recente de um jornalista negro e identificar como toda a estrutura pode operar para te tirar do jogo.

Porém, esse mesmo grupo traz apontamentos e interpretações interessantes, principalmente sobre as características da cidade e o modo de viver e agir de seus moradores. Percebe-se pontos comuns de verificação dos programas do telejornal nos dois grupos, oito ao total, com algumas abordagens semelhantes e outras nem tanto, como o fato dos estereótipos, por exemplo, em que um membro do primeiro grupo enxergou o show de samba como uma forma de reforçar o estereótipo, enquanto pessoas do segundo grupo viram como positiva tal interação. Todas essas interpretações e avaliações servem para a formulação de uma síntese geral apresentada a seguir.

5.1.3 Da cultura joinvilense até sua comunicação – Síntese do autor

Nos dois grupos é possível observar certa dificuldade para indicar espaços de lazer na cidade. Ainda assim, considera-se alguma variedade nas indicações feitas sobre o que fazer, porém a questão do acesso a esses lugares é motivo de críticas, mas não só, a questão da

permanência nesses espaços também é abordada. Com isso é possível observar que Joinville torna-se ríspida para seus moradores que desejam passear e visitar, juntamente com seus amigos e familiares, locais que promovam momentos de lazer e acesso à cultura.

Nota-se que a cidade se projeta para o trabalho em todas as suas entranhas, em todos os seus segmentos, impedindo que seus moradores saiam da rotina, focando quase que toda parte do seu tempo no trabalho, inclusive no seu tempo de descanso. Fazem isso sufocando as opções e, principalmente, o acesso, parecendo forçar as pessoas a ficarem e a socializarem de alguma forma dentro de suas casas. As linhas e os horários de ônibus são ruins, o preço da passagem do monopólio do transporte público é alto. Para uma família de quatro pessoas, por exemplo, qualquer momento de lazer que precise utilizar o transporte público torna-se insustentável. Quem consegue acessar, enfrenta a falta de estrutura em alguns espaços, como a falta de banheiro, bebedouro, árvores e bancos, dentre outros aspectos que impedem que as pessoas gozem com plenitude de seus momentos de lazer.

Os moradores de Joinville ou quem quer que venha visitar a cidade são sempre visitas indesejadas, daquelas que não querem que fiquem muito tempo, que notem que estão incomodando. Com ou sem pandemia, Joinville te obriga a ficar em casa. Se for para sair, apenas para apreciar uma ou outra festividade, ou desfile que exalte a cultura germânica, com destaque para cultura alemã. Qualquer outro tipo de interação social criada recentemente ou até mesmo os mais tradicionais, mas que destoam daquilo que se entende por cultura da cidade, correm grande risco de serem duramente criticadas, estigmatizadas e desvalorizadas, a exemplo do carnaval e das festas undergrounds da cidade (reggae, batalhas de rima, *slam*, rap, música eletrônica, dentre outras).

Nesse quesito, a Entrevistada 3 apresenta uma reflexão importante sobre o aumento de adeptos nas igrejas neopentecostais na cidade e o que poderá se esperar daqui a alguns anos dessa nova formulação. Se a cidade em sua essência já se configura dessa maneira, o que esperar com a adição de mais esse elemento? Recorro a Mathyas (2007), ao citar a dissertação do professor Belini Meurer (1993) ao tratar sobre um grupo no qual ele considera questionador que surgiu na metade da década de 1970, em Joinville, e que quando passaram a incomodar demais, com as pessoas mais destacadas desse grupo sendo consideradas perigosas, foram perseguidas e demitidas, impedidas e sufocadas ao ponto de terem que sair de Joinville, deixando os que ficaram sem expressividade.

Segundo Meurer (1993 *apud* Mathyas, 2007, p. 128) a imprensa teve uma função disciplinadora essencial para propagar o pensamento predominante neste período. Portanto, é possível identificar até mesmo nas reflexões iniciais dos grupos de discussão o modo de agir da

classe dominante joinvilense e, recorrendo a outras pesquisas, confere-se uma maneira tradicional que consiste em uma repressão inicialmente sútil, para o dismantelamento de grupos destoantes, mas que podem evoluir para repressões violentas, como demissões e boicotes. Tudo para mostrar e garantir a permanência de quem realmente manda na cidade. Agora, pode-se minimamente imaginar o que esse poderio atrelado ao neopentecostalismo com seu perfil totalizante pode promover na cidade, além do militarismo, algo já comum no cenário joinvilense.

Nessas reflexões fica evidente, caro leitor, os motivos para o ex-presidente Jair Bolsonaro ter escolhido Joinville para realizar sua motociata³⁹ as vésperas do primeiro turno da eleição presidencial de 2022. Não apenas pela quantidade expressiva de votos que conquistou por aqui em 2018, mas também pela identificação direta e real com a cidade. Observando apenas o acesso ao lazer e a cultura da cidade é possível fazer essas reflexões, pois estão totalmente vinculadas a questão que é crucial para desvendar Joinville: o culto ao trabalho.

Esta pesquisa serve para mostrar que este culto ao trabalho tem vínculo e está totalmente enraizada com a exaltação aos imigrantes germânicos, principalmente os alemães. O espírito empreendedor, a coragem, o pioneirismo, o trabalho árduo são as características vinculadas e amplamente divulgadas por séculos como elementos desta população. Então, cultuando o trabalho, está se cultuando, implicitamente, essa cultura, está cultivando, mantendo viva o germanismo. Então há uma obrigação em cultuá-la, é algo imprescindível para a manutenção da ordem e do progresso da cidade, é fundamental para que tudo permaneça como está, no seu devido lugar.

O signo germânico, o signo alemão, representam todas essas características positivas, reforçadas cotidianamente pelas diversas formas de comunicar para toda a cidade. Então, quando se fala sobre essa população, o que se relaciona automaticamente são essas representações. Para os signos negros e indígenas a representação é contrária, com características negativas. Ressalta-se a diferença. Estrutura-se a hierarquia. Produz e reproduzem-se as desigualdades. Cria-se a dinâmica da sociedade joinvilense que, silenciosa e sem senso crítico, continua em seu transe, repetindo seus mantras, afastando o diferente, o outro.

Qualquer coisa que represente uma possível ameaça, que indique querer arranhar ou questionar esse culto, necessita ser rápida e urgentemente neutralizado. E para isso, utilizam-se de todos os aparelhos ideológicos e de controle social, simbólicos e físicos, para eliminar

³⁹ Sem capacete, Bolsonaro participa de motociata pelas ruas de Joinville.

qualquer tipo de formulação questionadora, contestatória ou contrária à estrutura vigente e hegemônica.

É a partir disso que surgem os estigmas sociais e raciais de Joinville. É a partir disso que criam e solidificam as hierarquias: quem manda e quem obedece, o que serve e o que não serve, o que representa ou não a cidade. São alguns historiadores e intelectuais do século XX, por exemplo, que preparam esse terreno e edificam nas cabeças das pessoas o imaginário da Joinville alemã, das flores, dos príncipes, das bicicletas, da ordem e do trabalho.

É a imprensa da mesma época que promove e destaca as imagens e os nomes desses intelectuais, além de reproduzirem incansavelmente suas produções enviesadas a respeito da cidade, inclusive com suas omissões e inverdades. É o poder público, influenciado por essas ideologias e envolto pela segurança da opinião pública tendenciosa, que coloca em prática, por meio de políticas públicas, discursos e homenagens, ações que reforçam e destacam este perfil de pensamento, modo de vida e relação com a cidade.

Desde a educação infantil até a graduação, influenciando, inclusive, na seleção dos cursos oferecidos nas faculdades e universidades, sejam particulares ou públicas, como aponta a Entrevistada 1 ao tratar de quem produz o contraponto a essa hegemonia ser a academia e indicando a presença da Universidade Federal de Santa Catarina dentro do Parque Perini. Percebem-se os vínculos e as ligações que se transformam em uma espécie de teia que controlam e dominam a cidade, impedindo qualquer tipo de movimentação diferente, qualquer mudança de rota não autorizada.

A relação com o trabalho é interessante, pois é ela que vai moldar toda a relação com a cidade, desde a questão de moradia (Cardoso; Eichenberger, 2022), até a educação (Rosa, 2006), pois envolve renda, acesso à cidade, capital financeiro e humano, dentre outros aspectos que vão influenciar nos mandos e desmandos da cidade. A realidade de Joinville demonstra que essa relação produz também desigualdades, pois no sistema capitalista no qual vivemos, trata-se de uma relação de exploração, entre explorado e explorador.

Porém, em Joinville, utiliza-se do imaginário social para produzir uma cidade imaginada, uma cidade florida (Meurer *apud* Mathyas, 2007), sem nenhum problema. Essa é a imagem repetida em praticamente todos os programas do *Jornal do Almoço* durante o aniversário da cidade, com seus repórteres brancos, com sua gastronomia e história germânica, fazendo o telespectador pensar que aquela é a “nossa” história, como aponta o Entrevistado 4.

Elogiada a todo momento pelos seus apresentadores, as matérias romantizadas e positivas de Joinville (Entrevistadas 1, 3, 5 e 7), escondem tudo aquilo que possa destoar do que realmente representa a cidade, selecionando bem seus entrevistados (Entrevistadas 1 e 3),

fazendo com que confirmem a narrativa que querem transmitir. Pessoas brancas com sobrenomes germânicos e historiadores consagrados, com tempo de fala limitado (Entrevistados 1 e 4), dando a impressão de que não querem que a Joinville real seja mostrada. E aqui cabe o chamado de Conceição (2022, p. 27): “É fundamental, portanto, destruirmos esse imaginário político da invisibilidade que sustenta a branquitude e ao mesmo tempo o discurso da história única. Para isso, é necessário que nos permitamos contar, imaginar e vislumbrar novas e outras possibilidades de histórias”.

Para quem assiste pela primeira vez ou sem muito conhecimento sobre a cidade, guarda essa memória e a ideia de cidade como verdadeira, que isso realmente é Joinville, como destacou o Entrevistado 4 em sua análise pautada na Psicologia. E aqui cabe uma reflexão sobre o programa *Jornal do Almoço* e suas abordagens nos aniversários da cidade especificamente, analisando o fazer jornalístico da emissora NSC TV e comparando com a propaganda.

Se não apresenta os dois lados da história, não é jornalismo. Se vende a ideia de que Joinville foi construída de uma forma que vários especialistas, estudiosos, pesquisadores e intelectuais já comprovaram ser mentira, não estão promovendo o jornalismo, mas sim a desinformação. Ao analisar as interpretações dos entrevistados, percebe-se que por mais que se vista com a roupagem de um telejornal, o que é feito nas matérias sobre o aniversário da cidade são propagandas e não jornalismo. Com isso, faz sentido afirmar que “a mídia não exerce o direito à liberdade de expressão, mas o direito à censura, na medida em que decide o que nós, cidadãos, vamos conhecer e o que não.” (Moraes; Ramonet; Serrano, 2013, p. 78)

E por propaganda, no Brasil, entende-se como propagação de ideias ou obtendo o mesmo significado de publicidade – venda de produtos ou serviços (Sandmann, 2005, p. 10). Aqui, utiliza-se no sentido de propagação da ideia, que já foi bem desenhada e analisada pelos grupos de discussão. Sem apresentar contrapontos em sua totalidade, as matérias do *Jornal do Almoço* são pensadas para chamar a atenção dos destinatários, com elementos que contribuem para isso, uma narrativa contando uma história (*storytelling*), com personagens (pessoas que viveram na época, que trazem veracidade e emoção a narrativa) e cenários (que remetem ao passado, que transportam o telespectador para o saudosismo e nostalgia), fotos antigas, viagens até o país que se tem ligação, comparação entre as gastronomias (mostrar ligação e proximidade entre as culturas), confirmação de um especialista sobre o que é contado (para certificar o produto ou ideia transmitida)... Enfim, o papel mais difícil, de prender a atenção do público é feita. Após esse primeiro passo, os próximos são o convencimento e o estímulo à ação do público receptor (Sandmann, 2005, p. 12).

Para garantir o convencimento dos receptores, o telejornal investe constantemente na estratégia da repetição, seja para deixar o discurso mais fluente nas matérias dos programas, seja para a memorização de quem recebe a mensagem anualmente. Estratégia muito utilizada em campanhas publicitárias, por exemplo. Essa repetição pode chegar ao esgotamento, como demonstram as entrevistadas 3 e 5 ao relatar seus sentimentos ao entrarem em contato com os conteúdos dos programas: “de novo isso?”. É essa reprodução sistemática e constante, em diferentes canais, que garantiu o senso comum de Joinville como cidade unicamente alemã, com o perfil de seus moradores loiros, de olhos azuis. Sobre isso, Cunha (2004, p. 9), afirma categoricamente que

A imagem mítica da “cidade alemã”, com sua gente loira, de olhos azuis, falando alemão, bebendo chopp e morando em suas “casinhas típicas enxaimel”, com lindos jardins floridos, bem como a da comunidade ordeira, pacata, trabalhadora e progressista, com uma “aura de nobreza”, continua povoando o imaginário coletivo, manipulado pelas elites, por mais que a realidade histórica e presente desminta esse discurso. É portanto dever ético de todo aquele que conhece tais fatos, questionar essas imagens, mitos e símbolos, desconstruí-los se preciso, sob pena de omissão, de perpetuar erros, negando a realidade mais evidente, ao invés de transformá-la.

Querer passar essa imagem de cidade perfeita, de mundo ideal, de “sul maravilha”, é papel da propaganda, não do jornalismo. Essa característica de maquiar e esconder algumas coisas, são características comuns em campanhas publicitárias. Do jornalismo se espera o compromisso maior com a resolução dos casos, de ouvir as duas partes e mostrar o que de fato acontece. Ao menos teoricamente.

Qual é a especificidade do jornalista? É garantir a veracidade da informação, verificar a informação a ser divulgada; saber, por exemplo, que não se deve recorrer a só uma fonte, pois isso pode induzir ao erro. O jornalista tem a missão de encontrar várias fontes que digam a mesma coisa para garantir a veracidade da informação (Moraes; Ramonet; Serrano, 2013, p. 69).

Os dois grupos demonstram que os interesses financeiros falam mais alto e direcionam os caminhos que o programa deverá percorrer. Mais uma vez, então, compara-se com a propaganda. Pois ao que se indica é uma empresa que contrata (patrocina) uma empresa de comunicação para exibir, além do seu produto, sua maneira de agir, sua ideologia. Logo, temos uma agência de publicidade e propaganda no lugar de uma emissora de televisão que se transforma e transmuda em telejornalismo para disfarçar as propagandas emitidas sistematicamente em formato de notícias.

E essa percepção dos grupos de discussão compactuam com a afirmação de Moraes, Ramonet e Serrano (2013, p. 64) quando falam que de forma geral os meios de comunicação têm como missão “domesticar as sociedades”, mas como os próprios entrevistados demonstram, “os cidadãos estão percebendo que as benesses do poder midiático não passam de dissimulação e, assim, aceitando-o cada vez menos”.

A população negra ao saber da sua exclusão parece não querer isso para mais ninguém e defende a multiculturalidade, a presença de todos e todas na história, sem esquecer de ninguém, tanto o grupo composto por pesquisadores e militantes, quanto os grupos com pessoas sem esse vínculo. E é possível notar bastante semelhanças entre as análises feitas. De acúmulo ou como direcionamento, em acordo com alguns apontamentos dos grupos de discussão, destaca-se a alternativa de construção de emissoras independentes, trazidas pelo primeiro grupo de discussão, para defender a coletividade como princípio e a multiculturalidade como fundamento.

Diversidade pressupõe revitalizar manifestações do contraditório, confrontar pontos de vista e estimular trocas horizontais entre as culturas de povos, cidades, países. Diversidade se assegura, principalmente, com políticas públicas que valorizem a comunicação como direito humano e contribuam para deter a oligopolização da produção simbólica, a começar por mecanismos democráticos de regulação, de universalização de acessos, de proteção do patrimônio cultural intangível, de usos educativos e comunitários das tecnologias. Diversidade não se esgota nos acréscimos de opções de consumo que, via de regra, impõem ambições mercantis sobre as aspirações sociais por livre expressão e pluralidade. Diversidade só se alcança com o fortalecimento das vozes da cidadania, das dinâmicas participativas e múltiplas práticas culturais e interculturais (Moraes; Ramonet; Serrano, 2013, p. 48-49)

Para esse caminhar rumo a uma independência comunicativa, para a garantia da verdadeira liberdade de imprensa, deve-se pensar e experimentar cada vez mais os meios de comunicação públicos e comunitários, que tenham apoio do Estado, reivindicando a sua participação em todos os processos e que não corram o risco de servir a governos ou partidos políticos, mas sim servir a nação, por meio da participação cidadã, com o horizonte na multiplicidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Joinville parece ser um projeto de supremacia que envolve diferentes setores da sociedade, utilizando aberta e descaradamente os aparelhos ideológicos para a perpetuação de seus ideais. Aqui, avalia-se o telejornalismo, seu alcance e suas possíveis consequências ao analisarmos a recepção e o consumo de um produto midiático, assim como já se avaliou o jornalismo impresso (Mathyas, 2007; Guerreiro, 2022), a historiografia sobre a existência negra na cidade (Silva, 2004), a Educação e o mercado de trabalho (Rosa, 2006; Cunha, 2008); dentre outras pesquisas que servem de contestação à hegemonia criada e perpetuada por séculos e que esta pesquisa demonstra sua continuação.

A reprodução de imagens e narrativas prendem a atenção dos telespectadores e desafiam os avanços da educação formal, com suas políticas públicas, nas exigências de diversificação dos seus currículos. E está se falando de programas da década passada, de 2011 a 2020, ou seja, ontem. E está se falando também de um veículo de comunicação com concessão pública para a sua existência e permanência para chegar a milhares de lares diariamente com sua programação. Em um momento em que o debate sobre desinformação toma conta do país, é preciso observar e apontar para a história do jornalismo de Joinville e dizer que ele sempre desinformou a população joinvilense sobre sua história. Tudo isso mesmo tendo pessoas reivindicando por meio da sociedade civil organizada e pelo campo científico, com evidências científicas, sobre os erros ampla e cotidianamente divulgados.

É assim que opera o telejornalismo da RBS e NSC TV analisadas nesta pesquisa: com omissões e inverdades, romantizações e positivismo, seletividade e estereótipos, dentre outros pontos destacados pelos grupos de discussão realizados. Toda essa dinâmica repetida incansavelmente, ano após ano, contribuindo para a produção e reprodução de imaginários sociais que criam raízes, tornam-se regras e moldam a cultura da cidade, excluindo os indesejados e exaltando o perfil de cidadão joinvilense padrão criado e perpetuado por anos: trabalhador, branco, de olhos azuis, empreendedor, corajoso.

É a exaltação exagerada ao germanismo que promove a violência simbólica, por meio da invisibilidade, contra a população negra e indígena através do telejornalismo regional. Essa técnica de ocultamento, ou de transformação de algo existente em não-existente é, conforme afirma Conceição (2022), uma das formas mais eficientes do racismo elaborado no sul do Brasil, como forma de rebaixamento e exclusão do “outro” que não é digno de reconhecimento.

Talvez seja necessário um enquadramento jurídico, com exigência não só das confirmações do que está sendo transmitido, como também a exigência do compromisso do

tratamento igual para todas as pessoas, tratando seriamente a omissão de informações como tentativa de ludibriar e de enganar boa parte das pessoas. Utilizar da Constituição Federal (Brasil, 1988) e de seus escritos iniciais que garantem o tratamento igual perante a todos os cidadãos para questionar como é concedido a uma emissora de televisão o direito de transmitir algo que vai contra o que prega o regimento maior de nosso Estado. Isso apenas para utilizar as vias liberais do modelo ocidental e branco para conseguir resolver esse jogo montado para a exclusão de negros e indígenas. Isso para cair no estereótipo de negro comedido e não de negro raivoso ou revoltado.

Ao observar a comunicação joinvilense, por meio do telejornalismo da RBS e NSC TV é preciso destacar a necessidade de um olhar crítico não apenas para o jornalismo, mas também lançar o olhar atento para as produções científicas da cidade, principalmente para as obras dos conceituados historiadores e pesquisadores do século XX, responsáveis pela escrita da história “tradicional” da cidade, pois ao que tudo indica, continuam influenciando a visão de Joinville, desde sua constituição (que eles mesmos definiram como inicial) até o presente momento.

É preciso formular constantemente críticas e contra narrativas de maneira organizada e coletiva, buscando mostrar a multiculturalidade como essência de Joinville, destacando personagens esquecidos e dando não apenas visibilidade, mas alçando-os ao posto de protagonistas da história desta cidade. E essa postura não passa apenas por uma tarefa de desmistificação, mas também de destruição das omissões, inverdades e ideias supremacistas por meio do rigor e da ética científica do que pode se chamar de “elite intelectual” joinvilense consagrada pela imprensa, no século XX, cultuadas e que perduram até hoje com suas produções capengas e incompletas. Provando que a ciência é capaz de produzir exclusões e contribuir para a manutenção de desigualdades quando não utilizada com responsabilidade.

Somente com o contato com os grupos de discussão que é possível o pesquisador ter a visão comparativa entre jornalismo e propaganda para evidenciar a diferença na abordagem do telejornal e suas ações. Desde suas interpretações particulares e solitárias, via-se apenas certos elementos isolados, que representavam de maneira avulsa algumas questões, mas com diversas percepções reunidas, possibilita-se uma melhor avaliação da totalidade. Deve-se tratar esses programas como propagandas e não como telejornalismo. Caso as emissoras queiram insistir com a ideia de defender o que fazem como jornalismo, terão que encarar o fato de estarem desinformando seus espectadores e terão que ser responsabilizados por isso.

Ainda assim, é preciso relatar como limitação deste estudo, o fato do pesquisador não conseguir alcançar as camadas mais populares para coletar interpretações sobre os programas

do *Jornal do Almoço* no aniversário de Joinville, uma vez que todos os participantes tinham formação acadêmica ou estavam próximas de conseguir tal formação. Esse contato com a academia permite, mesmo que minimamente, contato com o pensamento crítico e uma visão mais ampliada a respeito do que e como acontece.

Neste percurso, ao longo de mais de dois anos, tendo a possibilidade de morar em outra cidade por um curto período, possibilita o pesquisador a ter um olhar de fora de Joinville. Esse olhar se assemelha com as análises feitas pelo Entrevistado 2 e pelo Entrevistado 6. A sensação, infelizmente, é a mesma. E justamente essa sensação dificultou o processo de escrita do pesquisador, por mais que as hipóteses apontassem para a ausência de representação negra, não se esperava que pudesse verificar tão amplamente a cultura da sua cidade natal.

É perceptível e fácil de confirmar as afirmativas feitas sobre a cidade ao retornar para Joinville depois de um período fora. Destacam-se as posturas de uma cidade fechada, sem perspectiva para o crescimento, cercada por limitações, extremamente controlada. E isso se mostra no fluxo da cidade, mas também no comportamento das pessoas, na maneira de pensar e de se comunicar. É uma pequena-grande cidade. Ela se enxerga como grande, mas se comporta como pequena, em todas as suas relações. Se esforça para seguir no mesmo tom, por mais fora de ritmo e desorganizada que esteja. Parece que tudo tem que se manter do mesmo jeito, nos mesmos assuntos, nas mesmas pessoas, nos mesmos locais. Ninguém destoa. Quando isso ocorre é um espanto.

É uma bolha, realmente, Entrevistado 6. Procura-se conceitos melhores, mas é uma verdadeira bolha. E ao constatar isso surge um misto de sentimentos: raiva, angústia, revolta, pena... “Não é uma cidade aberta, não é uma cidade pra frente, é uma cidade truncada” (Entrevistado 6). Essas palavras resumem Joinville. É uma cidade limitada e limitante.

A angústia surge por saber que há um projeto para que a cidade seja e continue assim. A raiva é por enxergar isso tudo e ainda ter que relatar e analisar. A revolta é inerente a partir do momento que se dá conta de como a cidade opera, se organiza e se reproduz. E a pena, pois bem, não é uma das melhores coisas a sentir, mas quando se vê pessoas se orgulhando disso, dessa maneira de viver e estar em sociedade, é inevitável não sentir.

E de forma alguma o pesquisador recusa-se a dizer de onde veio. Não o faz, pois conhece o lado B da cidade, o lado bom, que mesmo escamoteado, excluído, isolado, faz Joinville ser o que é, o que realmente é. Justamente aquilo que os programas do *Jornal do Almoço* lutam anualmente para esconder: Joinville não é de um povo só, nunca foi. É essa tentativa constante e forçada da classe dominante da cidade em manter tudo nas mãos de poucos, passando de herdeiros para herdeiros o controle da cidade, controlando inclusive a

opinião pública, que impede o seu crescimento e o crescimento de seus moradores. E aqui fala-se do crescimento e desenvolvimento cultural, intelectual, social, político e econômico. O contato e o respeito às diferenças, o avanço em pautas básicas, o acesso à cidade, o vivenciar a cidade de fato, de se relacionar e se comunicar com ela.

“O jeito do joinvilense de ser em si, não é só a questão de você ter a informação, mas o jeito de Joinville ver as coisas assim. Parece até que eles são ingênuos em algumas coisas, assim. Não percebem” (Entrevistado 6). E quem percebe ou entra na “caixinha” ou é convidado a se retirar. Ou forçado, sem emprego, sem oportunidade. Mas existem sujeitos que resistem, tentando subverter a ordem e a lógica perversa, procurando mudar as perspectivas e a maneira do joinvilense ver as coisas.

Existem muitas potências em Joinville. Muitas delas impedidas de serem quem são ou o que querem de fato ser. E as consequências são graves. Frustração, alcoolismo, drogas, depressão... Mesmos problemas apresentados desde o período de 1851, como revela Cunha (2004). Mas segue tudo escondido, tudo maquiado, tudo florido, na cidade dos príncipes, das flores, da dança, das bicicletas...

É a esperança de mudança que move este pesquisador, é o trabalho constante de fazer com que jovens joinvilenses tenham perspectivas maiores para sonhar além daquilo que estão condicionados, a pensar e analisar para além daquilo que lhes é apresentado como verdadeiro na televisão. E isso só será capaz com a transformação, aceitação e reconhecimento de uma cidade multicultural, diversa e plural de fato.

Só a partir dessa multiplicidade será possível construir outra perspectiva, destruir essa bolha e comprovar que essa cidade é muito mais do que apenas trabalho. Nem tudo são flores. Em Joinville, a potência vem do mangue. Aquele mesmo mangue que a Entrevistada 3, inspirada na obra de Meurer (1993), comparou com a população negra e disse que classe dominante quer que fique escondido. Nós, a população negra de Joinville, não somos flores, somos mangue. Somos a área de alimentação cultural, de reprodução social e intelectual, de desenvolvimento econômico e político e refúgio da memória e ancestralidade. Somos o equilíbrio necessário para existência e sobrevivência de Joinville e do mundo. Que façamos Joinville virar mangue, ser dominada pelo mangue.

O trabalho é longo, as contra narrativas estão sendo feitas, as provocações também. Esta tem endereço certo e serve para mostrar de que lado está o telejornalismo da emissora com maior audiência de Joinville e como ela opera para a construção de imaginários e manutenção do poder. Um dia daremos o troco.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, Editora Jandaíra, 2020.

ALVES, Rosilene Maria. **Se mostram de novo os bugres**: abordagens da imprensa catarinense sobre o indígena (1900-1914). 2000. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História., Centro de Filosofia e Ciências Humanas., Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

ARAÚJO, Joel Zito. **O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira**. Florianópolis: Estudos Feministas, 2008.

ARAUJO, Valmir Teixeira de. O papel da imprensa negra brasileira. **Revista Alterjor**, São Paulo, Brasil, v. 20, n. 2, p. 212–228, 2019.

BAND Jornalismo. **“Gatinha da Cracolândia”**: influencer presa era chefe do tráfico. 22 jul. 2021 (1min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jVyOerhnYSc> Acesso em: 07 jun. 2024

BARBOSA, Marialva. **Escravos e o mundo da comunicação**: oralidade, leitura e escrita no século XIX. 1 ed. Rio de Janeiro: Maud X, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASTOS, Fernando; PORTO, Sérgio Dayrell. Análise hermenêutica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). **Métodos de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Brasília, 09 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 10 mar. 2024.

BRASIL. LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Lei nº 11.645, de 10 março de**

2008. Brasília, 10 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em: 10 mar. 2024

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CARDOSO, Felipe; EICHENBERGER, Hernandez. Racismo estrutural e moradia em Joinville. In: CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan Carlos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue (orgs.). **Fragmentos Negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC.** São Paulo: Editora Pluralidades, 2022, p. 281-297.

CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan Carlos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue (orgs.). **Fragmentos Negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC.** São Paulo: Editora Pluralidades, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARVALHO, Marina Vieira de. VADIAGEM E CRIMINALIZAÇÃO: a formação da marginalidade social do rio de janeiro de 1888 a 1902. In: 'USOS DO PASSADO' — XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RJ 2006, Niterói. **Anais Encontro Regional de História.** Rio de Janeiro: Anpuh, 2006.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: o mito fundador. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Edição - Brasil: psicanálise, ficção e memória, Porto Alegre, n. 19-1, p. 23-36, 2000.

CICONNELLO, Alexandre. **A participação social como processo de consolidação da democracia no Brasil.** In: From Poverty to Power: How Active Citizens and Effective States Can Change the World, Oxfam International. Nairóbi, Quênia, 2007. Disponível em: <https://formacaoredefale.pbworks.com/f/Participacao+Social+como+Processo+de+Consolidacao+A7%C3%A3o+da+Democracia+no+Brasil.pdf> Acesso em 7 de maio de 2022.

CONCEIÇÃO, Fernando. **Como fazer amor com um negro sem se cansar.** São Paulo: Terceira Margem, 2005.

CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. Ananse e as teias da história: branquitude, branqueamento e invisibilidade das populações de origem africana em Joinville/SC. In: CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan Carlos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue (orgs.). **Fragmentos Negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC.** São Paulo: Editora Pluralidades, 2022, p. 15-39.

CONHEÇA 200 importantes livros para entender o Brasil. 04 maio 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/independencia-200/2021/05/conheca-200-importantes-livros-para-entender-o-brasil.shtml> Acesso em: 03 mar. 2023.

CORREIA, Leandro Brier. Kênia Clube e o carnaval de Joinville. **Revista Maiêutica**, Indaial, v. 4, p. 107-116, 2016.

CUNHA, Dilney. **Suíços em Joinville**: o duplo desterro. Joinville: Letra D'água, 2003.

CUNHA, Dilney F. Mito e realidade sobre a gênese e o desenvolvimento da cidade. **Revista Ontem e hoje**, março 2004.

CUNHA, Dilney. **História do trabalho em Joinville** – gênese. Joinville: Toda letra, 2008.

DA AGÊNCIA SENADO. **Dia da Consciência Negra se torna feriado nacional**. 22 dez. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/12/22/dia-da-consciencia-negra-se-torna-feriado-nacional> Acesso: 10 mar. 2024.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, [S.L.], v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-77042007000200007>. Disponível em: www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/abstract/?lang=pt# Acesso em 25 jul. 2022.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. ed. online. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

EXPECTV. Disponível em: <https://www.expectv.com.br/> Acesso em: 20 ago. 2023.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira; JESUS, Rosilene. **Relações raciais expressas no telejornalismo**: Uma Análise Do Cidade Alerta. Rio de Janeiro: Entropia, p. 05–33, 2021.

FERNANDES, Rhuan Carlos. Insurreições Patrimoniais: os espaços negros no Cemitério do Imigrante em Joinville/SC. In: CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan Carlos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue (orgs.). **Fragmentos Negros**: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC. São Paulo: Editora Pluralidades, 2022, p. 105-119.

FICKER, Carlos. **História de Joinville**: subsídios para a Crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville: Meyer, 1965.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge (org). BARROS, Antônio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FUNDAÇÃO Cultural Identifica 14 negros enterrados no Cemitério dos Imigrantes e rende homenagem a eles na semana Consciência Negra, em Joinville. 20 nov. 2009. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/fundacao-cultural-identifica-14-negros-enterrados-no-cemiterio-dos-imigrantes-e-rende-homenagem-a-eles-na-semana-consciencia-negra-em-joinville/> Acesso em: 03 mar. 2023.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília, 2 ed: Líber Livro Editora, 2005.

GALEGO, Carla; GOMES, Alberto. **Emancipação, ruptura e inovação: O “focus group” como instrumento de investigação**. Lisboa: 2005.

GARCIA, Fábio. **Ildefonso Juvenal da Silva – um memorialista negro no sul do Brasil**. Florianópolis: Editora Cruz e Sousa, 2019.

GIL, Carlos, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Atlas, 6ª edição, 2017.

GODOI, Christiane Kleinübing. **Grupo de discussão como prática de pesquisa em estudos organizacionais**. São Paulo: Revista de Administração de Empresas FGV/EAESP, 2015.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes**. Revista Política & Sociedade, Florianópolis, v. 10, n.18, p. 133-154, 2011.

GOVERNO Federal inclui pós-graduação na Lei de Cotas. Publicado em 14 nov. 2023. Atualizado em 19 dez. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/governo-federal-inclui-pos-graduacao-na-lei-de-cotas> Acesso em: 10 mar. 2024

GUEDES, Sandra P. L. C. . A escravidão em uma colônia de alemães. In: XXIV Simpósio Nacional de História. História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 2007, São Leopoldo. **Anais XXIV Simpósio Nacional de História**. História e Multidisciplinaridade: Territórios e deslocamentos. São Leopoldo: UNISINOS, 2007. v. 1. p. 01-10.

GUERREIRO, Juliane. O não-lugar do negro na história de Joinville: um olhar sobre as páginas do Jornal A Notícia. In: CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan Carlos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue (orgs.). **Fragmentos Negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC**. São Paulo: Editora Pluralidades, 2022, p.81-101.

GUIMARÃES, Taciana Costa dos Santos. **Representações da negritude no repórter Brasil**. 2019. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue. **Sociedade Kênia Clube: memória e resistência da população negra em joinville/sc**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue; ASSIS, Neiva de; ZANELLA, Andréa Vieira. Clubes Sociais Recreativos em Joinville: Desigualdades Étnico-Raciais. **Revista Subjetividades**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. e11423, 2022. DOI: 10.5020/23590777.rs.v22i2.e11423.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HAMERMÜLLER, Amanda Farias. **A cor na televisão: uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da rede globo e o papel televisivo na construção da identidade negra**. 2018. 90 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

HERKENHOFF, Elly. **Era uma vez um simples caminho**. Joinville: Fundação Cultural, 1987.

HOMI Bhabha - Intelectual e Professor dos estudos pós-coloniais e relações interculturais. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/convidados/homi-bhabha> Acesso em 10 mar. 2024

IBGE. **Censo 2022**: pela primeira vez, desde 1991 a maior parte da população do Brasil se declara parda. Publicado 22 dez. 2023. Atualizado em 26 jan. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 10 mar. 2024.

JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa; PIENIZ, Mônica; JOHN, Valquiria (orgs.) **Meios e audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2017

JORNAL do Almoço - Joinville. Livro joinvilense mostra a luta dos negros para vencer os estigmas do racismo. 18 nov. 2022 (8min.) Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11138203/?s=0s> Acesso em: 03 mar. 2023

JORNAL do Almoço - SC. Edição 09 mar. 2024 (1h 7min.). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12423557/> Acesso em: 10 mar. 2024

KELLER, Ana Paula. **Kenia Clube veio para mostrar que em terra de alemão tem samba, sim senhor**. ND+, 14 set. 2014. Disponível em: <https://ndmais.com.br/diversao/kenia-clube-veio-para-mostrar-que-em-terra-de-alemao-tem-samba-sim-senhor/>. Acessado em: 20 jul. 2022.

LEITE, Francisco. Por outras expressões do negro na mídia: a publicidade contraintuitiva como narrativa desestabilizadora dos estereótipos. In: BATISTA, Leandro Leonardo; LEITE, Francisco (orgs). **O negro nos espaços publicitários brasileiros: perspectivas contemporâneas em diálogo**. São Paulo: ECA USP, 2011, p.223-242.

LIMA, Ivan Costa. A pedagogia multirracial e popular em Santa Catarina: trajetórias históricas e lutas sociais do movimento negro. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL - HISTÓRIA ORAL, PRÁTICAS EDUCACIONAIS E INTERDISCIPLINARIEDADE, 13, 2016, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). **Anais XIII Encontro Nacional de História Oral**. Porto Alegre: ABHO (Associação Brasileira de História Oral), 2016. p. 1-10.

LUNT, Peter; LIVINGSTONE, Sonia. Rethinking the focus group in media and communications research. **Journal of Communication**, v.46, n.2, 1996, p.79-98.

MANSKE, Carolina. Folha Livre: um jornal abolicionista em Joinville/SC. In: CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan Carlos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue (orgs.).

Fragmentos Negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC. São Paulo: Editora Pluralidades, 2022, p. 43-77.

MARTINS, Maria Helena (org.). **Rumos da crítica.** São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Itaú Cultural, 2000.

MATHYAS, Alessandra da Mota. **Histórias impressas de Joinville:** estudo da historiografia e da influência da imprensa na escrita da maior cidade de Santa Catarina. 2007. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História Cultural, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário no Brasil.** São Paulo: Edusp, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

MORAES, Denis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder:** da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo, 2013.

MOREIRA, Rafaela; ARAKAKI, Gustavo. **Foragido, filho de desembargadora aposentada por ordem do CNJ é preso.** Portal G1, 25 fev. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2024/02/25/foragido-filho-de-desembargadora-aposentada-por-ordem-do-cnj-e-preso.ghtml> Acesso 07 jun. 2024

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). **O jornal:** da forma ao sentido. Tradução de Sérgio Grossi Pinto. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MOVIMENTO NEGRO MARIA LAURA. **Nome objetivos estratégias.** Documento interno, não publicado, 2015.

MOVIMENTO NEGRO MARIA LAURA. **Parabéns para a esquecida Joinville.** Publicação mnmarialaura Instagram, 09 mar. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ca42-cZr_Xd/?igshid=MzRIODBiNWFIZA== Acesso em: 03 mar. 2023.

MOVIMENTO NEGRO MARIA LAURA. Se não viviam negros na cidade, por que teve um jornal abolicionista?. Publicação mnmarialaura Instagram, 14 mar. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CbFrgYvL_V1/?igshid=MzRIODBiNWFIZA== Acesso em: 03 mar. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo:** documentos de uma militância pan-africana. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

OLIVEIRA, Laiana de Oliveira. **A Frente Negra Brasileira: política e questão racial nos anos 1930**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA, Luiz Carlos de. **Discurso e imaginário: o negro na imprensa**. Curitiba: Editora Appris, 2016.

OSÓRIO, Maria da Consolação Pereira. **Fragmentos da história da população de origem africana em Joinville: a fundação do Kênia Clube (1960-1965)**. Joinville: Univille, 1996.

O PERINI Business Park. Disponível em: <https://www.perinibusinesspark.com.br/institucional-perini-business-park/> Acesso em 10 mar. 2024

PACHECO, John. Sem capacete, Bolsonaro participa de motocicleta pelas ruas de Joinville. Portal G1 SC, 01 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/10/01/sem-capacete-bolsonaro-participa-de-motocicleta-pelas-ruas-de-joinville-em-sc.ghtml> Acesso: 03 mar. 2024.

PEREIRA, Eráclito. **Centro cívico Cruz e Souza: memória, resistência e sociabilidade negra em lages - santa catarina (1918-2012)**. 2013. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

PEREIRA, Sandra G. M; GUEDES, Sandra P. L. C. **O confronto entre índios e colonos na Dona Francisca (1851-1900)**. Cadernos de Iniciação Científica: História, Joinville, n.01, p. 07-21, 1999.

POGAN, Ian; FERNANDES, Rhuan Carlos; MEIRA, Roberta Barros. Vamos bailar? a sociedade beneficente Kênia Clube, em Joinville, SC. *In*: SOSSAI, Fernando; COELHO, Ilanil; MEIRA, Roberta Barros; CARELLI, Mariluci Neis (Org.). **Patrimônio e sociedade: desafios ao futuro**. 1ed. Joinville: Editora da Univille, 2020, p. 109-115

POR QUE anunciar na programação de jornalismo da NSC TV?. 26 jan. 2021. Disponível em: <https://negociossc.com.br/blog/por-que-anunciar-na-programacao-de-jornalismo-da-nsc-tv/> Acesso: 22 jan. 2023

RAMONET, Ignacio. **A explosão do jornalismo: das mídias de massa à massa de mídias**. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RODRIGUES, Clayton Emanuel; SANTANA, Cleides Marques de; NOBREGA, Ana Kelly Ferreira. **Da violência colonial à violência política: a violência seletiva no Brasil**. Sevilla: Americania – Revista de Estudios Latinoamericanos de la Universidad Pablo de Olavide, n. 8, jul-dez, 2018, p. 257-289.

ROMÃO, Jeruse. **Antonieta de Barros**: professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil. Florianópolis: Editora Cais, 2021.

ROSA, Vanessa da. **A invisibilidade da mulher negra em Joinville**: formação e inserção ocupacional. 2006. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SAAVEDRA, J. **Joinville repete liderança em ranking da votação de Bolsonaro, entre as maiores cidades**. 01 nov. 2022. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/saavedra/joinville-repete-lideranca-em-ranking-da-votacao-de-bolsonaro-entre-maiores> Acesso em: 03 mar. 2023

SALVADOR NETO. **Morre Maria Laura Eleotério** - Homenagem do Blog com o seu perfil, sua história. 29 mer. 2012. Disponível em: <https://www.palavralivre.com.br/2012/03/morre-maria-laura-eleoterio-homenagem-do-blog-com-o-seu-perfil-sua-historia/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SANDMANN, Antônio José. **A linguagem da propaganda**. São Paulo: Contexto, 2005.

SANTOS, Carlos Roberto Praxedes dos.; MUNEIRO, Lilian Carla. Os primeiros 50 anos da TV em Santa Catarina: concentração geográfica da mídia televisiva. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 11, p. 127-142, jul/dez, 2022.

SANTOS, Edmilson Santos dos.; GOMES, Nilma Lino.; SILVA, Givânia Maria da.; BARROS, Ronaldo Crispim Sena. **Racismo institucional e contratação de docentes negros nas universidades brasileiras**. Campinas: Educação e Sociedade. Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes), 2021.

SCHEFFER, Rafael da Cunha. **Tráfico interprovincial e comerciantes de escravos em Desterro, 1849-1888**. 2006. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SILVA, Denize Aparecida da. **“Plantadores de Raiz”**: escravidão e o compadrio nas freguesias de nossa senhora da graça de São Francisco do Sul e de São Francisco Xavier de Joinville -1845/1888. 2004. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

SILVA, Gabriela da Costa. A (re)existência através da escrita: a contranarrativa mobilizada pelas obras de autoras negras brasileiras. **Revista Três Pontos**, Belo Horizonte, Ano 16, n.1, p. 34-40, 2019.

SILVA, Rafael Pereira da. Pluralismo no telejornalismo brasileiro: uma análise televisual da negritude no Jornal Nacional e no Repórter Brasil. **Ação Midiática**, Curitiba, n. 27, p. 1-20, jan./jul. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 73-102.

SODRÉ, Muniz. **Narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SOUZA, Maria Angélica Lima de. **Epistemicídio:** o silenciamento de vozes negras nos cursos de ciências sociais da universidade de Brasília. 2018. TCC (Graduação) - Curso de Graduação em Ciência Política, Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

TENDLER, Silvio. SESCTV. **Documentário: encontro com Milton Santos (ou o mundo global do lado de cá).** 29 jul. 2013. 1 vídeo (5min. 18seg.). Disponível em: <https://youtu.be/oP9WeauOvWc>. Acesso em 20 jul. 2022

TERNES, Apolinário. **Joinville:** a construção da cidade. Joinville, SC: Bartira, 1993.

TIODÓSIO, Mylena. **A representação da juventude negra no telejornalismo:** uma análise das notícias do Jornal Nacional. 2018. 118 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2018.

THIAGO, Raquel S. **Um caso de liderança luso-brasileira na Região de Joinville:** abdon baptista - 1884-1922. 1983. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História., Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1983.

TOMAZ, Kleber; JOZINO, Lucas; MANCINI, Fernando; SEVERIANO, Alan. **Condutor de Porsche que bateu em carro e matou motorista de aplicativo havia recuperado a CNH suspensa 12 dias antes do acidente.** Portal G1 SP, 03 abr. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/04/03/condutor-de-porsche-que-bateu-em-carro-e-matou-motorista-de-aplicativo-havia-recuperado-cnh-suspensa-12-dias-antes-do-acidente.ghtml> Acesso em: 07 jun. 2024

VIVER Joinville. 2000. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/viver-joinville-342985ed384762.html> Acesso em 10 mar. 2024.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público:** uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

WOODSON, Carter Godwin. **A deseducação do negro.** São Paulo: Medu Neter Livros, 2018.

ANEXO I – Lista Checagem e Organização do Grupo de Discussão

Lista de Checagens e Organização do Grupo de Discussão

- 1. Seleção de pessoas para a participação e para ajuda na realização;**
 - Convidar mediador;
 - Formulário para interessados em participar;
 - Certificação para mediador – emitido pela UFPR;
 - Contatos e confirmação dos participantes – combinar data e horário que todos possam;
- 2. Seleção dos materiais a serem apresentados;**
 - Assistir novamente os programas para fazer a seleção – conferir os minutos necessários durante o grupo;
- 3. Seleção do lugar para a realização;**
 - Ligar para o local e reservar o espaço;
- 4. Seleção das ferramentas de gravação (gravador, câmeras, anotações);**
 - Solicitar gravadores nas universidades, baixar app no celular;
 - Caderno, papel, canetas para anotações;
 - Encomendar alimentos e bebidas;
- 5. Seleção da data e horário de realização (tempo de início e término também);**
 - Conferir as datas e horários com os/as participantes e mediador;
 - Imprimir e coletar assinaturas do TCLE;

1 - Convocação de pessoas negras para a participação do Grupo de Discussão

- Mensagem convocando para participar do formulário

Bom dia, pessoal! Tudo bem? Estamos desenvolvendo uma pesquisa em Comunicação sobre o telejornalismo regional ao meio-dia, na cidade de Joinville. Nosso intuito é reunir pessoas negras que consumam esses programas para bater um papo a respeito. Podem ser de todas as idades e regiões da cidade. Se puderem responder a enquete e repassarem para seus amigos e familiares negros e negras também, agradecemos imensamente. É um questionário rápido e simples.

Agradeço a ajuda! *Link do formulário*

- Explicação e estrutura de perguntas do formulário virtual enviado:

Telejornalismo e questões raciais em Joinville

Este formulário tem o objetivo de selecionar pessoas negras (pretas e pardas) consumidoras de telejornais regionais de Joinville para a participação de uma roda de conversa que irá debater sobre a representação negra nesses espaços. Pretende-se realizar dois grupos entre os meses de outubro e novembro, com datas e horários a serem combinados conforme as respostas forem encaminhadas. Será feito contato via Whatsapp e E-mail para conferir a disponibilidade e informando horário e local da realização da roda de conversa.

Importante o preenchimento e o encaminhamento de todas as informações corretamente.

Esta pesquisa faz parte de um trabalho de mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Paraná.

Avisos:

- Nas duas datas será servido lanches para os e as participantes interessadas;
- As identidades dos/as participantes serão preservadas;
- Duração estimada de 2h de conversa;
- Deslocamento até o local e após o término do evento sob responsabilidade de cada

Nome Completo | E-mail | Cidade | Número do telefone | Autodeclaração racial | Nacionalidade | Costuma assistir à televisão? | Assiste ao telejornalismo regional ao meio-dia? | A que telejornal você costuma assistir? | Com que frequência você costuma assistir? | Você teria disponibilidade de participar de uma pesquisa a respeito do telejornalismo regional? | Deseja fazer algum comentário?

- Convite para a participação do Grupo de Discussão

Boa tarde, nome da pessoa, tudo bem?

Realizarei um bate papo com algumas pessoas sobre a pesquisa que estou desenvolvendo e gostaria de te convidar para participar.

Estou programando para o dia 09/11/2023 (quinta-feira), a partir das 19h, no local, com duração de 2h. Haverá lanche e refrigerante.

Gostaria de saber sobre a sua disponibilidade em participar nesta data e neste horário. Preciso de uma resposta definitiva até o dia 04/11 (sábado), pois será algo restrito para um número determinado de participantes. Posso contar contigo?

- **Primeiro grupo (09/11/2023 – quinta-feira) – Convidados:**
- Reforçar convite dia 07/11/2023 – Verificar se está confirmado

2- Seleção dos materiais a serem apresentados;

Programa – Data	Temática/Abordagem	Min até min	Tempo total de duração
09/03/2011	Histórica 60 anos do centenário	0 a 7min e 36:15 a 43min	14 min
11 e 12/03/2019	Histórica Doc “A barca Colon”	48min a 57min 45:40 a 56min	20 min
09 e 10/03/2020	Cultural	54:30 a 57:20 17min a 22:10	9 min
TOTAL			43 min

Justificativas – os trechos dos três programas selecionados representam alguns pontos que chamaram a atenção para a pesquisa que pretende identificar a representação negra e que foram identificados pelo autor da pesquisa ao entrar em contato com os programas para fazer uma leitura flutuante acerca do que foi mostrado. Diante disso, procura-se descobrir o que o grupo de discussão irá identificar por meio dos discursos dos programas identificados ou apontar

novos olhares, interpretações e reflexões a respeito. Pretende-se, com as informações coletadas, observar a recepção e o consumo desses programas pelos telespectadores, considerando exclusivamente o segmento populacional negro da cidade. Os dois primeiros materiais selecionados contam a história da formação de Joinville, exaltando a germanidade e a influência europeia de maneira exacerbada, contendo apenas em um dos episódios do documentário uma citação sobre a população afrodescendente que já se encontrava na região feita brevemente pelo historiador Dilney Cunha. A última reportagem trata sobre a cobertura das festividades, com um show do sambista Arlindinho que reuniu um público expressivo, com destaque para a quantidade de pessoas negras. A partir destas apresentações, pretende-se instigar a participação dos e das participantes para verificar as possibilidades de interpretações que podem ser feitas pelos receptores. O primeiro grupo foi composto por militantes negros e por pesquisadoras negras que escreveram sobre a presença negra em Joinville, o intuito é colher o máximo de interpretações e críticas sobre a história relatada nas matérias apresentadas com certo grau de criticidade. O segundo grupo foi pensado para ser feito também com pessoas negras, mas que não tenham contato efetivo com a militância ou com a pesquisa sobre as questões raciais para comparar as possíveis semelhanças ou diferenças de interpretações ao entrarem em contato com os programas selecionados.

Execução – Grupo de Discussão - Divididas em quatro blocos/momentos

- *Para cada bloco uma introdução, uma explicação detalhada de cada uma;*
- *Separar em 3 ou 4 blocos o grupo de discussão;*
- *Imprimir e distribuir o TCLE – documento de autorização de uso de voz e imagem;*
- *Avisar os momentos em que irá ligar e quando irá desligar (antes de fazer a última pergunta) os gravadores;*
- *Elaborar regras para a dinâmica – detalhar bem*
- *Explicar tudo detalhadamente – desde a pesquisa até as regras de participação*

Mediador:

Boa noite, pessoal. Me chamo Mediador e nesta noite conduzirei este grupo que irá contribuir para a pesquisa de mestrado em Comunicação, da Universidade Federal do Paraná, do Felipe Cardoso, que está sendo orientado pelo professor José Carlos Fernandes, cujo intuito é identificar a representação da população negra nos programas do Jornal do Almoço durante as celebrações do aniversário de Joinville, com um recorte temporal feito entre 2011 e 2020.

Inicialmente gostaríamos de solicitar que vocês leiam atentamente e assinem corretamente o documento de aceitação de participação nesta pesquisa, preenchendo todos os campos necessários. Tem dois termos de consentimento, uma via ficará com vocês e a outra vocês podem entregar para nós após o preenchimento para que possamos começar o quanto antes o nosso grupo.

Lembramos que se trata de uma pesquisa acadêmica de um tema que pode ser considerado sensível para algumas pessoas, então caso não queiram participar ou sintam-se desconfortáveis durante a dinâmica, podem sinalizar e se retirar do local sem problemas.

Agradecemos imensamente a disponibilidade, interesse e participação. Temos lanche, refrigerante e suco, fiquem à vontade para se servirem, tudo foi preparado para vocês. Caso

alguém queira ir até o banheiro, peço a gentileza para irem agora para que não precisemos interromper o andamento do grupo. O tempo previsto de duração é entre duas a duas horas e meia a depender da conversa.

Daremos início, agora, a nossa dinâmica. Ela será gravada apenas com captação de áudio e a identidade de vocês será preservada e só será utilizada para essa pesquisa especificamente. **[LIGAR OS GRAVADORES]** Estamos ligando neste exato momento os gravadores e iremos anunciar também quando desligarmos.

Deixamos números para vocês se apresentarem e se identificarem quando forem falar. Isso facilitará na hora da transcrição para que não haja confusão no reconhecimento da voz dos e das participantes. Antes de falar, caso lembrem, apenas digam o número de vocês e falem tranquilamente. Por exemplo: Número 1 – acho que... Entendido? Vai virar o nome de vocês.

Podemos começar?

1. Rodada de apresentação dos participantes:

Então, quem pegou o número 1?

Diga para nós o seu nome completo

Qual a sua data de nascimento?

Escolaridade?

O que faz da vida?

É natural de Joinville?

Qual o bairro que você mora?

Diga-nos uma qualidade sua?

Fazer essa rodada com todos os participantes, um por um. Finalizado, passar para o próximo tópico.

2. Relação dos participantes com Joinville:

- *O que você recomenda ou recomendaria para quem vem para Joinville?*
- *Onde você levaria, leva ou já levou seus amigos ou conhecidos para conhecer Joinville?*
- *O que você costuma falar sobre Joinville para pessoas que não são daqui?*

Fazer essa rodada com todos os participantes, um por um. Finalizado, passar para o próximo tópico.

Mediador:

Iremos exibir a partir de agora três programas de diferentes datas do programa Jornal do Almoço, da RBS e NSC TV, durante as celebrações do aniversário da cidade de Joinville, oficialmente reconhecido no dia 09 de março. Primeiramente exibiremos dois trechos do programa do ano de 2011. Posteriormente, dois trechos de um documentário produzido pela emissora no ano de 2019, intitulado “A Barca Colon”. Para finalizar, mostraremos trechos do programa de 2020. Ao todo, os materiais somam cerca de 40 minutos. Pedimos a todos e todas que prestem atenção no conteúdo apresentado.

3. Apresentação dos programas

Após as apresentações: deixar aberto para emitirem opiniões, sem provocação ou pergunta inicialmente. Deixar fluir, se necessário, induzir, estimular.

- *O que mais chamou a atenção?*
- *Sente falta de algo?*
- *O que você mudaria nesta matéria? Alteraria algo?*
- *Assistiria essa matéria novamente? Compartilharia ou indicaria para alguém?*
- *Como você se sente assistindo isso? Qual o seu sentimento assistindo?*

4. Finalização

- *O que você sugeriria para que escrevessem sobre Joinville em uma pesquisa?*

Ao final – desligar os gravadores, informar que está desligando.

Após, perguntar: - Alguém gostaria de fazer mais alguma consideração ou algum comentário? Dividir alguma experiência? - Deixar aberto.

Dicas extras:

- Identificar diferenças e semelhanças, repetições, sobre o que recortar...
- Pegar elementos e pontos do que eles/as falam, perguntar em cima do que eles/as dizem;

Próximos passos:

- Decupar, categorizar (quais temas), organizar (tabelas), analisar;
- Organizar o segundo grupo – fazer o convite, definir datas, reservar local, alimentos etc.

ANEXO II - Transcrição do Grupo de Discussão 1

Joinville, 22 de novembro de 2023.

PARTICIPANTES

Felipe Cardoso (pesquisador)

Mediador

Entrevistada 1

Entrevistado 2

Entrevistada 3

Entrevistado 4

TEMPO DE GRAVAÇÃO

2h 45min 30s

TÍTULO

Grupo de Discussão 1

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint.) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(NI) → identidade da voz incerta.

(INÍCIO)

[00:00:00]

Felipe Cardoso — Pessoal, então a gente vai dar início agora, eu passo a palavra para o Mediador.

Mediador — Boa noite, deixa eu ligar aqui... Primeiro eu vou botar... Essa aqui grava melhor, então (inint.) [00:00:16]. Vai sair tudo. Aqui esse já está gravado, esse daqui também. E gravando. Então a gente começa agora, como vocês já leram aí nos termos, a pesquisa tem como intuito contribuir para a promoção da pesquisa do Felipe Cardoso, que é identificar a representação da população negra em alguns programas que a gente vai estar passando aqui posteriormente, mas inicialmente a gente vai começar mais como uma rodada, eu não diria, de apresentação... Mas de familiarização, socialização, um pouquinho de quem somos, no caso mais de vocês do que eu. E eu vou pedir que vocês falem o nome de cada um, nesse primeiro momento, mas como o Felipe já pontuou, os nomes não vão aparecer na dissertação em si. E aí nas próximas, quando for responder, o Felipe distribuiu um número para cada um, aí cada um se identifica com um número, porque a hora que ele for fazer a transcrição, para identificar quem foi, quem falou, aí é só: “Ah eu sou o número x”, e daí dá a sua resposta. Primeiramente, vamos se apresentar, aí as demais respostas você diz: “Número 1”, e aí responde a pergunta. E aí é mesmo responder como puder, sem... Que aí essa parte de analisar, que fala, que... Aí é trabalho do pesquisador. A gente aqui faz e fala o que a gente pensa, o que a gente acha, o que a gente sente e aí depois o trabalho de depurar o que é e o que não é, é trabalho do Felipe aí como pesquisador. Então, a gente começaria por quem pegou o número 1.

Entrevistada 1 — Tá. Eu sou Entrevistada 1, número um.

Mediador — Perfeito.

Entrevistada 1 — Eu sou natural de Curitiba. Moro em Joinville já há trinta e poucos anos. Eu sou de setenta e dois.

Mediador — É, estamos aí juntos (nesse mesmo barco) [00:02:55].

Entrevistada 1 — Eu tenho assim alguns quilômetros a mais que vocês. Fiquei até o Ensino Médio em Curitiba. Fiz magistério no Instituto de Educação do Paraná, bem ali no centro. E escola pública, maravilhosa, maravilhosa assim. Eu lembro, quando eu cheguei em Joinville, o impacto que foi. Quer dizer, Joinville eu me criei, porque a família toda é daqui, eu passei férias aqui, então, assim, conhecia bem a cidade. Mas o meu impacto foi porque eu vim fazer faculdade aqui. Hoje, olhando pelo retrovisor, eu penso assim: eu não sei o que eu tinha na cabeça, mas... Porque eu fiz a inscrição para o vestibular para a UFPR e eu ia fazer Economia...

Mediador — Nossa...

Entrevistada 1 — Segunda opção, História. E daí resolvi vir para cá, que eu gostava daqui, eu gostava da dinâmica da cidade, adolescente... Curitiba é maravilhosa, mas ela é tão fria quanto o clima...

Mediador — Isso.

Entrevistada 1 — Dependendo de onde você está... Eu gostava muito daqui, vim embora, vim para cá. E aí quando eu cheguei na faculdade, que só tínhamos duas aqui, assim, uma incoerência, uma cidade desse tamanho, a maior cidade do Estado, não tinha nem universidade pública. A gente tinha duas faculdades, não eram universidades, a ACE e a FURJ, que hoje é Univille. E eu, claro, por questões financeiras e logísticas e tudo, a gente não pode esquecer que o povo negro dessa cidade tem o seu espaço bem delimitado e não era a zona norte o nosso lugar, era a zona sul. Eu sou cria da zona sul, então sozinha aqui, trabalhando já, eu fui fazer Pedagogia, que era o que... Eu fiz vestibular para a Univille também, para Economia e História,

era primeira opção Economia e segunda opção, História. Passei, mas fui fazer Pedagogia. E aí quando eu entro naquela turma enorme, com alunos quase, e aí assim... uma carência de conteúdo que me assustou, parecia, com todo o respeito a todas às pessoas que eu convivi ali, porque foi bom também, a gente sempre aprende alguma coisa, mas parecia uma revisão daquela bem fuleira do magistério, sabe. Tanto é que eu sempre fui aquela que estuda, estuda, estuda. E a faculdade, eu passei assim, passei... Eu apresentava trabalhos, muitas vezes sem precisar dar uma revisada no conteúdo porque eu tive muito mais no magistério do que eu tive aqui na Pedagogia. A minha formação mesmo, que eu posso dizer, mais politizada, ela se deu no meu emprego e não na faculdade, porque eu comecei já com dezessete anos a trabalhar no Sesi e pude estar no Sesi porque eu fazia dezoito no final do ano, se não, não poderia ser admitida. Mas eu passei em primeiro lugar no concurso, aí como eu fazia dezoito em dezembro, eles me admitiram. E lá a gente estudava muito, foi ali que eu tive contato com Marx, com Engels, com toda a parte de História da Arte que depois foi o que eu... Eu me interessei mais e fiz uma especialização em História da Arte. Toda essa parte mais crítica, de leitura de mundo, de sociedade, de entender os movimentos, eu tive tudo dentro do Sesi. Nós tínhamos formações assim, maravilhosas. E foi decepcionante a formação acadêmica, tanto que eu terminei a faculdade em 92 já, eu tinha dezenove anos, eram três anos de faculdade. E aí eu fiquei um tempo assim, pensando: o que eu vou fazer de especialização. Porque eu não queria fazer nada que não agregasse à minha formação. Foi pelo Sesi também que eu fiz a pós em História da Arte pela Univille, porque no Sesi nós fizemos muitos, muitos cursos de História da Arte pela Casa da Cultura. A gente estava construindo o currículo da Educação Infantil e o nosso currículo já era todo dentro da Teoria Crítica, a partir de Vygotsky, quando o município nem pensava em estudar Piaget, a gente já tinha avançado do Piaget e estávamos trabalhando com a Teoria Histórico-Crítica.... Então, e aí os nossos alunos do Sesi, daí eu trabalhava com Educação Infantil, eles tinham uma dificuldade imensa no município, porque eles chegavam lá questionando, eles já eram politizados. A gente trabalhava sempre a partir da realidade do aluno, do conhecimento do aluno, construímos o currículo todo em cima da Teoria Histórico-Crítica. E aí quando eles chegavam no município, eles eram muito malvistas, porque eles questionavam os professores, perguntavam sobre os fenômenos, eles não aceitavam as respostas prontas, e aí nada dava certo para eles. Depois de muito tempo, o município avançou nessas questões, mas a princípio, ali década de noventa, a Educação Infantil tinha uma outra conotação [conversa da entrevistada]. E também vocês têm que me dizer se eu não estou falando demais, porque daqui a pouco eu fujo do...

Felipe Cardoso — Não, fica à vontade.

Mediador — Não... (inint.) [00:09:08].

[São ouvidos risos do grupo]

[Diálogos alheios ao grupo]

Entrevistada 1 — Então, daí só continuando, aí fiz a pós em História da Arte pela Univille e depois eu radicalizei na vida... Dentro do SESI mesmo eu fui trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, aí eu fiz uma especialização pela Universidade de Brasília em Educação de Jovens e Adultos, mas foi a partir dessa especialização em História da Arte que eu comecei a trabalhar no Bom Jesus, nos cursos de Comunicação Social. Entrei pelo Turismo e depois fui para os cursos de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda e Jornalismo, quando eu tive contato com o meu lindo aqui, o Felipe. E lá fiquei por onze, doze anos. Trabalhei no curso de

Enfermagem também. E aí paralelo a isso tudo, eu fiz o mestrado. Fui fazer o mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina e resolvi fazer o mestrado justamente porque começou a me incomodar o que eu observava na educação aqui em Joinville e na área da saúde. Só depois que eu fui me dar conta que o que eu observei na cidade era justamente o que acontecia na minha família, por que o quê que tinha aqui? Eu tinha contato com várias professoras negras, mas a grande maioria delas na Educação Infantil. Algumas no Ensino Fundamental, do primeiro ao quinto ano. No Ensino Médio, já um pouco mais escassas e na universidade, bom por muito tempo ali dentro do Bom Jesus, fui só eu. E na saúde, a mesma coisa. Entrava naquela maternidade Darcy Vargas, tinha muitas mulheres negras, mas a grande maioria como técnicas de enfermagem. E aí eu fui trabalhar no curso de Enfermagem e me deparei com turmas majoritariamente brancas, embora um espaço de mulheres, eu acho que tive um ou dois alunos no curso de Enfermagem e lá eu não trabalhava com História da Arte, trabalhava com Educação em Saúde. A maioria eram mulheres brancas, eu tive uma única aluna negra que foi a Vanessa. Não lembro de outra aluna negra nesse espaço. Eu resolvi pesquisar qual é o fenômeno que está por trás disso, por que essas mulheres adentraram nessas duas ocupações, nessas duas áreas. E aí claro, que daí eu fui olhar para a minha família, porque do primeiro casamento do meu avô, eram quatro mulheres. Dessas quatro, três na área da Educação, uma na área da Saúde. Depois meu avô se separou, casou com uma outra mulher e todas as filhas desse casamento também foram caminhando por essa mesma área. E quando eu comecei a fazer as entrevistas, assim, ficou muito nítido que era resistência, entrar na educação para essas mulheres era uma questão de resistência, de fugir do serviço doméstico que vinha se perpetuando geração após geração. Elas queriam romper com essa, a gente não pode nem dizer tradição, que é horrível, mas com essa coisa da ancestralidade e da falta de oportunidade, do racismo estrutural que hoje a gente consegue enxergar, o racismo institucional e da delimitação de espaços para os negros nesta cidade, porque elas não tinham outras oportunidades. Boa parte também filhas de mães solo, que estavam ali tentando romper com essa bolha e encontrar o seu espaço num lugar que não fosse o serviço doméstico. Então, elas foram para a área da Educação, justamente porque era a que financeiramente permitia, não necessariamente por vocação. Então, elas aprenderam realmente a ser professoras. As da Saúde, a mesma coisa. Nos cursos técnicos de Enfermagem, que também eram os mais baratos. Mas nas falas delas, vem muito forte a questão ancestral, sabe, desse passado nosso de quase quatro séculos de escravidão, onde boa parte serviu à casa grande, cuidou dos filhos dos senhores e das sinhazinhas e não puderam cuidar dos seus. Essa coisa do cuidado mesmo, de limpar a sujeira do branco, sabe. E no fundo, no íntimo, de achar que é isso, que era ali que elas deveriam estar. E as da Educação, assim, todas, ACTs do Estado. Na época, o Estado ainda mantinha a Educação Infantil, elas trabalhavam nesses CEIs, não conseguiam passar nos concursos que já eram escassos, trabalhando como ACTs, morando num lado da cidade, trabalhando no outro, em condições precarizadas, sofrendo ali todo tipo de racismo estrutural mesmo e tentando invisibilizar isso, sabe. Uma fuga mesmo, uma questão de fuga, de proteção, de resistência, de não conseguir perceber o quanto elas eram diminuídas, o quanto elas não conseguiam ascender na carreira. Primeiro porque já não eram efetivas, acho que uma única que eu entrevistei que era efetiva, mas sempre sem a possibilidade de alcançar, por exemplo, a gestão do CEI, com cobranças descabidas, com assim, tratamentos diferenciados, então é muito triste. Por isso até que eu resolvi publicar. Quando eu fiz a publicação, quando eu pensei em fazer a publicação, eu... Me veio na cabeça, mas poxa, mas quase vinte anos que eu fiz a pesquisa. Mas quando a gente pega os dados da população negra, quando a gente pega os dados da mulher negra aqui e no Brasil, muito pouco mudou. Hoje somos 51,1% de mulheres neste espaço, neste país gigantesco, 28% delas são mulheres negras

e 65% delas estão no serviço doméstico. Então, eu pergunto assim: como que a gente vai aumentar o contingente de mulheres em espaços de poder, e aqui, especificamente, falando das mulheres negras em espaços de poder? Como que a gente vai aumentar esses espaços se são elas que estão no serviço doméstico, se dos onze milhões de mulheres que são mãe solo, 6,9 milhões são as mulheres negras. São elas que estão em informalidade, são elas que tem a taxa de desemprego maior que a taxa nacional. Quando que a gente vai reverter esse quadro se nós não conseguimos implementar políticas públicas que amparem essas mulheres? Nossa caminhada fica muito difícil. É claro que, nos últimos anos, nós somos pautas, nós somos pauta da sociedade e isso é importantíssimo que sejamos. A partir da tragédia que aconteceu com o Floyd, isso se potencializou no mundo inteiro e aqui também, porque... Não quer dizer que nós aqui no Brasil, nós não estivéssemos lutando, nós estamos lutando há... Desde Zumbi, contra isso tudo, mas esse movimento que aconteceu, ele nos fortaleceu, potencializou e é claro que, na coletividade é onde a gente encontra forças, nos movimentos sociais, no movimento negro, tem muita participação nisso tudo, então... E, é a partir desse movimento todo é que a gente começa a ter mais espaço, inclusive, na publicidade, nas propagandas, na indústria de cosméticos, de cabelo. Claro que sempre vem com um viés comercial, mas a gente também conseguiu dentro desse contexto todo, mostrarmos que nós somos fortes, nós resistimos e mais, que a gente pode discutir outras coisas que não só a questão racial também, que a gente pode estar nesse meio da publicidade, que a gente pode estar no Direito, que a gente pode estar na Economia, que já é uma área que as mulheres quase não conseguem entrar, as mulheres de uma forma geral, as mulheres negras muito mais. Então, eu acho que a gente vem numa crescente de fortalecimento e é óbvio que com a resistência, há também o ataque. Eles vêm pra cima. E o que eu digo é que... Eu espero que em breve, isso se dissolva, que venham outras, muitas outras depois de mim e que a gente não seja visto com espanto, como se a gente fosse um ser esquisito dentro de um lugar que não nos pertence, que esse movimento todo que eu estou tentando fazer sirva para potencializar outras mulheres, outras mulheres negras, que eu possa servir de referência e de legitimar também. E como é que a casa do povo é representada só por uma maioria branca e masculina de um país como o nosso, que é tão diverso e que se formou a partir dessa diversidade, quando que as pessoas vão se sentir representadas, se nós não estamos nos espaços que mexem com a nossa vida, porque o Executivo ele é extremamente importante, mas o Legislativo, ele tem o poder de mexer com a nossa existência de uma forma que, às vezes, as pessoas não têm compreensão disso. E nós precisamos estar lá. E se nós não resistirmos a isso, se nós não nos colocarmos à disposição, a gente nunca estará representado. E é difícil, não é simples estar nesses espaços, porque é violento. É muito violento, é violento no seu simbolismo, é violento na prática, é violento nas atitudes e é intimidador. Então para nós mulheres que estamos nessa luta já, desde sempre, por isso que eu digo que, a gente precisa considerar sim os diversos tipos de feminismo e o feminismo negro é muito diferente do feminismo branco, que a gente trabalha desde que nasceu, para nós a luta é muito mais árdua. E a violência, ela vem nesse sentido também de atingir a tua família, os que estão no teu entorno e isso mexe com a cabeça da gente, dá vontade de desistir. Só que se a gente desiste, como que a gente muda essa realidade? Por isso que tantas morreram e tantas desistiram. Acho que era isso.

Mediador — Perfeito.

Entrevistada 1 — Não sei se vocês querem mais alguma coisa.

Mediador — É tudo isso e muito mais. Eu acho que a gente só... Não sei se, a gente esclareceu ou não. Hoje, onde que reside? Aqui em Joinville? Fora de Joinville?

Entrevistada 1 — Eu moro no Floresta, zona sul de Joinville. Sempre morei na zona sul. Morei bastante tempo na Petrópolis, mas já faz vinte e poucos anos que eu moro no Floresta.

Mediador — Maravilha. Ah, faltou agora. O que mais a dizer, uma qualidade sua...

Entrevistada 1 — Resiliência.

Mediador — Perfeito. Acho que deu para satisfazer nossas curiosidades primeiras... A gente vai ter outras perguntas e na medida que forem surgindo algumas que talvez complementam, a gente vai conversar. Não sei quem quer ser o próximo ou (inint.) [00:26:11] para pular, para não se ficar nessa coisa muito cartesiana. Sua vez...

Entrevistado 2 — Então, eu sou o número 2, meu nome é Entrevistado 2, também.

Entrevistado 2 — Tenho 23 anos, nasci em 15 de fevereiro de 2000, minha mãe chama de bebê 2000. Estou cursando Ensino Superior, faço Design Gráfico na Univille e estou junto com o pessoal do Maria Laura desde 2017, quando eu comecei a conversar com o Felipe, que ele me mostrou lá... A trajetória até aqui foi... Foi até curiosa, na verdade. Curiosa não, talvez (inint.) [00:25:57], ou nem tanto, não sei. Filho de pai negro e mãe branca, aqui em Joinville. Sempre transitei entre os espaços muito diferentes, quanto menor ainda, até os seis anos, frequentava bastante os espaços de negritude pela família negra. Mas eu acredito que depois do divórcio deles, eu fui me afastando disso, porque fui morar com a mãe e fui convivendo muito mais com a minha família branca, nesse sentido assim. E a questão racial não era pauta. Eu lembro do meu pai ficar muito bravo quando falavam sobre piadas de negros, assim, piadas racistas. De ele contar histórias assim de como ele combatia isso, mas não era uma questão... A questão racial não era pauta, não era discussão, não tinha teoria por trás, era só questão de ter que respeitar o que você é, assim. Então, eu acredito ali que eu, nesse espaço, eu após o divórcio, passava muito tempo sozinho, principalmente com o meu irmão. Ia para a escola de manhã ou à tarde, enfim, ou ficava com a avó, mas depois que a avó foi para a outra casa, eu ficava sozinho mesmo ou com o meu irmão. E ali com essa relação com o meu irmão, que a gente passava muito tempo sozinho, a gente foi criando muitas estratégias para passar esse tempo assim. Se não era jogando videogame, eu e ele, era ouvindo muita música e muito rap, principalmente. Então a gente dava play no CD de (professora) de inglês lá ou o que tinha, a gente ficava ouvindo aquilo e remoendo aquelas letras que a gente, às vezes, não entendia, às vezes não entendia, eu com oito, nove anos, daí eu não entendia muita coisa, ele talvez entendia mais. Mas o curioso é que conforme foi passando isso, eu lembro de me entender como um menino negro ali pelos doze anos, onze anos... Quando eu estava numa filinha, ali eu estudei na Anna Maria Harger, fiz o meu ensino fundamental no municipal, então é uma escola que eu tenho todo o respeito, pelo menos na época que eu estava lá era uma escola referência assim...

Entrevistada 3 — Sabe que eu trabalho lá, né...

Entrevistado 2 — Ah, é? Ah, então, continua sendo... [São ouvidos risos do grupo] E eu lembro de uma aula de Educação Física, a gente estava numa filinha na quadra e estava aquela brincadeira de quem namora quem, quem namora quem... Daí eu lembro que falaram: "Ah, o Entrevistado 2 só pode namorar a Helena", porque a Helena era outra menina negra da minha sala. E daí foi ali que eu entendi que: Ah, então, eu sou diferente de vocês, eu só posso ficar

com a Helena. E naquele momento ali eu não senti a maldade por trás da coisa, talvez nem tinha maldade por trás do pensamento daquelas crianças, mas já estava demarcado o que eu podia ou não podia fazer. E fui crescendo, continuando ouvindo aquelas mesmas letras, aqueles mesmos raps. E eu lembro muito assim que no final do fundamental, eu já começo a tomar alguma consciência das coisas, mas foi no Ensino Médio, quando eu transicionei, mudei de escola, fui para o Colégio Machado de Assis, que hoje ele tem outro nome, acho que virou uma escola católica, e era uma escola... É uma escola particular, do Saguacú, então a minha realidade era totalmente diferente daquelas crianças, daqueles jovens. Apesar da minha sala ainda ser mais uma sala que quando eu entrei, as pessoas do primeiro ano eram só pessoas de escola pública ou que vinham de alguma bolsa, mesmo dentro daquela realidade, a minha realidade era diferente delas. Pegava três ônibus para ir para a escola todo dia, aquilo ali já era... Já me deixava em alguma instância em outro nível de competição com eles assim, mas ali foi que eu percebi que eu vinha de uma outra referência cultural que eles. Eu acho que é o que a gente não... Eu não entendia na época, mas o que pega é a cultura, no sentido de: minhas referências valem ou não valem aqui? Vocês conhecem esse (*art school*) ou vocês não conhecem essa frase? Como vocês não conhecem esses desenhos, essas piadas que eu fazia e faço com os meus amigos, vocês não entendem... E a partir dali foi que... de procurar maneiras de eu conseguir ter uma base para eu não perder aquilo que eu achava que era legal, que era o que eu tinha, mas também de agregar coisas novas. E daí eu tive muita sorte, porque tinha uns professores que eu tive lá, um foi o professor de Biologia, o Thiago, e ele já estava nesse passo à frente da consciência racial, no sentido de que ele falava: "Eu sou um professor negro", ele pautava a questão negra, ele pautava várias questões importantes nas aulas, mesmo sendo professor de Biologia. E ali ele me fez entender que tudo aquilo que eu estava tentando processar era questão racial, ele botou nome nas coisas. Daí quando eu voltava a ouvir aquelas letras, aquelas músicas, eu entendia: Pô, esse cara do interior de São Paulo, está tendo uma violência exatamente o que eu estou tendo aqui; ou o cara lá no meio de Los Angeles está passando a mesma coisa que eu estou passando aqui; o que está ligando a gente nesses cantos? E daí enfim, fui pesquisando isso, entendendo isso, consegui entrar em contato, em algum momento, nem sei exatamente como, mas entrei em contato com o Cardoso, com o pessoal do Movimento e a partir dali, foi a virada de chave pela questão de embasamento, principalmente teórico assim de tudo que estava acontecendo, de nomes, de referências, de fazer... Era formação ou era lançamento de livro, o que fosse, sempre era uma aula assim... Ou que fosse um rolê, o que fosse, era sempre uma aula assim. E ali foi uma experiência muito rica assim, tanto que no fim do Ensino Médio, no terceiro ano, eu estava muito decidido que eu queria fazer Ciências Sociais, o que era diferente porque desde pequenininho, eu sempre quis fazer alguma coisa relacionada a desenho, falava que queria ser animador para trabalhar com filme de animação e design. Mas ali no terceiro ano, mudou isso e eu fiz vestibular para a UFPR e para a UFSC, passei nos dois, perguntei para todo mundo para qual que eu deveria ir, acabei indo para a UFSC, não sei se foi a melhor escolha [São ouvidos risos do grupo]. Fui para a UFSC, fiquei um ano lá cursando Ciências Sociais e foi outra virada de chave na minha vida assim. Um ano de Ciências Sociais lá para além do... Teoria Sociológica I, II, ninguém quer saber disso, mas agora o que se aprende naquele espaço da universidade não tem... realmente... talvez por isso que ela é de graça, porque não tem valor aquilo, é muito rico, porque meu, você está sentado num café, você está vendo lá, ela é referência em não sei o quê do que não sei o quê, você nem sabia disso, mas ela é...

Entrevistada 1 — Então você entende a minha decepção aqui, né?

Entrevistado 2 — Sim, [São ouvidos risos do grupo] eu vou chegar lá, inclusive. E era um ambiente muito rico, de pessoas diferentes, gente do Nordeste, do Norte, do Centro-Oeste, de todo lugar, pessoas trans, contato com pessoas LGBT que a gente não tinha, eu não tinha, pelo menos aqui. E como isso foi me moldando assim, foi me mostrando novas possibilidades e também me radicalizando aos poucos, no sentido político assim. E, por diversos fatores, eu voltei para Joinville, uma porque o curso não estava me dando o engajamento necessário para passar por tudo aquilo, de morar em outra cidade, dos custos financeiros também de estar morando em outra cidade. Era minha mãe que basicamente me sustentava, então quando eu voltei para cá em 2019, faz tanto tempo, 2019 eu voltei para cá com outra cabeça e eu percebia que eu não estava... Eu não gosto de usar "a frente" assim, porque pra mim é muito, é muito evolucionismo, nesse sentido... mas eu estava em outro caminho dos meus amigos que ficaram aqui assim, sabe, de pensamento, de discussões, de temáticas assim, pô, a gente está falando das mesmas piadas do Ensino Médio, dos mesmos papos, mesmos assuntos. E eu... vi que estava faltando outras coisas e muito bom que eu tive contato com o Cardoso, por exemplo, que falava: "Não, é esse o caminho, exatamente, essa potência sua aí que você tem que investir mesmo, nessas coisas aí". Então esse baque que eu tive de voltar para Joinville com uma visão de fora assim foi bem... E Florianópolis não é tão longe assim e não, enfim... E daí 2019, eu comecei a investir numa das minhas paixões que é a música, fui investindo muito em música, em estudar muito aquilo para entender. Começou a ter frutos, em 2020 a gente teve uma pandemia não tão interessante que acabou com muitos planos, mas a pandemia, apesar de tudo ali, foi um momento de muita reflexão também, de muitas escolhas, também estava todo mundo surtando... Daí eu lembro que 2020 eu lancei um EP lá de músicas, enfim, mas... 2020 e 2021, mas foram dois anos muito fortes assim pela questão do George Floyd, mas eu também tinha muito ainda a questão do assassinato de Marielle. Eu lembro que em 2018, quando teve o assassinato dela, a UFSC parecia que estava de luto assim, eu lembro que era um dia que estava tudo em silêncio assim na UFSC, mesmo o pessoal que não respeitava assim, acho que entendeu o momento, que eu lembro de chegar, parecia que ela estava cinza. Então, eu acho que... A gente não tem tempo para processar o luto, a gente no Brasil, então teve a Marielle, George Floyd não é brasileiro, mas ele é um dos nossos, então poderia ser qualquer um dos nossos, como é todo dia. E ali, processar tudo aquilo e entender qual é o papel meu no combate àquilo, como uma ferramenta de mudança mesmo. Daí eu comecei a pesquisar por quais caminhos que eu poderia fazer isso, fui também continuando o processo de radicalização, entendendo o que significava ser considerado alguém da esquerda radical ou a importância disso também, de se posicionar contra a extrema direita, a importância disso, de dar nome aos bois também. E eu entendi ali, nesse momento, que talvez algo trabalhando que eu poderia... a principal ferramenta era a partir da comunicação. E comunicação seja visual ou seja, auditiva, enfim, seja por qualquer maneira, comunicação. E daí eu escolhi o Design, que voltando para algo que eu sempre quis, na verdade. Minha mãe falou: "Você demorou, mas você voltou para onde você estava". Mas interessante é que ir para o Design depois de toda essa experiência foi talvez a melhor escolha que eu tive assim, porque ainda dentro da Univille e dentro da sala de Design, que são... a minha juventude já é uma juventude um pouco mais engajada, no sentido de que eles sabem: eu vou comprar esse produto, mas... É a questão da geração dos *millennials*, geração Z, que eles olham por trás do que está acontecendo: Eu vou comprar esse produto, ele é sustentável? Quem que produz? A gente já faz essas perguntas com mais frequência, mas ainda assim a questão racial, ela fica de lado assim, sabe. Eu não vejo assim esse peso nessas questões ou mesmo usando as terminologias. Fica muito na sustentabilidade, mas não se fala em qual sustentabilidade.

Entrevistada 1 — É a luta de classes...

Entrevistado 2 — É, luta de classes, é....

Entrevistada 1 — É luta de classes, mas aí quando tu chega na vertente racial, eles tentam...

Entrevistado 2 — Eles tentam empurrar...

Entrevistado 1 — Tirar... né.

Entrevistado 2 — Então...

Entrevistada 1 — Não dá para colocar todo mundo no mesmo bolo.

Entrevistado 2 — Não. Eu falo que eu tenho muita sorte porque as coisas acontecem na minha vida assim, eu não sei quem é que está colocando, mas eu lembro que ano passado eu tive vários professores excelentes, que infelizmente já saíram e uma delas, a professora Marina assim, ela... Eu estava num dia de aula super normal assim, eu ia sair até mais cedo aquele dia e ela falou: "Entrevistado 2, depois eu quero falar contigo". Daí eu falei: "Não, beleza sora". Eu era representante da turma junto com outro menino, achei que era alguma questão de protocolo assim. Então, ela falou: "Vamos aqui nessa sala", daí ela entrou na sala assim, começou a conversar comigo, ela falou: "Ah, Entrevistado 2, eu vejo muito potencial em você, acho que você veio para o lugar certo agora no Design, acho que o Design vai ser uma ferramenta muito importante para você...", e ela foi falando assim e ali ela falou: "Eu acho que o curso, às vezes, não vai te engajar o suficiente, ele não vai te dar o que você está precisando, ele vai ser menos do que você precisa, então busca esse a mais também, que eu sei que você consegue", ela falou. "E se dedica ao máximo que você conseguir aqui", e ela falou: "Eu sei que trabalhar, estudar, toda a correria não é fácil, mas o que você conseguir entregar, vale muito". E enfim, naquela conversa ali ela entendeu o sentimento que talvez o Entrevistado 2 de 2018 não tinha entendido assim, talvez o curso não está te engajando o que você precisa, mas persiste que depois você pode agregar para o curso engajar outras pessoas assim, sabe? Então, talvez agora no Design eu não esteja conversando com as coisas que eu queria que tivesse, mas talvez eu seja a pessoa que vai estar comunicando no Design o que eu queria que tivessem comunicado. Então, foi muita sorte a minha também e hoje eu consigo me ver assim atuando como designer, enfim, mas consigo também me ver em qualquer campo em que a comunicação exista assim, seja com a música, seja com o (inint.) [00:39:08], enfim, com a escrita também e eu acho que é isso assim. Então, está sempre em contato com a... ter tido contato com o pessoal do Movimento, com as pessoas negras da cidade, enfim, as referências e ter tido essa experiência com a Ciência Social, me fez ter um caminho muito rico para chegar aqui e poder trilhar outros caminhos também, então acho que é isso, a trajetória.

Mediador — Acho que você já falou um pouquinho sobre a questão da tua qualidade, mas daí talvez falar assim em termos de terminologia....

Entrevistada 3 — De terminologia...

Mediador — Acho que é melhor. Aí nos ajuda a ter uma versão síntese...

Entrevistado 2 — Justo. Aí eu acho que... Eu gosto de duas qualidades minhas, eu vou falar duas... uma no final. Mas eu gosto da empatia e de grande criatividade. A empatia todo mundo fala que tem assim, mas é... Mas eu não sei, eu sinto ela muito quando eu vou fazer alguma coisa, criar alguma coisa e de ficar me perguntando: Como isso vai atingir tal pessoa? Sabe?

De que maneira ela vai... Como ela vai processar aquela informação e se colocar no lugar da pessoa que vai receber aquilo, assim, seja de cada palavra que eu escolho no dia a dia até enfim, tudo. Às vezes é até cansativo esse processo, mas é essa questão de conseguir realmente ou pelo menos tentar entender o outro, que enfim... a gente às vezes fala que todo mundo tem empatia, mas a gente não põe tanto em prática. Mas eu acho que a empatia fica em segundo plano, acho que a criatividade, eu acho que é o que mais gosto... De poder juntar referências diferentes... O Cardoso fica falando que eu poderia fazer um stand-up, porque eu fico ligando os assuntos assim, enfim... [São ouvidos risos do grupo] Mas eu acho que é isso, a criatividade e a capacidade de ligar mundos diferentes num mesmo discurso, talvez...

Entrevistado 3 — E que você é além do seu nome, pensa sobre isso, sério.

[São ouvidos risos do grupo]

Mediador — Atualmente você mora...?

Entrevistado 2 — Eu moro no Boehmerwald. O Correios diz que é Itinga, mas eu boto para o Boehmerwald quando é para entregar comida, que fica mais barato o frete. [São ouvidos risos do grupo] É porque o ônibus que eu pego, o Itinga, ele vai até o final...

Entrevistada 1 — Eu moro no Floresta, mas tem dois CEPs na rua. Se eu colocar o CEP do Floresta é um preço, se eu colocar do Itaum, é outro.

Entrevistado 2 — É outro.

Mediador — Acho que para essa primeira parte está ótimo. Agora...

Entrevistada 3 — Entrevistada 3...

Mediador — Sua vez...

Entrevistada 3 — Entrevistada 3, número três. Entrevistada 3. Sou de 68. Sou a mais velha daqui. Muito gostoso ouvir a fala do Entrevistado 2, porque daí a gente ouve uma outra... é um outro mundo. E o Entrevistado 2 provavelmente vai ficar meio assim, tipo: Ah, é assim mesmo? Foi assim mesmo? Porque pensar como é que a gente se descobre negro lá na década de setenta, é bem diferente do que você se perceber hoje, talvez, não digo diferente no sentido de menos difícil ou mais difícil, é só diferente mesmo, tá? Porque a gente brincava e... Porque na verdade, eu sempre fui da zona leste aqui, Iriú, um bairro que é um bairro bem mais branco do que negro. E cresci ali, eu não sou de Joinville, mas eu vim bem pequena para cá, eu ia fazer seis anos. Então, já me sinto... porque já vou para a escola, meus amigos são todos dali, mas eu era aquele pontinho preto no meio das outras crianças, era um assim... Eu e... Eu me lembro lá no finalzinho, lá depois que entrou mais um outro menino. Mas a gente era sempre muito assim exclusivo, era sempre um sozinho ali na sala, aquele grupo enorme de outras crianças, mas a gente não conseguia entender por que que a gente era diferente, isso a gente não tinha clareza. Só sabia que era diferente. E aí nas conversas, nas brincadeiras... As crianças brincavam, mas elas também não diziam exatamente, mas você sentia que era diferente, não tinha como não sentir que era diferente. E os professores também, mas nunca teve pauta de falar de negro, de branco, isso nem se falou, eu vou conhecer isso lá na faculdade. Mas eu tive um Ensino Médio que foi no Celso Ramos, eu fiz o antigo Normal no Celso Ramos, que era o Pedagógico, na época, que falava. E ali a gente tinha uma atuação política bem interessante, mas nada com a questão da negritude, nada nesse sentido, nem branquitude, ninguém falava disso. A gente tinha

uma atuação no sentido de que os jovens tinham que pensar em Joinville. Então, nosso grupo de estudantes, a gente se dava muito com todos os outros grupos, acho que era uma passeata. A passeata foi lá no rio Cachoeira e a gente foi assim, todo empolgado, viemos na prefeitura... Na época, não sei se vocês lembram, a prefeitura era aqui na João Colin, aí fomos para lá com bandeira, com coisa. E aí que eu fui começando a (ter o pé) e uma das coisas que eu tive muito presente na época, já começando no Ensino Médio, foram os cursos de formação, que talvez a Entrevistada 1 lembre, que era aqui no sindicato dos metalúrgicos e no dos mecânicos. Principalmente, no dos mecânicos, aqui nessa rua... fica atrás dos Correios ali, aqui do... Bom Jesus ali...

Entrevistado 2 — Princesa Isabel.

Entrevistada 3 — Não, não.

Felipe Cardoso — A Max? Max Colin?

Entrevistada 3 — Do Banco do Brasil. Não tem aquele sindicato ali?

Felipe Cardoso — Ah, sei.

Entrevistada 3 — Isso, sabe ali?

Felipe Cardoso — Sei.

Entrevistada 3 — Então, ali a gente tinha muita formação.

Felipe Cardoso — Dos mecânicos.

Entrevistada 3 — Dos mecânicos. Mas lá nos metalúrgicos, que é lá no final da rua do Príncipe, também, mas lá era menos. E ali a gente faz... E aí que eu começo a gostar do curso de História, começo a ouvir e aí eu fui para a faculdade... Só que o que eu percebia nos vizinhos e também não percebia assim com essa clareza que você está falando: "Tá, mas tu vai pra faculdade mesmo? Mas tu vai, é?". [São ouvidos risos do grupo] "Vou, vou, eu passei na faculdade". "Tu passou no vestibular?". "Ah, passou, pois é, que legal". "Ah, mas é, será?". E a minha família sempre valorizou muito a questão da educação, apesar dos meus pais serem pessoas que... A minha mãe termina, na época, o tal do ginásio, mas o meu pai fez só até a quarta série. Mas eles tinham essa coisa assim, essa intuição muito forte de que ali tinha que investir. Então para mim e os meus irmãos assim, era bem mais fácil porque eles estavam o tempo todo na retaguarda, fazendo de tudo e mais um pouco para que a gente fosse e fizesse faculdade, enfim. E aí eu vou para a faculdade, chego lá e começo assim. Daí eu começo a me achar, achar no sentido de que... Começo a cair na real e: não, realmente preciso fazer alguma coisa. Mas o quê? Também não sabia, porque na própria Univille assim, eu me lembro, olha gente, tinha um aluno na Educação Física, daí um outro que estava na... ele fazia Geografia e ele ainda era militar, então ele já tinha uma outra concepção do mundo e estava numa outra também. E acho que mais uma menina na Letras e eu na História. Mas a História era aquela coisa assim bem piada mesmo, a gente era tudo muito outro papo e tal... Daí: "Ah, o pessoal de História é assim mesmo, é assim mesmo...". Mas a gente tinha, assim, muito estudo. O que a Entrevistada 1 fala é o contrário, porque daí lá eu já venho de um Ensino Médio que tinha muita pesquisa, que a gente tinha que estudar muito, porque eu estudava a tarde, então já era de dia, já havia uma diferenciação lá naquele período, quem estudava de dia já tinha um outro olhar. Mas a gente tinha muito estudo no Celso Ramos, mas na faculdade aquilo não era suficiente, porque daí a

gente vem... E daí na faculdade estava chegando um pessoal... Professores de São Paulo, que é na época que vem a professora Sandra Guedes para cá com uma outra metodologia, pensando... Então a gente tinha que estudar muito. E aí a gente ficava assim meio perdido lá no meio de toda aquela discussão, coisa e tal, mas vai indo. Vai, tranquilo, termino a faculdade. E quando Entrevistada 1 fala da questão do mestrado, para mim o mestrado foi diferente. Eu vou para o mestrado pensando assim: Gente, onde é que estavam os negros? Que estavam fazendo aqui no passado? Eu quero enxergar esse passado, porque aí eu começo a ver um atrás do outros dos meus amigos na faculdade fazendo o mestrado e fazendo pesquisa e era muito em relação ao imigrante suíço, ao imigrante... enfim, todos os germânicos ali que fazem parte daquele grupo que chega. E esse povo não estava aqui? Será que não estavam? Será que estavam? Aí eu vou e quando eu começo... Foi bem naquele período que fechou o Arquivo, por conta daquele problema que teve, não sei se vocês lembram, que teve alguma coisa dos documentos que ficaram...

Entrevistada 1 — Estavam se deteriorando, né...

Entrevistada 3 — Isso... Não, mas não era só a questão. Era uma questão de saúde mesmo, tinha um fungo, alguma coisa lá que não podia mais mexer naquilo. Aí eu tive a sorte, foi uma sorte muito grande, eu caí em São Francisco do Sul. E em São Francisco do Sul eu vou procurar, procurar e procurar material, procura material e não acho. Até que eu chego no Fórum e o Fórum está com um arquivo que, também, provavelmente não devia estar bem cuidado, assim, no sentido de estar bem... o arquivo estar bem tratado, mas os documentos eram fantásticos. Aí eu trabalhei com uma coleção, que agora ela está em Florianópolis. Na época, quando eu terminei já, eles mandaram para lá, logo em seguida, mandaram para lá, de... Vários processos de... Como é que a gente diz? De... Desculpa... Me falhou agora. Processos de bens assim, de... inventários e partilhas de bem e heranças. E ali eu vou olhar... Por que daí qual é o meu viés? Essas pessoas, elas eram propriedades de alguém, a grande maioria. E na época, eu estava trabalhando muito com algum material sobre o compadrio entre escravos e aquilo me chamou atenção porque sempre que você imagina compadrio, você imagina uma relação de dependência, uma relação de cumplicidade, e aí uma pergunta que me fizeram quando eu estava pensando: Quer dizer que, provavelmente, essas famílias negras procurassem os brancos para batizar os seus filhos para ter algum... Alguma moeda de troca, alguma coisa assim. E aí quando eu vou pesquisar, eu encontro bem o contrário. A grande maioria não leva para apadrinho os filhos as famílias brancas. Um ou outro, mas a grande maioria, eles se batizam entre si. E aí eu vou trabalhar tudo isso para pensar como é que nesse passado... E já nesse passado, a gente começa a ver uma resistência. Isso que você fala dessa resistência de você como mulher estar ali, fazendo todo essa luta mesmo de estar visível, ali na sua visibilidade, ser enxergada pela sociedade, eles também faziam isso e também tinham os seus grupos e também faziam todo esse movimento e eles também lutavam com aquilo que tinham, com aquilo que podiam. Mas era bem difícil, era uma coisa bem complicada. E que foi invisibilizado durante todo o tempo, porque você não vê quase... uma ou outra coisa assim que se fala ou que se mostra dessas pessoas, mas muito pouco porque quando você vai olhar a cidade, a construção da cidade, você vai olhar a construção da cidade e as referências, elas estão sempre voltadas... Inclusive, todos os imigrantes que depois vieram também passam quase que despercebidos por essa construção da história de Joinville. E daí na sala de aula, isso fica muito claro para mim quando você vai perguntar, porque no Ensino Fundamental, eu trabalhei sempre com... Era na época, quinta série e nono ano. No nono ano, a gente não tinha muita temática, mas na quinta série, que hoje é o sexto ano, a gente trabalhava muito com essa temática, de perguntar para a criança de onde ela

vinha, quem era a família dela, o que ela fazia e como é que ela transitava lá na comunidade dela. E era um incômodo muito grande. E as crianças, inclusive, muitas delas diziam, quando a gente começava a falar... Aí a gente se apresentava, mais ou menos, o que a gente está fazendo aqui e quando eu começava... Fazia experiência, quando eu começava pela professora, no caso eu, ou então pelas crianças. E quando começava pela professora, que a professora se apresentava como mulher negra, tarará, tarará, tarará... Havia um incômodo em algumas crianças que ainda não tinham se apropriado dessa identidade: Como é que ela está dizendo que ela é negra? Agora eu também vou ter que dizer, porque a gente tem o mesmo tom de pele, como é que fica isso?... Então eu via que havia um incômodo e aí eu passo então a ter mais cuidado na hora de trabalhar isso, porque querendo ou não, identidade é uma coisa que é autodeclarada e autoconstruída, ela não pode ser construída...

Entrevistada 1 — E não tinha os brancos que também ficavam chocados? Porque às vezes com a criança branca, eles tentam não nos veem como negros...

Entrevistada 3 — Isso, também.

Entrevistada 1 — Eles invisibilizam isso. Quando você fala que é negro, você choca, porque eles não querem te ver como negro.

Entrevistada 3 — Até porque você é a professora deles.

Entrevistada 1 — Exato...

Entrevistada 3 — E daí, quer dizer, como é que pode? Ela foge daquilo que eu construí como normal, então, tem alguma coisa aí... Agora que você falou. Logo que eu comecei a trabalhar, que eu comecei com a Educação Infantil, depois que terminei a faculdade, fui para os anos finais... E foi interessante, porque eu acho que no primeiro ano de trabalho já, tinha um menino loiro assim... Eu trabalhava do outro lado da cidade e... eu nunca vou esquecer, José Luís, o nome do menino. E aí a gente... porque as crianças da Educação Infantil, eles te pegam, eles te tocam. Agora menos, talvez, não sei como é que está na relação. E aí ele começou a pegar no meu cabelo. Daí eu achei que aquilo era... mas, não me incomodei assim, pegando, pegando no meu cabelo, tá, daí passou. E a gente entregava as crianças no portão. E a criança é criança, né gente? Aí quando a mãe dele chegou, ele gritou bem alto assim e saiu correndo: "Mãe, mãe. Sabia que o cabelo da professora não é duro?". Bem interessante. A mãe não sabia se ela desmaiava, se ela caía... "Mas como assim? Claro que não, claro que não...". "Sim, o cabelo dela é bem macio". Aí ela, assim... É uma coisa bem interessante porque ele tinha uma imagem de que o cabelo, se ele fosse pegar no meu cabelo... muito provavelmente se discutiu, mas também não quis nem saber, nem perguntei, assim para família, para né... Ficou aquilo por aquilo mesmo.

Entrevistada 1 — Gente.

Entrevistada 3 — E a outra professora branca, só me bateu e falou, fez assim... porque a gente saía e saía sempre duas turmas juntas, então... Eu começo a me preocupar realmente com as crianças lá quando eu estou fazendo esse trabalho com os alunos já de quinta série, sexto ano hoje... Que daí eu começo a perceber que aquilo que eu estou falando tem um impacto muito grande no sofrimento ou na.... E aí também começam a chegar essas crianças lá... 2006, 2007... Eu saio em 2007 da sala de aula, aí começam a chegar uma outra criança. É uma criança que já está com trança, uma menina que chega lá já com uma outra característica completamente

diferente e aí ela diz: "Nós, negros, né prof?". Então, quer dizer, já há alguma outra leitura.... Mas daí que você vai a família também, ela está construindo um outro olhar para essa criança, uma outra... bem diferente. Eu vivi a minha vida toda em Joinville no bairro Iririú, moro até hoje lá e a questão da qualidade, foi interessante que você falou da empatia... Eu disse: Ai, que bom que o povo mais jovem também tem isso. Mas eu sempre imaginei que a empatia fosse alguma coisa por conta dessa... Toda essa fala da Entrevistada 1, da gente estar sempre tendo que se colocar no lugar do outro, por ver, às vezes, os pais, aquela coisa de: "Ah, primeiro vamos ver como é que vai ficar pra depois....". A gente, como adulto. Mas não, eu acho que é uma coisa mesmo da pessoa. Então para mim, é a empatia. Eu sempre gosto de me preocupar: Como é que o outro vai... Será que o outro que está bem? Será que no que eu estou fazendo ajuda a impactar de alguma forma positiva na vida? E também por conta de que isso é aquilo que os americanos falam do imposto, porque eu tenho clareza que aquilo que eu fazia em escola e coisa, dependendo do que eu fizesse, as crianças negras seriam, de alguma maneira, punidas por aquilo. É brincadeira, chacota, enfim.

Mediador — Na escolaridade, não sei se fez menção, se tem alguma especialização...

Entrevistada 3 — Eu tenho mestrado, pela universidade pública, federal do Paraná. A mesma que (inint.) [00:56:15].

Mediador — Eu e o Felipe, estávamos...

Felipe Cardoso — Professora, só uma questão... A professora é de onde? Que a professora disse que veio para cá com seis anos...

Entrevistada 3 — Ah, eu sou de Campo Belo. Campo Belo do Sul. Na época em que eu nasci era um distrito de Lages, hoje é um município.

Mediador — Nossa.

Entrevistada 3 — Aham.

Mediador — Campo Belo, Santa Catarina.

Entrevistada 3 — Sim, Santa Catarina.

Mediador — Plano intermediário [São ouvidos risos do grupo] (inint.) [00:56:38] gerações.

Entrevistada 3 — Isso, hoje é.

Entrevistado 4 — Então, é, meu nome é Entrevistado 4, número 4, tenho 29 anos. E antes de qualquer coisa, quero agradecer por ser o último porque foi muito bom escutar o relato de cada um de vocês, assim. Nossa. Sou estudante de Psicologia, faltam aí uns trinta e cinco dias para acabar o curso.

Entrevistada 3 — Nossa.

Entrevistado 4 — Então, eu estava aqui escutando e...

(NI) — É quase nada.

Entrevistado 4 — Enfim... Eu nasci em Criciúma, 26/06/, 29. E... o meu contato, assim, com a população negra, com a cultura, principalmente, a arte, se deu, principalmente, na minha família assim, sabe. Em Criciúma, sempre que alguém comenta ou eu escuto, seja, enfim, em

algum comercial ou alguma coisa, alguma reportagem: Ah, Bahia é a África aqui do Brasil. Eu, tipo, sempre me vem junto Criciúma, assim, sabe? Porque é muito estranho para mim, a gente não ser a maioria circulando pela cidade aqui, sabe? Porque em Criciúma, a gente está em todo em qualquer canto, é nítido, muito nítido. A minha família lá em Criciúma, todas pessoas negras, enfim, tu vai num comércio é uma pessoa negra, tu pega o ônibus, tu vai numa loja, tem um parente que é advogado, enfim... é muita gente, muita gente assim. E em relação ao contato também para além desses círculos, porque de certa forma, bastante amplo, foi por meio da arte, assim, sabe? Meu pai, ele me fala, ele gostava muito de escutar disco de vinil, assim. Então, ele trabalhava como vigilante a noite, a minha mãe com o comércio, no período comercial assim, e sempre antes de sair, ali de tardezinha, ele colocava o toca disco para tocar e eu lembro que a gente sentava na frente de casa, tinha a calçada e eu ficava batendo o pezinho assim, sabe, do lado dele e o disco tocando, eu ficava perguntando: "Ah, quem é o fulano?" Ele queria escutar, eu ficava fazendo perguntas. "Ah quem que é agora?". "É o fulano". "E que música que é?". "O que ele canta?". "Como é que era isso aqui?". "Ah, é de São Paulo". "São Paulo é perto de Porto Alegre?". Uma prima minha mora em Porto Alegre. "Não, é longe", e não sei o quê. [São ouvidos risos do grupo] Sabe? Então, essa compreensão assim eu sempre fui ampliando, principalmente, pela escuta dos discos de vinil. Tem um tio meu que também ele dançava break, então meu contato também com clipes de música, com o rap, então se deu muito nesse período da infância. Então, eu cresci num ambiente muito acolhedor assim, que me fortaleceu, assim, sabe? Eu não sabia ainda o que ia vir pela frente, mas aquele... Entendo assim como um ninho assim, sabe? Em que eu fui criado com muito carinho, no sentido de potencializar a nossa cultura. E eu não me dava conta disso, na época, mas hoje eu olho: cara, obrigado, assim, sabe? Ai no fim, não só minha mãe, meu pai, mas toda a minha família, tios, primos. E quando... meu pai era caminhoneiro, daí a gente veio, enfim, das andanças pela vida a gente acabou vindo para São Francisco do Sul, a gente ficou um tempo ali, eu tinha por volta de quinze anos, a gente ficou ali uns dois. Voltou para Criciúma novamente, depois a gente veio para São Francisco, ficou ali um tempo e depois, quando eles iam voltar uma terceira vez, eu já estava perto de fazer dezoito: cara, eu não quero mais, vai ficar nesse ambulo, de lá para cá, daqui pra lá, quero fazer alguma coisa. E enfim, eu lembro que a mãe perguntou: "Tá, mas vai fazer o quê?". Tipo, como assim eu simplesmente não quero ir junto? Daí tinha uma tia aqui em Joinville, daí fiquei um tempo lá na casa dela e já chegando na minha... chegada em Joinville e olhar para a cidade, assim, me estranhava muito, a cidade majoritariamente branca. E lá em Criciúma, por exemplo, tu anda na rua, tu olhou no olho, a pessoa te cumprimenta, assim, sabe? De uma maneira muito genuína e aqui em Joinville eles fazem questão de nem te olhar, assim. Todo mundo com a cara fechada e eu achava muito estranho quando eu cheguei na cidade. E também nessa questão, assim, de diferente de Criciúma, de não ver nos lugares, a música, já é outra música, não é mais o samba, não é mais o rap, então já é uma música mais alemã, um sertanejo, enfim. Era muito estranho, muito estranho, assim, sabe. E, por exemplo, de atuação profissional, então, daí eu fui: tá e o que eu vou fazer nessa cidade? Porque só tem empresa, tipo, [São ouvidos risos do grupo] trabalha segunda a sexta, final de semana é escutar bandinha e...

Entrevistada 1 — Pega a bicicleta e vai para a Tupy...

[São ouvidos risos do grupo]

Entrevistada 4 — E aí, o quê que eu vou fazer? Aí... Parece que tinha um roteirinho, assim, sabe, olhando assim, parece que tinha um roteiro: pronto, chegou na cidade, faz um curso técnico e joga currículo. Vai na RH Brasil, arranja alguma empresa e tal. E eu fiz o curso

técnico, enfim, fiz no Senai. Fiz técnico em Mecatrônica ali, depois que eu concluí o curso, ainda estava na Whirlpool, depois mudei para algumas outras empresas. Até que chegou o momento que eu concluí o curso, daí eu estava: cara, não é isso que eu quero, assim, sabe. Tipo, pô, legal, provavelmente, igual eu pensava na época, vou conseguir algum emprego que eu possa pagar um curso melhor, uma formação superior, mas não é isso que eu quero, quero fazer outra coisa. E na minha família, principalmente aqui, então a minha cunhada atualmente, irmã da minha esposa, ela foi a primeira que acessou a educação, assim, no nosso círculo mais próximo. Ela foi para a Educação Infantil, atuou como professora. E era muito engraçado, porque nos almoços de família, assim, estava ela e outra prima dela sempre conversando sobre escola, assim, sabe, e isso destoava muito porque eu estava acostumado ao pessoal falando da Tupy, falando da Schulz, falando da Whirlpool... [São ouvidos risos do grupo] Então, pô, tem um negócio diferente aqui, sabe, uma galera diferente. Ela sempre comenta também, era engraçado, a gente estava assando a carne, fazendo o almoço, elas estavam com o notebook ali baixando alguma atividade para fazer com as crianças, conversando, assim, sabe, era muito diferente. E elas reclamavam de algumas coisas: "Ah, porque eu tentei isso, não deu certo, tentei aquilo, não sei o quê e tal", só ficavam conversandinho. Eu... eu ficava: cara, mas tipo, está estranho, assim, sabe, tipo, tem isso como possibilidade? Daí na época, eu ainda pensava assim: Tá, mas se eu for fazer Pedagogia, talvez eu não consiga auxiliar porque elas fizeram e tem esse impasse, assim. Então, o que eu posso fazer para além disso? Então, fiquei pensando, assim, não tinha ainda pronto o que eu ia fazer, mas depois de um tempo daí, fui e fiz o Enem, daí totalmente desacreditado, e fui fazer assim mesmo para se livrar, sabe, porque tipo, sempre chegava o ano, eu: Cara, vou ter que fazer, vou ter que fazer pra me livrar. Daí fiz, coloquei Jornalismo como segunda opção e Psicologia como primeira. Daí acabei passando e, enfim, estou fazendo o curso. E o meu contato também com outras pessoas, principalmente, nessa virada de ir para além da cultura, para além da arte, para um aspecto mais intelectual, da academia, foi principalmente com a família da Cássia, então, a Tati, a Débora, a Josi, então aquele grupo eu achava muito... Eu achava fantástico, ainda acho, fantástico, o tanto de gente da Educação que tem naquela família, sabe. A gente é uma família próxima, então nos almoços que a gente se juntava, eu também ficava observando elas, assim, falando de educação e tal. Daí, por exemplo, fez mestrado. A gente pode fazer mestrado? A gente pode estudar? A gente pode ser só da Educação? Enfim, daí ficava pensando nisso, mas a discussão da temática de (língua) racial chegou na minha vida, foi mais na graduação. Então, eu tive aula com a Elisa, ali no Ielusc, de Antropologia. Tive Relações Étnico Raciais com a Valdete. E ali é que eu fui entender um pouco disso e fui me aproximar, principalmente, das autoras e dos autores. Então, foi na graduação que eu comecei a ter um contato com Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Achille Mbembe... E fui, o Silvio Almeida... E fui entendendo assim: Opa, a gente pode estar em outros lugares para além da arte e da cultura. A gente pode estar pensando a nossa existência. Então, eu acho que é um pouco disso assim.

Mediador — Perfeito. Atualmente tu mora aonde?

Entrevistado 4 — Eu moro no Saguaçu e essa aqui é interessante que quando eu falo Saguaçu, o pessoal fica, tipo: "Ah, mora no Saguaçu" [São ouvidos risos do grupo]. Mas, tipo, para mim é... Tipo, eu não tenho essa construção de divisão de bairros, assim. Então, ali... não é comprado, não tenho dinheiro para comprar um terreno no Saguaçu. A gente ficou feliz quando a gente construiu, era um terreno da minha sogra, então por isso que foi possível morar no Saguaçu. E eu acho que uma qualidade para além da escrita, assim, algo que desde pequeno eu fui estimulado a escrever e tal. Acho que a escuta, gosto de escutar as pessoas de uma forma

verdadeira. Então, quando eu não tenho tempo para não escutar de verdade, eu: "Cara, vamos deixar para outro dia? Vamos deixar para outra hora?". Porque quando eu escuto, paro para escutar alguém, é de verdade assim. Acredito que essa é a qualidade.

Mediador — Bem coisa de psicólogo.

Entrevistada 1 — Eu te ouvindo, lembrei de um livro... Quando eu trabalhava com o Ensino Fundamental, com a Educação Infantil, a gente não tinha o alcance a muitas literaturas que trouxessem negros como personagens. A gente só tinha “Menina bonita do laço de fita”, Meu Deus! Mas depois, com o governo federal, já era o governo Lula, acho, o FNDE começou a mandar para as escolas uma diversidade maior de livros e tem um que é “Tanto, Tanto!”, tu lembra, Entrevistada 3?

Entrevistada 3 — Lembro, lembro.

Entrevistada 1 — Eu te ouvindo, eu vi o livro passar assim na minha frente, de tanto... Tu conhece?

Entrevistado 4 — Não.

Entrevistada 1 — A hora que... dá uma fuçada na *Internet*, você vai encontrar. “Tanto, Tanto!” é um livro de uma família negra, mas é uma família negra que eles conseguiram retratar, assim, como a gente é, sabe. Então tem uma avó que não é aquele estereótipo de avó de bengala, é uma avó que usa legging, e chega e faz aquela festa e dança com as crianças. E o bebê está sempre ali no meio, que todo mundo ama tanto, tanto aquele bebê, que daí chega o tio que canta rap com o boné para trás e joga o bebê para cima... Aí a mãe pega e embala e olha para ver se o pai vai chegar. É uma família de negros, assim... que é o que nós somos, não é o que nos foi retratado uma vida inteira. Muito bacana, mas é uma família de muito afeto e muito ligada assim nas artes, na música, no ouvir. Então, assim, escutando a tua narrativa, eu pensei: Meu Deus, aquele livro foi feito para ele. Na hora que eu te encontrar, vou te emprestar o meu livro...

Entrevistado 4 — Obrigado.

Entrevistada 1 — Muito legal.

Entrevistado 4 — E tem muito disso, assim, eu lembro que a minha avó, ela tinha... Agora quando a minha tia comprou a casa e a gente até tem esse ponto assim, como assim, sabe? Porque, tipo, minha avó tinha ali uns cinco pés de café, assim, no terreno dela e hoje a minha tia cortou. Pô, cara... [São ouvidos risos do grupo] Tipo, ela tinha cinco pés de café, ela tinha um pilão, enfim, ela plantava, colocava o café, torrava o café, botava no sol, enfim... E ela explicava de uma maneira muito generosa todo esse processo, assim, por que que ela não comprava o café, sabe? Ela explicava isso...

Entrevistada 1 — Que lindo, né...

Entrevistado 4 — E, também, na minha família, quem tocava algum instrumento de samba ou percussão ou de corda, sempre me explicou, assim, sabe: Ah, esse é tal instrumento, sabe... Eles foram me passando.

Entrevistada 1 — Não, aquele livro é para você.

Entrevistado 4 — E hoje na minha pesquisa de conclusão de curso, eu acabei esquecendo de falar, é no sentido de pensar uma formação para psicólogos atuarem na Educação Infantil, no sentido de propor atividades, de pensar junto com esse professor, não de chegar lá mudando o mundo, porque não é isso, por isso que tem que respeitar o profissional que está lá, mas de pensar em propostas de atividade que potencialize a cultura. Para não chegar lá e falar do racismo no sentido de determinismo: okay, temos isso, mas a partir disso, o que a gente pode fazer? É o que eu estou pesquisando agora...

Mediador — Bacana. Agora vamos em Joinville, a nossa cidade interessante... [São ouvidos risos do grupo] Então, eu acho que a gente vai fazer uma segunda rodada, mas é muito mais para... Para algumas coisas, talvez, já nas falas anteriores já foram aparecendo, mas agora é um pouquinho mais direcionado, de pensarmos como essa Joinville nos afeta, nos atravessa, o que desloca na gente, o que não desloca... Que a ideia é, por exemplo, se tivesse que recomendar Joinville ou alguma coisa para quem vem para Joinville, o que você recomendaria? Acho que a gente vai...

(inint.) [01:11:11]

Mediador — Isso.

Entrevistado 2 — Então, eu sou o número 2, daí anota aí... [São ouvidos risos do grupo] Pior que eu já... Recentemente eu tive essa conversa no carro com os meus irmãos, eu falei: pô, se vem alguém para Joinville, o que eu vou falar para a pessoa fazer? Porque assim, não vou falar para ela fazer uma caminhada de uma hora para subir o mirante [São ouvidos risos do grupo] de cara assim: chega e vai fazer exercício físico, seu sedentário... Não vai ser isso. E é complicado assim, eu recentemente comecei a ter mais contato com os parques de Joinville, os parques naturais... Fui nos parques por causa de uma pesquisa que tinha que fazer lá na faculdade para ganhar horas e comecei a perceber os nossos parques. Agora esqueci o nome de um parque no Jariva...

Felipe Cardoso — O Caieiras...

Entrevistada 1 — O Caieiras...

Entrevistado 2 — O Caieiras, isso. E a história riquíssima do parque e a questão das caldeiras que tinham lá, enfim, a vista do mangue também, a história por trás daquilo que é muito interessante e eu não fazia ideia. Mas eu comecei a pensar, talvez os parques seja uma indicação interessante. E que o museu, talvez se a pessoa vem de fora, tem o Sambaqui, mas é curtinho, é pequenininho, é rápido, é legal, mas é curtinho. E eu sempre me via com muita dificuldade, assim, de indicar. Geralmente, eu falo, ou para fazer alguma coisa com as pessoas que eu conheço, assim, indicar algum rolê específico que eu conheço, alguma coisa assim, mas se não for para indicar... se a pessoa não gostar de música, fica complicado. A não ser que ela goste de rap, talvez eu indique alguma batalha que pode estar acontecendo no dia, mas também é mais escasso assim. Então, eu sempre tenho muita dificuldade, enfim... Talvez a pessoa realmente tenha que ficar fumando narguilé e ouvindo aquele funk com... Como é que é o funk com eletro lá? Enfim... sabe?

Entrevistado 4 — O mega...

Entrevistado 2 — Um mega, exatamente, talvez seja isso a cultura de Joinville assim, porque... E as agendas são muito... Não são divulgadas ou se são, não é uma agenda abrangente cultural, são algumas peças, daí na Expoville é tudo muito longe também, daí o ônibus é caro. Então, realmente tem um círculo bastante... Eu mesmo tenho... Eu sou muito difícil de sair de casa, gosto bastante de ficar em casa, mas quando eu vou sair assim, eu espero bastante pra aparecer um rolê (inint.) [01:12:37], sei que vai valer a pena, porque se não, eu sei como que vai ser, vai ser as mesmas pessoas com aqueles mesmos assuntos. E daí se for a maioria pessoas brancas vai ser sempre aquela mesma coisa e vai ser sempre as mesmas músicas e eu vou sempre estar esperando para minha música tocar, a música que eu quero ouvir tocar. Recentemente eu fui no Soma+, que foi um pouco diferente do que eu esperava, no sentido de rolês, que é um rolê mais aberto, que em tese, eles chamam de um rolê de rua. Então foi uma experiência mais legal, tinha bastante pessoas negras, diferentes assim, parece que era mais interessante. Eu fui só uma vez, mas estava bem cheio, então não sei. Mas talvez seja uma indicação, hoje em dia, de: Ah, você quer um rolê, um agito com pessoas legais, talvez você encontra lá no Soma+, mas também não boto o meu nome embaixo, só fui uma vez. [São ouvidos risos do grupo] Não vou também dar essa cartada assim...

Mediador — "Não fala que fui eu que indiquei..."

[São ouvidos risos do grupo]

Entrevistado 4 — Você não pagou para entrar, se não gostar, você vai embora. Você vai tomar no Opa ali, alguma coisa do lado...

Entrevistado 2 — Mas é... E assim, por exemplo, eu gostaria muito de falar: você vai no Kênia, que se você ir, você vai encontrar alguma coisa muito legal, né, mas eu... Eu, por exemplo, não sei do que acontece, pode ser falha minha mesmo, das agendas que acontecem no Kênia. Recentemente, a (minha) (inint.) [01:13:51] está tendo aula de hip-hop no Kênia, de dança. Eu falei: pô, não sabia. Daí eu comecei a seguir o Instagram e daí também a informação é confusa, imagina, gerenciar tudo aquilo é bem complicado, enfim.... Mas poderia ser um ponto de falar: Não, você vai no Kênia, no sábado...

Entrevistada 1 — Podia ser um ponto de referência...

Entrevistado 2 — Podia ser um ponto de referência. Se uma pessoa negra vem pra Joinville, ela vai no Kênia, ela tem algum ponto da negritude, onde lá o pessoal faz... se aquilomba, nesse sentido, seria interessante ter essa referência assim, porque se não, é realmente, as pessoas parecem que vem aqui para esperar alguma coisa ou é Festival de Dança ou é pra ver girassol ou é pra tomar um chope, mas assim... Pra mim, eu fico com esse sentimento, um pouco...

Entrevistada 1 — Comer marreco recheado....

Entrevistado 2 — É, é bem isso, enfim, é um pouco do que eu sinto.

Mediador — E quando as pessoas perguntam para ti sobre Joinville, quando você vai falar sobre Joinville...

Entrevistado 2 — Sobre Joinville, é... Primeiro quando eu vou falar de Joinville, eu falo sobre Joinville, as pessoas só falam: ahhhh. Pô, mas como que é lá, porque as pessoas acham que aqui só tem... e não estão tão erradas, nazismo, assim. Elas acham que realmente é isso. "Mas como que é lá? Você está bem?". Tipo, geralmente é no sentido de... tem pena, assim. Porque os

últimos anos... Sempre foi, mas os últimos anos foram muito violentos. Então, as pessoas perguntam: "Você está bem?", que eu falo: "Ah, Joinville, realmente...". Eu falo, geralmente eu falo: "Cara, oitenta por cento da população votou no Bolsonaro, você tira o que você conseguir dessa informação, assim, sabe". Então, eu falo, é uma cidade que a resistência que tem é uma resistência muito resiliente, são muito fortes assim, mas que você tem que saber por onde você anda e com quem você anda, porque senão, você vai ser violentado de diversas maneiras e você nem vai perceber, assim. Você vai sair de lá devastado. E as pessoas falam, eu assim com os meus amigos, falam, a gente viaja, volta para Joinville, você entra... Parece que num peso, parece que as coisas são mais pesadas, são mais tristes. Você não vê aquele respiro. Então, eu falo assim: É uma cidade que tem pessoas incríveis, tem que conhecer elas e talvez a cidade não queira que você conheça essas pessoas, mas ao mesmo tempo, é bem violenta e tem que tomar cuidado, sim. Ela não vai ser uma violência armada, no sentido de que você vai ser assaltado com frequência, eu ando muito mais tranquilo na rua em Joinville do que eu ando em qualquer outra cidade que eu já fui, mas depende aonde também e com qual roupa eu estou, assim. Porque eu sei que se eu tiver de bermuda e chinelo e uma camisa do Botafogo, andando à noite, no Saguacú, que eu já fiz isso, e eu sei os olhares que recebi e atenção que eu recebia, assim, de entrar. Alguns bairros de Joinville, eu ando com a mesma sensação que eu vi no Iguatemi, em Floripa, quando eu morava lá, porque eu tinha que escolher a roupa para sair de casa, porque se não, se eu fosse lá comprar pão, era uma coisa assim que... Era uma violência muito bizarra, do segurança realmente olhar. Chegar de bike, enfim. Então é isso que eu falo, é uma cidade que tem pessoas incríveis, mas você tem que entrar com consciência do que é a cidade e da violência que ela pode te causar também. Eu fico com essa sensação.

Mediador — Perfeito. Acho que a gente dá um salto.

Entrevistada 1 — Meu Deus... Eu sou o número 1. Meu Deus. Eu sempre fico... me perguntado: que referência e... E meu, tem uma coisa muito assim, o que eu vou indicar em Joinville? Se fosse... Quando eu vim morar aqui, eu teria um outro olhar, mas hoje... Eu indicaria um lugar que a gente pode confraternizar, que a gente vai encontrar pessoas que comungam das mesmas pautas, que você sabe que você vai poder ser você mesmo e aí é no boteco. E não é qualquer boteco. Por exemplo, ali no Distrito 47, agora eu nem sei como é que está, mas o Distrito 47 é um lugar que você sabe quem você vai encontrar, quem frequenta ali, que é o pessoal progressista, é o pessoal que gosta de uma música qualificada, que vai ter assunto para conversar, que a gente vai poder discutir as nossas pautas. É bem bacana, assim. Antes a gente fazia isso no Expressinho. O Expressinho fechou... Antes, bem no meu tempo, a gente fazia isso no Para Todos Bar, que não surgiu como um bar do PT. Era o Para Todos mesmo, depois virou o bar do PT, até com estrela lá na frente. Mas era muito bom, era muito bom, gente. O Betinho, que toca até hoje, cantava lá e é aquele que vem, que canta MPB, mas que canta samba também e que deixa o microfone aberto e todo mundo pode dar uma canja. E é uma galera do bem, assim, sabe... E que vai para ouvir boa música, para ter uma boa conversa. É onde a gente se sente à vontade. E o Betinho, ele faz isso, ele vai transitando e nos lugares onde ele canta, ele leva multidões com ele. Então onde ele está cantando, a gente está se sentindo legal. Eu gosto muito de samba, eu sinto muita falta aqui em Joinville de ter os espaços que tenham um samba genuíno, que a gente vá conseguir ouvir... um Cartola, de repente, um Noel Rosa, uma Clara Nunes, Paulinho da Viola, um Diogo Nogueira, eu sinto falta disso. O Bar do Ivan traz um samba mais raiz, o público também é um público diverso, mas não é... Eu olhando de fora o Bar do Ivan, você vai encontrar de tudo um pouco ali, porque o Bar do Ivan é um bar estilizado. Se a gente for pensar hoje que ele é um botecão, virou modinha, então o

povo quer o botecão mesmo, tomar cerveja em copinho de café e tal. E necessariamente, esse público que vai não é o público mais progressista. Não falo especificamente do Bar do Ivan, mas aqui em Joinville de bares com essa característica, porque é o público que acha que é bacana, que agora é legal a gente fazer festa com comidinha de boteco, então... Ali, a gente vai encontrar uma mistura dessas duas correntes, se é que a gente pode chamar assim, de um pessoal mais progressista, que quer ouvir um samba legal e quer conversar com gente fina, elegante e sincera; e aquele que vai porque é onda, porque... Tanto é que assim, o bar é na frente da polícia, da polícia militar. Então... Assim, às vezes é meio intimidador. O Kênia... Eu moro atrás do Kênia, então quando tem batuque lá, eu escuto lá de casa. E eu acho que está passando por um momento de revitalização bem interessante, de tentar fazer daquele espaço uma referência para quem chega na cidade, como sendo um espaço de resistência do povo negro, onde você vai encontrar uma música legal, você vai encontrar opções artísticas acontecendo ali durante o dia, para a criançada da periferia. A gente já teve, recentemente, o Bolshoi fazendo uma seleção lá dentro do Kênia. Aí me lembra muito o Emicida quando fez aquele espetáculo no Teatro Municipal. Meu sonho era ver assim, numa Harmonia Lyra, a Diversidade lá, a Escola da Diversidade, do Kênia, fazendo um espetáculo lá dentro para quebrar com todos os paradigmas. O Kênia passou por um processo enorme de abandono, seja por falta de gestão, por falta de visão, pela construção do próprio negro aqui. E agora tem uma outra geração querendo valorizar essa história e memória do Kênia, porque cada um que passou por ali deu a sua contribuição de acordo com o que era possível também para o momento histórico. E de realmente fazer daquele espaço, uma referência para os negros e para os brancos e para quem tem vontade de entender um pouco do processo de construção desta cidade e o quanto nós negros já estávamos aqui desde que a Barca Colon chegou. Acho que o Kênia tende a se tornar esse espaço, eu acho que aos poucos... Assim, a questão das dívidas, tinha dívida ali de mil novecentos e bolinha, sabe, mais de trezentos mil de IPTU atrasado, alvará, a própria planta da instituição ninguém tinha. Aí eu lembrei do Everaldo, que foi o... Acho que penúltimo ou antepenúltimo presidente, já é falecido, eu lembro que ele tinha feito uma reforma ali, aí conseguimos localizar a planta na prefeitura lá no setor responsável, então... Eu acho que vai melhorar, sabe, eu acho que a tendência é que o Kênia avance nesse sentido e eu espero que chegue um dia que a gente pode dizer: "Ah, tu quer uma referência de um samba legal, de uma comida boa, de cursos, de manifestações culturais, é o Kênia.". Mas, por enquanto ainda, a gente está sonhando com isso. Mas eu acho que é isso. Assim, se for parar para dizer pra alguém: "Olha, quer ir em um lugar legal em Joinville?", eu sempre vou indicar onde tenha uma boa música, onde eu saiba que é um grupo progressista que está ali, porque senão, a gente acaba dizendo... Porque as pessoas vem para cá querendo comer repolho roxo, querendo comer marreco. Ninguém vem para cá... É diferente quando você vai para Salvador, você vai para Lapa, no Rio, você sabe o que você vai encontrar lá. As pessoas quando vem pra Joinville, vem com esse imaginário tão enraizado de que isso aqui é terra de alemão... Eu fui jantar com o Lázaro Ramos na Feira do Livro e ele é um barato, porque ele disse assim: "Meu Deus do Céu, como eu sou burro, eu não conheço nada disso aqui". E aí ele estava espantado como é que ele, negro, que foge dos padrões, arrasta tanta gente para assistir as falas dele na Feira do Livro. Acho que é a quarta vez que o Lázaro vem para cá e é um cara super politizado, inteligentíssimo, mas porque... Eu tinha que levá-lo para jantar, mas não podia levar num lugar assim também que tivesse muita gente, porque se não, ele não ia se sentir confortável, porque todo mundo vem, tem os mais comedidos, mas tem aqueles que querem autógrafo, tiram o garfo da boca da pessoa pra bater a foto. E nós levamos o Lázaro ali na Cantina.

Entrevistado 4 — Foi no (inint.) [01:25:11]

Entrevistada 1 — Atrás do Centreventos mesmo, ali onde é do lado de um... Don...

Entrevistada 3 — Don... Don... Aí Don...

Entrevistada 1 — Maximiliano.

Entrevistada 3 — Não...

Entrevistada 1 — Maximiliano.

Entrevistada 3 — Não, acho que não... É Don... Não, é...

Entrevistada 1 — Não... Foi no Don Maximiliano que eu levei ele.

Entrevistada 3 — É?

Entrevistada 1 — É. E tinha peixe, assim, assim. A comida ali é boa, mas sabe o que ele queria comer? Ele queria comer alguma coisa alemã, ele queria ir lá no Opa. Queria ir no Opa tomar chope, comer marreco, repolho roxo, qualquer coisa assim. E queria, ele queria provar essa iguaria daqui de Joinville. Daí as pessoas quando vem para cá, vem com isso na cabeça. Aí eu quando trabalhava na Educação Infantil, eu levei meus alunos... Acho que era na... Recanto Davet ou algum desses espaços assim que a gente sempre leva as crianças. E aí chegamos lá, eu com um monte de toquinho de seis anos, eles foram mostrar para as crianças como é que eles matam marreco. Daí tem uns... vocês já viram? Tem um caldeirão assim, um negócio de plástico, parece uma lixeira, daí eles pegam o bichinho por aqui, o facão e.... E viram assim o sangue, para o sangue correr todo ali dentro para fazer aquela bendita sopa. Cruzes. Deus que me perdoe. As crianças ficaram chocadas e eu com o estômago embrulhado, eu disse assim: "Mas nunca eu vou comer um negócio desse". E é do sangue que faz... a *SchwarzSauer*, o povo adora, se baba. E eu achei aquilo tão violento, eu disse assim: mas que coisa pra mostrar para as crianças? É porque eles esticam o pescoço do bicho, (inint.) [01:26:45], e já vira ali e o sangue está escorrendo, o bicho se batendo. Eu disse: Meu Deus do Céu. Mas é cultural isso aqui. Eles acham que é interessante. Eu acho chocante. Então, eu não... Assim, se a pessoa me pedir, claro, a gente leva lá na Expoville.... O Espinheiros é um espaço legal, dá para comer um peixinho, tem a Baía da Babitonga ali que é uma área bacana e aí a gente precisa pensar a preservação dessa Baía. Mas é isso, a gente não tem muito.... Pensando no público que anda conosco, a gente não tem tantas opções assim de referência para levar.

Mediador — E ao falar sobre Joinville, quando perguntam...

Entrevistada 1 — Eu acho que a gente não... não dá para colocar todo mundo no mesmo pacote, embora tenham coisas que estão enraizadas, que são fortes, mas que não é todo mundo que comunga dessa verdade absoluta daqui. Esse padrão de que a gente tem que levar cedo e construir jardim e regar planta... Construir casa na praia.

[São ouvidos risos do grupo]

Mediador — Pra tu não dizer que eu te deixei sempre a última...

Entrevistado 4 — Número 4. Eu acho que, se eu for indicar alguma coisa para alguém que chega aqui, eu acho que se a pessoa vem a passeio, acho que talvez eu não gere tanta reflexão assim, se a pessoa está passeando: Ah, vamos tomar um chope, vamos comer alguma coisa,

vamos dar um giro pela cidade, conhecer junto, porque eu ainda não conheço muita coisa de Joinville, [São ouvidos risos do grupo] Vamos dar uma volta. Agora para quem vem para, de alguma forma, se estabelecer na cidade, eu acredito que, sem dúvidas, a primeira coisa é a gente pensar nessa reflexão do porquê essa pessoa veio para cá, geralmente, é na esperança do que é vendido para fora, de que aqui vai mudar completamente a vida dessa pessoa, porque ela vai ter um milhão de oportunidades, vai poder morar em uma casa boa e não sei o quê. Toda aquela proposta irreal, de quem vem pra cá, no sentido de se estabelecer na cidade. Então, eu acredito que o primeiro ponto é dizer para essa pessoa: "Cara, não é bem assim. O quê que te venderam sobre Joinville? O que tu está vindo buscar aqui?". E pensando, a partir disso, eu acredito que... De focar assim, quem que são os teus, de onde tu veio, qual que é a tua cultura de lá, o que tu costumava fazer, o que tu valoriza de lá... E de que forma que tu pode aqui se aproximar dessas pessoas, independente do estado ou da região que tu vem, que outras pessoas também já vieram e onde estão essas pessoas aqui na cidade? Eu acredito que, principalmente, essa chegada, se encontrar na cidade, de certa forma, pode ser muito dolorido para quem vem de fora. De se deparar com... Eu conheço algumas pessoas que, sei lá, vêm da região Nordeste e chegam aqui: "Cara, vocês só trabalham, vocês não vivem, vocês...". [São ouvidos risos do grupo] E não quer dizer que essa pessoa, ela não trabalhava, que geralmente esse é o discurso: "É óbvio que a gente trabalha..." e não sei o quê e tal. Não, essa pessoa não está dizendo que lá ela não trabalha. Lá ela também trabalhava muito, mas isso é um dado importante para a gente pensar aqui do quanto que... O que importa, de fato, é só produção, produtividade. E a cultura em detrimento disso. Então, eu acredito que o primeiro ponto é recomendar para essa pessoa que se aproxime dos seus, identificar qual que é as regiões e daí a gente começa a chegar em algo mais... Eu acredito, que mais importante para quem vai se estabelecer aqui. Agora quando eu vou... A outra pergunta lá... Quando eu vou apresentar Joinville para alguém, eu gosto de pensar nesse aspecto contraditório, assim, sabe, porque é o que me mantém ainda aqui. Se, por um lado, tem essa Joinville que é... Enfim, só valoriza a cultura germânica, só ainda apresenta nas reportagens do telejornal a pessoa ou o repórter no centro da cidade, enfim, só a Praça da Bandeira, a Rua das Palmeiras, como se Joinville fosse só aquilo ali, qualquer chamada é dali, como se não tivesse outros bairros para essa pessoa fazer essa chamada e isso não é aleatório, isso é sempre sistematicamente.

Entrevistada 1 — Só se for de morte...

Entrevistado 4 — Né? Então...

Entrevistada 1 — Se for de morte, daí...

Entrevistado 4 — Né? Tem esse aspecto, mas também tem esse outro movimento, esse outro lado de Joinville, de pessoas de luta, de que... estão movimentando, estão problematizando as discussões. Apesar de não estar tão fácil, tão acessível, a informação de onde vai acontecer um evento, quem está organizando o evento, o quê que vai falar, o que vai ser de conteúdo. Isso acontece, a gente sabe que acontece. É uma pena que, por exemplo, as aulas que tu comentou que acontecem no Kênia. É uma pena que, talvez, essa pessoa que faz, ela não tem um suporte, não tem um apoio financeiro, não tem condições de divulgar o trabalho que faz, mas isso existe. Então, é isso, pensar nisso é o que nos mantém na cidade. Então, eu gosto de pensar nesse aspecto contraditório para que a gente também não caia no que, talvez, eles queiram, que é essa identificação de que: Ah, esse lugar não é para vocês. Então, a gente tenta tomar um certo cuidado com isso, assim. E (inint.) [01:34:26].

[São ouvidos risos do grupo]

Entrevistada 1 — Avisa antes, olha... lá é fora da curva...

Entrevistada 3 — Mas acho que todo mundo já sabe...

Mediador — Esse é um detalhe importante... Perfeito.

Entrevistada 3 — Então, acho que é meio próximo ao que você falou, porque depende muito de quem está vindo e por que está vindo aqui em Joinville. Porque claro, se vem passear é uma outra relação. Ela vem, ela vai depois, passeia aí por tudo. Mas eu penso que Joinville deu uma virada, no sentido assim, que eu acho... Não sei se o termo seria bem esse, da gente ter um retrocesso muito grande. Talvez não fosse bem o termo retrocesso, mas é quase que isso mesmo, porque a gente tem lá na década de setenta, uma Joinville que espanta Santa Catarina. Porque, setenta, ela começa a se organizar e oitenta, dão as grandes greves. Elas nascem aqui, a nível de Santa Catarina, no sentido de que aqui que a coisa mesmo está mudando e está fazendo forte...

Entrevistada 1 — Os sindicatos...

Entrevistada 3 — Isso, então, as pessoas, elas tinham uma outra compreensão do espaço da cidade, da construção da cidade, que mesmo que fosse pro trabalho, mesmo que aquela coisa das recreativas, das empresas, de você sair de manhã, trabalhar e a coisa mesmo do jardinzinho da praça, enfim. Mas era uma outra concepção, assim. E eu vejo hoje que a nível de relações no dia a dia das pessoas, para que elas possam criar laços, enfim, está muito no trabalho mesmo e já não é esse trabalho visto daquela maneira que a gente via, é uma outra concepção de trabalho. E também na questão da religiosidade porque, não sei se vocês estão acompanhando, mas Joinville é uma das cidades que mais cresce o neopentecostalismo, ela está com um crescimento bem forte e aí as pessoas elas tendem a realmente se organizar a partir dessa concepção neopentecostal. E aí, claro, que tudo que vocês acabaram de falar, de barzinho, de roda de samba, tudo é do capeta, tudo... uma coisa assim, bem absurda. E aí você não tem muito o que dizer, assim: Não, mas esse espaço, ele está neutro... Que neutralidade, é óbvio, e aqui nessa mesa todo mundo sabe que não existe, mas as pessoas ainda tentam falar: "Não, mas não é bem assim, veja, olha, pense, reveja". Eu fico muito temerosa cada vez que saio, até para falar que sou... Porque, na verdade, praticamente, sou de Joinville. Porque as pessoas tendem a duas coisas, uma elas acham assim: Mas Joinville é assim mesmo... que retratou no Brasil? Porque tem essa questão que pegou bem forte e não tem como negar porque quando você sai aqui... passou Garuva, as pessoas já estão criando uma outra concepção. E também tem essa questão assim de pensar Joinville por esse viés mesmo como se aqui todo mundo fosse branco de olho azul. Ainda as pessoas, em função também, eu imagino, daí é uma coisa bem... não tem nenhuma pesquisa que eu tenha lido, mas em função do que se vende, de propaganda de Joinville. Eu teria muita dificuldade. As pessoas que vem, normalmente elas vêm para passear, as que vêm para me visitar, elas vêm para passear. Porquê... o quê que a gente faz? A área rural de Joinville tem lugares interessantes para você ir, para você caminhar. Toda uma questão de... bonita, enfim, tem um visual bem agradável, é gostoso de se fazer um piquenique, principalmente se tem criança, que já é uma realidade muito mais minha do que de vocês. As crianças amam bichos, sítio, aquela coisa de correr... Toda a paisagem. O Museu de Sambaqui é um outro ponto que a gente vai sempre que as visitas vêm, por conta de ser uma referência a nível, sem exagero nenhum, o Museu de Sambaqui tem uma referência mundial, porque ele é

um marco para a pesquisa da arqueologia e da paleontologia. Então, normalmente, quando está aberto, porque vira e mexe, o museu está fechando... a gente visita. Eu gosto, pode parecer, mas eu gosto do Museu de Imigração, até porque ele é um lugar que você vai realmente dizer, não, Joinville era (inint.) [01:37:59] mesmo e tem o porquê ele estar ali todo retratado, então normalmente vou. Já fui mais por conta que toda a alameda das palmeiras ali, ela passou por uma revitalização que eu não achei... Achei que ela ficou muito mais, não sei... Para você como público ir para visitar, não ficou tão legal como era quando tinha só a grama no meio assim, que daí ficava mais interessante, mas enfim. E uma outra coisa que também é interessante e que as pessoas não veem, mas quando se tem um amigo que gosta de alguma coisa de arte, voltada para arquitetura, é visitar o centro de Joinville e olhar para cima assim, porque tem muitas casas bem interessantes que vão retratar essa Joinville do passado e tal. Mas aí também é muito focado no meu público que é o público de História...

Entrevistada 1 — É... e é uma pena né, porque assim, esses casarões, eles ficam mais na área ali da rua do Príncipe e não tem esse ar, por exemplo, de quando você vai para o Pelourinho, quando você vai para São Francisco.

Entrevistada 3 — Não, não...

Entrevistada 1 — A gente não tem um centro histórico aqui e poderia ter...

Entrevistada 3 — E na verdade, se você for olhar bem o centro hoje, ele está sendo...

Entrevistada 1 — Está descaracterizado. Totalmente.

Entrevistada 3 — É... Eu não sei se é porque eles querem fazer alguma coisa como aconteceu na Espanha, que joga um pedaço, depois volta, daí eles fazem uma revitalização, mas daí como uma outra proposta. Não, no sentido mesmo de comercial mesmo, Entrevistada 1. De se tornar um lugar de referência comercial e que daí valoriza mais, é outra coisa já bem diferente, porque essas casas, na verdade, se você vai olhar a história delas, a grande maioria, os herdeiros, eles querem mais é se livrar...

Entrevistada 1 — E aí muitos são tombadas.

Entrevistada 3 — É, mas eles querem que caia, assim.

Entrevistada 1 — É, deixa cair. Você viu aqui perto do Mueller... Tinha uma ali antiquíssima, que esses dias eu passei: cadê a casa?

Entrevistada 3 — É, porque ela cai, então quer dizer, porque vou...

Entrevistada 1 — Não há esse cuidado com a preservação da história e da memória da cidade. Aquele centro ali poderia ser lindíssimo, né?

Entrevistada 3 — Sim, exatamente, exatamente.

Entrevistado 4 — Eu gosto também de quando eu estou passando de ônibus ali, eu gosto de ficar reparando as casas, as janelas como (inint.) [01:40:18] pra rua, toda aquela coisa assim que está guardada ali...

Entrevistada 1 — A Getúlio Vargas, também, tem muitas construções antigas, né... A Procópio. E isso já está ficando meio abandonado.

Entrevistada 3 — Isso... A Procópio. A própria... João Colin, mas vocês sabem que as pessoas querem mesmo porque a João Colin, por exemplo, no Plano Diretor, não pode construir prédio indeterminado. Então, para eles, é um entrave, assim. Como é que a gente pode dizer assim? Economicamente não é muito favorável. E, depois, a outra questão que você falou quando me perguntam sobre Joinville... Para dizer bem a verdade assim, não me deparei muito com isso das pessoas perguntarem: Como é que é viver em Joinville? Assim, eu acho que aquilo que você comenta da questão como você vai sair, como é que você vai pra rua, pro público... Se você for invisível, beleza, ninguém te mexe, porque tu sabe, você está invisível, você está na tua, você não pode reivindicar um espaço na cidade, aí você já começa a ser meio complicado. Mas para as pessoas, assim... E é uma coisa que eu sempre ficava me perguntando, depois que comecei a faculdade, porque daí você começa... Será que eu sempre fui assim ou foi em função de ser negra que tive que viver para sobreviver bem em Joinville? Porque eu sempre fui muito assim de ficar em casa, não gosto também, como você está falando, de ficar andando pra lá e pra cá e assim essa coisa do público, e se enfia... E tem pessoas que gostam, que curtem, mas eu não assim, gosto mais de ficar mesmo em casa, ouvindo uma música, lendo ou fazendo qualquer coisa nesse sentido. Talvez por isso que eu goste tanto dos arquivos, aquilo me atrai, que as pessoas ficam assim: "Meu Deus, tu gosta de ver isso?". "Gosto, gosto, gosto". Então, mas eu não sei se isso é meu mesmo, que já era... mas se você está na tua assim, as pessoas não tem assim... E aí é complicado porque, você fala assim, mas entrar numa loja, você entrou numa loja, não importa, eu posso estar do que jeito que eu estou assim, que eu gosto de andar desse jeito assim, que daí alguém, meu Deus... Assim, vou para o trabalho e tal, vou assim, tento já numa outra estética, mas não importa se você está com uma roupa que... Digamos assim, ou entendida como marginalizada ou entendida como uma roupa de moda, aquela coisa de grife, não importa, você entrou numa loja, você é negro, você vai ser tratado de maneira diferente. É incrível. E tem lojas que são mais e outras que são menos. É uma... a graduação muda, mas a ideia é a mesma. "Será que não vai roubar?". A impressão que eu tenho é essa.

Entrevistada 1 — O racismo transcende a questão econômica.

(NI) — Ah, sim.

Entrevistada 3 — Sim, exatamente, exatamente. Ele não é assim... Não é porque você tem condições...

Entrevistada 1 — Não, se fosse assim, preto e rico não sofria preconceito. (inint.) [01:44:24] que o diga...

Entrevistado 2 — Não, mas é uma questão. Achei bem interessante que você pontuou... se você gosta de ficar em casa porque você... é uma questão de materialidade e de subjetividade assim mesmo. Foi construída por causa da materialidade (inint.) [01:44:37].

Entrevistada 3 — Isso, isso.

Entrevistado 2 — Que é uma questão que eu reflito muito comigo porque quando eu passei um tempo em Floripa, eu gostava mais de sair porque tinha mais coisa para fazer, mas tinha o impeditivo financeiro também na época. Pessoal não entende, às vezes, quando eu morava em (inint.) [01:44:52], eu falava: "Não tenho grana. Não é que eu não tenho grana pra sair, não tenho grana mesmo, está com a minha conta zerada", assim. Era muita dificuldade para o pessoal entender isso, porque era um pessoal que tinha mais grana mesmo, não todos, mas a grande maioria. Então, disse assim, da logística de sair em Joinville, morando na zona sul,

assim, sabe. Os rolês eram sempre no centro, daí você calcula o ônibus, se você perder esse Itinga, você vai ter que esperar um daqui a meia hora... E daí você vai chegar e como você vai voltar? A preocupação da minha mãe não era nem como ir, era como você vai voltar: "Você vai pegar carona com um amigo?". Se não, esquece, você não vai ter para voltar. "E dinheiro, você vai ter dinheiro para fazer alguma coisa lá?". Então, assim, eram sempre várias perguntas que você tinha que responder antes de sair de casa e falava, se for responder um questionário antes de sair de casa, não vou sair, né [São ouvidos risos do grupo]. Não, é, se eu vou ter que responder o Enem toda vez que eu for sair, uma hora você começa...

Entrevistada 1 — Cansa, né...

Entrevistado 2 — Ela só enchia de... Porque, tipo assim, então era... E eu entendo muito a minha mãe que é uma mãe que tinha que, sabe, cuidar de quatro crianças, em algum momento, daí então ela tinha que proteger todos da melhor maneira, então ela tinha que fazer essas perguntas.

Entrevistada 1 — Você sabe que eu sou de uma época que a gente andava a pé ainda...

Entrevistado 2 — Isso...

Entrevistada 1 — Andava que era uma beleza.

Entrevistado 2 — Exatamente, só que eu faço, vou sair de madrugada (inint.) [01:46:01], minha mãe fala: "Tá maluco?"...

Entrevistada 1 — Agora já não aconselho, mas a gente fazia muito. De sair do Floresta, ir lá para o América, no Guanabara, dava volta na cidade.

Entrevistada 3 — De bicicleta, né... A gente andava muito de bicicleta.

Entrevistada 1 — E ia para o rolê e voltava a pé. (inint.) [01:46:13] era a pé, brincando, rindo pela rua...

Felipe Cardoso — Peguei essa época...

Entrevistada 1 — Pegou, Felipe?

Felipe Cardoso — Uhum.

Entrevistada 1 — Agora já... é... Já não é muito aconselhável.

Entrevistado 2 — É, tipo assim, quando tem, por exemplo, pegar Uber e divide, consegue assim... Mas também nem sempre dá, porque se for no norte, para voltar é cem reais assim, às vezes... Quando você bota assim...

[São ouvidos risos do grupo]

Entrevistada 1 — Sim.

Entrevistado 2 — Então, realmente sempre foi bem... Eu já pensei nisso, talvez eu goste de sair, mas alguma parte minha, a minha subjetividade, ainda fala: Não, você tem que... ah, tem que pensar nisso, tem que pensar naquilo. E aí você não se liberta disso, dessa criança, desse adolescente, que tinha que responder todas essas perguntas assim...

Entrevistada 3 — E daí você fica né...

Entrevistado 2 — É, você fica, acaba...

Entrevistada 3 — Perguntando: Será que é por isso ou é porque eu não gosto mesmo?

Entrevistado 2 — Ou porque eu não gosto mesmo... [São ouvidos risos do grupo]

Entrevistada 3 — Eu sempre me faço essa pergunta, já há muitos anos, eu fico pensando: Será que eu gosto, sempre gostei... Porque eu gosto de ficar em casa, até, às vezes, a gente vai para a praia, daí todo mundo quer sair, quer fazer alguma coisa. Eu digo: "Ah, eu vou ficar aqui, sentadinha", e fico. E assim, aquilo não me traz nenhum tipo de... tipo, "ah, que não fui". Aí eu gosto de ficar ali. Sempre faço essa pergunta, sempre me pergunto: Será que eu gosto mesmo? Ou é por conta do que ele fala, daquela criança lá que tinha... Daí não quero sair, porque vai me cansar mesmo, então melhor evitar, vamos evitar problema, aí já fica melhor. Mas é bem interessante.

Mediador — Agora a gente vai para uma parte mais de cinema, de estética. A gente vai exibir três programas diferentes, eles vão ser divididos em tempos diferentes, que é... do Jornal do Almoço. E a ideia é que a gente... eu quero que vocês prestem bastante atenção, façam algumas leituras, detalhes. E aí depois a gente vai trocar algumas perguntas em cima desse conteúdo. Felipe, a gente vai passar todos eles?

Felipe Cardoso — Todos os...

Mediador — De uma vez...

Felipe Cardoso — Isso.

Mediador — E aí, eu falo já qual a pergunta logo?

Felipe Cardoso — Não, eu acho que é melhor a gente fazer direto porque depois a gente troca assim. Eu acho que se conversa assim, eu acho que tem...

Mediador — Isso... Perfeito. Então gente, foco aí na tevê. Bora lá.

Exibição do vídeo.

Entrevistada 1 — Cadê os pretos?

Entrevistada 3 — Eu acho que nem é isso assim, de mais...

Entrevistado 4 — Teve um ali que eles usaram o mesmo conteúdo? Foi, né?

Felipe Cardoso — Uhum. Repetiu a entrevista...

Entrevistada 3 — É, eu ia dizer para o Felipe assim, com todo respeito ao povo do jornalismo, mas eu não consigo... Porque assim, quando você mandou alguma coisa que você estava fazendo, que você estava chamando as pessoas, eu ainda falei assim: "Ah, não vou dar muita atenção para isso não...", porque eu já não vejo televisão aberta e até mesmo canal fechado, eu vejo muito pouco, já deve estar para lá dos vinte anos. Eu fiz uma opção de não assistir mais televisão. Aí eu fiquei pensando: Será que vou conseguir ajudar o Felipe? Acho que não, porque.... Mas me cansei assim, Felipe, fiquei bem triste, porque eu acho que... Claro, é uma outra concepção de televisão, naquela época que... Mas eles repetiram... Olha só, o Dilney falando a mesma coisa um ano depois... E assim...

Entrevistada 1 — Eles pegaram a mesma entrevista e colocaram.

Entrevistada 3 — Exatamente, é a mesma entrevista, exatamente. Deu para perceber assim. Mas o que eu digo assim, gente, ninguém nesse grupo de jornalistas nessa mesa pode perceber ali que ele estava falando uma coisa que trazia um peso muito grande? Que é quase dizer que aqui era um vazio. Depois, lá no outro episódio, ele vai dizer: "Não, mas eles receberam ajuda de alguém que morava aqui". Mas antes disso, era um lugar vazio, era um lugar que não tinha... Então, por isso que foi no sul do Brasil. Havia... Gente... E uma outra coisa que me... Assim, me chocou de ver que as pessoas ainda estão produzindo isso em pleno... Tá, tudo bem, você vai falar 2011, 2018, 2019, mas não muda muito. O cuidado que eles tiveram em retratar esse passado, como se o tempo todo tivesse voltando para esse passado e o descuido com o presente, que daí Joinville do presente era só aquele show horroroso lá, que não dava para entender de onde começava, onde terminava, por que fez, por que não fez. Não havia ali uma... como é que eu posso dizer? Uma intenção pedagógica. Porque toda... Eu imagino que no jornalismo, toda a informação que é dada, ela tem um cunho de querer alguma coisa da pessoa, que a pessoa entenda alguma coisa no final daquilo. Daí jogaram aquela reportagem ali, as pessoas, tipo...

Entrevistada 1 — Mas eu acho que essa narrativa é uma narrativa proposital.

Entrevistada 3 — Sim, Entrevistada 1, entendo que seja proposital, mas assim...

Entrevistada 1 — De manter essa... essa história tem que ser mantida viva. Se nós pensarmos, Entrevistada 3, quando a gente conhece...

Entrevistada 3 — E que não é... nem verdadeira é, né...

Entrevistada 1 — Não, é fictícia, né. Acho que você lembra quando a gente lançou, a gente... A prefeitura, a Secretaria de Educação fez aquele livro, "Viver Joinville"?

Entrevistada 3 — Uhum.

Entrevistada 1 — Aquele livro ali já foi um começo de uma quebra de paradigma, porque ali já dizia que não existia essa história de casamento com o príncipe. O príncipe nunca passou por aqui, que realmente o dote era da Dona Francisca, mas eles casaram em outro canto. E aqui, eles nunca chegaram, nunca moraram naquele museu. Ali já vai quebrando essa narrativa, mas acontece que aqui existe ainda um monopólio de pessoas que querem que isso seja preservado. Eles fizeram a cerimônia no Cemitério do Imigrante ali, recente, e é lá no Cemitério do Imigrante que nós temos quatorze negros escravizados. Quando que fizeram menção a isso? Existe uma placa enorme lá com o nome de cada um, de que família pertenciam... Tem uns escritos da Catedral, mas isso não é interessante para esse grupo que está aqui ainda hoje. Então, eles vão repetir essa narrativa quantas vezes, sabe. Se não tiver um contraponto, se não a gente não tiver aí uma tevê independente e aí são as plataformas digitais, fazendo um barulho, vai ser essa narrativa. Olha onde está a UFSC, está lá dentro da fábrica. Teoricamente, a universidade é um local para produzir uma contranarrativa a essa porcariada toda aí, mas está lá dentro da fábrica. Então, eu acho que é isso que eles querem. Enquanto tem um grupo de historiadores... ali o Dilney conhece bem a história, tu sabes. Enquanto tem um grupo de historiadores e de pessoas que sabem que essa narrativa é fictícia e que tentam o tempo todo fazer o contraponto, eles vão jogando na tevê aberta que é o que todo mundo assiste. Todo mundo senta meio-dia e liga no Jornal do Almoço.

Entrevistada 3 — Mas estava muito ruim, viu.

Entrevistada 1 — Eu vejo isso como um proposital e que precisa manter, porque aqui... Assim, essa coisa horrível, aqui é a cidade da ordem, a cidade do trabalho, só esses depoimentos: "Aqui todo mundo trabalha, aqui ninguém para, aqui não tem feriado, aqui...".

Entrevistado 4 — Não tem menção à cultura... Que coisa. E eu achei, quando você falou do Dilney ali, que parecia que ele estava falando, mas parecia que ele estava se sentindo meio... Eu estou falando, mas parecia que ele estava tentando esconder coisa, assim. Eu senti essa... Depois quando ele falou do afrodescendente, eu percebi, ele está querendo falar muita coisa e isso...

Entrevistado 1 — Não deixaram. Porque ele conhece, ele escreveu sobre a presença dos afros, dos negros aqui. E se ele falou, em algum momento dessa entrevista, foi editado. Eu trabalhei com o Dilney. O Dilney é um cara, assim, não é nenhum alienado no meio desse povo todo. É um historiador de peso, esteve em *Schaffhausen* lá também, que é considerada cidade-irmã, escreveu sobre os suíços, mas ele tem uma leitura bem profunda da presença do negro aqui. Isso eles editaram, você pode ter certeza. E vai chegar ano que vem, vão mostrar...

[São ouvidos risos do grupo]

Entrevistada 1 — Eles já nem chamam mais, ele só reproduz...

Entrevistada 3 — Não, mas era a mesma, eles usaram a mesma...

Entrevistada 1 — Sim, sim.

Entrevistada 3 — Só teve uma folguinha por causa da pandemia, né...

Entrevistada 1 — Aham.

Entrevistada 1 — O Rafael já mudou, rejuvenesceu...

[São ouvidos risos do grupo]

Entrevistada 1 — Gente, o tempo todo falando da dificuldade que esses imigrantes passaram e tal.

Entrevistada 3 — E uma outra coisa que....

Entrevistada 1 — Nem dos sambaquis...

Entrevistada 3 — ... me chocaram.

Entrevistada 1 — Eles falaram. Da pré-história, digamos, de Joinville.

Entrevistada 3 — E outra coisa que me choca assim. E, às vezes, a gente... Porque como você, eu venho de uma família bem colorida, assim, e eu brinco muito com a parentada branca, porque eu falo para eles que, é muito fácil você se eximir das coisas: "porque não é culpa minha", mas claro que é, né, só que não, é. Porque assim, o que você vê ali? Uma pobreza humanizada. Porque ali tem a caminha, as coisinhas na mesa. Vocês viram ali todo aquele cuidado de colocar talheres, não sei se vocês perceberam... Estavam vivos, eles eram humanizados, muito pobrinhos, mas muito organizadinhos. Isso, muito coisinha assim, entendeu? Aí quando você vai olhar para a questão e daí eles começam assim: "Não, mas não tem como ficar medindo sofrimento. Sofrimento é tudo igual". Mas como é que a gente veio? Como é que a gente atravessou o Atlântico? Em que condições a gente fez isso? E aí, sabe... Começa aquela coisa,

assim de desumanizar mesmo, porque quando a gente vai olhar, daí a gente vem mesmo como bicho e como...

Entrevistada 1 — Disseram que só sete morreram...

Entrevistada 3 — Então, mas aí vira uma coisa assim, que aí toda aquela coisa assim de passar por aquele sofrimento, por aquela coisa... Não estou nem negando que deve ter sido, mas quando você vai olhar essa imagem que vem, posso estar enganada, mas para mim ela está muito humanizada, porque ela tem lá toda aquela coisa assim de uma família mesmo. E a gente...

Entrevistada 1 — Mas é que tinha que fazer o contraponto com os negros, porque esses imigrantes, por mais que eles tenham saído de lá em condições precárias, eram pobres e tal, eles chegam aqui num outro status.

Entrevistada 3 — Ah, sim.

Entrevistada 1 — Uma outra condição de trabalho e como inteligente, de cognição, coisa que os negros não tinham. Então, eles não vão vender um negócio diferente, trabalho inteligente e...

Entrevistada 3 — Qualificado.

Entrevistada 1 — Qualificado. Aí eles não vão dizer que eles vieram amontoados, que não tinha água, que eles não tomaram banho, que chegaram aqui cheio de piolho, que um ou outro morreu pelo caminho...

Entrevistada 3 — Então, mas é isso que estou falando, Entrevistada 1. É isso.

Entrevistada 1 — Isso é coisa dos pretos, não para eles.

Entrevistada 3 — Isso, é isso que eu estou dizendo, porque quando tu vai ler, por exemplo, os diários, que eu me lembro ali que aquela menina, agora esqueci o nome dela, aqui do Arquivo Histórico, que ela fez toda a tradução dos diários das senhoras assim, das moças e tal, você vai ver as histórias, eram bem próximas do que a gente ouve e lê nos livros de tráfico atlântico ali. Assim, não é igualzinho, mas tem muita coisa, da questão do piolho, da questão da fome, a questão dos maus tratos, dos cuidados.... Mas aí quando você... por isso que eu estou falando, quando você vai olhar aquela reportagem, ela está toda humanizada, ela está toda elaborada de um jeito...

Entrevistada 1 — E olha que ali parece que tinha vários quartinhos daquele ali para várias famílias...

Entrevistada 3 — É, quase um... (inint.) [01:57:45], saiu para ir tomar um arzinho fresco, mas nossa, o que está ali, a pessoa... Se você olhar, a maioria da população bem pobre no Brasil hoje, não tem aquela condição que está ali naquele espaço que está tendo. Então, quer dizer, que isso? O que estão falando? Nem percebeu a realidade ainda...

Entrevistado 4 — E o investimento para fazer essa reportagem. Acho muito interessante, ele sempre retoma... Quando vai para o estúdio, ele sempre retoma: "Essa volta à nossa história, à nossa história...". Soa até meio cômico, assim, é vergonhoso assim, olhando de fora pelo menos. Não se dando conta do que estão falando...

Entrevistada 1 — Durante as comemorações do aniversário de Joinville, sempre tem a Jacila, o povo santo todo, lavando as escadarias da cidade. Sempre tem um culto afro, alguma coisa. Quando que... não mostraram nada ali.

Entrevistada 3 — Nem na chamada, nada, nada...

Entrevistada 1 — Nenhum tipo de manifestação de outros povos que não fossem os europeus.

Entrevistado 4 — Porque, por exemplo, até na nossa... Pegando esse gancho, até naquela parte ali que mostra do show do Arlindinho ali, não que não devia mostrar, essa não é a questão, mas eles retrataram a gente ali e o momento que a gente estava bebendo, estava curtindo, estava se divertindo...

(NI) — Trabalho, não.

Entrevistado 4 — Já tinha passado, talvez, o ponto do álcool.

Entrevistada 3 — É isso.

Entrevistado 4 — Não que tenha um problema nisso. Mas só retrataram isso. E isso também não é aleatório, né.

Entrevistada 1 — Sim.

Entrevistada 3 — Está vendo? É só festa, só festa. Porque eu lembro que, eu acho que... não faz muito, que a gente conversando com alunos do nono ano, aí: "Ah, pois é, o sul do Brasil é muito trabalhador, nossa, como trabalha. Esse povo do norte, pois é, nordeste, né...". E aí a gente foi fazer um levantamento de quantas festas tem no sul do Brasil. Tem mais festas do que dias do ano. E aí a gente foi fazer esse contraponto mesmo. Onde tem festa, quem vai na festa? É o povo que mora naquela cidade? Porque quando você ouve falar das festas no nordeste, de todas as manifestações, enfim, aí a impressão que dá é que as pessoas de lá é que vinham na festa, coitado, mas ele está mesmo, mas está trabalhando. E aí não diferente daqui também, mas enfim... Mas festa tem em tudo que é lugar, ainda lá... Está muito além das fronteiras de qualquer lugar.

Mediador — Ótimo, vocês praticamente já falaram o que eu ia perguntar e isso é bom, esse é um ponto bem importante de como vocês já se sentiram mobilizados a tecer suas considerações sobre isso. Eu enfatizaria, talvez, alguns já foram colocando alguns pontos... Mas se vocês fossem fazer essa matéria, o que mudariam? Se vocês contavam essa história...

Entrevistada 3 — Tudo.

Entrevistada 1 — Tinha que mudar tudo, né, porque essa não é a história da colonização de Joinville. Tinha que começar pelo que é histórico, verídico, dos negros que estavam aqui e que ajudaram a abrir as picadas, porque eles não conheciam a vegetação, eles não conheciam essa terra, não conheciam o manguê, não sabia nem o que podia comer aqui ou não podia. Isso foram os povos nativos que fizeram. Se a gente der um pulo aqui no Vila Nova, tem negros ali, descendentes desse pessoal que já estava aqui na época da colonização que fala alemão, então, a gente precisa ter esse cuidado com a ciência, com o saber, com a historicidade, porque você fica reproduzindo alienação, uma história que não existe, isso aí é vendido aí fora: "Joinville, a cidade que não para", porque... do povo trabalhador, do povo ordeiro.

Entrevistado 2 — Essa perspectiva... A gente teve uma atividade bem interessante ano passado na aula, acho que foi (Fundamentos II). Enfim, a gente teve que refazer a bandeira de Joinville. E foi feito um questionamento interessante, assim, de qual Joinville a gente ia retratar na bandeira, porque a bandeira que a gente tem hoje em dia é a bandeira com o brasão, palmeira real, monarquia, enfim, todas essas coisas. Então, a gente começou em símbolos. A gente fez um questionário para entender quais que seriam os símbolos que as pessoas se sentem representadas por Joinville. E trouxe outros dados interessantes, que Joinville não é mais uma cidade industrial por si, é uma cidade que vem pra serviço. A gente não é uma cidade industrial.

Entrevistada 1 — É...

Entrevistado 2 — A gente não é mais a cidade da bicicleta, faz tempo, porque a cada esquina que você vai (inint.) [02:02:15] na rua porque a ciclovia não funciona e enfim... Cidade das Flores é quando você (vai pagar caro para ver as flores). O Adriano faz questão de plantar bastante flores, então talvez a gente possa bater palmas pra ele.

Entrevistada 1 — Eu acho que tinha que começar pelo sambaqui.

Entrevistado 2 — É, eu também acho.

Entrevistada 1 — Falando da pré-história da cidade. Lá no Morro Boa Vista, onde tem mais um sambaqui. E depois lá no Cemitério do Imigrante, pegar aquela placa lá onde estão os negros escravizados e, a partir daí, tecer a narrativa.

Entrevistada 3 — Eu acho, Entrevistada 3, que não tem como negar a história de Joinville a nível regional, a partir de São Francisco do Sul e Bom Jesus de Araquari. Ali toda a questão do Itapocu. Pensar Joinville... pensar nessa construção de Joinville, é pensar nesses grupos. Porque ali quando o Dilney estava falando me vinha à memória, quando você vai estudar a parte econômica, até tem um menino, o Rogério, ele fez um trabalho sobre a questão econômica aqui da região... E aí você pensa, esse povo não tinha nada a ver com cana, era um povo que estava plantando aipim para fazer farinha. São Francisco e essa região do Cubatão aqui, eram grandes vendedores de farinha de mandioca para o Brasil inteiro.

Entrevistada 1 — E Entrevistada 3 e esse povo aí que eles falam, que muitos partiram para os Estados Unidos e que dez por cento, acho, que veio pra cá...

Entrevistada 3 — Pro Brasil.

Entrevistada 1 — Mas muitos dos que vieram para cá também achavam que estavam indo para os Estados Unidos.

Entrevistada 3 — Isso, também.

Entrevistada 1 — Achavam que estavam indo para San Francisco, Califórnia.

Entrevistada 3 — Califórnia, isso mesmo.

Entrevistada 1 — E foram parar aqui em São Francisco do Sul, no meio das muriçocas, dos maruins, dos....

Entrevistada 3 — E sem falar que uma parte bem grande desse povo que chegou, eu não sei precisar bem, o Dilney até que comenta num dos textos dele, eles sobem a Serra, vão para Curitiba...

Entrevistada 1 — Sim, isso.

Entrevistada 3 — Porque Curitiba, na época, era São Paulo, fazia parte da província de São Paulo. Então, foram tudo para lá... E ficaram por lá. E aqui ficou um grupo e aí esse grupo, ele vai ter que fazer todo um trabalho de se... procurar ajuda de quem já estava por aqui. E aí você vai ver o que? Os seismeiros que estavam por aqui todos, região do Cubatão.

Entrevistada 1 — E os quilombolas todos que nós temos aqui.

Entrevistada 3 — Isso, exatamente, todo esse povo aí que estava aí, eles vão ter que... Mas a medida em que a coisa vai crescendo, é óbvio que vai surgindo esse grupo, em função muito da questão racial mesmo, porque daí eles têm esse privilégio de ter todo um suporte do Estado brasileiro para que as coisas dessem certo e fossem...

Mediador — E se fosse para assistir novamente e indicar para alguém...

Entrevistada 3 — Não indicaria...

Entrevistado 2 — Eu não sei se é a época agora, nas primeiras vezes... enfim, acho que hoje em dia a edição já está bem mais dinâmica, hoje em dia. Porque eu assistia muito... primeiro, uma falação assim que não... E aí repete as imagens, você vê que está repetindo a mesma imagem, é o mesmo o pessoal passando de bicicleta assim. E você fala: Meu, mas não dá assim, sabe... E não tem nem menção, tipo assim, nem uma... menção cômica das chuvas, assim, as águas da nossa região que são... Para além da chuva, a gente tem muito rio, enfim. As serras também que são...

Entrevistada 1 — Nós temos todos os biomas aqui...

Entrevistado 2 — Exatamente. O mangue, que é superimportante, o guará que é um (símbolo) aqui também...

Entrevistada 3 — Mas tu já leu a pesquisa do Belini?

Entrevistado 2 — Não.

Entrevistada 3 — Interessante, porque daí você vai ver... Entrevistada 1 acho que já leu, a pesquisa do Belini sobre os manguezais...

Entrevistada 1 — Ah, sim, sim, sim...

Entrevistada 3 — Aí você vai entender que o tempo inteiro, o mangue assim como a gente, também é pra ficar quietinho no cantinho e escondido.

Entrevistada 1 — Sim.

Mediador — E como é que vocês se sentem... como é que sentiram assistindo esses vídeos?

Entrevista 3 — Eu acho, assim, que para mim foi uma observação de análise mesmo, assim... Eu não me... Não é que me espantei com o vídeo, não, não, isso não é a palavra. Tipo, assim: Como assim? Continua isso ainda? Mais ou menos, nesse sentido, quando faz a análise.

Entrevistada 1 — É um misto de sensações, porque a gente já superou essa história e até em boa parte das escolas, não se discute por essa ótica. Mas isso continua sendo imposto goela abaixo. Parece que a gente está remando contra a maré, é desanimador isso aí.

Entrevistado 4 — Isso que é NSC ainda, né...

Entrevistada 1 — Pois é.

Entrevistado 4 — Que é a NDTV, que é da...

Entrevistada 1 — Repetidora da Globo, né. Afiliada da Globo.

(NI) — É... No (outro trabalho que eu estava), fui (inint.) [02:07:14] botaram no da NDTV, eu acho... que daí é Balanço Geral, o nome.

Entrevistado 4 — O Balanço Geral, assim, tem vezes que também é... (inint.) [02:07:24]

Entrevistada 1 — É, porque as grandes massas, eles não têm acesso à tevê fechada. Então, continua essa manutenção dos poderosos, de quem constrói a narrativa.

Entrevistado 4 — É bem isso, assim. Nos primeiros momentos ali do encontro de hoje, a gente estava... Cada um contou um pouco a partir de si e de como que chegou até aqui, da importância da valorização da cultura, de compreender as relações étnico-raciais. E a gente chega nesse momento que tem uma quebra, em que entre nós, a gente conversa sobre isso, mas para a grande massa, o que é reproduzido é esse tipo de discurso...

Entrevistada 1 — E mais né, que isso é bom. É bom que só trabalhe...

Entrevistado 2 — Eu acho muito...

Entrevistada 1 — É bom cultivar isso tudo.

Entrevistado 2 — Eu acho muito violento... Esses dias eu estava naquela Praça dos Suíços, (inint.) [02:08:20], e a palavra, a palavra, ou enfim, os derivados de colonizar, eles são... Está totalmente... naturais assim: Colonizei assim... e eu li. A primeira vez que eu li, eu falei: "Meu, mas isso é muito pesado". Colonizar tem um significado...

Entrevistada 1 — Horrroso.

Entrevistado 2 — Se não aqui, mas hoje em dia... você vai falar que colonizou algum lugar, você está matando as pessoas, você está estuprando as pessoas, você está roubando as terras. E aí uma naturalidade dessa colonização assim, que não se questiona nem o termo que se usa. Eles usam ali a chegada, mas várias vezes é a colonização, a colonização... Assim, supernormal a gente chegar aqui, com cota do governo. A Sueli Carneiro que fala...

Entrevistada 1 — Mas é. É isso mesmo.

Entrevistada 2 — Cota do governo, recebendo as cotas...

Entrevistada 1 — E falando das cotas dos pretos, mas isso já existe desde a época das capitâneas hereditárias.

Entrevistado 2 — Daí chegando com cotas assim, nas condições também... A gente sabe que o nosso governo... Mas assim, bizarro a naturalização desse processo da colonização.

Entrevistada 1 — É assustador, porque eles querem preservar esse colonialismo. A gente gritando: Chega! E eles dizendo: Não, vamos preservar porque... Porque é como se isso... É como um nazismo.

Entrevistada 3 — É, mas eu acho assim que é como se fosse um direito, meio que naturaliza como um direito. E daí tu não vê mais aquilo assim, é como ele fala... meu Entrevistado 2, é bem isso mesmo. Nossa, colonizou assim com aquela coisa.. Daí você fica: Tá, mas é mesmo assim? A mesma coisa me dá das reportagens: Como assim? "Olha que lindo, aí que emocionante". Como que lindo?

Entrevistado 2 — (inint.) [02:09:52]

Entrevistado 3 — Provavelmente. Provavelmente, isso. Provavelmente.

Entrevistada 1 — É... É... É.

Entrevistado 2 — É tudo cimento. (inint.) [02:10:02]

Entrevistada 3 — É, do... Como é que é? Das britas ali, eles fazem brita.

Entrevistado 2 — Das britas, isto, também

Entrevistada 3 — Eles fazem brita e coisarada.

Entrevistado 2 — Os mesmos donos.

Felipe Cardoso — Eu posso só fazer uma provocação para vocês?

Entrevistada 3 — Sim.

Felipe Cardoso — Vocês chegaram a observar os sobrenomes de quem foi entrevistado?

Entrevistada 3 — Ah, sim. Me chamou muito a atenção, também. Quer dizer, mas também, quando você vai... Quando você vai privilegiar, porque eu não sei se a Entrevistada 1 lembra, mas no governo do Carlito, ele queria... Eu estava o tempo inteiro aqui assistindo e tentando me lembrar, porque eu não gosto quando eu quero contar uma coisa que eu não me lembra tudo. De repente, a Entrevistada 1 vai lembrar. No governo do Carlito, a gente teve uma tratativa que a gente ia fazer um processo de cidade-irmã com uma cidade, se eu não me engano era na Angola, eu não estou certa... Pena que eu não estava lá, a --- vai lembrar...

Entrevistada 1 — Sim, a gente tem... eu acho que eu até tenho o documento lá.

Entrevistada 3 — Isso, o documento chegou a ser feito e ele ia assinar e tal. Gente, assim, aquilo virou um... quase que mandaram linchar uns cinco...

Entrevistada 1 — Que não teve reeleição.

Entrevistada 3 — tipo, como é que pode? E também assim, na época mesmo, já quando começou assim: "Mas como assim? Por que isso? Da onde isso? É forçar a barra"...

Entrevistada 1 — Era um tratado de cooperação, de...

Entrevistada 3 — Não, era... Era. Isso...

Entrevistada 1 — De intercâmbio cultural. Mas meu Deus, foi um banzé para a elite.

Entrevistada 3 — Foi, foi, uma coisa... Isso. Foi uma coisa absurda. Eu lembro que foi assim bem, a coisa assim, nem teve assim, sutileza...

Entrevistada 1 — Não, não teve.

Entrevistada 3 — Foi forte.

Entrevistada 1 — Quando teve a cerimônia no Cemitério do Imigrante...

Entrevistada 3 — Também, é...

Entrevistada 1 — Que teve todo um cerimonial mesmo...

Entrevistada 3 — Eu lembro.

Entrevistada 1 — Nós compramos uma coroa, (inint.) [02:11:45] aquela placa. A Mãe Jacila esteve lá, tinha um monte de gente ali. E a polícia... Os moradores do redor chamaram a polícia. Eles ficaram lá de longe, olhando. E teve uma senhora, eu não lembro quem era, mas uma da elite, que ela chegou perto do Carlito assim, no ouvindo dele e disse: "Agora, o senhor passou de todos os limites e isso vai ter um preço". Porque aquele espaço era tido como um espaço da elite, da elite joinvilense. E aí, como que, de repente, vocês dizem que tem negro escravizado enterrado lá e ainda com o nome das famílias a que eles pertenciam, em que morreram, com que idade morreram. Aquilo foi visto como uma afronta para a sociedade joinvilense. E a senhorinha lá, disse: "Você vai pagar o preço por isso". A polícia não chegou... não foi mais turbulenta porque era uma autoridade quem estava ali, tinha todo um aparato do governo ali. Mas se fosse só o povo santo, por exemplo, fazendo uma cerimônia ali, eles teriam descido o cassete, porque eles pararam igual uns brutamontes assim com o cassetete na mão do outro lado da rua, olhando. E aí claro, eles invisibilizaram, olha a reportagem. Mas não é... uma cerimônia lá toda linda em homenagem aos imigrantes europeus, em nenhum momento eles citaram os negros escravizados dali.

Felipe Cardoso — Posso fazer uma pergunta para ti, Entrevistado 4, enquanto estudante de Psicologia? Eu acho que vocês já cumpriram muito bem esse papel enquanto historiadoras, mas essa questão da memória... para quem assiste e para quem recebe, como... Vocês receberam enquanto indivíduos, mas como um profissional da Psicologia. Elas, eu acho que falaram muito bem como profissionais historiadoras e educadoras, mas como que você vê essa relação com a memória?

Entrevistado 4 — Então, se a gente for pensar a memória, então a gente vai pensar... Lá no início, ele comentou sobre a materialidade e subjetividade. A memória, não só a memória, mas os processos psicológicos superiores que a gente fala...

Entrevistada 1 — Ui, Vygotsky.

Entrevistado 4 — Aula de Vygotsky... A memória vai se constituir também, a partir dessa materialidade. Então, por exemplo, enquanto elas estavam provavelmente assistindo a reportagem, elas vão resgatando na memória, a partir dessa compreensão histórica. Principalmente, considerando a área delas. Se a gente for pensar a partir da Psicologia então, essa memória... quem que são essas referências? Então, por exemplo, eu não consigo resgatar na memória, quem são esses imigrantes, porque eu não tive acesso a essa compreensão. O que eu lembrei, por exemplo, eu lembrei que o Rhuan fez uma atividade lá no Cemitério, e que enfim, foram algumas pessoas. Mas eu não consigo resgatar muito além disso na memória, em relação a esse evento, porque eu não tenho materialidade para isso, sabe? Eu não tive contato com essa produção cultural, entende? Então fica vago assim...

Entrevistada 1 — Um vácuo, né...

Entrevistado 4 — Entende?

Felipe Cardoso — E daí, é como que tu enxerga quem vem de fora... na tua fala inicial você fez dois apontamentos, quem vem para morar e quem vem para visitar. Quem vem para essas duas coisas, se entra em contato com um material como esse...?

Entrevistado 4 — Se entra em contato com um material como esse, isso vai constituir essa memória, entende? Porque, por exemplo, tem ou quem tem... a pessoa que chega aqui, entende: okay, tem essa produção, tem essa reportagem, então ali tem sujeitos que são historiadores, então sem uma leitura crítica, então se tem um sujeito que é historiador, foi investido um dinheiro para produzir essa reportagem e se chegou até essa produção audiovisual, então é isso que é o fato histórico. Então, essa pessoa vai construir essa memória a partir desse tipo de reportagem. Então, não sei se respondi a tua pergunta, mas a compreensão que essa pessoa vai ter é essa. Então, e se a gente contrapor isso, na ideia, daí retoma o que a professora Entrevistada 1 comentou, de um canal, como é que você disse?

Entrevistada 1 — Alternativo.

Entrevistado 4 — Alternativo. Eu estava aqui pensando nesses últimos minutos muito disso, assim, sabe. De como que a gente vai produzir isso, que não fique em algo muito fechado e, de novo, só restrito ao nosso, mas que acesse um maior número de pessoas que recontem essa história. E não só no sentido de rebater o racismo, no sentido de confrontá-lo, mas trazer também as nossas produções, assim, sabe? Porque eu fico pensando muito nessa lógica de que a gente ficar batendo de frente e não apresentar as nossas contribuições, nesse sentido de cultura. Por exemplo, teve aqui essas pessoas negras que alocaram nesses territórios, produziram coisas ali e cadê essa história? No sentido não só de violência, de sofrimento, mas para além disso. Assim, daí retoma a história da minha avó, por exemplo, do café que ela plantava... sabe? Esse cotidiano, assim, sabe. Dessa produção cultural do dia a dia, da gente produzir uma história que seja nesse sentido, sabe? Não só de luta e sofrimento, que daí a gente vai começar a ter outra materialidade para constituir a nossa memória...

Felipe Cardoso — É perto disso que tu está falando, daí eu quero fazer uma ponte com o Entrevistado 2, porque assim, só para explicar para vocês porque eu pensei em vocês nessas possibilidades, não passou nada pela minha cabeça, eu pensei em pegar duas pesquisadoras e dois militantes. Não podia ser a Cássia e o Rhuan, muito menos o Orlando, porque eles já sabiam demais da minha pesquisa. Tá ligado naquela coisa: vocês já sabem demais. [São ouvidos risos do grupo] Então, mas vocês estão inseridos ao mesmo tempo, estão atuando e casou muito... Eu acho que complementou as falas, eu acho que eu dei muita sorte e eu queria pegar com o Entrevistado 2, já que está no Design e tem essa pegada das Ciências Sociais, a questão estética, porque por mais que se repita, tem elementos ali na imagem, na estética, na troca de câmera, sabe...

Entrevistado 2 — Sim.

Felipe Cardoso — Que... aí de acordo com a pessoa que vem, está morando inicialmente aqui ou que não teve nenhum outro tipo de contraponto, sabe... Se não pega na narrativa, a imagem pode pegar. Como que tu analisa? Como que tu viu assim? Como tu analisa aquilo lá de 2011 para o de 2019, para o de 2020...?

Entrevistado 2 — É. Eu acho que do ponto de vista da estética, até a questão da semiótica envolvida ali, do que eles estavam querendo traduzir com aquilo ali para a gente. Não para a gente, necessariamente, mas é que tudo é intencional, como ela disse, tudo é intencional. A narrativa ali foi construída, várias pessoas numa sala definiram como que iria ser todo esse roteiro para passar exatamente essa visão. Então, sabe, aparecer pessoas negras só no final. O fato da escrita da Barca Colon ser com uma letra escrita à mão, não era uma fonte qualquer. O efeito que eles botam. E se tu olha de 2011 para 2020, não muda muita coisa. Parece que é a mesma maneira de produzir, a mesma história contada, os mesmos efeitos visuais, o mesmo repórter, inclusive. Então, assim, se pensar, não muda muito. As mesmas pessoas estão falando dos mesmos espaços, contando as mesmas histórias. E do ponto de vista estético é isso, chamam um senhor branco e dois falando do que? Da importância do trabalho. E as pessoas que vem aqui da região também queriam trabalho, então todo mundo que vem pra cá é para trabalhar.

Entrevistada 1 — Isso. Isso. E sabe que saiu impresso, né, isso aí saiu um caderno grosso assim, impresso com essa história.

Entrevistada 3 — Uma coisa que você está falando, desculpa só te interromper, mas que também é uma coisa que eu achei muito importante e me veio quando você voltou, quando você falou. Gente, eu fiquei assim, me deu um choque mesmo, quando veio aquele desfile aqui, quando veio o último desfile, que foi aqui na Beira-Rio. Aquela coisa bem... Período dos anos trinta na Alemanha, quando Hitler fazia todo aquele... E daí vem a de centenário de Joinville, a mesma... Não sei se chama, o termo seria estética... Mas é a mesma ideia. Daí você vem para 2019, é 2019 ou 18 que tem ali, a mesma coisa. Sabe as pessoas assim? E sabe aquela coisa?

Entrevistada 1 — É o Hitler ali...

Entrevistado 2 — E tem uma frase...

Entrevistada 3 — É, toda militarizada, toda militarizada.

Entrevistado 2 — Uma frase que eu li uma vez, que um policial é a coisa mais antiestética que existe. E é o que acontece ali. Polícia, depois é um fardado, é milico e é isso. É uma cidade...

Entrevistada 3 — E as crianças também, estavam todas...

Entrevistado 2 — E é o que segue toda narrativa que vai fortalecer depois a candidatura daqui, uma política neopentecostal, religião, super militarizada, opressora, anti pautas, qualquer pauta que seja identitária no sentido de diversidade e que é a mesma população que apoia Israel fazendo o mesmo massacre em Palestina com a mesma ideia: religião, militarismo e a diferença entre o inimigo. Então, assim, é bizarro assim como as narrativas, elas seguem e a estética ela... É *Ctrl C, Ctrl V*, você bota o Bolsonaro fazendo discurso dele em 2017, 2018 com a reportagem de 2010, 2011, ou se ele bota ele para falar ali depois do senhor, você ia comprar legal, porque é isso. É um senhor branco falando as atrocidades, depois corta para um mais jovem. O mais jovem, ele relembra a honra, toda essa questão de honrar os mais velhos, o mandamento sei lá qual dos dez lá, de honrar os mais velhos, porque eles vieram para cá com muito sofrimento e que olha o que eles construíram, eles que fizeram essa cidade. Depois corta para a criancinha também...

Entrevistada 3 — Isso.

Entrevistado 2 — E a criancinha é a nova geração que vai manter, vai preservar essa história e é essa história dela que a gente vai preservar. Não é a história do café da avó do Entrevistado 4, que não é nem a história da Entrevistada 1, não é história de ninguém. É história daquele molequinho, com cabelo e cabeça de coco, que eles vão preservar e vai ser assim.

Entrevistada 1 — E o senhor que disse que... Como é que é? O verso lá que ele fez, assim: Quem nasce aqui, nasce de cabeça branca. Então ele está dizendo que só nascem loiros aqui.

Entrevistado 2 — Bizarro, né.

Entrevistada 1 — Já nasce de cabeça branca. O outro disse que quem vem, já sabe que vem trabalhar, porque o povo daqui é trabalhador. Meu Deus!

Felipe Cardoso — E como que vocês enxergam assim... Porque em 2011, eles relembram os sessenta anos do centenário. Em 2019, eles fazem a Barca Colon. E 2020, o desfile de novo, é uma tradição da cidade, o desfile no aniversário da cidade. E essa ideia de tradição, indo mais para as educadoras, para as historiadoras, como que vocês observam isso, sabe? E a gente está falando de imprensa, mas como a gente pode através da imprensa e como a gente pode fazer essa relação imprensa e educação? Que vocês fizeram uma crítica aí à imprensa e como que a imprensa pode ser prejudicial para o trabalho de vocês que estão lá na ponta ensinando os alunos do Fundamental e tal? Como que vocês enxergam essa perpetuação que o Entrevistado 2 falou e que a professora Entrevistada 3 acabou de falar? Então, como que vocês enxergam esse trabalho da imprensa, porque querendo ou não, como o Entrevistado 4 disse, tem a presença de historiadores ali como uma fonte de informação, então eu queria saber, mais ou menos, isso....

Entrevistada 3 — E fora que não é só a questão do historiador. Ele está dizendo para você que ele fez todo um retrocesso, um caminhar para ir buscar essas informações, ele vai até lá na Alemanha, que nem era Alemanha, porque a Alemanha só vai existir a partir de 1871. Quando eles para cá, eram os principados, os condados, que tinham por lá no Sacro Império Germânico. Mas aquilo tudo é construído ali, toda uma construção. E ela é muito didática, ela é muito didática, ela não é assim aleatória, de qualquer jeito. Aí você trabalhar isso na sala de aula, é sempre uma dúvida e até porque também ela é mais atrativa.

Entrevistada 1 — Mas é isso que eu ia dizer. Seria papel da escola desconstruir isso...

Entrevistada 3 — Sim, exatamente. Ela tem que ser.

Entrevistada 1 — Seria o papel dos educadores, dos historiadores, desconstruir isso aí.

Entrevistada 3 — Também, Entrevistada 1, mas não só. Não só, sabe por que que eu digo que não só? Porque assim, muito do que a gente está vivendo e desculpem, mas as poucas coisas que eu acompanhei dos repórteres apanhando na vida por aí, a partir de catorze ali, começa aquela encrenca toda com... Claro que muitos perceberam que eles também construíram essa cama para si. Eles entenderam. Mas teve uns que continuaram, que estão aí. Porque assim, a gente vai fazer esse trabalho e tem que fazer esse trabalho de desconstrução, mas ele não pode ser... porque aí, a gente precisa pensar nos outros atores que também estão envolvidos em tudo e que muitas vezes, tipo assim, é para escola, mas a escola pode fazer. Mas eu penso assim que a própria questão das universidades, elas precisam... E aí bate na questão da educação, mas já é numa educação... Porque se você vai olhar, por exemplo, os cursos de Jornalismo, eu não sei como é que está o currículo do curso...

Entrevistada 1 — Mas assim, Entrevistada 3, quando eu trabalhava, principalmente com a Publicidade, qual era a provocação que eu fazia para eles? Porque eles vendem uma ideia, eles vendem uma ideia. Propaganda é a alma do negócio. Eles vão vender para quem paga e vão fazer a narrativa de quem paga. Então como é que você faz uma publicidade ética? Como é que você sobrevive, como é que você produz a tua existência sendo publicitário e trabalhando com uma determinada companhia que te paga muito bem, mas que quer que você venda essa ideia? Que foi isso que a imprensa fez durante esses últimos anos todos. Ninguém ali é tosco e não sabe o que está vendendo, mas foram pagos para isso. Então, é por isso que eu acho que a educação tem uma responsabilidade maior de desconstruir, inclusive, um discurso desse...

Entrevistada 3 — É, mas aí... Isso, mas aí assim, o que eu vejo assim, você vem nessa desconstrução, você vem nessa desconstrução, aí quando ele vai lá para ser o repórter ou para ser o marketeiro ou qualquer coisa no gênero, aí ele vai pensar assim: Espera aí, mas eu... É essa questão que você está falando: Eu tenho que sobreviver e aí eu vou. Quer dizer, é um dilema mesmo.

Entrevistada 1 — Por isso que a gente tem que investir nas alternativas, nas mídias alternativas, porque essas dos grandes centros, eles vão conforme o vento. A Globo derrubou o Bolsonaro porque passou a ser interessante, porque senão, eles iam investir no Bolsonaro de novo. É bem complicado esse universo.

Entrevistada 3 — Eu não sei se você viu... Eu escutei, peguei numa aula da professora Lia, aqui do curso de Psicologia da UFSC.

Entrevistado 4 — Lia Vainer?

Entrevistada 3 — Isso, aham. Ela estava comentando sobre... Porque toda a temática de pesquisa dela é a branquitude. E aí eles estavam fazendo um trabalho lá em relação a questão do sofrimento, do sofrimento psicológico, que é muito diferente para as populações negras e para as populações brancas. E houve toda uma questão de enfrentamento dentro da própria universidade em relação a isso, de querer ver, de querer perceber isso. Então, eu vejo assim que já começa por aí... Porque queriam se discutir dentro das escolas para perceber que esse sofrimento era diferenciado e que havia uma necessidade de se tratar isso de maneira diferente. Agora tu imagina, se era uma coisa que estava vindo de um conhecimento já consagrado. Agora nós ali querendo fazer essa desconstrução? Olha a luta que seria...

Entrevistada 1 — E essa diferença... Esse debate também é diferente nas universidades públicas e nas universidades privadas.

Entrevistada 3 — Aí sim, com certeza.

Entrevistada 1 — Né, então... É maior do que se pensa, por que isso envolve um projeto de sociedade. Um projeto de mundo, de criança, de educação.

Entrevistada 3 — Mas eu vejo assim, vocês estavam até comentando, bem no início da nossa conversa, a questão do sistema que está aí, que ele realmente... A gente vai ter que se unir com todo mundo que está na... É, com todo mundo que está na periferia, porque, querendo ou não, quem está mandando é o capitalismo.

Entrevistada 1 — É só o dinheiro e o petróleo.

Entrevistada 3 — Isso.

Entrevistada 1 — E Paulo Freire, ele é muito sábio, porque a linha que divide o opressor do oprimido é muito tênue. Então, é muito rápido para quem hoje é oprimido se tornar o opressor. Eu falei que assim, tem alguns negros que vão ser sempre capitão do mato, que não conseguem se libertar disso. E a gente vive nessa balança, de contrapor, de tentar mostrar que existe um outro lado, de tentar trazer mais pessoas para esse movimento, mas a gente vai estar sempre com esse dilema, porque isso envolve caráter, envolve... Você que é da Psicologia, pode nos ajudar, isso envolve algo que é subjetivo, sabe, envolve os valores. Para a gente é muito claro que não deverias fazer um jornalismo desse jeito, não poderia ser uma publicidade que vai te envenenar, mas imagina, não vão mais vender cigarro, não vão mais vender bebida, porque isso tudo é prejudicial.

(NI) — Regulamentação.

Entrevistada 1 — Então, né. E tem coisas que, eu acho que extrapolam a nossa... Não é nem a nossa compreensão, mas a gente não consegue, não vai controlar, que é o subjetivo do ser humano mesmo. E que envolve ética, envolve moral, envolve coisas que eu não quero pra mim, então teoricamente, eu não deveria querer para outro também...

Entrevistada 3 — Querer para ninguém, isso.

Entrevistada 1 — Mas só é um problema quando me falta. Igual assim, tem aquele que critica, pediu uma vaga no CEI e foi lá furar a fila. Critica você, mas quando eu preciso, não é imoral. A gente vai estar lidando o tempo todo com essa constituição humana que é falha. E aí tem os processos históricos, cada um se constrói enquanto sujeito de acordo com as suas leituras e com as suas percepções, que a gente acha que são as mesmas que as nossas, mas não são. Então, é mais profundo do que se pensa. O ser humano é esquisito mesmo.

Entrevistado 2 — Me vem duas coisas na cabeça. Uma é, como é pesado também, você no meio-dia passar isso para uma criança e a tarde, uma e meia, ela tem que ouvir alguma coisa contra o que ela estava assistindo com o pai em casa e o pai reforçando aquilo para ela. A professora que se dane para conseguir quebrar isso na cabeça dela. Que ela, com certeza, liga à afetividade, estava almoçando com a família, aquela coisa passando, todo aquele momento.

Entrevistada 3 — Não é à toa que foi bem nesse momento.

Entrevistado 2 — Mas eu acho que é interessante quando o Cardoso ou enfim, a Entrevistada 1 fala da mídia independente ali. Eu tenho acompanhado o trabalho do Leandro, do Guará, acho sensacional, é o que eu faltava para mim assim pra... Pô, muito bom o trabalho dele. Mas enfim, a parte de que... Eu não sei em questão de dados, como... Acredito que muito ainda, a TV influencia na opinião pública. Mas também cabe uma análise dessas páginas de Instagram e Facebook de Joinville, não sei o quê, News, Info, *Joinville News*, a *Égua* mesmo, que é só mais um *Ctrl C*, *Ctrl V*, e se não pior, porque a regulamentação nas redes sociais é bem pior do que na televisão. É bizarro assim, é uma.... Um exemplo: roubo de bicicleta, bandeira de Israel, daí um cachorro perdido, e daí alguma coisa... A coisa mais absurda que você já viu na sua vida sobre racismo, é uma mistura assim. E é os mesmos eventos culturais divulgados, é mesmo sempre a Expoville, é sempre alguma coisa que vai ter no Centreventos. Não tem menção nenhuma a eventos culturais de periferia, não tem nenhuma produção periférica.

Entrevistada 1 — E acontece tanta coisa, né...

Entrevistado 2 — Ou coisas que enfim... o que é incentivado pelo Simdec ou mesmo a discussão do Simdec também, que está acontecendo. Então, realmente, eu acho que cabe uma análise também dessas páginas assim, de entender se elas não estão reproduzindo ou se elas não estão reforçando além do aquelas podem... Podem não, do que elas conseguem assim... Porque realmente, é bem bizarro o que acontece ali.

Felipe Cardoso — É... Eu juro para vocês que é a última provocação que eu quero fazer para vocês, porque eu acho que foi um ponto que todos vocês ressaltaram, além da repetição, mas involuntariamente e tal. Mas a professora Entrevistada 1, principalmente, já de cara ela falou do âncora do jornal. E ele está ali presente e eu posso garantir para vocês que eu vi todos os programas de 2011 até 2020, no dia nove de março...

Entrevistada 3 — Parabéns.

Felipe Cardoso — E eu posso garantir para vocês que ele está nesse período todo... Está acho que até hoje, está até hoje.

Entrevistada 1 — Está, uhum...

Felipe Cardoso — Então, como que vocês enxergam também isso, essa presença. Por que eu faço essa pergunta? Porque aí gente vê essa questão do trabalho, trabalho, trabalho, que vocês ressaltaram. E ao mesmo tempo, a gente vê essa dinâmica do: você tem que vir para cá, ficar, se estabelecer e continuar. Então, o que essa figura, ela representa, sabe? Tipo, de um âncora que está ali desde 2011 até 2020, que vocês: "Pô, lá ele era jovem... Ali ele...", tu viu que teve uma Confraria aí, que mudou o cabelo, a barba, mas a figura dele está sempre ali. E não sei se vocês viram ali nos finais das matérias ali, coordenação geral.

Entrevistada 1 — Ele.

Felipe Cardoso — Né... Estava ali.

Entrevistada 1 — Eu vi, aham.

Felipe Cardoso — Então, eu queria ouvir de vocês, assim, para a gente fechar essa...

Entrevista 1 — Eu acho que é a estabilidade, ele é a prova disso, que você vem e vencerá. Você trabalha que você vai se estabelecer, vai ter uma continuidade. Você vai conseguir construir um patrimônio, você tem essa estabilidade de emprego que fica muito forte no imaginário das pessoas daqui, principalmente. Porque a narrativa é sempre essa: você vem, você vai conseguir trabalhar aqui... "Em Joinville só não trabalha quem não quer". E você vai conseguir ficar um bom tempo dentro dessa empresa. Você vai conseguir os teus bens, você vai comprar uma casa, você vai comprar um carro, você vai comprar um terreno na Barra do Sul. O Rafael, ele representa essa continuidade e essa garantia de que você... Tem emprego aqui, é só você trabalhar. Se você trabalhar, você não vai se incomodar. Você vai ter essa certeza de que você será bem sucedido. O ser bem sucedido, para esta cidade, é ter, não é ser. É ter. Isso é muito forte aqui em Joinville. E o Rafael é o protótipo do bom moço, disciplinado, organizadinho e que trabalha muito.

Entrevistada 3 — Cheiroso, né...

Entrevistada 1 — É... e que trabalha muito. Está ali, quantos anos que ele está...? E quantos passaram por ali e não ficaram?

(NI) — (inint.) [02:36:16].

Entrevistada 1 — E ele está lá. Se não fosse ele, seria a Rejane Gambin no Festival de Cuca, até hoje. Ela é o... Não é à toa que ela é a vice-prefeita dessa cidade. Quantos anos essa mulher ficou fazendo Festival de Cuca, comendo cuca por aí... E ela era âncora do jornal.

Entrevistada 3 — Sim.

Entrevistada 1 — O que ela é hoje? Vice-prefeita. Por que? Porque ela trabalhou muito. Eu fiz uma... eu participei de um encontro de mulheres, esse ano, dia nove de março, com ela lá na escola Bailarina, no Vila Nova. A fala dela é essa, que: a gente precisa se esforçar, precisa se esforçar que a gente consegue, nada cai do céu. Pensa, um encontro com mulheres que era para falar do feminismo, era para falar um monte de coisas, ela disse que a relação entre homens e mulheres... que não é questão de feminismo, é uma questão de complemento, a gente tem que saber andar juntos, assim, um ajuda o outro. Aí uma fala horrorosa lá, sabe assim, de subserviência em relação...

Entrevistada 3 — Eu já não tenho mais paciência. A gente chega numa idade em que você não tem mais paciência para isso.

Entrevistada 1 — É...

Entrevistada 3 — Eu não tenho mais paciência. Porque assim, as pessoas virem com essa coisa assim, daí eu pergunto: Mas você tem noção que a dona Maria, sai às cinco da manhã, tem dois trabalhos e não consegue ganhar dois mil reais? E tem que se sustentar, você acha que é só uma questão de querer? De se esforçar?

Entrevistada 1 — Sim, o discurso dela era da meritocracia.

Entrevistada 3 — Porque, faz favor né gente... Tem senhoras aí que limpam três, quatro casas, se duvidar mais, por dia e não está dando conta de se sustentar. Então, por favor né... Por favor.

Entrevistada 1 — Sim. Ele é o protótipo do cidadão joinvilense. Acho... é o que eu penso dessa...

Entrevistada 3 — Não, eu entendo isso. Mas eu digo, eu já não tenho mais paciência para determinadas... Assim, aí daí já me cansa.

Felipe Cardoso — Da minha parte...

Mediador — Ótimo pessoal, eu vou finalizar a gravação e os demais encaminhamentos a gente faz (inint.) [02:38:22]

[São ouvidos risos do grupo]

Mediador — Agora eu fiquei intrigado com o que a Entrevistada 1 colocou dessa continuidade do jornalista, que ao mesmo tempo que tem esse protótipo do que é o joinvilense, ele também é uma contradição, porque ele indica que a cidade que se diz ser a cidade que tem trabalho para todo mundo, na verdade tem poucas alternativas e que por isso que ele permanece...

Entrevistada 1 — Mas é que ali também é um espaço para alguns, não é para todos.

Mediador — Isso, de fato, é. É que esse "para alguns", é tipo, assim...

Felipe Cardoso — (inint.) [02:51:42].

Mediador — Além disso, ele não tem mais onde subir, esse é o fim.

Entrevistada 1 — Olha, o Cristiano...

Mediador — Mas não tem mais que isso para ele.

Entrevistada 1 — O Cristiano...

Mediador — "Já vou pular para uma outra tevê, que vai ser melhor que isso", não, porque a cidade... é isso que tem no ponto máximo.

Entrevistada 1 — É...

Entrevistada 3 — Mas eu acho que esse máximo aí é um máximo que atrai muito os jovens.

Felipe Cardoso — Sim.

Mediador — Sim, sim.

Felipe Cardoso — Porque é o máximo do sucesso, é o auge...

Mediador — Não tem... é essa a alternativa....

Felipe Cardoso — Tu não vai conseguir ser o diretor ou ter o seu próprio canal, mas ali é o teu máximo...

Mediador — Excelente, ter o próprio canal...

Entrevistada 1 — E ele ainda tem um programa na CBN, é... eu dei uma entrevista para ele.

Mediador — Porque em algumas cidade, você vai ter uma, duas, três tevês...

(inint.) [02:52:27]

Entrevistada 1 — O Cristiano...

Felipe Cardoso — O de Florianópolis, né?

Entrevistada 1 — (inint.) [02:52:38] andava aqui, andava ali, vamos que vamos, vamos que vamos. Olha, o Cristiano voou daqui, está lá em Florianópolis.

Felipe Cardoso — Mas por escolha?

Entrevistada 1 — Eu não sei...

Felipe Cardoso — (inint.) [02:52:48] pode pegar.

Entrevistada 1 — Eu acho que não. Pode ser que sim, Florianópolis é um grande centro.

Entrevistada 3 — Tchau, Felipe. A gente vai se falando.

Felipe Cardoso — Tchau, professora. Brigadão, tá? Obrigado por tudo.

Entrevistada 1 — Eu vejo o Cristiano de manhã e acho que ele não tem o mesmo brilho no olhar que ele tinha quando fazia as reportagens aqui...

Felipe Cardoso — Aham.

Entrevistada 1 — Mas o Cristiano também não é uma proposta de jornalista que Joinville quer...

Felipe Cardoso — Que Joinville quer... É, no máximo você pode vir a se tornar vice-prefeita ou do prefeito, mas...

[São ouvidos risos do grupo]

[Fim da gravação]

[02:45:30]

ANEXO III - Transcrição do Grupo de Discussão 2

Joinville, 8 de fevereiro de 2024.

PARTICIPANTES

Felipe Cardoso – pesquisador/mediador

Entrevistada 5

Entrevistado 6

TEMPO DE GRAVAÇÃO

1h 39min 14s

TÍTULO

Grupo de Discussão 2

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint.) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(NI) → identidade da voz incerta.

(INÍCIO)

[00:00:00]

Felipe Cardoso — Então, inicialmente, eu vou colocar aqui... Pra ficar mais fácil de captar o áudio de vocês, mas a gente vai começar... Eu gostaria de começar... São três rodadas, quatro

rodadas e eu queria iniciar a primeira rodada com uma ideia de apresentação. Então, a Entrevistada 5 fica como sendo a número 5 e o Entrevistado 6 fica sendo o número 6. Então, quando vocês forem falar, quiseram falar, vocês podem falar: “Meu nome é Entrevistada, sou o número 5...”. Ou só “Número 5”. Então como são duas pessoas, vai ficar mais fácil na hora... depois eu transcrever porque a voz feminina e a voz masculina é mais fácil de identificar. Mas só pra gente ir se organizando. Então, eu começo pela número 5, vou fazer uma série de perguntas, você pode falar tranquilamente.

Entrevistada 5 — Tá bom.

Felipe Cardoso — Então, diga para nós o seu nome completo, qual a sua data de nascimento, a escolaridade, o que faz da vida, se é natural de Joinville e qual bairro você mora e, por fim, dizer uma qualidade sua.

Entrevistada 5 — Meu nome é Entrevistada 5, a número 5. Sou natural de Joinville, no momento eu estou trabalhando em uma imobiliária... É, o que mais?

Felipe Cardoso — A sua data de nascimento...

Entrevistada 5 — Ah, a minha data de nascimento, 16/09/1973. Então, eu estou trabalhando como corretora, na verdade, fazendo um curso para conhecer um pouco mais dessa área de imóveis. Então, eu sou, mais ou menos, uma estagiária nessa imobiliária. E o que mais?

Felipe Cardoso — Escolaridade....

Entrevistada 5 — Escolaridade, eu estudei... fiz faculdade, aqui na ACE mesmo, de Pedagogia e Pós-graduação em Educação.

Felipe Cardoso — É natural de Joinville?

Entrevistada 5 — Uhum, Joinville.

Felipe Cardoso — E qual bairro você reside?

Entrevistada 5 — Eu moro no Anita Garibaldi.

Felipe Cardoso — Certo. E uma qualidade sua? Você acha assim importante para...

Entrevistada 5 — Qualidade? É... Organização.

Felipe Cardoso — Organização. Perfeito. Entrevistado 6? Diga para nós seu nome completo.

Entrevistado 6 — Meu nome completo é Entrevistado 2, sou o número 2. Tenho quarenta e oito anos, nascido em 24/10/1975. Sou vendedor, trabalho na área de vendas de franquias. Qual é a próxima?

Felipe Cardoso — Tem escolaridade...

Entrevistado 6 — Sou... tenho o ensino superior completo. Formado em Gestão Comercial.

Felipe Cardoso — É natural daqui de Joinville?

Entrevistado 6 — Natural de Joinville.

Felipe Cardoso — E o bairro?

Entrevistado 6 — Moro na Anita Garibaldi.

Felipe Cardoso — E uma qualidade sua?

Entrevistado 6 — Vish. Qualidade...

Felipe Cardoso — Difícil falar só uma, né...

[risos]

Entrevistada 5 — Se fosse defeito, a gente ia falar um monte...

Entrevistado 6 — Defeito era mais fácil, agora qualidade minha... Bom...

Entrevistado 5 — Tu é um bom pai, pode ser, também... Eu acho.

Entrevistado 6 — É... Pode ser, um bom pai, vamos dizer assim...

Felipe Cardoso — Boa.

Entrevistado 6 — Mas é difícil pensar em qualidade. Não tem nada que presta.

[risos]

Felipe Cardoso — Na segunda rodada, eu gostaria de perguntar assim para vocês, o que vocês recomendam ou recomendariam para quem vem para Joinville e também onde você levaria, leva ou já levou os seus amigos ou conhecidos que vem de fora para fazer aqui, para conhecer aqui em Joinville. E o que vocês costumam falar para as pessoas, vocês vão viajar, saem daqui, o que vocês costumam falar... Ou conhecem uma pessoa que veio recente pra cá, o que vocês costumam falar para as pessoas que não são daqui sobre a cidade?

Entrevistada 5 — Eu não tive muitas experiências com pessoas que vieram de fora para eu ter que orientar... Na época de adolescente, adolescência a gente tem muitos amigos, aquela coisa, talvez nessa questão assim, mas se fosse para levar para algum lugar ou dizer vá conhecer algum lugar, ficaria nas coisas mais elementares, assim, que são os shoppings. E eu sempre fui uma pessoa que tive sempre uma visão muito... Como é que eu vou te explicar? Posso dizer que até negativa, assim, em relação à cidade, sempre dizia: “Ah, Joinville não tem nada para conhecer. Joinville (inint.) [00:04:53]”. Sabe? É Rua das Palmeiras, sabe... Eu tive sempre uma fala muito... e um pensamento, muito negativo em relação à essa questão do conhecer a cidade. Então, eu não tive nem uma experiência assim de dizer: “Ah, foi bem boa essa experiência”, que eu disse para a pessoa conhecer tal coisa e ela ficou muito feliz. Eu não cheguei a vivenciar isso.

Felipe Cardoso — Entendi. E se fosse para falar alguma coisa assim sobre a cidade?

Entrevistada 5 — Hoje, se viesse uma pessoa de fora, que eu tivesse que falar? Bom, a princípio eu falaria para ela vir na época do Festival de Dança, porque é uma época que está bem movimentada a cidade, que tem a Feira da Sapatilha, que aquela rua ali do... a Via Gastronômica também está bem movimentada, eu acho que seria um momento bom, assim, mesmo porque as apresentações também são muito legais, nos shoppings e... Seria isso que eu falaria para a pessoa que quisesse vir para cá nessa época, fosse o caso. E se fosse na época de verão, conhecer o litoral daí, né... Sair de Joinville para ir para as praias mais próximas, porque aqui mesmo, daí não teria muito o que fazer.

Felipe Cardoso — Certo. Entrevistado 6?

Entrevistado 6 — É... Falo meu nome ainda? Entrevistado 6 e tal...

Felipe Cardoso — Pode ir direto.

Entrevistado 6 — Então, como é que é a primeira pergunta?

Felipe Cardoso — Eu vou repetir as três, tá?

Entrevistado 6 — Isso.

Felipe Cardoso — O que você recomenda ou recomendaria para quem vem para Joinville, onde você levaria, leva ou já levou os seus amigos ou conhecidos para conhecer Joinville e o que você costuma falar sobre a cidade para as pessoas que não são daqui?

Entrevistado 6 — Bom, da mesma forma que a Entrevistada 5, eu não tive muita experiência com pessoas que vieram de fora. As poucas que a gente tem, são pessoas que muitas vezes trabalham com a gente, que nem agora há pouco, tem um rapaz que veio do Rio Grande do Sul e vai estar trabalhando com a gente agora e aí a gente fala que a cidade é tranquila em relação às outras cidades. Ele é de Porto Alegre, então, a gente sabe que Porto Alegre é um pouco mais violento e que Joinville já não tem toda essa questão da violência da mesma forma que uma cidade grande. Não que seja tão tranquila assim...

Felipe Cardoso — Sim.

Entrevistada 6 — Mas é mais nesse sentido, assim, porque ter uma visão de Joinville, o que fazer em Joinville, é um pouco complicado. A gente que é daqui mesmo, tu não vê muitas opções. Ou vai no mirante, conhecer o mirante, como a Entrevistada 5 mesmo falou, o shopping. Vai na Baía da Babitonga, enfim, que já fica mais para São Francisco do que pra cá, então... Eu tenho uma visão assim, realmente, um pouco mais complicada da cidade, nesse sentido de entretenimento ou até mesmo de estar aproveitando um pouco a cidade. É porque Joinville sempre se mostrou uma cidade muito para você morar e trabalhar, mas não no sentido de ter um lazer ou ter alguma coisa, ou opções para que você possa fazer alguma coisa.

Felipe Cardoso — Entendi. Perfeito. Aí agora eu vou passar para a terceira parte... A gente vai exibir três programas do Jornal do Almoço de diferentes datas, diferentes períodos e anos e tal. Então, primeiramente, eu vou exibir dois trechos do programa de 2011, depois eu vou exibir dois trechos de um documentário produzido pela emissora no ano de 2019, intitulado A Barca Colon e, para finalizar, eu vou colocar trechos do programa de 2020. Então, ao todo, os materiais eles vão somar cerca de quarenta minutos. Então, eu peço para vocês assim que prestem bastante atenção no conteúdo e depois, não vai ter muitas perguntas assim específicas... Então, assim que eu disser esse é o último programa, aí se vocês já quiserem vir comentando, vocês fiquem à vontade para... Do que vocês observarem e tal.

Entrevistado 6 — Ok.

Felipe Cardoso — Então eu só vou pegar aqui os trechos certinhos do primeiro programa, vou colocar aqui para vocês já no momento certo para não ficar... Ou já do comecinho esse daqui... Só deixa eu ver se o som está na medida, agora está. Vai começar...

Exibição do vídeo.

Entrevistada 5 — Nunca veio o príncipe, mas tem a Cidade do Príncipe. Esses dias eu estava pensando sobre andar de bicicleta, que agora não é assim mais Cidade das Bicicletas, o pessoal está andando com aquelas elétricas.

Exibição do vídeo.

Exibição do vídeo.

Felipe Cardoso — Agora eu vou colocar um outro trecho desse mesmo programa para vocês assistirem, é um pouco mais para frente, tá? Só deixa eu colocar aqui no minuto certinho. Agora já está no quarenta e três, espera aí. No trinta e seis... Esse daqui já vai introduzir para o outro. Essa aí é a finalização da outra matéria, daí já vai...

Exibição do vídeo.

Felipe Cardoso — Agora, eu vou pular para o ano de 2019 e serão dois programas que eu vou apresentar para vocês, do documentário da Barca Colon. Então, o primeiro foi no dia onze e o segundo foi no dia doze. Então agora, eu vou passar para vocês um trecho sobre o dia onze e depois eu vou passar o dia doze. Deixa eu achar aqui o ponto certo... Aqui. O outro também já vai começar...

Entrevistada 5 — Ah, tá.

Exibição do vídeo.

Felipe Cardoso — Agora nós vamos para amanhã, no caso, que é o dia doze. Então...

Exibição do vídeo.

Felipe Cardoso — Agora a gente vai para o ano de 2020, em que eu vou apresentar também mais dois programas, mas esses são mais curtos. Deixa eu ver aqui...

Exibição do vídeo.

Felipe Cardoso — Aí agora, eu vou para o último vídeo, como falei anteriormente para vocês, se vocês já quiserem iniciar comentando assim que eu falar: “Finalizou aqui”, vocês fiquem à vontade, tá? Aqui, dezessete minutos...

Exibição do vídeo.

Felipe Cardoso — Então, seria isso. Eu vou ligar o ar ali.

Entrevistada 5 — É, eu ia dizer, agora já pode ligar...

[risos]

Felipe Cardoso — Fiquem à vontade para comentar... As impressões que você tiveram...

Entrevistado 6 — Bom... O que a gente já percebe, logo de cara, é claro que é a... vamos dizer assim, a ausência.... Se fala muito da colonização alemã.

Entrevistada 5 — Até suíça falou ali...

Entrevistado 6 — Suíça, mas parece que só os alemães e os suíços, no caso, construíram a cidade, não existia mais ninguém. É como se Joinville fosse... Não tivesse ninguém aqui, eles vieram pra cá e construíram tudo. Então, dá a impressão que é isso, o tempo todo.

Entrevistada 5 — É e isso é aquilo que a gente aprendeu quando era criança...

Entrevistado 6 — Desde pequeno...

Entrevistado 5 — Quando a gente ia em desfile, quando a gente escuta essas festas que costumam acontecer ali em outubro ou nessas épocas do ano, é sempre assim: Ah, a festa do imigrante, para lembrar....

Entrevistado 6 — A colonização.

Entrevistada 5 — A colonização. É só isso que a gente sempre ouviu falar, é isso que tem nos... A gente tem pra trabalhar nas escolas. E daí hoje em dia, já começou a surgir essa preocupação da presença negra, o negro, o que o negro representa, mas ainda é muito distante assim, é como se fossem duas coisas, dois lados. O que é Joinville da imigração, aquilo que construiu e também a existência dos negros, que precisam ser lembrados. Como assim precisam ser lembrados? Eles não fazem parte? É como se eles estivessem fora. E daí precisa de uma mãozinha assim pra ajudar, para as pessoas lembrarem que: “Olha, também tem os negros...”, sabe? Então, essa é a realidade que a gente vive e nesse... Todo esse documentário, eles passam isso. Não existe a história do negro na cidade, como construtor da cidade também.

Entrevistado 6 — É, até o Dilney, né... Historiador ali.

Entrevistada 5 — É, o Dilney, professor de história.

Entrevistado 6 — Ele fala ali que precisava de uma mão de obra mais qualificada, que trouxesse o conhecimento técnico, isso até na Univali eles falavam, que os alemães vieram pra cá com o conhecimento, principalmente, têxtil, a questão da região ali de Brusque, Blumenau, é muito forte no têxtil, porque não se tinha isso. Então... e o livre. Ele fala isso e depois ele fala: “E livre”. Porque os negros eram escravos, claro, precisava de uma mão de obra livre e que tivesse conhecimento técnico. E assim, vindo um pouquinho para as últimas reportagens é até estranho porque na hora em que apareceu a população negra, apareceu justamente na hora que estava o filho do Arlindo Cruz tocando... Estão ali só comemorando porque pusemos um sambista que é conhecido... é meio estranho isso. Não apareceu lá no começo, apareceu somente ali. Então, dá a entender que a gente surgiu do dia para a noite, não tinha ninguém, os alemães vieram, fizeram o que tinham que fazer e agora tem um pouco de negro que mora aqui na cidade, mas da onde que vieram? É como se não existisse...

Entrevistada 5 — Não fizesse parte. Aí eu também já não sei se é uma questão dos próprios negros terem.... de ter buscado esse espaço na sociedade, se colocando, participando e ficaram muito à margem disso, talvez por vergonha. Ou não sei se, aquela questão assim... Não se sentiam bem porque talvez fossem hostilizados e a gente não sabe o que existe bem nesse sentimento, do negro na sociedade. A gente sabe que é bem forte, no lugar que a gente chega... Às vezes se tu chegar num lugar muito diferente, as pessoas olham assim: “Como é que está entrando aqui? O que veio fazer?”. Como se sempre tivesse uma interrogação: “Quem são esses negros? Da onde vieram? Por que estão aqui?”. Dependendo do lugar aonde a gente vai. Ainda existe, existe bem forte isso, né...

Entrevistado 6 — É, porque os negros, eles não aparecem. A gente já não vê assim...

Entrevistada 5 — É, mas a gente nota muito isso, quando a gente vai num restaurante, alguma coisa assim, daí eu falo para o Entrevistado 6: “Olha, vamos ver quantos negros tem”. Só nós

dois. Entende? Ou nós três, se nosso filho está junto. Então, a gente vê que não existe uma participação ativa na sociedade. Agora está começando mais, as pessoas estão assumindo mais a sua negritude, estão querendo participar mais, mas é uma coisa bem... Eu acho que é pouco ainda, sabe. Na televisão, por exemplo, a gente assiste muito a TV Cultura, outros, mas a TV Cultura... E a TV Cultura tem um programa que passa na sexta feira, que é... Cultura Livre, o nome?

Entrevistado 6 — Cultura Livre.

Entrevistada 5 — Cultura Livre, que é uma apresentadora negra muito legal assim, faz muito bem o programa. E daí eles têm temas, que fala sobre essa questão racial e tal. Mas tá. É um programa ali na sexta, entende? O que eu vejo é que é sempre assim, uma coisa pra lembrar, um programa para dizer que tem, não é uma coisa que está integrada, entende? Não é uma vivência, sabe, junto assim. Então, é isso que eu vejo, que ainda existe...

Entrevistado 6 — E é pra tudo... porque assim, se a gente pegar o governo. Tem que levantar um negro, mas aí levanta um negro como ministro. E: “Ah, levantou um negro...”

Entrevistada 5 — É, mas não tem mais negros para o cargo...

Entrevistado 6 — Era para ter dois, três, quatro, é para ter e pronto. Não é para ter essa coisa assim: “Ah, porque precisa levantar uma mulher”. Não, o negro, ele tem que fazer parte como um todo. Essa questão...

Entrevistada 5 — Aqui eu acho muito difícil isso, porque nos Estados Unidos a gente vê aqueles apresentadores de TV, a Oprah que é a maior apresentadora que tem lá, entrevistas, tudo que ela passou para chegar onde ela chegou, mas ela chegou. Hoje é uma das mulheres mais ricas que tem. Então, são vários assim, ícones assim, que estão ali, que fazem parte, as pessoas fazem parte das coisas. Aqui no Brasil a gente não vê pessoas fazendo parte. Até nas novelas foi tão criticado que hoje em dia eles estão colocando mais, um elenco mais negro e estão procurando isso, assim, mais. Agora que a gente está vendo...

Entrevistado 6 — Mas é muito pouco ainda...

Entrevistada 5 — Ainda é pouco, mas pelo menos está tendo. Como ali nesse último evento ali de aniversário de Joinville que eles trouxeram...

Entrevistado 6 — O Arlindo.

Entrevistada 5 — O Arlindo.

Entrevistada 6 — Filho do Arlindo.

Entrevistada 5 — É, daí já teve um público negro participando, então a coisa está acontecendo, mas está acontecendo lentamente e por conta disso também, já tem aquele pessoal que se levanta contra. Como aconteceu com a Ana quando ela foi eleita a vereadora, que fizeram um monte de xingamentos e queriam... Ameaçá-la de morte até. Então, a gente vê que os negros estão se levantando, estão... Agora começaram a sentir o quê que é ir contra, estar à frente e enfrentar e não ficar se escondendo, eu acho que está começando isso.

Felipe Cardoso — E ali de todos esses programas assim que foi passado ali, o que mais assim vocês acham que chamou a atenção de vocês, que vocês podem destacar assim, cada um de

vocês, o que mais ficou de impressão para vocês, que vocês falam: “Não, isso aqui me pegou diferente das outras programações”, sabe? Tem algum ponto específico?

Entrevistado 6 — Olha, um ponto específico, não. Todos que eu assisti deram essa impressão de falar só da colonização alemã, de ir até a cidade lá e dizer que foram os alemães que vieram. Então, eu acho que ficou uma coisa muito assim, restrita. Todos me deram essa impressão. A gente viu que ali em 2020, acho que o último ali, ficou um pouquinho mais aberto e mais tranquilo, mas todos vieram muito dessa impressão assim da colonização alemã, colonização alemã o tempo todo.

Entrevistada 5 — E aquela questão ali do nome das pessoas nas placas, eu não sabia que existia aquilo ali, de algumas famílias, acho que suíças ali, que eles falaram. Também não sabia que existia aquilo ali, naquele sentido de ter esse...

Felipe Cardoso — Monumento ali?

Entrevistada 5 — Esse momento ali.

Felipe Cardoso — Entendi. E assim, se fossem vocês que tivessem lá na redação do jornal e tal, tivessem que fazer, o que vocês mudariam nessas matérias ali? Vocês mudariam alguma coisa? Sugeririam alguma coisa?

Entrevistado 6 — Quer falar?

Entrevistada 5 — Pode falar primeiro.

Entrevistado 6 — Eu acho, eu penso que eu traria um conteúdo mais diversificado, não é muito bem essa palavra que eu quero usar, mas poxa, teve português, teve negro, teve sei lá... Não teve só os alemães. Então, buscar um pouco mais, pesquisar um pouco mais disso para ver...

Entrevistada 5 — Se tinha colonização indígena? Teve?

Entrevistado 6 — É. Teve índio?

Entrevistada 5 — Onde é que eles estavam?

Entrevistado 6 — Sim.

Entrevistada 5 — Quando chegaram esses alemães, eles estavam aonde? O que eles faziam? Eles existiam aqui? Isso, na verdade, eu nem sei.

Entrevistado 6 — Tinha mão de obra escrava, por exemplo, aqui? Os negros eram escravos? Tinham escravos negros aqui ou não?

Entrevistada 5 — Eram empregados, o que eles eram?

Entrevistado 6 — Então, eu acho que teria que ter um pouco mais disso.

Entrevistada 5 — É, falar dessa diversidade mesmo.

Entrevistado 6 — Diversidade.

Entrevistada 5 — Que não houve. Só houve um ponto...

Entrevistado 6 — Um ponto.

Entrevistada 5 — Que eram os europeus ali, só. E daí se eu estivesse na redação, talvez fosse pesquisar a respeito disso para fazer um programa mais completo, algo mais... Algo que informasse as pessoas da realidade, do que era mesmo e não algo assim... Fica muito algo assim, romântico, eles querem fazer.

Entrevistado 6 — É, mas eu acho que nem existe uma liberdade, talvez, do próprio redator ou para quem está fazendo a matéria..

Entrevistada 5 — É, também acho.

Entrevistado 6 — De fazer isso. Eu acho que tem que enaltecer isso até porque, querendo ou não, ainda os alemães são a alta sociedade de Joinville, então eu acho que...

Entrevistada 5 — É, eu também acho que não se tem liberdade para pesquisar, eu vou escolher o que eu vou escrever... Eu não acho que...

Felipe Cardoso — Então, vocês meio que acham que mesmo que vocês estivessem na redação, ali enquanto jornalistas, enquanto próprios editores do jornal, vocês acreditam que não teriam tanta liberdade se quisessem trazer esse outro lado da história?

Entrevistada 5 — Não, a gente nunca viu.

Entrevistado 6 — Parece que não. Porque a gente fala de uma imprensa livre...

Entrevistada 5 — Ali, tu viu ali o que o... Como é que é o historiador, aquele menino...

Entrevistado 6 — O Dilney?

Entrevistada 5 — O Dilney falou assim: “Inclusive, mão escrava...”.

Entrevistado 6 — É, teve ajuda lusitana, teve a mão dos portugueses e mão de obra escrava dos negros. Mas ele botou só aquele pontinho ali e...

Entrevistada 5 — É, mas o Dilney, ele pesquisa bastante...

Entrevistado 6 — Sim, mas ele colocou. Eu sei, mas eu digo assim, não abre um leque.

Entrevistada 5 — E ainda, sem contar que tinha antigamente aqueles livros do Apolinário Ternes, que falava um monte assim sobre a alta sociedade, o que eles queriam, o que eles vestiam, o que eles gostavam... E acho que existe muito disso aí ainda, sabe, permeando a cabeça...

Felipe Cardoso — Mas daí como que vocês acham que funciona, assim? Porque a gente está numa redação e tal, aí vocês falam nessa falta de liberdade, vocês, ao mesmo tempo, falam assim: “Ah, mas tem muitos alemães ainda, tipo, no poder”. Mas como que vocês enxergam que funciona isso na imprensa, no noticiário? Como que isso influencia?

Entrevistado 6 — Eu acho que assim, vamos pegar um exemplo, assim, tudo é comercial, tudo é comércio, tudo envolve dinheiro. Eu sou, sei lá, eu sou diretor da NSC, RBS na época, e vamos dizer que eu quero fazer uma matéria vinculando toda essa questão aí dos negros, índios, enfim, só que eu tenho um anunciante que é, sei lá, da Altenburg, sei lá da onde que é, que é alemão e que, de repente, não vai gostar muito de eu botar essa matéria, vinculando isso. Eu acho que existe, talvez... Dá impressão, não sei se existe, mas dá uma impressão que os caras, eles ficam meio presos em fazer algumas coisas, porque é sempre a mesma coisa, alemão,

alemão, alemão, alemão, alemão... Aí mostra aquela festa alemã, mostra as danças, mostra o folclore alemão e pronto, fica naquilo ali. Até enjoa, porque todo ano é a mesma coisa. É a mesma coisa. Então, eu acho que talvez não tenha essa liberdade porque eles sempre batem na mesma tecla. Até a própria... Vamos um pouquinho além, os próprios repórteres, todos eles são brancos. Até outro dia, nós estávamos conversando, tem um repórter que era o Cris, que era o único repórter negro que tinha aqui e que não está mais aqui, foi para Florianópolis.

Entrevistada 5 — Aí o Entrevistado 6 disse: “Ah, eu acho que ele foi porque não quiseram mais ele aqui”. Eu disse: “Não, eu acho que ele foi porque ele quis”.

Entrevistado 6 — É, de repente, ele foi convidado, mas é estranho, porque... De vez em quando ele estava ali como âncora do jornal, apresentando no lugar do...

Entrevistada 5 — Do Rafael.

Entrevistado 6 — Do Rafael Custódio. E aí, daqui a pouco, ele foi para Florianópolis, começou a fazer matéria lá em Florianópolis e está lá, então eu acho...

Entrevistado 5 — Implicante. Implicante.

Entrevistado 6 — Ah, eu sou meio cismado... Eu acho que alguém pegou e ligou, fez um telefonema e disse: “Ah, não quero mais esse negro aí aparecendo na televisão”.

Felipe Cardoso — Agora vocês tocaram num ponto interessante sobre a questão do âncora, no próprio Rafael Custódio, porque não sei se vocês perceberam, mas ali em 2011 ele já estava e em 2020, no último ali, 2019 ali, ele ainda estava e ainda hoje, ele continua ainda como âncora, como que vocês veem isso, essa...?

Entrevistada 5 — É igual o Renato Balochi. Tu não é do tempo do Balochi...

Felipe Cardoso — Não.

[risos]

Entrevistado 6 — Renato Balochi ficou mil anos.

Entrevistada 5 — Tua mãe sabe.

Entrevistado 6 — Olha, assim, e o Rafael Custódio, se eu não me engano, ele é coordenador regional daqui. Então, as matérias, querendo ou não, passam todas por ele, que ele é o coordenador regional. Eu acho que não se tem muito espaço... Não se tem...

Entrevistada 5 — Olha, lá quando é de Florianópolis, o jornal, que daí às vezes é gravado aqui, às vezes lá...

Entrevistado 6 — É, sábado é sempre lá.

Entrevistada 5 — Agora o Edsoul já está apresentando lá no lugar da outra, que às vezes não vai, aquela que apresenta sempre.

Entrevistado 6 — Sim.

Entrevistada 5 — Então lá eu já estou vendo que tem o Edsoul, tem... Aí o Cris foi para lá, daí tem mais uma mulher negra também que faz as matérias fora dali, fora do estúdio.

Entrevistado 6 — É, é que Florianópolis é diferente, não tem... Florianópolis é uma colonização lusitana, portuguesa, mas os negros, eu acho... Parece que se posicionam mais, sei lá...

Entrevistada 5 — Sei lá, é muito preconceito.

Entrevistado 6 — Não sei, capital é diferente. Aqui sabe o que eu sinto? Joinville ainda é uma colônia. Joinville é a terceira maior cidade do sul do Brasil, mas a gente é muito interior, interior demais. É muito interior. Eu não vejo uma cidade assim... Ela é uma cidade desenvolvida, industrializada e a terceira maior, mas ela ainda tem mais de cidade do interior, em que as pessoas se espantam em olhar um negro numa posição que, de repente, não é comum para um negro, na visão deles.

Entrevistada 5 — E também, eles não botam fé, assim, na gente... Que a gente é de Joinville. Uma vez eu fui fazer a matrícula do meu filho numa escola de matemática, quando ele era pequeno, e daí ele falou assim: “Mas vocês não são daqui, né?”. Eu falei: “Somos. Morei em Joinville a minha vida toda”. Eles também não acreditam muito assim, que a gente está ali fazendo uma matrícula de um filho, numa escola que é diferente, porque a gente é negro. É... tudo assim, sempre assim, sempre uma surpresa assim: “Ah, vocês são negros daqui?”, sabe? Como se em alguns lugares a gente não pudesse estar.

Entrevistado 6 — “Você sendo negra daqui, sendo de Joinville?” Não, você só pode ser uma negra de fora...

Entrevistada 5 — É, que veio do Rio, que veio de... sabe? Aí essa ideia, tu pode ver, a ideia que dá é que tá: E não nascem negros aqui? Não tem negro joinvilense, então? É porque é sempre essa dúvida das pessoas.

Felipe Cardoso — E como que você acha que a comunicação, por meio do jornal, influencia nisso?

Entrevistada 5 — De um jornal?

Felipe Cardoso — É, porque a gente viu no jornal ali e como que você acha que esse pensamento ainda circula na cabeça das pessoas? Por que as pessoas acham isso?

Entrevistado 6 — Pela própria matéria, pela forma que eles fazem a matéria. O negro é invisível.

Entrevistada 5 — É, ali no caso, dessas que a gente assistiu, sim... E daí também, eu acho que fica muito essa coisa assim, aí eles vão falar do negro, da contribuição de tudo, só quando é época da Consciência Negra? Aí eles fazem a matéria, eles vão nas praças, entende? Não dá para ser assim. Não dá para ser uma coisa de momento, uma coisa separada. A gente tem que estar integrado, tem que ser sempre, sabe. E daí eu acho que é isso também, porque na TV tem muito isso, o momento que eu vou mostrar o negro, não é sempre, gente, sempre. Por quê que não passa hoje uma matéria: “Ah, a gente está filmando aqui o pessoal da capoeira...”, não sei o quê, não tem isso. “A música, hoje vem para cá o pessoal da música que vai fazer um show... As músicas afro e reggae...”. Mas sempre, sempre, dança...

Entrevistado 6 — Sem contar que quando teve agora o dia da Consciência Negra, boa parte das cidades que a gente ligava ali na... Era feriado...

Entrevistada 5 — Mas isso aí deu uma repercussão já.

Entrevistado 6 — Não que tenha que ser feriado, mas olha só como é dividido assim. Aqui é feriado, mas não, aqui não, aqui não tem muito negro, colonização alemã, vamos trabalhar que tem que trabalhar, dá a entender isso. Dá a entender essa coisa assim. E boa parte assim, do país estava...

Entrevistada 5 — E ainda o pessoal que fala assim: “Pra quê um dia para o negro? Ou então tem que ter um dia para o branco”. Não gente, não é assim, não é isso, não é isso. É a questão toda da cultura, de discriminação, mas as pessoas não entendem nada, assim, sabe? Então, é um desgaste, né. Eu mesma na minha idade que eu estou, não dou mais bola pra nada...

[risos]

Felipe Cardoso — É, e isso é muito interessante, que você trouxe, sobre essa questão do momento que vai mostrar o negro. E aí o Entrevistado 6 trouxe essa questão do... quando está o samba ali na matéria...

Entrevistada 5 — É, é legal isso.

Felipe Cardoso — Tipo assim, se preparou tudo, passou um monte de coisa, mas ali no samba... Como que vocês veem isso? Esse momento, sabe? Tipo, está ali o samba, então o negro pode aparecer...

Entrevistado 6 — Sim.

Felipe Cardoso — E de que maneira o negro aparece. Eu queria que vocês falassem um pouco mais que vocês pudessem sobre isso...

Entrevistada 5 — Eu acho que acaba caindo no estereótipo que negro é samba, samba é negro...

Entrevistado 6 — É como se fosse só... O negro, ele está muito ligado ao samba, ao carnaval, ao futebol ou artista, ele não está ligado... ele não tem ligação com coisas, não que não seja intelectual, mas poxa, um negro advogado? Um negro médico? Ele tem que estar só no meio do samba? Não, ele pode estar em qualquer outro lugar. Um negro que é chefe de cozinha... Então assim, o negro sempre está ligado ao esporte, às artes...

Entrevistada 5 — Arte até que vai bem, mas...

Entrevistado 6 — É... Mas... Sim, mas eu digo assim, a arte samba, uma arte muito gueto. O negro sempre está no gueto, ele nunca está.... E aí a gente também sente que o negro quer ficar no gueto, que é naquela questão de a gente, vamos jantar num restaurante, a gente entra, só tem branco e a gente fica olhando para ver se tem algum negro, não tem um negro, onde estão os negros? Os negros estão escondidos, eles não se sentem bem? Eles também não procuraram seu espaço? E aí a gente fala que é diferente, como a Entrevistada 5 colocou, é diferente nos Estados Unidos, onde o negro procura ter o seu espaço, ele vai, batalha e tem e pronto.

Entrevistada 5 — Por isso que matam tanto, né...

Entrevistado 6 — E aqui não. E aqui a gente se vitimiza também, de certa forma...

Entrevistada 5 — E tem vergonha...

Entrevistado 6 — E tem vergonha. É gente encolhida, falando baixo para ninguém nem perceber ele, porque ele não quer ser olhado, enfim...

Felipe Cardoso — E vocês consideram esse comportamento do negro... Porque vocês trazem vários elementos, vocês analisam toda a cultura e, ao mesmo tempo, vocês falam assim: “Não sei se ele se vitimiza...”, e tal. Mas como que vocês enxergam o que gera esse sentimento do negro? Aprofunda mais isso daí que eu achei interessante essa tua fala assim de ficar só nos guetos, de ter esse tipo de sentimento, de comportamento....

Entrevistado 6 — Eu acho que é a falta de... Acho o confronto, né...

Entrevistada 5 — Aceitação.

Entrevistado 6 — De aceitação. De se sentir negro e se sentir bem. E se aceitar, independente do outro não me aceitar, independente do que o outro está pensando de mim. A autoafirmação de: “Eu sou negro e estou aqui, tem espaço para mim e eu faço acontecer, eu faço a diferença”.

Entrevistada 5 — Tem que saber quem é, né...

Entrevistado 6 — Tem que saber quem é.

Felipe Cardoso — E como que vocês acham que chega nisso?

Entrevistada 5 — Ah, isso aí só chega em relação à família, como é criado em casa, a forma como os pais conversam, como os pais... Eu acho que é família, porque assim, da minha família, o meu pai é branco, a minha mãe negra, falecida já, meu pai é vivo ainda, a mãe nunca conversou conosco assim, ela conversava só de algumas coisas que ela passava na infância: “Ah, porque a gente era negro, era assim...”. Mas muito pouco também, menos que a tua mãe, que a tua mãe fala muito disso... A mãe dele fala toda hora: “Que a gente era negro...”, não sei o quê. E, a mãe não conversava muito com a gente sobre essas questões de conflitos, sabe, de questão de etnia, de grupo, disso, daquilo, ela não falava. Daí como ela não ia assim pra essa coisa de samba, esses lugares... Lugares, o Kênia, que tinha em Joinville, ela não ia.

Entrevistado 6 — Só um lugar.

Entrevistada 5 — Eu acho que ela... Não sei, minha mãe era mais assim religiosa, daí ela não frequentou, então ela nunca colocou a gente assim numa conversa sobre isso. E daí depois, eu tinha uma amiga que era branca, que eu andei a minha infância inteirinha com ela e com a família dela, eu não tinha muito contato com outras pessoas negras. Então, depois que eu passei a andar mais com a minha prima que é a Vanessa, e daí a gente saía pra pagode, essas coisas assim, que daí eu comecei a ver como que era mesmo esse mundo das pessoas negras e tal. E daí eu comecei a perceber, até eu achava estranho quando eles diziam assim... Como é que eles diziam? “Ah, quem que foi lá?”, “É um branco lá que apareceu...”. Eu achava muito engraçado isso porque eu nunca tinha escutado isso, assim, sabe? E daí depois eu comecei a escutar, que as pessoas, às vezes, se referiam... Uma pessoa negra se referia à outra, dizendo assim: “Ah, o branco que apareceu lá...”, entende? Então, na minha vida ali com a minha mãe e com o meu pai, nunca teve muito essa conversa, sabe. E eu acho que essa conversa que tem que ser feita, tem que ser desenvolvida em casa. Como a gente fala para o nosso filho, que nós somos negros, é assim, nosso posicionamento tem que ser esse. A gente vai dando bastante conselhos para ele, nesse sentido. E eu acho que é assim que se constrói essa questão assim de você se assumir, de você se aceitar, de você se ver em uma sociedade, saber que você está ali, está fazendo parte

daquilo ali tudo. Que você pode estar em todos os lugares, que você pode, sabendo quem você é.

Entrevistado 6 — Já lá em casa, não. Lá em casa, a mãe falava, só que a mãe falava de uma forma até assim, às vezes, meio complicada porque: “Ah, tem trabalho que é para negro, tem trabalho que não”. E eu não entendia dessa forma. “O negro tem que trabalhar nesse setor, porque se ele trabalhar nesse, ele vai ser perseguido e tal”. E eu acho que na minha adolescência, eu também tinha só amizade com brancos assim. Eu acho que depois, ali na juventude, que eu fui... Pô, sou negrão e tal. E fui passar por alguns momentos até de preconceito, das pessoas ficarem assim... Tu perceber que é porque tu é negro. Um pouco... bem depois, acho que lá com dezesseis, dezessete, dezoito anos, você vai perceber. E aí no mercado de trabalho que eu fui me dar conta assim que as pessoas olhavam: “Tá, mas tu vai fazer isso aqui? Mas tu que sabe fazer isso aqui?”, e não botavam fé assim, pô, um negrão, está aí, será que sabe mesmo e tal? E sempre te botando à prova. E tu tendo sempre que estar provando que tu sabe. Até o momento de tu chegar e eu não digo assim, tu olhar para você como se você não fosse negro, mas tu não está preocupado com isso, tu não está preocupado... Estou aqui, vou fazer e pronto. Se eu sou amarelo ou negro... Se entendendo como negro, mas não colocando na tua mente uma barreira que tu não possa ir naquele lugar ali porque tu é negro. Então, essa é uma coisa que vem da educação, realmente da educação, do meio que você está. Não tem limite para o negro, para o branco, para o índio, não tem. Você pode fazer aquilo que você é capaz de fazer. Não é a cor que vai te impossibilitar de determinadas coisas. Embora a sociedade o tempo todo, queira dizer que não. E eu acho que no tempo da mãe e do pai, que foi feito lá... O Kênia tinha muito essa coisa... Apareceu ali as sociedades. Aquelas sociedades ali de...

Entrevistada 5 — Harmonia Lyra.

Entrevistado 6 — Esportivas. Ginástico de Joinville, não podia entrar negro, negro não participava da sociedade, na época, dessas sociedades, não podia ser atleta dessas sociedades. Então, existia assim muito isso, tanto que jogador de futebol... Não tinha jogador de futebol negro no América, por exemplo, que era um clube mais elitizado. Então, existiam essas coisas. E eu acho que... e aí isso faz com que o negro fique meio que recluso, meio que assim, se sentindo mal, em determinados... Por isso que eu acho que ele fica no gueto por conta disso. E aí pra sair, eu acho que é a educação, é você se posicionar como negro. Tem uma tendência também da questão de você não se parecer tão negro assim, esconder a sua negritude e tal. A mãe falava muito disso: “Deixa o cabelo curtinho, corta o cabelo curtinho. Já é preto, ainda fica andando assim”. As pessoas tem isso. O próprio negro tem isso. E eu acho que não, não tem nada a ver. Eu sou negro e pronto. Então, eu acho que é isso aí.

Felipe Cardoso — Entendi. E então, é mais ou menos, vocês entendem como se fosse a sociedade que gera isso e o negro acaba meio que reproduzindo?

Entrevistado 6 — Acatando isso.

Felipe Cardoso — Acatando isso. E como que vocês consideram a mídia, a imprensa, que a gente está vendo aqui, qual que é a parcela? O que vocês consideram, qual é a influência que a imprensa, por meio da televisão, como a gente a viu aqui, como que ela colabora, assim, na visão de vocês, o que ela perpetua com isso?

Entrevistado 6 — Acho que ela... Quer falar?

Entrevistada 5 — Pode ser. Perpetua essa questão de a gente estar à margem, porque a gente não está lá no documentário, a gente não está... Só em alguns momentos que a gente vai aparecer. Eu acho que eles reforçam essa questão...

Entrevistado 6 — É forte.

Entrevistada 5 — De a gente não estar presente. E que a gente não está presente e a questão mesmo de um apresentador, vamos dizer que no lugar do Rafael Custódio, fosse uma pessoa negra, vamos dizer que ele fosse embora e o Cris começasse a apresentar, tivesse ficado no lugar dele, será que ele conseguiria? Ele ficaria quanto tempo? Então, a gente já... É tudo assim, no geral é tudo. No Jornal Nacional, eu falo assim, o que será que a Glória Maria tinha que ela conseguiu tanto espaço? E ela começou ali, mais novinha, magrinha e foi, e foi, e foi... E personalidade para conseguir estar ali, fazer aquilo ali, mas também era ela, uma. Não tinha abertura para vários repórteres negros. Então, eu acho que é nisso aí, a gente já percebe, você entra na frente da televisão, mídia... Agora que a gente está vendo algumas propagandas com pessoas negras, mas até então não se via.

Entrevistado 6 — Sendo nós, a maioria da população.

Entrevistada 5 — É. E apresentador de jornal, não se tinha ou não se tem. Tinha o Heraldo, mas o Heraldo nem sei se ficou, se não ficou, saiu. Mas assim, é sempre um. É como eu falo pra ti, o que falta é o povo ser um povo, assim, integrado, entende? É branco, preto, é todo mundo. Não ter essa distinção. “Ah, no jornal não passa negro. No jornal não tem negro”. Então, eu acho que essa coisa, isso aí... Essa discriminação que eu acho que reforça a ideia que a gente tem de que os negros vivem à margem.

Felipe Cardoso — E vocês assistiriam novamente essas matérias? E compartilhariam ou indicariam para alguém assistir essas matérias que vocês viram agora?

Entrevistada 5 — No sentido do que? De pedir opinião?

Felipe Cardoso — Não, de tipo assim, não, vocês querem entender... até aquilo que eu tinha perguntando para vocês anteriormente, se alguém chegasse aqui e perguntasse: “Indica um material bom aí para eu conhecer a história de Joinville e tal”. Vocês indicariam, vocês assistiriam novamente esses materiais?

Entrevistado 6 — Olha...

Entrevistada 5 — Eu acho que não.

Entrevistado 6 — No sentido de indicar e ...

Entrevistado 5 — Sabe, eu acho que preferia conversar, assim, falar pra pessoa que aqui foi uma cidade durante muito tempo, considerada a cidade das bicicletas, das flores, mas hoje em dia não tem nem flor, nem bicicleta. E que também é uma cidade colonizada por alemães, eles colocam muito isso, mas não foi só alemão que veio pra cá. E que é uma cidade, no sentido, eles colocam uma cidade de trabalho, mesmo porque aqui, eles não... Existe área cultural, mas não é tão desenvolvida como deveria ser. E que aqui tem o Bolshoi se arrastando e que não ia ficar, ia embora. Não tem muita coisa boa para falar.

Felipe Cardoso — Entendi. Esse ponto me chamou atenção porque você fez os comentários ali durante o início do primeiro programa, quem estava vindo e por que... No início do primeiro

programa, eles falam diversos títulos da cidade. E você foi percebendo algumas coisas que... Como que vocês veem isso? Esse reforço dessa imagem da cidade... Cidade dos Príncipes, Cidade das Flores, Cidade da Bicicleta, Cidade do JEC, da Dança. Então, são vários títulos aí que a cidade tem e como que vocês, principalmente, a questão do trabalho, se fala muito dessa questão do trabalho. Como que vocês veem isso? E como, de alguma forma, isso influencia também na vida da população negra e da população em geral da cidade, de como funciona a cidade?

Entrevistada 5 — Isso aí foram títulos que eles colocaram, assim, porque em determinado momento o pessoal realmente ia trabalhar com bicicleta, era a maioria que trabalhava de bicicleta. Das flores por causa da Festa das Flores, então as pessoas cultivavam muito orquídeas. Os alemães têm muito esse hábito de ter rosa, orquídea.

Entrevistado 6 — Já deveria ser festa das orquídeas, porque só...

Entrevistada 5 — É, só tem orquídea... E eles têm esse hábito, porque eu já morei na rua de alemão, eles falavam alemão e tal, eles tinham essas plantas lá. E eu acho que eles, não sei, criaram essa ideia, porque Joinville era uma cidade industrial, então assim, eles criaram essa ideia da bicicleta porque a maioria ali eram os operários que iam de bicicleta, deram esse título das flores porque se cultivava flor. *Manchester*, também tinha, né.

Entrevistado 6 — *Manchester Catarinense*, por conta da...

Entrevistada 5 — Das indústrias.

Entrevistado 6 — *Manchester* na Inglaterra que é uma cidade industrializada e tal. Mais das indústrias, mas *Manchester Catarinense*.

Entrevistada 5 — É que isso a gente estudou desde criança, sabe. Isso assim, na memória da gente criança. Só que hoje em dia, não vale mais, entende? Hoje em dia já não tem mais um significado. Para a população, não teria mais. A gente porque escutou e ficou aqui na cabeça, isso que eu escutava no rádio, na televisão, tudo quanto é lugar. E bem pequena já até adulta. Mas para as pessoas que estão hoje, vivenciando essa questão de Joinville, acho que não é mais válido, sabe?

Entrevistado 6 — É, até porque a cidade precisa... É um rótulo que colocaram, é um rótulo legal, vamos colocar rótulo, e acho que é uma identificação que se tem com a cidade, mas falando de bicicleta, nem ciclovias tem praticamente para as pessoas andar. Antigamente, até poderia ser, porque tu andava de bicicleta no meio da rua e ia tranquilo, tinha dois, três carros na cidade. Agora não é mais assim, né? Então, até para andar de bicicleta, as pessoas têm dificuldade. Flores...

Entrevistada 5 — Só na Festa das Flores.

Entrevistado 6 — Só na Festa das Flores tem flor. Se fosse uma cidade das flores mesmo, teria um centro todo florido, teria essa coisa muito forte da flor. É diferente lá de...

Entrevistado 5 — E também, como eu disse pra ti, é tudo muito romântico. “Ah, a Cidade das Bicicletas, Cidade das Flores...”.

Entrevistado 6 — Príncipe, dos Príncipes.

Entrevistado 5 — “Cidade dos Príncipes...”. Eles querem romantizar. É mais fácil romantizar do que...

Entrevistado 6 — Perfumaria, né...

Entrevistado 5 — Do que falar da verdade. O que é a realidade hoje em Joinville? Hoje não é mais Cidade das Bicicletas, não é mais... Cidade dos Príncipes, nunca foi. E das Flores, é uma vez por ano. É Cidade da Dança, uma escola de dança que representa aí o Bolshoi e tal, e por causa disso, a cidade fica até um pouco conhecida, porque muita gente quer entrar nessa escola, mas assim, não é aquilo tudo, assim, da dança. Se a gente for lá para o *shopping* hoje, a gente não vai ter nenhuma apresentação de dança lá. Se eu for procurar, não sei se eu encontro alguma. Então, são questões muito assim, romantizadas. Coisas assim que eles colocaram num ponto assim de romantismo para quem mora aqui.

Felipe Cardoso — E para vocês, quais seriam os rótulos de Joinville hoje?

Entrevistada 5 — O Entrevistado 6, Meu Deus do céu, ele só fala mal...

Entrevistado 6 — Não é que eu só falo mal, mas eu... Assim, eu vejo Joinville muito como uma cidade do interior, é muito difícil assim, as pessoas sintam... Parecem que vivem numa bolha. Não é uma cidade aberta, não é uma cidade pra frente, é uma cidade muito truncada, eu acho que é... Essa colonização alemã traz muito esse negócio truncado, o comércio é difícil.

Entrevistada 5 — Não vai pra frente o comércio.

Entrevistado 6 — Não vai pra frente. As pessoas, às vezes até... Agora está melhorando um pouquinho, mas até atendimento, o alemão: “O que tu quer? O que tu quer? O que era pra ti?”. Aquela coisa do alemão te atender assim com raiva, parece que não quer te atender. E aí todo mundo acaba pegando esse jeito assim. Então, eu não vejo muito... Hoje, está mudando um pouco de coisa, nessa questão, até porque tem muita gente de fora, mas eu ainda vejo como uma cidade muito... Para a maior cidade do estado, está muito além, está muito fora da...

Entrevistada 5 — Muito aquém.

Entrevistado 6 — Aquém. É diferente, por exemplo, de Jaraguá. Jaraguá é uma cidade muito menor, mas nesse olhar assim, ela é um pouco diferente, é mais feia que Joinville. Esses tempos a gente foi pra lá, mas eu acho, são cidades menores e que acho que estão se modernizando um pouco mais nessas questões. Joinville é tudo muito difícil. Eu trabalho com franquia, vou te falar, eu trabalho com franquia, expansão de franquia, algumas são até aqui dentro da cidade e outras de fora, mas a gente não recebe investidor. Investidor que vem tudo de São Paulo, vem de Recife, de Goiânia, Manaus, Rio Grande do Sul vem muito, Paraná. De Santa Catarina, muito pouco, muito pouco. De Joinville, quase nada. O cara de Joinville que quer investir, botar alguma coisa aqui, se ele monta, ele está fadado a não dar certo. É estranho a cidade nesse quesito. Aí tem aquela coisa, não, “porque o joinvilense gosta de trabalhar”, é uma cultura voltada...

Entrevistada 5 — A gente se incomodou um monte com empregado...

Entrevistado 6 — É uma cultura voltada para a indústria também. Só que economicamente para o município, a área de serviço: bar, restaurante, toda a área de serviço, ela arrecada mais do que a própria indústria. Tanto que se a gente pegar, eu estou indo longe do tema, mas se a gente pegar Balneário Camboriú que é uma cidade turística, ela tem um modo de vida muito

mais elevado do que Joinville, que tem muito mais indústrias, mas por que? Porque a indústria deixa pouco pro município. E aí aparece que não há um interesse. Parece que há uma força, uma mão invisível que faz com que a cidade permaneça assim, está entendendo? Não faz essa coisa... Claro, porque se não, as pessoas acabam saindo das indústrias e a indústria precisa de mão de obra, e indo para outras áreas. Eu não sei se é isso, eu não sei o que acontece. Porque até um tempo atrás, essas indústrias todas estavam na mão de famílias aqui da cidade. Algumas outras foram compradas, a Embraco agora tem um grupo japonês que assumiu, mas era uma empresa que foi fundada pelo Wittich Freitag, que foi nosso prefeito. Ou para Multibrás, essas empresas eram todas de alemães daqui da cidade. Então, não se via muito essa coisa de... O pai falava que não tinha muita coisa de lazer porque os alemães não queriam que o pessoal se divertisse muito porque tinha que trabalhar, se não, eles não iam trabalhar, sei lá, uma coisa popular assim que ele falava. Mas eu acho que é muito truncado a cidade, falta muito para ela se desenvolver assim realmente como uma cidade de ponta, que tem... Teatro, até um tempo atrás, nós não tínhamos teatro. O Teatro Juarez Machado foi feito há pouco tempo. Tinha uma Expoville e...

Felipe Cardoso — E o que você, como é que vocês tiveram essa visão? Assim, porque você faz alguns comparativos dessa cidade truncada, dessa cidade interiorana, você observa isso com o quê? Com base no que? Daí assim, particularmente, a visão de vocês, o que deu esse start para vocês verem a cidade assim?

Entrevistado 6 — Quer falar? Fala um pouquinho...

Entrevistada 5 — Mas eu, porque eu já fui para outras cidades, só por isso...

Entrevistado 6 — Tu já foi para outras cidades, mas eu tenho muito contato com investidor, então trabalho muito com investidor. Nunca morei em outra cidade, mas já fui para outras cidades e eu vejo assim que a modernidade demora pra chegar aqui em Joinville. Sempre foi assim, quando eu era pequeno, eu lembro assim, se lançava uma música, estava rolando lá em São Paulo, Rio de Janeiro, sei lá onde, muito tempo depois que vinha pra cá, tudo demorava pra chegar aqui. Agora não, por causa da Internet, as coisas são mais rápidas, mas não é isso, é o jeito joinvilense de ser, o jeito catarinense de fazer as coisas. O jeito joinvilense de ser em si, não é só a questão de você ter a informação, mas o jeito de Joinville ver as coisas assim. Parece até que eles são ingênuos em algumas coisas, assim. Não percebem... Eles vivem realmente assim numa bolha, eu vejo isso. E qual é a comparação que eu faço, é com outras cidades, falando com pessoas de fora. Semana passada, eu falei com uma pessoa que é do Brasil, mas mora na Alemanha, numa cidade da Alemanha, que não é uma cidade tão grande, que é a Colônia, mas é uma cidade de um milhão e meio de habitantes, é uma cidade superdesenvolvida e tal. E ele quer levar uma loja de açaí pra lá, açaí que é brasileiro, quer levar pra lá porque o pessoal gosta de açaí. Então, e aí é até errado a gente falar: “Mas isso é muito da cultura alemã”. Mas Alemanha em si, lá Alemanha, lá é desenvolvida. Tanto que eu vi numa reportagem numa dessas revistas locais, acho que era aquela Premier que tinha aqui, de um alemão da Alemanha, que veio pra cá e falou que ele se espantou quando falaram para ele que a cidade foi colonizada por alemães, que tinham uma essência alemã. E o cara falou assim: “Não, essa cidade não tem nada a ver com a Alemanha”.

Entrevistada 5 — Meu Deus.

Entrevistado 6 — Ele falou... Eu não tenho mais essa reportagem, ele falou: “Essa cidade não tem nada a ver com a Alemanha”. São muito parados no tempo.

Entrevistada 5 — É porque eu acho assim, que o que está na cabeça dessas pessoas aí que são descendentes é que eles têm que manter essa identidade alemã, essa cultura alemã, isso aí tem que passar de gerações em gerações. E eles ficam sempre, acho que cercados por isso. Principalmente quando vem essa época de festas, aí já se veste com aquela roupa, já é a comida típica, eles querem fazer com que isso se perpetue de alguma forma. Aí eles vão claro... O meio de comunicação é uma forma. Eles fizeram toda uma matéria falando disso. Falando das roupas, dos desfiles, de como se vestiam, de como era, o que não era. É uma coisa que eles não querem que, sabe, que mude. Já houve uma Joinville nesse formato em que as pessoas falavam muito da colonização, só que agora está diferente, vieram outras gerações. E agora mudou muito, já não é assim.

Entrevistado 6 — É, por que eles não falam de uma Joinville multicultural?

Entrevistada 5 — Agora é multicultural...

Entrevistado 6 — Joinville agora é... Começou com essa colonização alemã, mas agora tem pessoas de várias...

Entrevistada 5 — Várias pessoas que vieram de fora.

Entrevistado 6 — De várias regiões do país. É uma diversidade cultural. Eu sei lá porque eles não enfatizam isso. Não é só o alemão...

Entrevistada 5 — Não, eles continuam batendo na mesma tecla. Se for pra fazer uma matéria dessas daí que tu mostrou, eles vão fazer uma bem parecida. Ano que vem...

Entrevistado 6 — Tanto que todas as matérias eram parecidas aí...

Entrevistada 5 — Vê agora no próximo nove de março, vai ser a mesma coisa. Daí vai ser aquele pessoal da roupinha, musiquinha, aquela gaita... Eu não sei quanto tempo essa lavagem cerebral vai ficar porque a gente já passou por isso, já está aqui... Quem perguntar pra gente, a gente já diz, lá é uma roupa assim, é um sapatinho assim, a música é desse jeito, por que? Mas isso aí foi colocado na cabeça da gente. E agora nas novas gerações também já está se incu... encut.. Como que é?

Felipe Cardoso — Incutindo.

Entrevistada 5 — Incutindo isso. E não tem. Parece que perpetua, está se perpetuando todo o tempo, se multiplicando.

Felipe Cardoso — E você que é dessa área, pedagoga e tal, atualmente como é que é na sala de aula para essas crianças? O que é passado, você sente alguma mudança? Ou...?

Entrevistada 5 — A mudança que houve foi que tem que ser trabalhado a questão afro, né... Tem que ser conversado quem são os afrodescendentes... Até agora, são as professoras que trabalham com História que selecionam esses conteúdos para os alunos, mas é isso aí. É estudando a história do negro no Brasil, a contribuição, a cultura, o que trouxeram, é isso daí. É como eu disse pra ti, é como se fosse uma matéria para estudar. Eu acho que não é uma matéria, é...

Entrevistado 6 — Não, né...

Entrevistada 5 — É a história, é a história.

Entrevistado 6 — A história faz parte ali, né.

Entrevistada 5 — A história é assim.

Entrevistado 6 — Não é um conteúdo só.

Entrevistada 5 — Não é um conteúdo.

Felipe Cardoso — E não é, aquilo que vocês falaram de ser um negócio nichado ou algo separado, dentro de uma caixinha...

Entrevistada 5 — É.. Não.

Felipe Cardoso — Mas algo na totalidade.

Entrevistada 5 — Na totalidade.

Felipe Cardoso — Mas mesmo assim, você enxerga que teve um avanço...

Entrevistada 5 — É, se não tivesse isso aí, ninguém nem fala nada, ia continuar com aquela história bem elementar, que quase não se falava...

Entrevistado 6 — Até porque as pessoas têm dificuldade em falar. “O negro...”.

Entrevistada 5 — E agora meio que obrigaram, eu acho, que eu saí da escola, mas o que eu vi, é que parece que eles obrigaram a fazer o dia ali da Consciência, tem que ser feito mural e apresentar trabalho e tem que ter nas escolas. Meio que colocaram como uma...

Entrevistado 6 — Uma regra.

Entrevistada 5 — Obrigação assim, é. Que é uma coisa que eu já não acho legal.

Entrevistado 6 — É, mas é estranho, né, porque se a gente pensar bem, um tempo atrás...

Entrevistada 5 — Aí (inint.) [01:39:32], se faz, é estranho porque parece que é uma obrigação. Se não faz, fica sem nada?

Entrevistado 6 — Fica sem nada.

Entrevistada 5 — Vê que coisa mais difícil de...

Entrevistado 6 — É que nem no Dia do Índio. Ah, o Dia do Índio...

Entrevistada 5 — É, porque... Na verdade, tu tem que entender que os professores que estão ali também são racistas, também não aceitam aquela data, não aceitam o negro. E daí tem que trabalhar. É uma coisa bem complicada. Aí quem que eles vão enaltecer mais? A colonização, os imigrantes, quem veio de fora. Tem toda uma questão difícil de... que isso aí é a cabeça das pessoas, então...

Felipe Cardoso — Sim. E agora, partindo para uma coisa mais subjetiva e interna de vocês mesmos assim. Sem nenhum julgamento assim, a realidade de vocês mesmos, como vocês se sentiram assistindo esses programas? Qual que é o sentimento de vocês ao se deparar com essa imagem? Interno, o que vocês sentiram?

Entrevistada 5 — O meu é só nostalgia.

Felipe Cardoso — Nostalgia?

Entrevistada 5 — Nostalgia. Aquela coisa que você viu a vida toda, mas que não tem sentido nenhum para você. No caso, pra mim. E que é uma coisa que, como eu falei pra ti, é uma coisa que foi decorada porque, eu assisti várias vezes, então não me traz nenhum sentimento de alegria, só de nostalgia e de, sabe, assim... “De novo isso?”. Ou até aquele que é mais antigo que eu não conhecia, poxa, mas eles falavam naquela época a mesma coisa que falam no hoje?

Entrevistado 6 — É, para mim é um sentimento de não pertencimento assim. Está longe da minha realidade, está longe daquilo que eu vejo.

Felipe Cardoso — E se fosse pra escrever sobre Joinville... Eu vou escrever agora a minha pesquisa, por exemplo, o que vocês diriam?

Entrevistada 5 — Eu ia dizer, coitado de ti...

[risos]

Felipe Cardoso — O que vocês indicariam que fosse escrito sobre Joinville, assim?

Entrevistado 6 — Bom, eu acho que assim, teria que, claro, fazendo uma pesquisa e colocar o que realmente aconteceu. Sim, os alemães chegaram. Chegaram. Mas já tinham pessoas aqui.

Entrevistada 5 — Ser “Joinville, a história não contada”. Não tem esses títulos assim?

Entrevistado 6 — A história não contada. As pessoas que já estavam aqui, os índios que já estavam aqui, os negros...

Entrevistada 5 — Ou então assim: “O romance que não existiu”.

Entrevistado 6 — Isso. As dificuldades assim, porque até foi assim, a mocinha ali que era neta da Vogelsanger, falou assim: “Porque ela é uma pessoa que batalhou muito, passou fome e passou dificuldade”, só que não foi só ela que passou dificuldade. Ela foi homenageada, beleza, mas não foi só ela que passou dificuldade. As próprias pessoas que já estavam aqui passavam dificuldade. Tinha muito malária na época...

Entrevistada 5 — Tinha...

Entrevistado 6 — Tinha muita coisa, as pessoas morriam... “Porque as pessoas viajavam em condições subumanas...”.

Entrevistada 5 — É, pensei nos negros naquela hora...

Entrevistado 6 — Eu ouvi, fiquei pensando, pô, os negros eles eram...

Entrevistada 5 — Os negros eram tudo acorrentados dentro do navio.

Entrevistado 6 — Dentro do navio. Eram jogados, né...

Entrevistada 5 — Se ficasse muito peso, eles eram jogados...

Entrevistado 6 — Eram jogados pra fora, então assim, tá, ainda tinha uma cama, pra comer, tinha um pratinho ali com garfo e tudo. Então, não sei, eu acho muito fora, sabe.

Entrevistada 5 — A história deles, né. A história que eles contam pra eles. Não para todos ou não pra gente.

Felipe Cardoso — Sim. Bom, gente, a gente está chegando ao final mesmo dessa pesquisa e eu gostaria de saber se vocês queriam fazer mais alguma consideração, mais algum comentário, dividir alguma experiência...

[risos]

Entrevistada 5 — Eu não sei...

Felipe Cardoso — Eu já vou então desligando aqui...

Entrevistado 6 — Eu acho que o comentário que eu posso fazer é que, a gente claro, criticou, falou, falou, falou, falou, mas o que pode mudar isso? Que a Entrevistada 5 botou muito bem, é a educação, é informação, mas acima de tudo, é o negro se posicionar e além de se posicionar, estar em posições realmente estratégicas, porque não adianta de nada ele se posicionar, se ele não tem... Acho que esse poder, essa voz que fale por ele. Acho que através de políticas públicas. Hoje a gente tem uma vereadora negra que é a Ana Lúcia...

Entrevistada 5 — É, isso que eu ia dizer. Tinha que ter representatividade na política, né...

Entrevistado 6 — Na política.

Entrevistado 5 — Porque aí a Vanessa, a Ana Lúcia, são só, é tão pouco.

Entrevistado 6 — Pouco, né.

Entrevistado 5 — Por que a gente não tem pessoas aí... Mais ministros, mais vereadores, mais... É sempre assim, um, que até parece... Por que isso?

Entrevistado 6 — Eu acho que falta ele estar se posicionando e sem nenhum vitimismo. Eu tenho um certo receio com essa questão de sistema de cota para negro e tal. “Ah, mas é porque o negro, ele vai precisar”. Eu não gosto muito disso. Apesar da dificuldade toda que o negro tem, mas ele vai ter que se esforçar mais realmente para estar chegando em cargos que ele possa fazer a diferença e tendo posição e se destacando na sociedade. Não dá pra ficar à margem o tempo todo. “Ah, mas foi a situação que causou...”, não, tem que se levantar, o negro tem que se levantar e se assumir como negro, porque embora a gente fale tudo isso, tem muito negro que não se assume como negro também. Então, tem tudo isso. Eu acho que é um caminho longo.

Entrevistada 5 — É um caminho longo mesmo.

Entrevistado 6 — Uns cem anos aí...

Entrevistada 5 — Do jeito que a coisa vai...

Entrevistado 6 — É um caminho bem longo, né... E para as cidades menores como Joinville, às vezes num grande centro a coisa não seja tão diferente... Apesar de que a gente sabe que uma cidade como São Paulo, a maioria dos pobres são negros, tem toda essa questão toda, mas a gente não pode se apegar a isso. A gente tem que realmente batalhar e fazer a diferença na sociedade, tomar uma posição.

Felipe Cardoso — Show de bola. Mais alguma coisa? Então, se quiserem salgadinho, uma água, fiquem à vontade pessoal, foi tudo feito assim para vocês. Queria agradecer imensamente mesmo, foi muito bom o bate papo. Parar aqui a gravação.

[01:46:10]

ANEXO IV - Transcrição do Grupo de Discussão 3

Joinville, 30 de janeiro de 2024.

PARTICIPANTES

Felipe Cardoso – pesquisador/mediador

Entrevistada 7

Entrevistada 8

TEMPO DE GRAVAÇÃO

1h 39min 14s

TÍTULO

Grupo de Discussão 3

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint.) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(NI) → identidade da voz incerta.

(INÍCIO)

[00:00:00]

Felipe Cardoso — Deu esse reczinho aqui, eu comecei a gravar, tá? E aí, vamos fazer... Como a Entrevistada 7 chegou primeiro, daí ela vai ser a Entrevistada 7 e você vai ser a Entrevistada 8.

Entrevistada 8 — Ok.

Felipe Cardoso — Não precisa ser obrigatoriamente, toda hora vocês precisarem falar assim: “Entrevistada 7”. Mas se vocês... lembrarem, “Entrevistada 7 falando”. Só porque depois na hora de transcrever a entrevista, fica mais fácil. “Entrevistada 8”, ou Entrevistada 8 ou Entrevistada 7, só para diferenciar na hora da resposta. Então, Entrevistada 7, diga para nós o seu nome completo, a sua data de nascimento, escolaridade, o que faz da vida, se é natural de Joinville ou não e que bairro você mora e uma qualidade sua. E isso daí, eu falei tudo assim, mas você vai falando e depois eu vou te lembrando daí, qualquer coisa...

Entrevistada 7 — Tá bom. Meu nome é Entrevistada 7. Eu tenho trinta e sete anos, sou assistente social, trabalho no presídio. Sou escritora também. E não sou natural de Joinville. Mas eu me habituei à Joinville porque é parecido com o clima da praia. Eu residi muito tempo em Matinhos e parece que em praia as pessoas são mais tranquilas.

Felipe Cardoso — Entendi. E você está morando em qual bairro aqui?

Entrevistada 7 — Eu moro no Floresta.

Felipe Cardoso — No Floresta. E aí uma qualidade sua...?

Entrevistada 7 — Eu... Sou prestativa e eu gosto de contribuir com as pessoas.

Felipe Cardoso — Massa. E não sei se você falou, mas a sua data de nascimento?

Entrevistada 7 — 23/04/1986.

Felipe Cardoso — De 86. Beleza. Maravilha. Entrevistada 8?

Entrevistada 8 — O meu nome é Entrevistada 8. Data de nascimento: 10/01/1957. Tenho sessenta e sete anos, acabei de fazer, linda e maravilhosa.

Felipe Cardoso — Parabéns!

Entrevistada 7 — Que legal!

Entrevistada 8 — Sou aposentada. Sou natural de Curitiba, mas moro em Joinville desde seis meses, então sou joinvilense. Eu moro no Guanabara. E o que eu gosto, né? É isso? Eu gosto de ajudar o próximo.

Felipe Cardoso — E o que você faz da vida?

Entrevistada 8 — Hoje eu sou aposentada e não faço mais nada, só viajo.

[Risos]

Entrevistada 8 — Eu adoro viajar.

Felipe Cardoso — Maravilha. A sua escolaridade?

Entrevistada 8 — Ah, tá. Eu tenho a faculdade.

Felipe Cardoso — Formada em?

Entrevistada 8 — Eu sou formada em Pedagogia.

Felipe Cardoso — Pedagogia. E uma qualidade?

Entrevistada 8 — A qualidade é que eu sou, igual a Entrevistada 7, eu gosto de ajudar as pessoas.

Felipe Cardoso — Massa, bacana.

Entrevistada 8 — Aí eu estou aqui hoje.

Entrevistada 7 — Ah e minha área de trabalho é Segurança Pública.

Felipe Cardoso — Segurança Pública.

Entrevistada 7 — Isso.

Felipe Cardoso — Show. Aí nessa segunda rodada de perguntas é mais uma relação de vocês com a cidade. Eu gostaria de saber primeiro da Entrevistada 7, o que você recomenda ou recomendaria para quem vem para Joinville, onde você leva, levaria ou já levou seus amigos ou conhecidos para conhecer a cidade? E o que você costuma falar sobre Joinville para as pessoas que não são daqui?

Entrevistada 7 — Então, eu gosto de passear. E gosto de comer também. Aí eu falo que os únicos pontos em Joinville são o mirante e o Vigorelli, também, para comer peixe. E a cuca. E só.

Felipe Cardoso — E quando te perguntam, assim, “Ah, como é que está lá em Joinville? Como é que é lá em Joinville? Como é que é morar lá?”, o quê vem assim? O que você fala? O que você costuma falar?

Entrevistada 7 — O que... Comparando com Paraná, Santa Catarina aqui, Joinville, você ainda anda de ônibus sentado, não tem um espaço de tempo tão grande e o caminho também é mais curto. É uma cidade mais curta do que Curitiba. Joinville ainda mora com Joinville, Joinville não mora com outras cidades.

Felipe Cardoso — Entendi. Entrevistada 8? Quer que eu repita?

Entrevistada 8 — Isso.

Felipe Cardoso — Então, o que você recomenda ou recomendaria para quem vem para Joinville? Onde você levaria, leva ou já levou seus amigos ou conhecidos para conhecer Joinville? E o que você costuma falar sobre Joinville para as pessoas que não são daqui?

Entrevistada 8 — Já levei no museu, no mirante, na Expoville. E o Espinheiros, que eu acho lá, a entrada da Porta do Mar, eu acho bem legal e hoje está bem bacana lá para as pessoas que não são da cidade, conhecer. E o que eu falaria de Joinville? Eu ainda acho uma cidade tranquila, apesar de ter algumas violências, mas comparando com outras capitais, com outros lugares, com outras cidades, aqui ainda dá... Que nem ela falou, ainda você anda de ônibus, você senta, tu consegue andar a pé, caminhar a pé qualquer hora do dia e da noite, dependendo do lugar. Então, eu acho que é uma lugar bom de se morar, sim. Ainda as pessoas se conhecem, um vizinho conhece o outro. Você sai, o teu vizinho já quer saber se tu vai demorar, que ele vai ficar olhando a tua casa. Então, eu acho que Joinville ainda é qualidade de vida.

Felipe Cardoso — Entendi. Maravilha. Agora eu vou passar para vocês alguns dos programas que totalizando vai dar assim, quarenta e três minutos de exibição, mas eu não vou apresentar o programa totalmente. O programa é do Jornal do Almoço, eu selecionei ali algumas matérias

dos anos de 2011 até 2020 ali, mais ou menos e aí eu vou picotando um pouco eles para vocês analisarem. Então, todo dia nove de março, são programas do dia nove de março, que é o aniversário da cidade, e a minha pesquisa, como vocês sabem, é para encontrar a representação da população negra nesses espaços. Então, eu só vou virar aqui para vocês.

Exibição do vídeo.

Felipe Cardoso — Daí agora eu só vou dar um salto nesse mesmo programa, tá? Eu vou passar uma outra matéria mais para frente. É nos trinta e seis minutos aqui.

Exibição do vídeo.

Exibição do vídeo.

Entrevistada 8 — Aí já é aberto para o povo, na época, não era.

Felipe Cardoso — Aí agora. Esse programa aqui é de 2011. Agora eu vou apresentar dois programas de 2019 para vocês. Um do dia onze e outro do dia doze, que é um documentário que eles fizeram chamado “A Barca Colon”. Então, é como se fosse esse que eu apresentei para vocês, só que esse documentário, ele foi dividido em várias dias, ele foi apresentado num sábado, aí eles dividiram durante a semana depois para o pessoal que não conseguiu assistir no sábado, daí eles dividiram durante a semana. Então, eu vou passar dois episódios desse documentário para vocês. Só deixa eu encontrar aqui...

Exibição do vídeo.

Entrevistada 7 — Olha a cuca...

Entrevistada 8 — E é bom essa cuca mesmo.

Felipe Cardoso — E agora, a gente pula... No caso, para amanhã, que eles falam aí no vídeo.

Exibição do vídeo.

Entrevistada 8 — E esse é?

Felipe Cardoso — O outro dia. Segundo episódio.

Exibição do vídeo.

Felipe Cardoso — Agora vamos para 2020. Essas foram as duas que eu selecionei de 2019, que era da... Aí agora, eu separei dois trechos curtos de 2020. Número 54.

Exibição do vídeo.

Entrevistada 8 — Onde que é a Praça dos Suíços?

Felipe Cardoso — Ali na frente da Antártica. Da antiga Antártica.

Exibição do vídeo.

Felipe Cardoso — E aí agora, o último trecho de 2020 é aqui... Dezessete minutos.

Exibição do vídeo.

Felipe Cardoso — Seriam esses os programas. E aí eu gostaria de saber de vocês, o que vocês acharam, todas essas informações...

Entrevistada 7 — Eu sou a 7. O que chamou atenção, assim, é tudo muito impressionante, tudo muito bonito, o sofrimento da população alemã, tudo eles procuram realçar sempre o lado positivo. Aí a polaridade, a população negra parece que é passada de forma bem ligeira, bem devagar assim.

Entrevistada 8 — Não passou...

Entrevistada 7 — (inint.) [00:50:18]

Entrevistada 8 — No começo, eles falaram da colonização...

Entrevistada 7 — Isso.

Entrevistada 8 — Meu Deus, eu me meti já na conversa da guria.

Felipe Cardoso — Não, não, mas é...

Entrevistada 8 — Eles falaram que veio os alemães e os negros. Eles falaram no início. Mas no decorrer, eles não falaram mais.

Entrevistada 7 — Aí teve um momento que foi pontuado que os negros e os índios ensinaram eles, fizeram as trocas, ensinaram eles...

Entrevistada 8 — Sim, eles só falaram em relação à alimentação, que daí a família lá aprendeu a trocar. Não foi essa parte que tu fala?

Entrevistada 7 — Sim. Aham.

Entrevistada 8 — E depois eles falaram do pagode.

Entrevistada 7 — Sim.

Entrevistada 8 — Eles não falaram da cultura negra, o que os negros fizeram, que teve alguns negros que se destacaram na cidade, só que eles nunca falam.

Entrevistada 7 — E a gente fica chateado também quando passa o Museu de Imigração, parece que são só os outros que existem.

Entrevistada 8 — É. O Nego Bahia. Eu acho que tu já ouviu falar. Ele era um negro, que ele vendia loteria para os ricos, mas ele era um cara conhecido, respeitado. E ninguém fala nele. Ele já morreu, mas entendeu? E ele foi uma figura ilustre em Joinville e hoje ninguém fala nele, mas falam do Luiz Henrique, mas falam do pai do Raulino Rosskamp, por que não falar dos negros?

Entrevistada 7 — E também é uma tentativa desenfreada de associar a população germânica com as indústrias...

Entrevistada 8 — Exatamente. E nem para dizer que os negros só trabalhavam nas empresas, nem isso eles falam.

Entrevistada 7 — Chegou uma hora no desfile, nos primeiros desfiles ali, que estavam fazendo como se fosse a fábrica. Aí eu vi uma lá, encolhidinha, trabalhando na fábrica, assim. Mas não estava em posição de destaque não.

Entrevistada 8 — Sim, mas é o que eu digo. Eles não falam que os negros... Antigamente, a Tupy, a força da Tupy no passado eram os negros. Tanto que quando teve enchente em Tubarão, que o pessoal migrou para Joinville, onde é que eles foram trabalhar? Na Fundação Tupy. Teve uns que se sobressaíram, estudaram, viraram mestre dentro da empresa, que antigamente era mestre, hoje já é chefe, é líder... Mas teve outros que não mudou. Ele entrou lá naquela caldeira que eles falavam, que os negros eles colocavam na caldeira, porque era um lugar mais quente, então... Entendeu? Eles usavam os negros para eles se darem bem, mas eles não favoreciam os negros, que eu acho, no meu ponto de vista, que até hoje ainda é assim. O Cristiano que estava aí de repórter, já caiu do céu, mas já não está mais.

Entrevistada 7 — Mas foi promovido para Florianópolis, né...

Entrevistada 8 — Pois é, mas espera aí, tudo bem, mas por que não promoveram ele aqui?

Felipe Cardoso — Eu antecipo uma pergunta que eu costumo fazer no final e com essa sua provocação do repórter Cristiano. Vocês repararam, eu passei de 2011 e eu passei de 2020, vocês sentiram alguma diferença no âncora? No apresentador do jornal?

Entrevistada 8 — Não.

Entrevistada 7 — Não.

Entrevistada 8 — Eu não notei nada.

Entrevistada 7 — Um era mais gordinho e o outro era mais magrinho, não sei.

Entrevistada 8 — É... Mas não tinha nenhum negro, não tinha nada.

Entrevistada 7 — Eu tenho a impressão assim, por mais científico que seja, que depois que veio a Maria Júlia, que as pessoas chamam de Maju, que abriu as portas para a população negra.

Entrevistada 8 — Não, quando tinha aquela menina, a Glória Maria, já abriu... Quando a Glória Maria começou em destaque, abriu, mas não aqui. Abriu no Rio, São Paulo, Curitiba, tinha uma neguinha. Não lembro os nomes assim, mas tinha. Mas não era muito. Mas hoje na Globo tem mais, tem a Maju, daí tem um agora que está...

Entrevistada 7 — Todas as emissoras agora tem que ter um representante.

Entrevistada 8 — É, é. Agora toda... Sempre tem um, mas poderia ter mais.

Entrevistada 7 — Sim.

Entrevistada 8 — Por que eles não contratam? Por que... “Ah, ele foi promovido”, mas por que ele não foi promovido aqui? Por que ele tem que ir para Florianópolis para ser promovido? Lá em Florianópolis já tem um negro, o Edson, entendeu? Eu ainda acho que eles não aceitaram o Cristiano aqui, deram um tempo, deram um tempo, daí surgiu uma promoção e ele foi para Florianópolis.

Felipe Cardoso — Negro, homossexual?

Entrevistada 8 — Exatamente, eu ia falar isso.

Entrevistada 7 — Tem toda...

Entrevistada 8 — Ele tinha tudo que eles não gostam.

Entrevistada 7 — E em Criciúma tem o David também.

Entrevistada 8 — Então, eu acho que eles fizeram isso, eles tiraram ele do foco, até porque as pessoas gostavam dele.

Entrevistada 7 — Ele tem todo um perfil diferenciado de fazer o bordão....

Entrevistada 8 — Exatamente. E daí, tipo assim, mas isso eu acho que é os empresários, os mandantes da cidade. É eles que ficam manipulando por trás... Porque tu pode ver, o Jornal do Almoço, gente, não muda. Aqui em Joinville, não muda. Aquela Elisângela, não, é Eli... alguma coisa. Meu, essa guria, é há anos.

Felipe Cardoso — Elisandra.

Entrevistada 8 — Anos, ela é lá do Guanabara. Anos. Não é possível que não tenha outra pessoa. Não é possível, não é possível. Tu tem curso. O pessoal se forma em Jornalismo em Joinville. Cadê esse povo? Para onde que eles vão? Que aqui ninguém abre. E, por outro lado, eu também vejo que o negro por si só, às vezes, ele também não luta para ele chegar a pegar um lugarzinho no sol, sabe? Ele não quer enfrentar, não quer bater de frente, daí ele se acomoda, ele aceita qualquer coisa. E não pode.

Entrevistada 7 — Mas também é tanto tempo de violência desde criança, que eu nem tinha notado...

Entrevistada 8 — Mas só que assim, olha, eu como negra, eu digo para ti, eu sei que os negros no passado, mas nós hoje, nos dias de hoje, nós não podemos viver o passado, nós temos que viver o presente, nós temos que mostrar que se alguém dos nossos sofreram, nós não vamos sofrer. A gente não é obrigado a sofrer.

Felipe Cardoso — Mas daí eu posso fazer uma pergunta?

Entrevistada 8 — Pode.

Felipe Cardoso — Se você diz que os empresários têm dedo nisso, até que ponto uma pessoa que resolve, sabe, lutar tanto assim, se mostrar tanto assim, consegue um certo tipo de espaço?

Entrevistada 8 — Ela não consegue porque ela não luta. Ela não se dá o luxo de lutar porque ela é sozinha, sabe? Ela não tem apoio. Porque daí.... “Ah, não, mas fulana, fulano, é o único... deixa quieto”, tu entendeu? Ele não acha um grupo que diz: “Não, realmente, vamos lá, vai ficar, tu tem que ficar, você precisa ficar”.

Entrevistada 7 — E a televisão, o que é? É um comércio. Eu lembro quando eu fiz o técnico em Hotelaria, a gente tinha marketing, tinha outras coisas assim, e eles só pensavam em dinheiro, só faturamento, só dinheiro.

Entrevistada 8 — Mas eles pensam também, porque se a televisão aqui não fizer o que o empresário quer... Quem é que mantém eles? É as empresas.

Entrevistada 7 — É o patrocínio.

Entrevistada 8 — O patrocínio. Então, se ele não fizer o que o patrocinador está pedindo, ele vai perder aquele patrocínio. E daí qual é a vantagem para ele? Ele me mandar embora, me mudar para outro lugar e ficar com o patrocínio. Ele também está visando o dinheiro, ele não está vendo a capacidade do rapaz, o trabalho dele. Eu até acho que o Cristiano veio, assim, tipo:

“Ah, vai lá para Joinville porque lá é uma cidade alemã, não vai dar certo, ele não vai aguentar a pressão”. Só que eles erraram, porque ele se deu bem. Aí a única forma de mudar ele foi falando que estavam promovendo ele.

Entrevistada 7 — Mas o interessante é que ele foi para a capital do estado, ele não foi para o interior.

Entrevistada 8 — Mas a capital.... Para nós de Joinville, é a capital. Joinville é mais que capital, tá? Para mim.

Felipe Cardoso — E querendo ou não, a capital tem essa questão mais... açorianos e negros. Já tem mais esse vínculo, eu acho que é mais por aí que eu agora, a Entrevistada 8 falando, eu estou tentando pescar.

Entrevistada 8 — É, porque lá em Florianópolis já tem o Edson, então os empresários já estão acostumados e lá tem muito negro, lá tem negro que trabalha na Secretaria não sei do quê, lá tem um negro que ele trabalha lá no aeroporto, porque lá é uma cidade que tem muito negro. Então, o negro lá, ele tem um pouco mais de destaque do que Joinville, entendeu? Então, mesmo que alguém venha reclamar porque ele é homossexual, mas é a minoria, perto de Joinville. Joinville é muito branco, muito alemão. E daí as pessoas, “Ah, não existe racismo”, racismo existe e sempre vai existir, vai depender da gente de como vai entender esse racismo. “Ah, mas ele gosta tanto de mim, aí ele não é racista”, é claro que é, ele não é, mas a mãe dele é, o pai dele é, às vezes ele....

Entrevistada 7 — “Nem parece que é uma assistente social”.

Entrevistada 8 — “Meu Deus, assistente social, olha só...”, é dessa forma que eles enxergam a gente. Eu viajo muito e eu já escutei muito assim: “Meu Deus, da onde tanto dinheiro?”. Banco eu não estou roubando, não faço caixa eletrônico, nunca fiz. Por que o branco viaja e ninguém pergunta da onde que ele arrumou dinheiro? Por que o negro tem que dizer da onde tem dinheiro?

Entrevistada 7 — E tem dia que a gente balança mais e às vezes até quer se esconder um pouco.

Entrevistada 8 — Por isso que eu digo, nós negros, a gente não se junta, a gente não se une para ajudar o outro. Eu acho que se a gente se unisse mais, fizesse mais coisas juntos, a coisa ia para a frente. Mas não vai, porque todo mundo desiste. Ninguém quer ficar batendo de frente. “Ah, não”. É mais fácil.

Felipe Cardoso — Sobre a questão ali dos programas. Assim, o que mais que vocês diriam assim, para vocês, cada uma assim, o que mais que vocês sentiram, que mais chamou a atenção, que vocês falaram assim: “Meu, isso aqui foi impressionante para mim”. O quê que vocês destacariam?

Entrevistada 8 — Olha, eu sou bem sincera pra ti, eu não vi muita coisa diferente assim, nada me impressionou, porque a família do Roskamp, normal. Ele tinha até apelido de mãozinha, porque ele ficava cumprimentando todo mundo a vida toda. Existem outras famílias que também vieram na época e que tem familiar, por que que aquela Vogelsanger só lá no Cemitério lá, entendeu? Por que não fizeram lá a reportagem da família dela? Ainda é o poder aquisitivo. Cara, o poder aquisitivo em Joinville, ele fala muito alto.

Felipe Cardoso — Então, meio que você está dizendo que por mais que é uma exaltação europeia, mas mesmo dentro dessa questão europeia, ainda existe uma hierarquia...

Entrevistada 8 — Ainda existe uma hierarquia, ainda existe, entre eles mesmos. Agora tu imagina entre nós. Se entre eles, já tem essa diferença, imagina eles com a gente. Por quê que quando a gente a gente fala assistente social: “Assistente social?”, porque no passado, o negro era diarista, era babá, negro não fazia outra coisa. Aí negro virou professor. Tanto que tu pode olhar, a classe do professor, o que tem de negro, porque as outras profissões não abriam, não tinha abertura para o negro. E por outro lado, eu também acho que o negro se acomoda e não vai estudar. Já disseram para mim: “Ah, mas tu tem que entender, que nem todo mundo tem dinheiro”, ninguém tem dinheiro, mas tem que lutar se tu quer. Ou foi fácil pra ti fazer faculdade?

Entrevistada 7 — Não.

Entrevistada 8 — Mas tu não fez?

Entrevistada 7 — Fiz.

Entrevistada 8 — Foi difícil. Não é verdade?

Entrevistada 7 — É, eu tive uma referência em casa.

Entrevistada 8 — Sim, mas não foi fácil.

Entrevistada 7 — Não foi fácil.

Entrevistada 8 — Não foi fácil. As mensalidades, os valores são altos. Mas alguém tem que lutar por alguma coisa. Tu vai na faculdade, tu entra nas salas, cara, tem quarenta brancos, para tu achar um negro no meio, demora. E não é que ele não tem capacidade, ele é capaz de estudar, sim, mas ele também é acomodado. Ele se contenta com pouco. Ele não quer ganhar mais, parece que ele não quer uma coisa melhor. E fica naquelas mesmices e daí arruma um amigo, o amigo também não incentiva e daí ele fica... sabe?

Entrevistada 7 — Daí já tem a retaliação...

Entrevistada 8 — É, os negros tem que pensar que realmente houve racismo, teve lá os escravos, mas que hoje a gente é escravo se a gente quer. “Ah, mas é difícil”, muito. Tu vai escutar piadinha. “O que esse negro quer aqui?”.

Entrevistada 7 — A gente não sabe o que é assédio moral, o que é racismo...

Entrevistada 8 — Né, daí tu já se entrega, tu já desiste logo na primeira besteira que tu escuta. Não, tem que ir, tem que ir, mas é difícil. Assim como também tem branco que não vai para aula, que não quer estudar, também tem o negro, mas o negro, eu acho que é uma classe que mais se acomoda em relação ao estudo. Eu acho que os negros, eles não procuram melhorar, eles se acomodam.

Felipe Cardoso — Mas tu não acha que é pelo fato dessas violências do passado, também por essa falta de apoio? Como é que você vai ser uma voz, como é que você vai levantar sua voz, como você deu um exemplo ali, numa sala de quarenta alunos, você dificilmente encontra um negro, quando tem, como que ele vai levantar essa voz, com que base de apoio ele vai ter essa voz?

Entrevistada 8 — Ele tem que ser ele, pensar, seja o que Deus quiser, e ele falar, mas ele também não fala, e daí ele fica omissos.

Entrevistada 7 — É que tem pessoas que nascem já com uma liderança, de dentro pra fora...

Entrevistada 8 — E tem outros que não. Não são todos. Eu também estudei e também foi difícil, também não falava, também se acomodava. Mas eu acho que com o passar do tempo, as coisas tem que mudar, porque já mudou bastante. Hoje tem médico negro, padre negro, não tinha, gente, era difícil.

Entrevistada 7 — E já a parte que eu mais gostei foi os dois minutos que passou o show do...

Felipe Cardoso — Arlindinho?

Entrevistada 7 — Arlindinho.

Entrevistada 8 — Tu viu quanto branco tinha lá?

Entrevistada 7 — Ah, sim. Só de ver assim a afetividade, o pessoal expressando amor, o Arlindinho também dizendo: “Me senti em casa”. Essa relação me deu um sentimento de potência assim, de grandeza...

Entrevistada 8 — É, e quando veio a Karinah K também. Foi ano passado isso, eu acho...

Felipe Cardoso — Foi.

Entrevistada 8 — Foi, né? Meu, foi muito bom, cara. De graça, sabe, assim? E todos tinham acesso, porque também as coisas acontecem, mas nem todo mundo tem acesso. Começa pela cultura. A Casa da Cultura, a Casa da Cultura é lá no centro, tu acha que o cara que mora lá no Itinga, como ele vai levar o filho dele na Casa da Cultura? Ele não tem condições. Traz a Casa da Cultura para o bairro ou leva lá, põe lá numa associação um professor dando aula de música, porque é difícil para o cara que tem quatro filhos e paga aluguel, ganha lá dois salários mínimos, no máximo, como é que ele vai levar o filho duas vezes por semana ou uma vez por semana na Casa da Cultura?

Felipe Cardoso — Mas aí você não acha que é a mesma questão das faculdades? Porque se a gente para pra pensar nas faculdades, a maioria ou está no centro, uma grande minoria, ou as maiores estão na zona norte.

Entrevistada 8 — Mas acontece que a faculdade, o adulto, o cara já é maior, ele já tem condições de ele ir sozinho, de ele pegar um ônibus, dois, três ônibus e chegar na faculdade. Agora a criança é mais difícil, ela não vai sozinha, ela depende do pai. E, às vezes, esse pai trabalha o dia inteiro, a mãe trabalha o dia inteiro, como é que ele vai? E o adulto, não. É difícil, claro que é difícil, porque ele, às vezes, acorda quatro horas da manhã para ir trabalhar, daí ele quer dormir cedo porque no outro dia ele acorda cedo. Mas se ele pensar que dali três, quatro anos, ele não vai precisar mais acordar quatro horas da manhã, ele vai fazer um esforço, ele vai.

Felipe Cardoso — Entendi. Vocês sentiram falta de alguma coisa nesse cenário todo, nessas apresentações todas?

Entrevistada 8 — É, eu senti que não tinha nada de negro. Um exemplo, nos desfiles, sempre tem escolas de samba, que tem negro e tem branco e não tinha nenhuma.

Entrevistada 7 — E momento (nenhum) [01:09:16] também, eles só verbalmente abordaram os indígenas e a população negra.

Entrevistada 8 — É, só, só falou no início e deu.

Felipe Cardoso — Não mostrou, né...

Entrevistada 8 — E cadê esse povo? Tu põe lá na rua, tu encontra, tu vê as pessoas, tu vê indígena na calçada.

Felipe Cardoso — Falam de uma contribuição, mas não mostram essa contribuição, não atualizam qual é essa contribuição, fica lá para trás, fica só como se foi um auxílio para as famílias europeias... E se vocês fossem os editores dos jornais, as editoras dos jornais, o que vocês proporiam de mudança, o que vocês mudariam, o que vocês iriam alterar? Vocês com a caneta na mão lá: “Vamos fazer uma matéria sobre a cidade de Joinville, o aniversário da cidade de Joinville...”, como que vocês pensariam?

Entrevistada 8 — O tempo que ele pegou lá o (inint.) [01:10:13] que veio de uma família lá da Alemanha. Pega um negro, da onde vem aquele negro? Tem negro que veio de outro lugar. E tem negro bem velho de outro lugar também. Por que eles nunca fazem uma entrevista? Tu quer a minha maior revolta, é o dia da Consciência Negra, que eles levam aqueles brancos para ganhar aquelas medalhas na Câmara. Eu tenho vontade de chegar lá e quebrar tudo. Cara... O dia da Consciência Negra, ele pega o branco para dar...

Felipe Cardoso — Medalha.

Entrevistada 8 — A medalha. Isso aí é um desaforo para os negros. É um desaforo. É dizer que nem nessa hora o negro é valorizado. Pode ser que eu esteja falando besteira, mas para mim eu acho o fim da picada. Como? A medalha Alpaídes. Alpaídes era uma negra que lutou uma vida inteira, aí ele pega os brancos para dar.

Entrevistada 7 — Mesmo a... Como eles chegaram aqui, eles já ganharam a terra. Então, eu acredito que até mesmo quem cuidou dessas crianças, os empregados...

Entrevistada 8 — Tu entendeu porque? Tu entendeu qual é a minha revolta? Por quê que só o branco agora?

Entrevistada 7 — Casamento interracial deve ter existido.

Entrevistada 8 — Claro! Mas não, não fazem nada disso. Não faz. Eles pegam e vão lá e homenageiam branco.

Felipe Cardoso — E vocês com a caneta na mão, então vocês mandariam contar essas histórias?

Entrevistada 8 — Claro.

Entrevistada 7 — É multilateral, não unilateral.

Entrevistada 8 — Sim. Eu acho que tem muita história de negro. Olha, eu não conheço assim uma montoeira, mas tem muitos, têm o Nego Bahia, a família do Agapito, que eu já escutei muitas vezes, eles falam nesse Agapito, Agapito... Eu não lembro do Agapito, nem sei quem é, mas ele deve ter sido uma pessoa muito conhecida na cidade para que todo mundo fale. E por que que não? E por que que eles só falam dos brancos? Eu quero ver, esse ano é o primeiro ano

do feriado da Consciência Negra. Eu quero ver o que eles vão fazer, o que eles vão fazer nesse dia 20 de novembro, eu quero ver.

Entrevistada 7 — E eu como assistente social também, eu vejo um perigo também dessa parte de endeusar tanto essa colonização, porque tem um índice muito grande de alcoolismo, Blumenau, a Stammtisch, a criança já vem com a garrafinha de chopp, sabe. E lá tem medidas drásticas assim, você tem que andar escondido... Você não pode andar com a cerveja na mão durante a semana, porque é muito grande o índice de alcoolismo.

Entrevistada 8 — É, mas agora o negro...

Entrevistada 7 — Por mais que seja assim um bom na economia deles...

Entrevistada 8 — É, mas vai negro andar na rua assim pra tu ver, vai lá e faz...

Felipe Cardoso — A diferença entre carnaval e *Oktoberfest*?

Entrevistada 8 — Meu Deus.

Entrevistada 7 — Onde a mulher não é valorizada.

Entrevistada 8 — É gritante, é gritante.

Felipe Cardoso — E vocês assistiriam essa matéria novamente? Vocês indicariam? Por exemplo, no começo eu perguntei para vocês, o que vocês falam quando perguntam de Joinville. Se vocês tivessem posse sobre esse material ou algum desses materiais que eu apresentei para vocês, “Vocês querem conhecer Joinville, assista essas matérias aqui”. Vocês indicariam para alguém, compartilhariam com alguém, teriam vontade de assistir novamente?

Entrevistada 8 — Com algumas pessoas até daria... Algumas coisas até daria para falar e mostrar para as pessoas. Aquelas festas de aniversário, lá o tal do Arlindo, o filho do Arlindo...

Entrevistada 7 — Sim.

Entrevistada 8 — Isso ali é uma coisa boa. Quer dizer que o povo também tem alguma diversão, que ele também ganha... Joinville também oferece coisa boa. Mas eu... Outras coisas, eu acho, não sei se eu... Porque, na verdade, as pessoas já sabem a história de Joinville. A maioria das pessoas já sabem, por quê? Porque todo ano, eles não mudam muito.

Entrevistada 7 — Têm até o Barco Príncipe.

Entrevistada 8 — Né e tem coisas assim, agora que tem lá no Espinheiros a Rota do Mar, aí tem o barco que faz o... Então, é legal tu levar as pessoas lá e as pessoas saberem que estão do lado de cá e que do lado de lá, é São Francisco e tal. Têm, Joinville tem muita coisa boa, só que, às vezes, as pessoas não têm acesso.

Entrevistada 7 — E a gente também não tem acesso, falta a gente pesquisar mais.

Entrevistada 8 — Sim, porque a gente... Mas é o que eu digo, todos nós, a gente se acomoda.

Felipe Cardoso — Mas vocês não acham, assim, agora pensando no jornal e pensando na fala de vocês, nesse acomodar, você diz que o jornal repete, vocês não acham também que... A gente trabalha oito horas por dia e tal, aí você vê o jornal, você não acha que também é uma indução para essa acomodação?

Entrevistada 8 — É, até porque assim, o jornal hoje, hoje, nos dias de hoje, é assim... Eu acordo muito cedo, então eu assisto o jornal da manhã, o assunto está ali. Chega meio-dia, é o mesmo assunto. Às sete da noite, é o mesmo assunto. O que vai mudar é o jornal da meia noite, porque é do mundo e não é o local. Mas aquele que é o mundo, que eu assisti meia noite, no outro dia vou assistir a mesma coisa, vou ouvir a mesma coisa. Eu acho que falta assunto. Aquelas quatro pessoas que morreram lá em Balneário dentro do carro, tu vê, hoje já é dia dezesseis, eles ainda falam nos jornais. Ah, mas foi uma coisa que repercutiu. Sim, mas já deu, já foi. Não aconteceu mais nada? Não tem mais nada acontecendo? Ah, eu tenho certeza que tem.

Entrevistada 7 — E ele está sempre... quer repassar para aquele sensacionalismo, coisas negativas...

Entrevistada 8 — Exatamente. E daí fica aquilo, que mexeram no carro, que vazou gás, que daí o povo morreu, sabe?

Entrevistada 7 — As coisas boas que a escola faz, que a creche faz...

Entrevistada 8 — Não tem outra coisa? Não tem uma colônia de férias rolando por aí? Para que os pais saibam que podem levar os filhos...

Felipe Cardoso — Então, a acomodação vem própria do jornalismo? O jornalismo está acomodado e acomoda a população, mais ou menos isso?

Entrevistada 8 — Ele acomoda. E é tipo um cala a boca. Tu vê, o filho do Jorginho foi nomeado por ele e tal, tal, tal, tal, tal, tal, tal, daí aquele rolo todo, todo, todo. Ah, não, daí agora ele desistiu. A gritaria foi tão grande que ele desistiu. Mas não, ele desistiu porque ele não quis, ele não quis. Um santo ele. Não era nem para dizer que ele estava sendo nomeado. Isso não era nem para ter acontecido, mas aconteceu.

Felipe Cardoso — Então, além da acomodação, é uma falta de criticidade do jornalismo em...

Entrevistada 8 — Meu, eu acho que o nosso jornalismo, ele está muito fraco. Ele não tem matéria, ele não tem assunto. Eles ficam semanas falando a mesma coisa. Não é possível. Cara, a passagem de ônibus, eu acho que subiu em Joinville, ninguém fala. Isso não passou no jornal, mas todo ano sobe.

Felipe Cardoso — Subiu mesmo.

Entrevistada 8 — E tu ouviu? Eu não ouvi. Por que eles não falam? Aí as pessoas se acomodam, porque daí a pessoa vai lá, ela paga igual, ela vai, porque aí ela precisa. E eles não falam e ninguém faz nada e eles vão fazendo sempre assim. Eles ficam omitindo as coisas, daí no apagar das luzes, as coisas acontecem. Porque eu sei que a passagem sobe todo ano, mas ninguém falou nada, de subiu lá não sei aonde.

Entrevistada 7 — Pra não ter perigo de ter uma manifestação.

Entrevistada 8 — Manifestação. Então, a acomodação não é só nossa, é do jornalismo, é... sabe?

Felipe Cardoso — Então, assim, tentando juntar o que vocês falaram, o que vocês trouxeram, porque daí vocês falaram dos empresários e dos patrocinadores que bancam esse jornal. E daí

esse jornal com interesse de não perder os patrocinadores, ele se molda de acordo com aquilo que o empresário quer e a partir disso, eles formulam como que vai ser e o que vai ser passado.

Entrevistada 7 — A ficção, a *Matrix*.

Felipe Cardoso — Então, é como se fosse uma construção de uma cidade imaginada e não uma cidade real, seria isso?

Entrevistada 8 — É, é mais ou menos isso, porque eles falam uma coisa e fazem de outra forma.

Felipe Cardoso — Então, desde a história...

Entrevistada 8 — Tudo.

Felipe Cardoso — de Joinville até agora...

Entrevistada 8 — Até agora...

Felipe Cardoso — É uma eterna construção de uma imaginação para a população não se rebelar, não se revoltar...

Entrevistada 8 — Exatamente.

Felipe Cardoso — E continuar acomodada, fazendo as mesmas coisas, seguindo o mesmo ritmo, as mesmas rotinas.

Entrevistada 8 — Exatamente.

Felipe Cardoso — Para não desvendar qualquer outro mistério ou qualquer outra notícia que possa vir a gerar algum problema.

Entrevistada 8 — Eu penso dessa forma.

Felipe Cardoso — Porque como a Entrevistada 7 falou, é como se fosse um produto, algo para gerar, para vender algo para alguém...

Entrevistada 7 — Sim. Santa Catarina é muito forte: “Ah, é referência nisso, tem selo de qualidade em não sei o quê, é a primeira nisso”. É muito marketing, assim, eu vejo.

Felipe Cardoso — O PIB, né? Ali falava, o PIB, a arrecadação, a terceira maior economia, são os motes, a cidade do guarda-chuva, a cidade da bicicleta, a cidade das flores, a cidade da dança, então são vários títulos.

Entrevistada 8 — E as outras coisas ruins que acontecem na cidade, eles põem um paninho por cima, fica tudo lindo. Mas a cidade não é só das flores, não é só da bicicleta, não é só da dança. Também tem problema, tem qualidade, mas também não tem qualidade, tem um monte de coisas. Mas a outra parte, eles (inint). [01:21:07].

Entrevistada 7 — Sim.

Entrevistada 8 — Também, aqui tudo é maravilhoso. Quando o museu fecha domingo, ninguém fala.

[risos]

Entrevistada 8 — Ah, fechou porque precisava de uma reforma, eles sempre dão um jeito. Sempre tem um jeitinho.

Felipe Cardoso — Nunca fica do lado negativo, é sempre uma forma de...

Entrevistada 8 — Meu Deus, a rua das Palmeiras, uma época, porque era muito vandalismo, porque tinha os casarões, porque os donos os casarões (não se cuidava) [01:21:40], aí começaram a reformar os casarões, aí não tinha luz na rua, aí agora que está funcionando, que tem banquinho, que está tudo bonitinho lá. Agora eu quero ver até quando que vai tudo isso também. A impressão que eu tenho, é que eles começam alguma coisa, eles não conseguem sustentar aquilo.

Entrevistada 7 — E tem a questão também de ser ano eleitoral, que vai entrar...

Entrevistada 8 — É, agora está ficando tudo legal, a rua das Palmeiras está show. Eles fazem (inint.) [01:22:14], tem feira, está lindinha a rua das Palmeiras. Eu quero ver até quando.

Felipe Cardoso — Porque assim, no começo vocês falaram de alguns locais assim, mas não se vê tanto uma variedade assim, não se vê um parque, não se vê uma praça, não se vê essa variedade...

Entrevistada 8 — Não, eu até vejo, eu até vejo, assim, bastante parques. O que eu vejo é... o parque está lá bonito, lindo, maravilhoso, mas tu vai lá, tu não acha um banheiro nesse parque, entendeu? Ele falta alguma coisa.

Felipe Cardoso — Ou um banco ou uma árvore.

Entrevistada 8 — Aí ele não é habitado, ele não é ocupado, a pessoa não vai, porque ela vai uma vez e ela vê a necessidade das coisas e ela não volta.

Felipe Cardoso — Então, é tudo feito para se afastar...

Entrevistada 8 — É, é tudo fake, como ela falou, entendeu? Eles fazem, daí é tudo lindo, belo e maravilhoso, mas quando tu vai lá, tu começa a frequentar, tu vê que está faltando coisa. E esse ano que é um ano político de novo, vai aparecer um monte de coisa assim...

Entrevistada 7 — Inclusive, eles colocaram um monte de parquinho de (barco) [01:23:30]...

Entrevistada 8 — Ah, está cheio a cidade...

Entrevistada 7 — O símbolo do...

Entrevistada 8 — Tá, tá maravilhoso. Só que tu vai lá com uma criança que, às vezes, quer ir no banheiro, não tem banheiro, tá? Eu moro perto do Parque da Cidade. E lá tem uma torneira que o pessoal quebra e se for lá, alguém quiser tomar água, não tem como tomar água, não tem um banheiro.

Felipe Cardoso — Se não mora perto...

Entrevistada 7 — E ainda que tem parque, que tem bairros que não tem nem isso.

Entrevistada 8 — Aí do lado da ponte também, tem uma praça lá que reformaram, está bonitinha para as crianças, mas cadê o banheiro? Ou eles acham que a criança não mijá, só brinca? Não é verdade? Tem que ter.

Felipe Cardoso — Ou nesse calor intenso, um banco, uma árvore para sentar embaixo...

Entrevistada 8 — Tem que ter, tem que ter, tem que ter. Não é só fazer o parque. E tem um monte de parque espalhado por aí. Ontem eu fui lá no João Costa, eu passei numa rua lá, tinha uma igreja e logo em seguida, já tinha um parque. Tem um parquinho lá para as crianças. Tá, mas... Mas e o parque? Aí do lado do parque tem um bar. Será que o cara do bar deixa todo mundo usar o banheiro dele?

Entrevistada 7 — Não, só se consumir. E quem não pode consumir?

Entrevistada 8 — Aonde que vai? É difícil, mas voltando a falar dos negros, eu ainda acho que nós negros, nós temos que tomar uma posição. A gente tem que fazer alguma coisa, devagarzinho, ir fazendo e se metendo, ir entrando e indo. Mas o pior é que a pessoa não pode sozinha. Gente, Joinville tem tanto negro, é tão difícil que para eleger uma vereadora foi o pau da goiaba. É mentira? Meu, os negros que tem, dava para eleger dois ou mais. O negro não vota no negro, cara, não adianta. O negro, ele não ajuda o outro, assim sabe, é muito eu, eu, eu, eu, eu, eu... Não pode. Tu sabe, tu estava pedindo... Tu conhece quantos negros... Não é só nós duas que tu conhece, é verdade?

Entrevistada 7 — Era para ter briga para vir aqui...

Entrevistada 8 — Não é verdade? Não é só nós duas. E cadê o resto? Cadê?

Felipe Cardoso — E agora eu vou um pouco mais fundo. Qual que é a sensação de vocês, o sentimento de vocês ao se depararem com essa matéria? Ao assistirem essa matéria, essas matérias todas, qual foi o sentimento assim de vocês, o que passava na cabeça de vocês?

Entrevistada 8 — É o abandono, cadê nós? Cadê eu? Cadê meu povo?

Entrevistada 7 — Eu acho que na primeira vez que eu assisti, eu acreditei em tudo, tudo. Depois que a gente vai problematizando e conhecendo outros discursos, que daí... Mas quem não pode problematizar isso?

Felipe Cardoso — É, porque aqui eu compilei e passei para vocês. Agora vocês imaginam vocês na rotina de vocês, na correria do dia a dia, e isso passando na televisão, os netos, os filhos, assistindo e daqui a pouco eles indo para a escola, sabe? Então, tipo, como que funciona essa dinâmica, sabe...

Entrevistada 8 — Eu acho que nem funciona porque falta a oportunidade, falta o tempo, falta o interesse e é um conjunto. “Ah, eu tenho outra coisa para me preocupar, eu não vou me preocupar com isso agora. Ah, para mim está bom”.

Entrevistada 7 — Aqui é a cidade dos alemães...

Entrevistada 8 — É...

Felipe Cardoso — E é tão reforçado, tão reforçado que se torna um senso comum...

Entrevistada 7 — Sim.

Entrevistada 8 — E as pessoas não mudam daí, entendeu. É o que eu disse desde o início, daí elas não querem bater de frente, daí então elas quase que se acomodam realmente.

Entrevistada 7 — Aí como a senhora disse que, às vezes, fica acomodado, do acomodado fica pra vítima e diz que a vítima não cocria a realidade.

Entrevistada 8 — É, e daí fica naquilo, sabe. Fica naquilo, pronto, deu.

Felipe Cardoso — E assim, na visão de vocês, o que teria que ser feito para além dessa questão da luta e tal, da organização assim, o que vocês entendem para contrapor esse discurso, o que precisa ser feito? Assim, de maneira mais atuante, mais ativa, como reagir a esse discurso que é passado na imprensa, que a gente vê?

Entrevistada 8 — Eu acho que os negros têm que se unir. A união dos negros para mim é....

Entrevistada 7 — E também é uma coisa assim de dentro pra fora, porque parece uma coisa muito básica, mas a autoestima, estar sempre se posicionando... “Não, porque eu realmente sou a assistente social”. Para poder viver no coletivo, se não tiver forte o suficiente, que é a saúde mental.

Entrevistada 8 — É.

Felipe Cardoso — E assim, para encerrar, se fosse a Entrevistada 7 sugerir, o que você sugeriria para eles escreverem sobre Joinville, a partir de hoje?

Entrevistada 7 — Eu ia ver as duas partes. As duas políticas públicas que tiveram. A política para os europeus e as condições que foram para a população negra e população indígena.

Entrevistada 8 — Exatamente. Eu concordo com ela, seria isso. Porque está esquecido, está lá na caixinha...

Entrevistada 7 — É uma política de privilégios...

Entrevistada 8 — É, e está lá na caixinha...

[...]

Felipe Cardoso — E daí vai todo um processo, né, Entrevistada 8, porque às vezes pode ser isso também, esse fato da acomodação, porque tipo, naturaliza, se torna como regra, e às vezes, tu acaba se sentindo pertencente daquilo que tu não faz parte.

Entrevistada 8 — Sim, mas daí ele pensa só nele, ele fica muito individualista, entendeu? Tipo, o meu pirão está aqui, o teu, dane-se, vai à luta.

Felipe Cardoso — Mas vocês não acham que é isso mesmo que a mensagem do jornal passa?

Entrevistada 8 — Mas claro que é!

Felipe Cardoso — Porque, tipo assim, é a maior cidade, é a maior não sei o que lá, maior PIB, maior arrecadação. Tá e as outras cidades em volta?

Entrevistada 8 — Mas o que eu estou falando? Que eles falam... É isso, é isso, mas é só isso? E cadê o resto? E cadê o resto? Vê se ele fala o porquê a Tupy cresceu, porque a antiga Wetzel cresceu, porque a Tigre cresceu, quem trabalhava, quem fazia... A Docol, todas as empresas aqui.

Felipe Cardoso — O próprio JEC, quando eles falam ali...

Entrevistada 8 — Claro. Cadê os negros que eles não falam? Os negros só serviam para ser um trampolim para o branco? Para o branco crescer? Às vezes, eu tenho raiva porque o próprio negro, ele se deixa fazer isso. Daí, às vezes, eu tenho raiva.

Entrevistada 7 — Tem que relevar porque foi quanto tempo apanhando, né?

Entrevistada 8 — Mas só que assim, Entrevistada 7, eu entendo isso, mas nós não apanhamos.... Eu vou te falar uma coisa... Se na minha família houve escravo, ninguém nunca reclamou pra mim.

Entrevistada 7 — Eu digo...

Entrevistada 8 — Só lamento, não é da minha época. Eu tenho que lutar para melhorar. Eu não vou querer viver o que eles viveram. A gente vai lutar para melhorar, para ser melhor.

Entrevistada 7 — Sim.

Felipe Cardoso — Mas eu acho que, no sentido que ela falou do apanhar, é mais no sentido...

Entrevistada 7 — Subjetivo.

Felipe Cardoso — É, da palavra. Essa questão de desde criança, na escola, essa desmotivação, aquilo que eu acho que ela estava falando da autoestima.

Entrevistada 8 — Da autoestima.

Felipe Cardoso — Essa reconstrução da autoestima.

Entrevistada 8 — É, porque assim... “Ah, não, não vai dar conta, não. Quê? Não”.

Felipe Cardoso — O “não” vem antes, né...

Entrevistada 8 — “Tu não ganha para isso. Isso não é para o teu bico”. Não é assim que as pessoas falam para a gente, às vezes? “Ah, mas está muito poderosa. É muito poder. Não, tu não vai aguentar”. E realmente é difícil. O negro, ele tem mais dificuldade em tudo, porque... E o salário dele não é tão bom quanto do branco. Pô, os caras brigam, tá? É que, às vezes, um não conta para o outro o quanto que ganha. Mas, às vezes, tu trabalha no mesmo lugar que a pessoa, tu vê que aquela pessoa deslancha. Poxa, se ela ganha o mesmo que tu, tu não pode estar jogando dinheiro pela janela... Por quê que o teu não dá? É que tem algo errado, a contabilidade não fecha. Eu lembro que uma época, eles diziam que ninguém podia mostrar a folha de pagamento para o outro. Eu me lembro que isso havia uma época. Por que será? Porque provavelmente alguém ganhava mais que o outro não podia saber.

A partir daqui o grupo de discussão passou a tratar sobre temas divergentes do foco da pesquisa, inclusive, para assuntos pessoais. Finalizadas as perguntas e as participações expostas aqui, finaliza-se a gravação.

[01:39:14]